



SENADO  
FEDERAL

DIÁLOGOS DAS  
GRANDEZAS DO  
BRASIL

*Ambrósio Fernandes  
Brandão*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

*Volume 134*

## EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

**E**nsaios e Estudos, de Capistrano de Abreu, reúne artigos escritos entre 1903 e 1927, publicados em revistas, jornais ou prefácios de livros. Os ensaios, publicados pela primeira vez em 1932, reúnem diversos temas: o Duque de Caxias (“primoroso estudo sobre Caxias, cuja bibliografia era então muito limitada”, observa José Honório Rodrigues); Frei Vicente de Salvador; Claude Abbeville; Antônio José, o Judeu, e, entre outros temas, os atos do Santo Ofício no Brasil. Com estilo leve, mas documentado e com rigor de exegese, Capistrano de Abreu analisa de maneira brilhante nosso passado e revisita temas fundamentais da nossa formação e nacionalidade.

**A** Casa de Cunhaú traça a genealogia da família Albuquerque Maranhão e sua importância na formação do Rio Grande do Norte. A história da família no estado centra-se na casa-grande do engenho Cunhaú, localizado no atual município de Canguaretama. Há informação de que o engenho já estava em funcionamento no ano de 1614. Foi fundado pelo pernambucano Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque Maranhão. Filho de Jerônimo de Albuquerque, primeiro senhor de engenho de Pernambuco, e sobrinho do donatário Duarte Coelho, Jerônimo adotou o sobrenome Maranhão depois de vencer e expulsar os franceses daquela capitania do Norte do Brasil. Ele foi, também, um dos heróis da guerra contra os caetés, pacificou os potiguares e fundou o Forte dos Reis Magos, em Natal. Apresentação do Senador Garibaldi Alves Filho e prefácio do historiador Paulo Fernando de Albuquerque Maranhão.

## EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

**U**m dos nossos mais eminentes historiadores, Capistrano de Abreu (1853-1927) elabora neste *Capítulos de história colonial* análise sobre alguns fatos, circunstâncias e momentos históricos do Brasil em seus primórdios como o estudo acerca dos nossos descobridores e dos nossos antecedentes indígenas. Apresenta os primeiros conflitos da nova terra descoberta e relata, com finura e elegância de sua prosa, o processo de formação e o funcionamento das Capitâneas hereditárias e as Capitâneas da Coroa. Não se exime sua pena precisa e visão crítica de analisar a presença em território colonial de franceses, espanhóis, assim como as guerras flamengas. Inclui também estudos sobre o sertão, esse grande espaço mítico brasileiro, e a formação dos limites que dá hoje nosso desenho como nação. No capítulo final, escreve sobre o Brasil depois de três séculos de civilização (1500-1800), dando-nos visão panorâmica do seu entendimento sobre a formação da nossa nacionalidade.

**C***aminos do açúcar: Engenhos e Casas-Grandes das Alagoas*, tem a idéia de preservar o acervo histórico e artístico de Alagoas, este volume registra os engenhos e casas-grandes que serviram para criar a riqueza do estado e, ao mesmo tempo, deixar suas marcas na cultura alagoana. É um roteiro do plantio de cana-de-açúcar e de sua contribuição para o entendimento desses núcleos geradores de renda e do modo de ser e de fazer do homem alagoano. Com iconografia, em papel couchê, o livro mostra a influência dos engenhos na formação histórica de Alagoas e as casas-grandes em sua faina de trabalho e modo de vida. Como afirma Douglas Apratto Tenório: “Engenho e casa-grande são representantes de sistemas de vida familiar, econômico e cultural que ao longo dos séculos condicionaram o ethos da sociedade alagoana.”



Carta atlântica de Pedro Reinel (\* 1462 – † 1542)



.....

DIÁLOGOS DAS  
GRANDEZAS DO BRASIL



*Mesa Diretora*

Biênio 2009/2010

Senador José Sarney  
*Presidente*

Senador Marconi Perillo  
*1º Vice-Presidente*

Senadora Serys Slhessarenko  
*2º Vice-Presidente*

Senador Heráclito Fortes  
*1º Secretário*

Senador João Vicente Claudino  
*2º Secretário*

Senador Mão Santa  
*3º Secretário*

Senadora Patrícia Saboya  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador César Borges  
Senador Cícero Lucena

Senador Adelmir Santana  
Senador Gerson Camata

*Conselho Editorial*

Senador José Sarney  
Presidente

Joaquim Campelo Marques  
Vice-Presidente

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Edições do Senado Federal – Vol. 134*

# DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL

SEGUNDO A EDIÇÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA,  
CORRIGIDA E AUMENTADA, COM NUMEROSAS NOTAS DE  
RODOLFO GARCIA E INTRODUÇÃO DE JAIME CORTESÃO

*Ambrósio Fernandes Brandão*



*Brasília – 2010*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
Vol. 134

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto  
© Senado Federal, 2010  
Congresso Nacional  
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF  
CEDIT@senado.gov.br  
[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)  
Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-274-6

.....

Brandão, Ambrósio Fernandes.

Díálogos das grandezas do Brasil / Ambrósio Fernandes Brandão.  
-- Segundo a edição da Academia Brasileira / corrigida e aumentada com numerosas notas de Rodolfo Garcia e introdução de Jaime Cortesão. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

334 p. -- (Edições do Senado Federal; v. 134)

1. Brasil, Região Nordeste, história, Século XVII. 2. Pernambuco, história, Século XVII. 3. Período colonial (1500-1715), Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 981.03

.....

.....

## *Sumário*

Apresentação

por Jaime Cortesão

*pág. 9*

Nota preliminar

por Afrânio Peixoto

*pág. 21*

Introdução

por J. Capistrano de Abreu

*pág. 25*

Aditamento

por Rodolfo Garcia

*pág. 43*

Diálogo primeiro

*pág. 47*

Notas do Diálogo primeiro

*pág. 87*

Diálogo segundo

*pág. 109*

Notas do Diálogo segundo

*pág. 142*

Diálogo terceiro

*pág. 155*

Notas do Diálogo terceiro

*pág. 192*

Diálogo quarto

*pág. 205*

Notas do Diálogo quarto

*pág. 239*

Diálogo quinto

*pág. 247*

Notas do Diálogo quinto

*pág. 286*

Diálogo sexto

*pág. 295*

Notas do Diálogo sexto

*pág. 323*

.....

## Apresentação

JAIME CORTESÃO

**C**UMPRE-NOS antepor a este livro algumas breves palavras. Os Diálogos das Grandezas do Brasil, enriquecidos pelos comentários de dois mestres da História Brasileira, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, bastavam-se a si próprios. Corrigidas e aumentadas agora as suas notas, com atualização sapientíssima, pelo segundo dos dois historiadores, nada mais esta edição necessitava para correr mundo, se não fora integrar-se, desta vez, numa antologia, quer de literatura, quer de cultura portuguesa.

Antes de mais é dever do editor e do diretor literário da coleção agradecer a Afrânio Peixoto e Rodolfo Garcia a honra que lhe deram, acedendo ao pedido de incluir a edição dos diálogos, feita pela Academia de Letras, entre os demais volumes de Clássicos e Contemporâneos. Não só e implicitamente reconheceram a unidade da antologia e a oportunidade de a enriquecer com a reedição dos Diálogos, mas deram-lhe os dois, e maiormente o anotador deste livro, uma inestimável colaboração. Foi mais um precioso serviço prestado pelos dois à intercultura luso-brasileira.

Cabe-nos ainda a obrigação de justificar a inclusão da obra entre os clássicos da cultura brasileira e a atribuição da auto-

*ria, expressa e declarada, a Ambrósio Fernandes Brandão, que pela primeira vez se estampa na capa do livro.*

*Comecemos pela segunda parte. Capistrano, como se vê da Introdução aos Diálogos, apurou com lucidez da sua leitura:*

*1º que o autor era português;*

*2º que desde 1583 viera para o Brasil, onde, com interrupção de algumas viagens a Portugal, permanecera até 1618, data da composição do livro;*

*3º que em 1583 estava a seu cargo o recebimento dos dízimos do açúcar na capitania de Pernambuco e, mais tarde, dono de engenho;*

*4º que era um espírito de feição e objetividade práticas;*

*5º que escrevera o seu livro na Paraíba, e que, além dessa capitania, só conhecia bem as de Pernambuco e Itamaracá;*

*6º inclinava-se para a opinião de Garcia, de que o autor dos Diálogos, o Brandônio, se chamasse Brandão.*

*A estes fatos, subsidiários para a identificação do nome do autor, poderão ajuntar-se os seguintes, que se concluem igualmente da leitura do livro:*

*7º que esteve no lugar da cidade da Paraíba, quando era ainda “coberto de matos”, em 1586, período de ocupação militar, dirigida por Martim Leitão;*

*8º que ele fora comandante de gente armada (“no ano de 1591, vindo de seguir uns inimigos potiguares, em cujo alcance fui com gente armada”);*

*9º que fora senhor de engenho (é o que se depreende do seu perfeito conhecimento da economia e da técnica do engenho e do episódio da “mulatinha de pouca idade... a quem queria muito pela haver criado”, envenenada por um dos seus escravos negros, a quem ameaçou, se a não curasse, “de passar por entre os eixos do engenho”);*

10. *de vários passos do Diálogo IV, quando se refere às espécies vegetais úteis e mal exploradas – coqueiros da Paraíba, erva do anil, goma-laca (vejam-se as notas de Rodolfo Garcia) e ainda às águas virtuosas da Paraíba, se conclui que o autor viveu por largo tempo nessa capitania;*

11. *que possuía uma cultura, predominante em ciências naturais, excepcional para a sua condição social, dominava a cosmografia do seu tempo; as suas referências de ordem religiosa ligam-se exclusivamente ao Velho Testamento; exalta os reis hebreus, especialmente Davi e Salomão, e as suas navegações a Tarsis e Ofir que identifica, a primeira com a África e a segunda com S. Jorge da Mina, no golfo da Guiné; supõe que dalgumas naus desgarradas dessa navegação, e atiradas para o cabo de Santo Agostinho, prove-nham os primitivos habitantes do Novo Mundo (foi, aliás, vulgar essa idéia da origem israelita dos aborígenes da América); mostra conhecer, fato excepcional entre portugueses, uma ou mais das obras de Vatablo (François Watebled), sábio hebraizante francês, falecido em 1547, que publicou a Bíblia, em hebreu, e cujas notas ao texto respectivo foram condenados pela Faculdade de Teologia de Paris – tudo o que, em conjunto, denuncia origem judaica;*

12. *Alviano, o segundo dos interlocutores, louva, no primeiro Diálogo, as pedras preciosas, “por ser cousa que em qualquer parte, por pequena que seja, se pode esconder e salvar sem ser achada; e assim para os casos repentinos que sucedem, fica sendo de muita utilidade para quem as possui, porque nela levam cabedal bastante para as suas necessidades...”, indício igualmente de mentalidade israelita em época de perseguições.*

*Partindo da hipótese provável de que o autor dos Diálogos houvesse alatinado seu nome de Brandão para Brandônio, Capistrano buscou entre os Brandões contemporâneos, mencionados*

*em documentos, se algum poderia identificar-se com aquele. Um único encontrou com probabilidades a seu favor. Chamava-se Ambrósio Fernandes Brandão.*

*a) Morava em Pernambuco em 1583; e acompanhara Martim Leitão numa das suas expedições contra franceses e índios do Paraíba, como capitão de mercadores, atividade em que participou ainda várias vezes, na qualidade de capitão de infantaria. Dos mesmos Diálogos se depreende, como vimos, que ele estava em Pernambuco, nessa data e comandou gente armada nessas lutas. (2º, 7º e 8º)*

*b) Antes de 1613, acrescenta Capistrano, Ambrósio Fernandes Brandão, tinha-se estabelecido na Paraíba, onde possuía dois engenhos, havendo-lhe sido concedida nova sesmaria em fins de novembro daquele ano para fazer novo engenho, o qual veio a construir.*

*Da leitura dos Diálogos se depreende, como vimos igualmente, que o autor fora senhor de engenho e vivera na Paraíba, onde, em 1618, escrevera o seu livro. (9º, 5º e 10º)*

*Esta identidade nas atividades guerreiras e econômicas, no espaço e no tempo, através dum longo período, que podemos computar em mais de trinta anos, estabelecia já uma forte presunção em favor da hipótese proposta por Capistrano.*

*Ora, Rodolfo Garcia, como pode ver-se no seu Aditamento, verificou que*

*c) “Ambrósio Fernandes Brandão foi, como previu Capistrano de Abreu, um dos feitores ou escrivães de Bento Dias de Santiago”, contratador dos dízimos de Pernambuco e Itamaracá entre os anos de 1576 a 1578 e de 1582 a 1585 – o que permite assim mais uma identidade com o autor dos Diálogos, o qual, em 1583, tinha a seu cargo o recebimento dos dízimos em Pernambuco.*

d) *Outro dos escrivães de Bento Dias de Santiago, conforme Rodolfo Garcia averiguou, chamava-se Nuno Álvares; e eram os três acusados de cristãos-novos.*

e) *“Assim”, remata Rodolfo Garcia, “se Ambrósio Fernandes Brandão é o interlocutor Brandônio, como está admitido, o inteligente leitor destas linhas será levado a concluir sem mais esforço, que o outro interlocutor Alviano, bem pode ser Nuno Álvares.”*

f) *A nosso ver, é neste enlace das três personalidades, através duma atividade secularmente confiada na Península a judeus – a cobrança de impostos – que reside a chave da identificação. Por esse motivo nos demos ao trabalho de apontar, um por um, os fatos que denunciavam no autor dos Diálogos, através da cultura e das inclinações do espírito, o cristão-novo.*

*Coincidência perfeita no espaço, no período larguíssimo de tempo, e na longa série das atividades, a primeira das quais tão característica em judeus, das quais Ambrósio Fernandes Brandão e o Brandônio dos Diálogos partilhavam ainda a cultura e as inclinações específicas, parece-nos bastante para afirmar que um e outro eram a mesma e única pessoa. Eis as razões em que aceitamos a lição de Rodolfo Garcia e estampamos na portada do livro o nome do autor.*

*Alatinando o nome de Brandão para Brandônio, o autor dos Diálogos disfarçava-se elegantemente, à moda do Renascimento, mais ou menos aos sábios e humanistas da Europa, aos que escreviam tratados de caráter científico, moral ou religioso, e a qual tamanha repercussão teve ainda na poesia bucólica e na novela pastoril em Portugal.*

*Em forma de diálogos escreveram, no século XVI, Francisco de Moraes, Garcia da Orta, Fr. Heitor Pinto, Amador Arrais e, já no século XVII, Luís Mendes de Vasconcelos. Provavelmente*

*Ambrósio Fernandes Brandão conheceu algumas, se não todas as obras desses autores. Foi, aliás, João Ribeiro, no Fabordão, o primeiro a chamar a atenção para a semelhança de caráter e até de tese fundamental entre os Diálogos e a obra do último daqueles escritores, que, opinava, deve ter sido uma das suas fontes. As duas estão dominadas pela preocupação econômica que desde então, e cada vez mais, toma consciência no governo dos povos e no espírito dos melhores estudiosos. A par desta afinidade de caráter geral, antes de Ambrósio Fernandes, já Luís Mendes de Vasconcelos afirmara a superioridade econômica do Brasil, em relação à Índia, como parte do Império português.*

*Resolvido o problema da autoria e das afinidades culturais, resta saber se o autor possui méritos para figurar numa antologia da literatura e da cultura portuguesa.*

*Que não lhe escasseavam dotes de escritor unanimemente reconheceram Capistrano de Abreu, João Ribeiro e Oliveira Lima. O primeiro, depois de pôr em relevo a sua cultura e os dotes de “inteligência extremamente clara”, acrescenta que era um “escritor colorido, enérgico, veemente capaz de atingir à eloquência”. Não desdiz João Ribeiro, que lhe atribui “pena hábil, ameníssima e sem a ferrugem do gongorismo, que já despontava naquele século”.*

*Por sua vez, Rodolfo Garcia inventariou na primeira das notas ao Diálogo segundo, as fontes da vasta erudição do autor, verdadeiramente notável para um simples colono, que de mercador subiu a senhor de engenho. Mas, ao lado da formação erudita, seu estilo revela cultura e formação literária. Não lhe devia ser alheia a mais característica literatura dos autores portugueses de ficção do seu tempo: as novelas de cavalaria e pastoris. A Urganda, que Alviano, no Diálogo IV, invoca para fabricar uma casa por encantamento, era o nome de fada popularizado pela leitura do conhecidíssimo*

Amadis. Brandônio e Alviano soam, por sua vez, a nomes de pastor de écloa ou novela pastoril: os Lerenos, ou Umbranos, os Durianos e os Frondosos. E, em certo passo, em que o nosso Brandônio louva arrebatadamente a grandeza, a excelência, a amenidade da selva brasileira, Alviano responde-lhe com um assomo de vocação bucólica, segundo os moldes literários da época: que lhe vinha desejo de “se transformar em um agreste pastor somente para poder gozar de tanta frescura”.

Nem ele poderia atingir o boleio do estilo, de graças tão vernáculas, sem o haver polido e afinado na leitura dos melhores escritores do seu tempo. Malgrado suas grandes qualidades literárias, é evidente que não pode ombrear na arte de escrever com um Fr. Amador Arrais, um Rodrigues Lobo ou um Fr. Luís de Sousa, seus contemporâneos.

Em compensação, bem podemos afirmar que Brandônio, com seus *Diálogos das Grandezas do Brasil*, tem vantagem sobre aqueles outros como escritor, eminentemente representativo da cultura portuguesa de seu tempo, no que ele tinha de criação constante e original.

Sob esse ponto de vista, merecem menção especial o *Diálogo segundo* e principalmente o *terceiro*. No primeiro deles Brandônio explica a amenidade do clima do Brasil pelos chamados “ventos da Guiné”, “porque, como os ventos mais ordinários desta zona (intertropical) são lestes, aos que habitamos esta costa do Brasil vêm da parte do mar, sendo por esse respeito frigidíssimos e frescos...” A estes ventos da Guiné, ventos a zona, ordinários e de Leste, chamamos nós hoje alisados ou alíseos do nordeste e do sueste; e é bem conhecida a sua influência refrigerante nas costas do Brasil e até em vastas regiões do interior. Designam-se, é certo, como de nordeste e sueste, mas a sua direção muda, conforme as estações e a posição do lugar

*da costa em relação aos centros anticiclônicos do Atlântico setentrional e austral; e já D. João de Castro, no seu Roteiro de Lisboa a Goa (1538), os indicava também sumariamente por ventos de Levante. Esse conhecimento dos ventos, que atravessam o Atlântico, fora adquirido pelos portugueses durante as suas viagens transoceânicas. Estamos, pois, em face daquilo a que poderíamos chamar uma interpretação náutica do clima do Brasil, criação de cultura tipicamente portuguesa. Quando mais tarde Gaspar Barlaeus, em sua obra Rerum per octennium in Brasília (1647), tenta definir a influência dos ventos no clima brasileiro, queda-se muito aquém daquela vasta compreensão.*

*Aliás, nesse mesmo Diálogo, o autor revela a sua elevada consciência do valor da ciência náutica portuguesa, pois, diz ele, “faltavam aos antigos os instrumentos com que hoje navegamos, pelos quais temos conhecimento da altura e paragem em que nos achamos”.*

*Mas, a nosso ver, o terceiro dentre os seus Diálogos é o mais original, como criação de cultura portuguesa. Nele brilha com fulgor essa capacidade tão portuguesa para assimilar o exótico e definir as entidades novas, – neste caso, o Brasil. É certo que essa definição vinha de longe. Gandavo e Cardim haviam preludiado o tema. Gabriel Soares revelara, no Tratado Descritivo, uma consciência clara da entidade brasileira, sob o ponto de vista naturalístico, humano e econômico. E, finalmente, Luís Mendes de Vasconcelos nos seus Diálogos do Sítio de Lisboa, sua grandeza, povoação e comércio, etc., (1608) já afirmava a superioridade econômica do Brasil em relação à Índia, pois “é de tanto proveito e com tão pouca despesa”. E antes dissera com visão política larguíssima “...de modo que, se tratarmos dele, como pedem as suas qualidades, pode-se fazer nele um grande Reino, que a este [Portugal] fora utilíssimo, estando em*

*distância que se poderão um ao outro dar a mão nas necessidades que ocorrerem”.*

*Mas, é certo que Ambrósio Fernandes Brandão já, em 1597, pretendia provar “no Reino diante dos senhores governadores”, que o Brasil era mais rico e dava mais proveito de que, “todas essas Índias Orientais”, como ele próprio nos informa. Além disso, Gabriel Soares de Sousa mal se elevou da massa ingente dos fatos aos princípios gerais que os dominam. E, se Luís Mendes de Vasconcelos escreveu um verdadeiro tratado de geografia política, notabilíssimo para o seu tempo, todo o seu escopo visava convencer Filipe III a fazer de Lisboa a capital do imenso império luso-espanhol para o transformar no sentido atlântico a enriquecê-lo com as possibilidades imensas, que oferecia o Brasil.*

*Brandônio, muito mais que Gabriel Soares, possui, em raro grau a capacidade de elevar-se do particular ao geral, e senhor duma inteligência altamente especulativa, como a de Luís Mendes de Vasconcelos, encara o Brasil em si não só, definindo excelentemente a sua individualidade física e estrutura econômica e social, mas indo até considerá-lo como fonte possível da transformação e garantia de todo o império português. Para isso ele sugere o cultivo em território brasileiro das especiarias orientais, o que baixaria muito o seu preço na Europa, inutilizando assim a concorrência dos holandeses, que iam buscá-las ao Oriente.*

*Cético, não obstante, sobre as possibilidades políticas dos seus planos, sob domínio castelhano, ele chega a encarar a hipótese, ainda que vagamente, da independência do Brasil ao de algumas das suas capitânicas, “quando fossem todas de um senhor livre e isento na jurisdição e vassalagem”.*

*Não é fácil concluir do texto qual a forma, segundo Brandônio, de realizar o audacioso plano. Às dúvidas opostas por Alvia-*

no, contesta ele: “*tinha, para dar, resposta mui concludente a esta vossa dúvida*”. Mas cala-a. Et pour cause. João Ribeiro, analisando esses passos, escreveu: “*Brandão advoga ou a separação e independência do Brasil ou desafia temerariamente em tempos tão ensombrados o apetite dos invasores.*” E chega a admitir que os Diálogos tenham guiado os holandeses na sua conquista do Brasil.

*Que o fizesse deliberadamente, não é de aceitar-se, já que antes aventara a forma de inutilizar a terrível ameaça dos batavos que já então pesava sobre o império oriental dos portugueses. A nosso ver, o plano da independência do Brasil ligava-se no espírito de Brandônio ao pensamento oculto da independência de Portugal.*

*Desde o século XVI que se vinha operando, tacitamente em Gabriel Soares, por forma declarada em Luís Mendes de Vasconcelos uma transformação sobre a visão econômica e política do Brasil, no conjunto do império português. Os Diálogos das Grandezas marcam o ponto mais alto e atrevido nessa evolução das idéias, durante o período filipino, por assim dizer, a época em que o Brasil começou a ser para os portugueses, quer o fulcro do Império, quer uma razão e esperança fundamental para o resgate da metrópole.*

*Se Ambrósio Fernandes Brandão pode ter haurido no sangue da raça a tradicional capacidade dos judeus para lidar com as realidades e as categorias econômicas, pelo contrário, seu amor e sentido naturalista da nova terra e sua profunda solidariedade social com a nova grei são de cristão-velho e arreigam-se à gente lusitana.*

*Na sua pena, a entidade social, econômica e política brasileira alvorece já com todas as suas possibilidades. Escreveu os Diálogos das Grandezas em potência. Foi um mestre de cultura portuguesa, essencialmente anunciadora de humanidade nova.*

*Eis as razões que nos levaram a incluir, de pleno direito, nesta antologia a sua obra, depois de comentada, esclarecida e tão valorizada pela pena magistral de Rodolfo Garcia. E, se no livro se enlaçam historicamente duas pátrias, permite o eminente brasileiro, mestre da história brasileira, que se lhe associe nos comentários, ainda que tão modestamente, o discípulo português.*

\* \* \*

*Resta-nos apenas acrescentar que, por expressa indicação do anotador da obra, se respeitou a grafia da primeira edição.*



.....

## *Nota preliminar*

AFRÂNIO PEIXOTO

**O**S Diálogos das Grandezas do Brasil *tão falados saem agora, pela primeira vez, reunidos e publicados em volume. Para chegarem a este tomo, — do qual muito nos desvencilhamos, realizando desejo natural, de mais de três séculos, de seu autor, de mais de meio século, de Varnhagen e Capistrano, de todo e tanto tempo dos que prezam e estudam o Brasil —, foi-lhes preciso longa história, cheia de acidentes e contrariedades.*

*Deles houve uma cópia na Biblioteca Nacional de Lisboa, desaparecida e extraviada; dela seria sem dúvida a origem da publicação que fez José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Íris, revista semanal, sob sua direção, no Rio, de janeiro de 1848 a junho de 49: no tomo III, nºs 24, 25, 26, saiu o “Diálogo I”.*

*Não encontrando o apógrafo de Lisboa, teve Varnhagen a sorte, em 1874, de encontrar outro, na Biblioteca de Leide, em Holanda, de onde extraiu um manuscrito. Desejou que a publicação dele se fizesse no Brasil, e em Pernambuco, que supunha terra de origem do autor. Para isso, em 77, confiou sua cópia a amigo,*

*José de Vasconcelos, redator do Jornal do Recife, que nessa folha estampou o “Diálogo I”, pondo em efeito a integral publicação delas na Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, com longos intervalos, durante quase um lustro, nos números 28 (de janeiro-março 83), 31 (de outubro 86), 32 (de abril 87), e 33 (de agosto 87).*

*Essa publicação, rara, e quase inacessível fora do Recife levou Capistrano de Abreu a conseguir do Diário Oficial, no Rio, a reedição, nas suas páginas volantes, em fevereiro e março de 1900, dos Diálogos. Pretendia fazer tiragem à parte, para a qual escreveu dois artigos no Jornal do Comércio, de 24 de novembro de 1900 e 24 de setembro de 1901. Não logrou, porém, essa edição.*

*Quando, em 1923, a Academia Brasileira intentou as suas publicações, entendemos não nos contentar com os acadêmicos e recorrer a sábios colaboradores de fora, também interessados nessa obra. Capistrano foi o primeiro lembrado e os Diálogos logo por ele indicados à nossa diligência, oferecendo-nos o texto reunido e o segundo dos seus artigos, por prefácio.*

*Como para o Tratado e a História de Gandavo, e os Tratados de Cardim, ficariam os Diálogos, por indicação sua, a cargo de Rodolfo Garcia, seu prestante e assíduo colaborador.*

*Cumpre-se agora, inteira, a vontade de Capistrano. Cumpre-se o longo desejo de Varnhagen. O discípulo e indicado colaborador, dos dois, deu-nos colaboração de mestre, em notas exemplares. Uma trindade benemérita de nossa historiografia – Varnhagen, Capistrano, Garcia – apraz-nos repetir – uma vez ainda, – e não será a última, – se reúne nestas páginas, que bem servem à nossa cultura.*

*Esta obra publicada em jornal e revista, inacessíveis por espaço e tempo interpostos, era como inexistente à imensa maioria de estudiosos. Agora, em livro, são incorporados definitivamente os famosos Diálogos das Grandezas do Brasil ao patrimônio literário nacional, graças à Academia Brasileira, cujas publicações lhe vão constituindo benemérita razão de existência.*



.....

## *Introdução*

J. CAPISTRANO DE ABREU

**O** *ESFORÇOS até agora tentados para levantar o anonimato dos Diálogos das Grandezas do Brasil têm sido perdidos. Para que aventar novas hipóteses? Antes tomar do livro e penetrar em sua intimidade, se pudermos.*

*Os diálogos são em número de seis. O autor nunca passou do cabo de Santo Agostinho para o sul; devem, pois, ter sido escritos em uma das capitânicas ao norte do cabo. Destas apenas duas diz ele explicitamente ter visitado, e pelas abundantes informações mostra conhecer diretamente: Pernambuco e Paraíba – Tamaracá ficava a meio caminho e devia ser-lhe familiar.*

*Há probabilidades a favor da Paraíba ser o lugar em que os Diálogos foram compostos.*

*Entre estas podem enumerar-se primeiramente as numerosas referências a ela feitas, o modo desenvolvido por que é tratada: pouco mais de três páginas tratam de Pernambuco, menos de quatro tratam da Bahia, ao passo que quase cinco cabem à Paraíba. À Paraíba atribui-se o terceiro lugar entre suas irmãs e aproveita-se qualquer pretexto para salientá-la: o administrador eclesiástico, prelado quase igual nos bispos nos poderes, é da Paraíba, esta, por*

*consequinte, a cabeça espiritual das capitâneas do Norte, a começar de Pernambuco; na organização judiciária proposta para substituir a Relação da Bahia, um corregedor com amplos poderes deve residir na Paraíba, por ser cidade real, e a ele serem subordinadas todas as justiças desde Pernambuco até Maranhão e Pará. Essa preferência pela Paraíba não indica que à Paraíba o autor estava preso por laços muito particulares? Uma frase escrita incidentemente legitima a resposta pela afirmativa. “Vos hei de contar”, diz um dos interlocutores, “uma graça ou história que sucedeu há poucos dias neste Estado sobre o achar do âmbar. Certo homem ia a pescar para a parte da Capitania do Rio Grande em uma enseada que aí faz a costa...” A menos que não se provasse que o autor escrevia no Ceará, o que está fora da questão, para a parte da Capitania do Rio Grande, só se podia escrever na outra Capitania contígua, isto é, na Paraíba.*

*Se a capitania em que os Diálogos foram escritos tão vagamente se designa que apenas probabilidades se podem apurar a favor de uma, não é mais precisa a indicação do lugar em que a cena passa. O primeiro diálogo põe certa tarde, ex-abrupto, dois indivíduos já conhecidos entre si em nossa presença: Alviano e Brandônio. Em frente à casa do último trava-se a conversa. Estiveram sentados? Discorriam peripateticamente? Nada se pode concluir. A conversa prolonga-se; sendo tarde, marcou-se o outro dia e lugar em que a prática terminou para a contígua. O mesmo se fez das outras vezes. Entre o terceiro e o quarto dia falhou Brandônio: a conversação reproduzida nos Diálogos das Grandezas do Brasil durou, portanto, sete dias, com um de descanso.*

*Quem eram Alviano e Brandônio? Por que foram escolhidos estes nomes? Conterão algum anagrama? Nem uma resposta se pode formular. Parecem antes personagens simbólicos: um representa o reinol vindo de pouco, impressionado apenas pela falta de*

*comodidade da terra; o segundo é o povoador, que desde 1583, veio para o Brasil, e, com as interrupções de várias viagens além-mar, ainda aqui estava em 1618, data da composição do livro. Tão abstratos são os personagens, que às vezes saem dos lábios de um palavrão que melhor condiriam nos do outro.*

*A conversação irrompe sem preparo à vista de uma lanugem de monguba, passa aos motivos por que a terra é descurada, e após vários incidentes termina com a descrição sumária das diversas capitanias, desde o rio Amazonas até São Vicente: tal o objeto do primeiro diálogo. O segundo começa por uma discussão mais erudita que interessante sobre a zona tórrida e sua inabitabilidade afirmada pelos antigos filósofos, desmentida pela experiência; explica por que apesar de negros e americanos morarem nas mesmas latitudes, aqueles têm a pele negra e o cabelo carapinhado, ao contrário destes, cuja epiderme é baça e cuja cabeleira é lisa; explora a origem dos americanos, exalta as excelências do clima, enumera as poucas moléstias vigentes do Brasil.*

*O terceiro estuda as quatro fontes de riqueza do Brasil: lavoura de açúcar, mercancia, em geral, o trato do pau-brasil em particular, os algodões e madeiras. O quarto expõe a riqueza que se pode angariar com o comércio de mantimentos, fala do mel, do vinho, do azeite, da tinta contida nas árvores indígenas e descreve ligeiros quadros da vida vegetal. O quinto enumera os animais, subordinados aos três elementos em que vivem: ar, água e terra; do elemento mais alevantado, do fogo não trata, diz Brandônio, “porque de todo o tenho por estéril, que a salamandra que se diz criar nele entende ser fabulosa, porque quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer açúcares do Brasil, que sempre ardem em fogo vivo, se deverão de achar”. O último diálogo refere no princípio os*

*costumes dos portugueses, porém a maior parte é consagrada à descrição dos índios, com que termina a obra.*

*Antes de ir para o Velho Mundo, de onde só voltou passados quase três séculos, teria o livro do senhor de engenho paraibano sido aproveitado deste lado do Atlântico? Em outros termos: teria servido de fonte a alguns dos escritores que trataram dos mesmos assuntos? Frei Vicente do Salvador, em sua História, terminada a 20 de dezembro de 1627, umas vezes parece refutá-lo, outras reproduzi-lo com mais ou menos liberdade; como, porém, ao livro do escritor franciscano faltam muitos capítulos, exatamente os que tratam de entradas ao sertão da Paraíba e Pernambuco, de que nosso autor fez parte, a questão por ora não pode ser decidida.*

\*

*No entender de Varnhagen, o autor dos Diálogos era brasileiro, e funda sua convicção em achar neste escrito mais de uma vez nosso Brasil. De fato assim é; e também se encontra nossa Espanha, nosso Portugal, o que deixa bem patente a pouca força deste argumento sutil. O autor era português; a leitura cuidadosa o atesta a cada passo e o próprio Brandônio o confirma explicitamente. Interrogado por que não secundou as experiências de plantação de trigo, responde: “Porque se me comunica também o mal da negligência dos naturais da terra.” Se fosse natural da terra, a resposta seria dada nestes termos?*

*Era português e do sul de Portugal, ou pelo menos lá passara muito tempo. Só assim se explica a importância que atribui a “alguma restinga de terra que então [no tempo das navegações cartaginesas] continuava com uma ilhota situada na costa do Algarves, a que chamamos do Pessegueiro, na qual paragem por costumarem a continuar os atuns que por ali passam a desovar dentro no estreito,*

*se tomam muitos hoje em dia”. Teria reparado em cousas tão somenos um simples viajante?*

*Era homem de instrução: conhecia o latim, a língua literária e científica da época e lera os livros representativos da ciência coeva: Aristóteles, Dioscórides, Vatablo, Juntino; sabia a história, a geografia, a produção de Portugal e de suas colônias, e dispunha de inteligência extremamente clara, cuja força se manifesta na precisão com que trata dos objetos, como, por exemplo, a pólvora, o açúcar, a farinha de mandioca, o papel; no modo por que subordina os fatos mais diversos a categorias simples, como quando reduz os moradores do Brasil a cinco condições de gente, dos modos de adquirir fortuna a seis; distribui a vida animal pelos elementos, desfia a inutilidade do comércio da Índia e dispõe as árvores silvestres em hortas e jardins (fim do Diálogo quarto).*

*Não era um espírito simplesmente contemplativo, ocupava-o o lado prático, a aplicação possível. A larga navegabilidade do Amazonas suscita a idéia de aproveitá-la para as comunicações com o Peru; a existência de aves rapineiras lembra a caça de alenaria; mesmo à secreção mefítica da jaguatataca antolha-se aproveitável na ordem militar; fazia ou mandava fazer experiências por conta própria, preparou anil para mostrar que a terra podia dar do melhor, fez examinar em Portugal uma espécie de madeira, que lhe pareceu própria ao preparo da tinta de escrever.*

*Como seus contemporâneos, tinha uma veia de credulidade, fala em palavras fortes de encantamento; avisa que os pajés dos índios não são legítimos feiticeiros; sobre certos animais e mariscos, adianta afirmações bem singulares; mas era um espírito aberto aos fatos novos; nas últimas páginas ainda apresenta um fato a favor da origem vegetal do âmbar, geralmente contestada naquele tempo: a credulidade para ele era o princípio da crítica e da sabedoria.*

*Era finalmente um escritor colorido, enérgico, veemente, capaz de atingir à eloquência; a frase sai às vezes retorcida para acompanhar o vibrante da sensação; a força vegetativa do novo mundo, sobretudo agitava-o vivamente. Um breve trecho do terceiro Diálogo mostrará como ele sabia externar suas emoções:*

*“Certamente”, diz Brandônio, “que estimara muito não me meter em semelhante trabalho [tratar das madeiras] pelo muito que há que dizer desta matéria. Porque por toda a parte que ponho os olhos, vejo frondosas árvores, entrebastecidas matas e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma doce e suave primavera; porquanto em todo o decurso do ano gozam as árvores de uma fresca verdura, e tão verdes se mostram no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam de fazer em nossa Espanha; antes, tanto que lhe cai uma, lhe nasce imediatamente outra, campeando a vista com formosas paisagens, de modo que as alamedas de álamos e outras semelhantes plantas que em Madri, Valladolid e em outras vilas e lugares de Castela se plantam e granjeiam com tanta indústria e curiosidade para formosura e recreação dos povos lhe ficam muito atrás – quase sem comparação uma cousa de outra. Porque aqui as matas e bosques são naturais e não industriosos, acompanhados de tão crescidos arvoredos, que além de suas tapadas, frescas folhas defendem aos raios do sol poder visitar o terreno do que gozam, não é bastante uma flecha despedida de um teso arco por galhardo braço a poder sobrepujar a sua alteza; e destas semelhantes plantas há tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contemplação delas e somente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver criado daquela sorte. Donde certamente cuido que, se neste Brasil houvera bons arbolários, se poderiam fazer da qualidade e natureza das plantas e árvores muitos volumes de livros maiores que os de Dioscórides;*

*porque gozam e encerram em si grandíssimas virtudes e excelências ocultas e enxerga-se o seu mérito em algumas poucas delas, de que nos aproveitamos.”*

\*

*Procuremos agora enfeixar os dados dispersos através dos Diálogos das Grandezas.*

*Em 1618 os estabelecimentos fundados por portugueses começavam no Pará sob o Equador, terminavam adiante de S. Vicente, além do trópico.*

*Entre uma e outra capitania havia grandes espaços devolutos de dezenas de léguas. Para as bandas do sertão na faixa da floresta, apontava quase o mar a natureza intemerata. A população total cabia folgadoamente em cinco algarismos.*

*Assegura Brandônio que as três capitânicas do Norte poderiam pôr em campo mais de 10.000 homens armados, isto é, deviam contar pelo menos 40.000 almas. Palpável exagero: em todas as capitânicas juntas mal passaria desta soma a gente de procedência portuguesa.*

*A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra e africanos. Aqueles aparecem em menor número, em consequência de a população indígena ser pouco densa; os jesuítas e depois as outras ordens, mais ou menos, a exemplo destes, pregaram pela liberdade dos índios, tornando precária sua posse; finalmente, a experiência tem demonstrado a superioridade dos africanos para o trabalho.*

*“Neste Brasil”, diz Brandônio, “se há criado um novo Guiné com a grande multidão de escravos vindos de lá que nele se acham, em tanto que em algumas capitânicas há mais deles que dos naturais da terra, e todos os homens que nelas vivem têm metido*

*quase toda a sua fortuna em semelhante mercadoria. Todos fazem sua granjearia com escravos de Guiné, que para esse efeito compram por subido preço ... o de que vivem é somente do que granjeiam com tais escravos...*"

*Acima deste rebanho, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou de origem, sem terras, porém livres, vaqueiros, feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo de seus salários ou do feitiço de obras encomendadas.*

*Vinham depois, já donos de terrenos, os criadores de gado vacum. Seu número era exíguo, exigia a importância de sua classe. O território colonizado limitava-se quase à zona da mata, onde o gado não prospera facilmente e cumpria defender os canaviais e outras plantações de seus ataques. Medidas defensivas tomaram-se mais tarde, ou já começavam a ser tomadas; mas o desenvolvimento desse ramo, destinado a assumir tão vastas proporções ainda no decurso daquele século, deve-se, sobretudo, ao afastamento do gado para longe da ourela litorânea, evitando a mata, procurando os campos, mais tarde certas caatingas menos ínvias, separando a lavoura do que com alguma lisonja se poderia chamar indústria criadora.*

*Os lavradores de menor cabedal, ou terras menos ferazes, cultivavam mantimentos: milho, arroz, mandioca. Dos dois primeiros não faziam grande consumo as capitanias – São Paulo era exceção quanto ao milho. No preparo da mandioca usavam de grande roda movida a mão para reduzi-la a massa, de prensa para enxugá-la e extrair a tapioca; a farinha cozia-se em alguidares ou tachos – talvez no Rio de Janeiro, onde muito tempo preponderou esta produção e este comércio, empregassem logo grandes fornos. Com tachos só se podia cozer pouca farinha de cada vez; por isso é natural que a safra não se colhesse toda numa estação como agora, porém durasse o ano inteiro. No tempo de Pero de Magalhães Gandavo*

*parece que se fazia farinha diariamente, à maneira de pão hoje em dia nas cidades mais povoadas. O alqueire, duas vezes e meia maior que o de Portugal, custava trezentos, duzentos e cinquenta réis, às vezes menos no princípio do século XVII.*

*É provável que fossem lavradores destes os que plantavam algodão, vendido a 2\$000 a arroba, depois de descarçado no maquinismo rudimentar da máquina, encontrado ainda agora no interior e descrito pelos viajantes europeus vindos depois da transmigração da família real: os que mandavam pau-brasil e depois de desbastado vendiam-no aos contratadores ao preço de 700 e 800 réis o quintal; os que do sertão traziam madeira e depois de transformada em caixões vendiam-nos aos fabricantes de açúcar à razão de 450 a 500 réis cada um, ou serrada em pranchões exportavam-na para o Reino. Um lavrador de mantimentos que reunisse todas essas achegas podia lucrar tanto como um senhor de engenho de primeira ordem.*

*Engenhos havia movidos por água e por bois; servidos por carros ou barcos; situados à beira-mar ou mais afastados, não muito, porque as dificuldades de comunicações só permitiriam arcos de limitados raios; havia-os suficientes para produzir mais de dez mil arrobas de açúcar e incapazes de dar um terço desta soma. Imaginemos um engenho esquemático para termo de comparação: do esquema os engenhos existentes divergiam mais ou menos, como é natural.*

*Devia possuir grandes canaviais, lenha abundante e próxima, escravaria numerosa, boiada capaz, aparelhos diversos, moendas, cobres, fôrmas, casas de purgar, alambique; devia ter pessoal adestrado, pois a matéria-prima passava por diversos processos antes de ser entregue ao consumo; daí certa divisão muito imperfeita de trabalho, sobretudo certa divisão de produção. O produto era dire-*

*tamente remetido para além-mar; de além-mar vinha o pagamento em dinheiro ou em objetos dados em troca e não eram muitos: fazendas finas, bebidas, farinha de trigo, em suma, antes objetos de luxo. Por luxo podiam comprar os mantimentos aos lavradores menos abastados e isto era usual em Pernambuco, tanto que entre os agravos dos pernambucanos contra os holandeses capitulava-se o de por estes terem sido obrigados a plantar certo número de covas de mandioca.*

*Tirando isto, o engenho representa uma economia autônoma; para os escravos tecia-se o pano ali mesmo; a roupa da família era feita no meio dela; a alimentação constava de peixe pescado em jangadas ou, por outro modo, de ostras e mariscos apanhados nas praias e nos mangues, de caça pegada no mato, de aves, cabras, porcos para as bandas do sul, para as do norte ovelhas principalmente, criadas em casa: daí a facilidade de agasalhar convivas inesperados, e daí a hospitalidade colonial, tão característica ainda hoje de lugares pouco freqüentados. De vacas leiteiras havia currais, poucos, porque não fabricavam queijos nem manteiga; pouco se consumia carne de vaca, pela dificuldade de criar reses em lugares impróprios à sua propagação, pelos inconvenientes para a lavoura resultantes de sua propagação, que reduziu este gado ao estritamente necessário ao serviço agrícola. Um trecho de Frei Vicente do Salvador esclarecia melhor a situação geral: “Não notei eu isto, tanto”, escreve o historiador baiano, “quanto o vi notar a um bispo de Tucumã, da ordem de São Domingos, que por algumas destas terras passou para a Corte. Era grande canonista, homem de bom entendimento e muito rico; notava as cousas e via que mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe e nada lhe traziam, porque não se achava na praça nem no açougue, e se mandava pedir as ditas cousas e outras muitas a casas particulares lhes mandavam. Então disse o bispo:*

*‘Verdadeiramente que nesta terra andam as cousas trocadas, porque toda ela não é república, sendo-a cada casa. E assim é que estando as casas dos ricos (ainda que seja à custa alheia, pois muitos devem o que têm) providas de todo o necessário, porque têm escravos pescadores e caçadores que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e azeite que compram por junto, nas vilas muitas vezes se não acha isto de venda.’* – (História do Brasil, pp. 16-17, ed. de 1918).

*Alguns dos senhores de engenho tinham lojas, ou alguns dos mercadores tinham engenhos, – para o caso presente é a mesma cousa; o característico na mercancia eram o comércio de consignação, que continuou ainda depois da independência, o tráfico de mascates que iam pelos lugares afastados, como ainda hoje, levar miudezas; e mais que tudo, as vendas a crédito, ou permutação de gêneros. A vida econômica tinha duas faces: nas transações internacionais ou antes interoceânicas era a moeda o tipo a que tudo se referia; nas transações internas dominavam o naturalismo econômico, a permuta do gênero contra gênero, ou empréstimo de gêneros, e encontravam-se aqui todos os característicos ou quase que Hildebrand apurou para esta fase de humanidade.*

*“Quando os diversos haveres são permutados imediatamente à medida da superabundância e da necessidade, existe a circulação natural, e todo povo começa a sua carreira econômica pela carreira naturalista. Dela são particularidades características:*

*“1º – Circulação de haveres, lenta, geralmente localizada extremamente irregular, por isso muito pouca divisão de trabalho;*

*“2º – Falta de capitais, porque falecem meios para poupar e assim falta o impulso para a formação de capitais;*

*“3º – Completa dependência da natureza, apatia quanto ao futuro, oscilação constante entre a superabundância e a penúria;*

*“4º – Falta a classe de capitalistas; mesmo depois de definidas as diferenças de classe, só ficam em frente uns dos outros como fatores únicos da produção os possuidores do solo e os trabalhadores;*

*“5º - Só a propriedade de terras dá poder e consideração; o trabalhador, que nada possui dela, depende inteiramente do trabalho e fica adstrito à gleba, pela qual tem de prestar serviços forçados e pagar impostos naturalísticos; o Estado remunera o serviço pela concessão de terrenos; forma-se o Estado feudal;*

*“6º - A coação do trabalhador, a improbabilidade de melhorar de condição dificulta todo progresso considerável; por isso vigora a maior estabilidade.”*

*A falta de capitais restringia muito as manifestações da vida coletiva: não havia fontes, nem pontes nem estradas. As igrejas, as casas do Conselho, as cadeias eram feitas pelo Governo, ou com dinheiro vindo de além-mar, ou com impostos cobrados desapidadamente. Para as casas e concertos de diversas obras não se podiam dispensar os subsídios do erário. Só as Casas de Misericórdia deviam-se exclusivamente ou quase à iniciativa particular, incitado talvez por motivos egoístas mais ainda que por altruísmo. As sedes de capitánias, mesmo as mais prósperas, eram lugarejos insignificantes; a gente abastada possuía aí prédios, mas só os ocupava no tempo das festas; lojistas, oficiais, tinham de acumular ofícios para viver com certa folga.*

*Ajunte-se a isto a desafeição pela terra, fácil de compreender se nos transportarmos às condições dos primeiros colonos, abafados pela mata virgem, picados por insetos, envenenados por ofídios, expostos às feras, ameaçados pelos índios, indefesos contra os piratas, que começaram a acudir apenas souberam de alguma coisa a roubar. Mesmo se sobejassem meios, não havia disposição para meter mãos a obras destinadas aos vindouros; esfolava-se crua-*

*mente a terra; tratava-se de ganhar fortuna o mais depressa possível para ir desfrutá-la além-mar, onde se encontravam comodidades, abundavam atrativos, a crosta de civilização não gritava a cada instante, e a onda de barbaria não se empinava incontrastável e perene. Assegura Pedro de Magalhães que os velhos acostumados ao país daqui não queriam sair mais, é possível; dos moços, a quem não intimidavam a demora e os perigos das largas travessias, de organismos rijos para os caprichos e carrancas da zona temperada, testemunhas contestes afirmam o contrário. Como hoje o português que viveu nesta ao voltar para sua terra ganha o nome de brasileiro, talvez então o mazombo ido para a metrópole torna com os foros de lídimo português ou reinol, como então se chamava, e isto era mais um incitamento à viagem.*

*Desafeição igual à sentida pela terra nutriam entre si os diversos componentes da população.*

*Examinando superficialmente o povo, discriminavam-se logo três raças irredutíveis, oriunda cada qual de continente diverso, entre as quais nada favorecia a medra de sentimentos de benevolência. Tão pouco apropriados a essa floração delicada, antolhavam-se seus descendentes mestiços, mesclados em proporção instável quanto à receita da pele e à dosagem do sangue, medidas naquele tempo, quando o fenômeno estranho e novo, em toda a energia do estado nascente, tendia a observação ao requinte e atiçava os sentidos até exacerbá-los, medidas e pesadas com uma precisão de que nem podemos formar idéia remota, botos como ficamos ante o fato consumado desde o berço, indiferentes às peles de qualquer aviação e às dinamizações do seu sangue em qualquer ordinal.*

*Ao lado destes fatores dispersivos de natureza etnográfica formavam outros mais de ordem psicológica. Tem sido notado que nas colônias geralmente se distinguem muito as pessoas de raça do-*

*minante nascidas na metrópole e as nascidas na dependência. Entre os nossos vizinhos da América latina os filhos de espanhóis chamavam-se criolos, nome dado entre nós aos negros aqui nascidos; em Goa os filhos de portugueses chamavam-se castiços; de nossa terra os nomes dos portugueses em diferentes pontos dariam matéria a um glossário; naquele tempo eram chamados reinóis, como os filhos de portugueses aqui nascidos chamavam-se mazombos. A simples existência do nome dá a entender uma espécie de capitis diminutio (pelo menos a princípio; mais tarde, o padre Antônio Vieira, nascido aliás, no além-mar, em uma carta diz-se mazombo). De ter isto realmente sucedido pode-se apresentar como prova o fato do inglês Knivet, que passou do século XVI ao XVII amargando no cativo de Salvador Correia de Sá, chamar ao filho deste, Martim de Sá, mulato; foi o termo de sua língua que mais próprio lhe pareceu para exprimir a força de mazombo.*

*Parece que no Brasil a diferença entre o indígena e o alienígena da mesma raça ainda passou adiante: moleque foi talvez o nome dado pelos africanos a seus parceiros nascidos no aquém-mar; caboclos eram primitivamente chamados os índios catequizados em aldeias pelos jesuítas e seus rivais de catequese.*

*Este estado centrífugo começou a ceder desde a terceira e quarta décadas do século XVII. Reinóis, mazombos, moleques, caboclos, mulatos, mamalucos, curibocas, todas as denominações se sentiam com todas as diferenças que os apartavam irreduzivelmente, mais próximos uns dos outros que dos holandeses, e daí a guerra que de 1624 a 1654 não se interrompeu enquanto o invasor calcou o solo da pátria. O mesmo sentimento de solidariedade foi-se avigorando a ponto de que ao primeiro e segundo decênios do século XVIII o português passou à categoria de inimigo, e rebentaram as*

*guerras dos mascates entre pernambucanos e dos emboabas entre os paulistas.*

*Antes disto já se efetuara a fundição de Brandônio, quando a respeito da terra assim dizia a Alviano:*

*“Condensio minha pouca memória em vos dizer que isto se remediará quando a gente que houver no Brasil for por mais daquela que de presente se há mister para o granjeamento dos engenhos de fazer açúcares, lavoura e mercearia, porque então os que ficarem sem ocupação de força hão de buscar alguma de novo de que lançar mão, e por esta maneira se farão, uns pescadores, outros pastores, outros hortelões, e exercitarão os demais ofícios, dos que hoje não há nesta terra na quantidade que era necessário houvesse. E com isto assim suceder, logo não haveria falta de nada, e a terra abundaria de tudo o que lhe era necessário, enxergando-se ao vivo a sua grande fertilidade e abundância, com não ter necessidade de cousa nem uma das que se trazem de Portugal; e quando o houvesse fora de poucas.”*

\*

*Os esforços até hoje tentados para levantar o anonimato dos Diálogos das Grandezas do Brasil têm sido perdidos. Para que aventar novas hipóteses? A quem quiser tentar a aventura podem ser indicados dois rastros novos:*

*A) Diz Brandônio que em 1583 estava a seu cargo o recebimento dos dízimos de açúcar na capitania de Pernambuco e acrescenta que era então novo na terra. Entre os contratadores de dízimo da terra conhecemos Bento Dias de Santiago, que entrou nas guerras de Duarte de Albuquerque Coelho, segundo donatário, feitas depois do embarque de Jorge de Albuquerque em 1565 [Frei Vicente do Salvador, História do Brasil, pp. 198, ed. de 1918].*

*Um alvará de 12 de fevereiro de 1572 manda levar-lhe em conta certa quantia de dinheiro; outro de 23 de dezembro de 1575 designa-o como contratador dos dízimos de Pernambuco e Itamaracá. Documentos existentes por cópia na biblioteca do Instituto Histórico mostram que Bento Dias de Santiago arrematou os dízimos de Pernambuco em 1576, 1577, 1578, 1582, 1583, 1584 e 1585. Nos últimos anos arrematou igualmente os da Bahia. No de 1583 obteve uma moratória de dez dias em seus pagamentos, equivalente aos dez dias suprimidos em outubro do ano anterior, quando se pôs em vigor o calendário gregoriano.*

*Bento Dias de Santiago, morador em Pernambuco, desde 1565, não podia dizer-se novo na terra em 1583, e está fora de combate; mas um documento de 1582 permite-lhe nomear escrivão para assistir à saída dos açúcares, outro de 1583 fala em seus feitores. O autor dos Diálogos das Grandezas do Brasil pode ter sido seu feitor ou escrivão: pode ter sido seu parente. Um dos historiadores da guerra pernambucana, Diogo Lopes de Santiago, embora caprichosamente Barbosa Machado o considere natural da cidade do Porto, o nome está indicando como pertencente à família. Por que dela seria a primeira pessoa amante de escrever?*

*B) Passemos ao outro rastro.*

*Barcia afirma que o autor dos Diálogos se chamava Brandão, e era vizinho de Pernambuco. Provavelmente concluiu isto da leitura do livro. A conclusão nada tem de repugnante: podia apresentar-se com o nome ligeiramente alatinado, como sem alatinamento aparece Garcia da Orta em seus Colóquios, que o nosso autor conhecia.*

*Os documentos contemporâneos falam em diversos Brandões: o que tem mais probabilidades, ou antes o único a ter probabilidades a seu favor, chamava-se Ambrósio Fernandes Brandão, e*

*a respeito dele encontra-se o seguinte na História de Frei Vicente do Salvador, e em uma sesmaria descoberta pelo meritório Irineu Joffily:*

*“Morava em Pernambuco em 1585, e acompanhou Martim Leitão em uma de suas expedições contra os franceses e índios do Paraíba, no posto de capitão de mercadores.*

*“Antes de 1613 estabeleceu-se na Paraíba, foi por muitas vezes como capitão de infantaria à guerra contra os gentios petiguares e franceses.*

*“Antes de 1613 possuía dois engenhos próximos à sede da Capitania chamados Inobi, por outro nome de Santos Cosme e Damião, e o do Meio ou São Gabriel.*

*“Em 1613 pediu para fazer outro engenho na ribeira de Gurgaiú, uma sesmaria, que de fato lhe foi concedida a 27 de novembro de 1613.*

*“Ignora-se quando faleceu; já não era dos vivos quando os holandeses tomaram a Paraíba. Os herdeiros de Brandão emigraram; a Companhia das Índias Ocidentais confiscou os três engenhos, vendeu-os a um negociante de Amsterdã chamado Isaac de Rasière, que ao Inobi crismou Amstel, ao de São Gabriel crismou Middelburg, ao de baixo crismou La Rasière.*

*“Depois da restauração contra os holandeses os engenhos dos Brandões caíram nas mãos de João Fernandes Vieira.”*

*É pelo menos o que assegura um parente de André Vidal de Negreiros, em cujas palavras Varnhagen se louva.*



.....

## *Aditamento*

RODOLFO GARCIA

**B**ENTO DIAS DE SANTIAGO, o opulento cristão-novo, contratador dos dízimos que pertenciam à fazenda real nas capitânicas da Bahia de Todos os Santos, Pernambuco e Itamaracá, obteve por um alvará ou provisão (sem data por incompleta na cópia existente no Instituto Histórico, Conselho Ultramarino – Registos, II, fls. 66 v., mas provavelmente de fins de 1582), permissão para nomear escrivães que assistissem à saída dos açúcares; outro alvará, esse de 25 de janeiro de 1583, determinou que no Brasil não fossem despachados açúcares sem certidão dos feitores do contratador, seguido de carta régia da mesma data a Manuel Teles Barreto, para que os escrivães das feitorias e alfândegas não passassem despachos de açúcares sem que as partes lhes apresentassem certidão dos ditos feitores de como tinham sido pagos os direitos, *ibidem*, fls. 77-79.

Que Ambrósio Fernandes Brandão foi, como previu Capistrano de Abreu, um dos feitores ou escrivães de Bento Dias de Santiago, – veio confirmar a denúncia do Padre Francisco Pinto Doutel, vigário de São Lourenço, perante a mesa do Santo Ofício, na Bahia, a 8 de outubro de 1591, em que como tal foi qualificado. Outro foi Nuno Álvares, incluído na mesma denúncia. Eram

*ambos cristãos-novos, acusados de freqüentarem a esnoga de Camaragibe, blasfemos e hereges, que trabalhavam e faziam trabalhar aos domingos e dias santos. Eram, portanto, correligionários, exerciam cargos idênticos e deviam ser amigos.*

*Assim, se Ambrósio Fernandes Brandão é o interlocutor Brandônio, como está admitido, o inteligente leitor destas linhas será levado a concluir sem maior esforço que o outro interlocutor, Alviano, bem pode ser Nuno Álvares.*

*– Conf. Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil – Denúnciação da Bahia, 516-525, São Paulo, Homenagem de Paulo Prado, 1925.*

DIÁLOGOS DAS  
GRANDEZAS DO BRASIL



.....

*Diálogo primeiro*

Q

ALVIANO

UE BISALHO é esse, Sr. Brandônio, que estais revolvendo dentro nesse papel? – porque, segundo o considerais com atenção, tenho para mim que deve ser de diamantes ou rubis.

BRANDÔNIO

Nenhuma cousa dessas é, senão uma lanugem que produz aquela árvore fronteira de nós em um fruto que dá, do tamanho de um pêssego, que semelha propriamente a lã. E porque ma trouxe agora há pouco a amostrar uma menina, que o achou caído no chão, considerava que se podia aplicar para muitas cousas (1).

ALVIANO

Não de menos consideração me parece o modo da árvore que o fruto dela; porque, segundo estou vendo, semelha haver-se produzido do sobrado desta casa, onde deve ter as raízes, pois está tão conjunta a ela.

BRANDÔNIO

A umidade de que gozam todas as terras do Brasil a faz ser tão frutífera no produzir que infinidade de estacas de diversos paus, metidos na terra, cobram e em breve tempo chegam a dar fruto; e esta árvore, que vos parece nascer de dentro desta casa, foi um esteio que se meteu na terra, sobre o qual, com outros mais, se sustenta este edifício, que, por pender, veio a criar essa árvore, que demonstra estar unida com a parede.

ALVIANO

Aos que ignorarem esse segredo deve de parecer o modo estranho; mas, contudo, dissei-me: para que efeito imagináveis que se podia aplicar essa lanugem que estáveis considerando?

BRANDÔNIO

Parece-me certamente que serviria para enchimento de travesseiros, almofadas, e ainda para colchões, e que também, se for fiada, se poderá dela fazer panos, posto que chapéus tenho por sem dúvida que se farão muito bons.

ALVIANO

Boa graça é essa; pois, quando isso prestara para esse efeito, não era possível estar tanto tempo escondido sem os homens o haverem experimentado.

BRANDÔNIO

Essa razão não conclui para se deixar de entender que pôde muito bem esta lã ou lanugem prestar para o que o digo, porque muitas cousas há ainda, assim de frutos como de minerais, por descobrir, que os homens não alcançaram sua propriedade e natureza.

ALVIANO

Isso entendo eu pelo contrário; porque o mundo é tão velho e os homens tão desejosos de novidades, que tenho para mim que não há nele cousa por descobrir, nem experiência que se haja de fazer de novo que já não fosse feita.

BRANDÔNIO

Enganai-vos nisso sumamente, Sr. Alviano, porque ainda há muitas cousas por descobrir e segredos não achados que para o diante se hão de manifestar.

ALVIANO

Não me posso persuadir a isso; porque tudo está já tão trilhado, que me parece que todos esses segredos são resolvidos e apalpados dos homens, e somente se tem aproveitado dos que acharam ser de proveito que puseram em uso.

BRANDÔNIO

Essa opinião é nova, e como tal engano manifesto; porque quem vos amostrara, há hoje trezentos anos, uma cana de que se faz o açúcar, e vos dissera que daquela cana se havia de formar, com a indústria humana, um pão-de-açúcar tão formoso como hoje o vemos, tê-lo-eis por cousa ridiculosa; e pelo conseguinte, se vos fosse mostrado um pedaço de pano velho de linho, e vos afirmassem que daquele pano se havia de fazer o papel, em que escrevemos, quem duvida que o teríeis por zombaria. E da mesma maneira, se vos pusessem diante um pouco de salitre, enxofre e carvão, com vos jurarem que daqueles materiais se havia de compor uma cousa que, chegada ao fogo, derrubasse muros e fortalezas, e matasse homens de muito longe, não me fica dúvida que, quanto mais vo-lo afirmassem, menos o creríeis; porque haveis de saber que os primeiros inventores das cousas as acharam toscamente com um princípio mal limado, e depois os que lhes sucederam as foram apurando, até as porem no estado de perfeição em que hoje as vemos.

ALVIANO

Confesso o que dizeis, mas também não me haveis de negar que essas cousas, de que nos aproveitamos, são criadas e cultivadas com a indústria e diligência dos agricultores e mestres inventores delas, o que não há nessa lanugem que se tira de uma árvore nascida por acaso por esses campos; porque o trigo, linho e mais legumes, de que os homens se aproveitam para seus mantimentos e uso são cultivados e granjeados, e por isso dão o fruto perfeito; e é tanto assim, que nunca vimos o trigo ou legumes nascer pelos campos de si, sem serem cultivados dos homens.

## BRANDÔNIO

Quando essa vossa opinião tivera lugar, parece que se devia também conceder que os homens fossem os criadores desses frutos, o que seria tirar a Deus o haver criado tudo, e pelo mesmo caso blasfêmia; pois sabemos bem que Deus criou esse trigo, linho e legumes pelos campos, e depois a indústria humana os cultivou para se poder melhor aproveitar deles; porque nem pela Escritura dizer que Noé plantou vinha, se deve de cuidar que ele fosse o criador dela, senão que tomou o vidonho, donde estava agreste, criado por Deus nos campos, e o pôs em uso de se cultivar; com o qual levou o fruto mais perfeito. E se o trigo e mais legumes não nascem por si nos campos, é porque lhe falta a semente; e quando alguma cai, de onde se produz, o gado e as aves a trilham e comem; mas, se fora semeado em parte onde não pudesse ser destruído das alimárias, ele por si produziria da semente que lhe fosse caindo ao pé, como fazem as demais plantas.

## ALVIANO

Confesso ser isso assim; porque sei muito bem que as cousas todas foram produzidas de um princípio, o qual foi a primeira criação que nelas fez Deus; e posto que vemos alguns frutos, que parecem não ser criados neste princípio, como são as limas doces, laranjas e outras semelhantes, que a indústria humana as fez produzir por via de enxertos e outros modos que para isso buscaram, todavia a causa de onde procedem são daquelas que por Deus foram primeiramente criadas. Mas esta não é a matéria, sobre que começamos nossa prática, senão de me parecer que essa lanugem, que dizeis achastes semelhante a lã, deve de prestar pera pouco; porque, se fora de efeito, já os nossos passados se aproveitaram dela; nem me confundem os exemplos, que alegastes, da cana-de-açúcar, papel e pólvora, porque esses são uns partos que o tempo produz em muitos decursos de anos; e assim me torno a afirmar, como já disse, que melhor fora ser esse bisalho de diamantes ou rubis, que são pedras descobertas e tidas por preciosas desde o princípio do mundo.

## BRANDÔNIO

E quem vos há de negar que isso fora de mais proveito pela reputação em que o mundo as tem, por serem reluzentes e campear em mui-

to, com alegrarem a vista com sua formosura; porque delas não sei outra excelência, posto que nunca me inclinará a ter minha fazenda embaraçada nessa mercadoria; porque, quando assim fora, a teria por pouco segura.

ALVIANO

Peregrina opinião é essa vossa por ser encontrada com estilo, que todos os homens de bom entendimento guardam, porque os tais pretendem sempre ter uma parte de sua fazenda em pedraria pela grande estimação em que está tida para com o mundo, e também por ser cousa que em qualquer parte, por pequena que seja, se pode esconder e salvar sem ser achada; e assim, para os casos repentinos que sucedem, fica sendo de muita utilidade para quem as possui; porque nela levam cabedal para suas necessidades, segundo o preço e estimação das pedras.

BRANDÔNIO

Tudo isso é verdade, e ainda concebo que as pedras preciosas alegam o coração com sua vista, e pera manenconizados é maravilhoso remédio; e da esmeralda se tem por verdadeiro que, se a pessoa que a trouxer cometer qualquer ato sensual, se quebra por si, tanto ama a castidade (2). Contudo me torno a afirmar que não quisera ter a minha fazenda embaraçada em semelhante mercadoria; porque imagino que, assim como, havendo sido a esmeralda entre as pedras preciosas a de mais estima, veio a faltar dela, pelas muitas minas que se descobriram nas Índias Ocidentais, donde se tiram em grande cópia; da mesma maneira se podem descobrir tantas minas de rubis e diamantes, que percam de sua reputação e valia, e as pessoas que as tiverem se achem por esta via sem fazenda que cuidavam que tinham.

ALVIANO

Não me parece mal essa vossa opinião, porque tenho visto muitas esmeraldas grandes e perfeitas, que trazem dessas Índias, e agora, em nossos tempos, apareceram outras descobertas neste nosso Brasil pelo Azevedo (3), que prometeram no princípio muito de si, mas logo mostraram sua fragilidade, por não serem verdadeiramente esmeraldas: do que infiro

que ouro, prata e pedras preciosas são somente para os castelhanos, e que para eles as reservou Deus; porque habitando nós os portugueses a mesma terra que eles habitam, como ficarmos mais orientais (parte onde, conforme a razão devia haver mais minas), não podemos descobrir nenhuma em tanto tempo há que nosso Brasil é povoado, descobrindo eles cada dia muitas.

## BRANDÔNIO

Não se pode tirar aos castelhanos serem bons conquistadores e descobridores; porque atravessaram conquistando, desde Cartagena até Chile e Rio da Prata, que é inumerável terra, pela qual foram achando quantidade grande de minas de ouro, prata, cobre, azougue, e outras diversas de que hoje em dia gozam e se aproveitam; mas nem por isso se deve de atribuir aos nossos portugueses o nome de ruins conquistadores.

## ALVIANO

Como não, se vemos que em tanto tempo que habitam neste Brasil, não se alargaram para o sertão para haverem de povoar nele dez léguas, contentando-se de, nas fraldas do mar, se ocuparam somente em fazer açúcares?

## BRANDÔNIO

E tendes essa ocupação por pequena? Pois eu a reputo por muito maior que as minas de ouro e de prata; como alguma hora vo-lo mostrarei provado claramente (4). Mas, porque não tendes aos nossos portugueses por pouco inclinados a conquistas, abraçando-vos com essa errônea opinião, vos afirmo que, de quantas nações o mundo tem, eles foram os que mais conquistaram; e senão, lançai os olhos por esse Oriente, aonde nossos avós conquistaram ganhando, à custa de seu sangue tantos reinos opulentos, cidades famosas, províncias ricas; fazendo tributários potentíssimos reis ao império lusitano: o que não sucedeu aos castelhanos, porque as conquistas que fizeram nas Índias Ocidentais e Peru foram por entre gente fraca e imbele, que sempre tiveram as mãos atadas para a sua defesa, por lhes faltarem armas e ânimos com que pudessem fazer resistência,

entanto que quatro castelhanos, mal armados manietaram reis, poderosos de riquezas, e abundantes de gentes no seu próprio reino e dentro em suas cidades e casas sem os seus naturais vassalos terem ânimo nem indústria para os saberem defender; o que não sucedeu aos nossos portugueses no Oriente, porque fizeram suas conquistas entre gentes belicosíssimas, muito bem armadas, assim de cavalo como de pé, que tinham inumeráveis peças de artilharia; e outros bélicos instrumentos de fogo, que hoje em dia espanta ao mundo ver a grandeza das balas que lançavam, contra as quais não arreceiavam de opor o peito, largando muitos a vida às mãos de sua fúria. Vedes também tantas ilhas, situadas no meio desse grande pego do Oceano, as quais descobriram e povoaram esses reinos de Angola e do Congo, ilhas do Cabo Verde e de S. Tomé, esta grande terra do Brasil; de modo que aos nossos portugueses se pode, com razão, atribuir (nas muitas conquistas que fizeram por mar e terra) o verdadeiro nome de Hércules e de Argonautas.

ALVIANO

Quem há que possa duvidar disso? Mas o que digo é que neste Brasil fazem curta a conquista, podendo-a fazer muito larga.

BRANDÔNIO

É verdade que não se têm estendido muito para o sertão; mas, para isso, haveis de saber que todos os conquistadores, que até hoje descobriram de novo as terras que nos são patentes lançaram mão, e se inclinaram trabalhando naquele exercício de que primeiramente tiraram proveito; de onde vejo que os nossos portugueses que povoaram as ilhas dos Açores, pelos primeiros se haverem lançado em agricultura do trigo, até o presente permanecem nela, os castelhanos, que povoaram as ilhas de Canárias, deram em plantar vinhas, e o mesmo exercício guardam até hoje em dia, e os que povoaram as ilhas do Cabo Verde tiveram proveito da comutação de negros, e com isso vivem deles, nessa permanecem; na ilha de S. Tomé deram em lavrar açúcar muito negro, com ele continuam até o presente, e tendo aparelho para o fazer melhor, não se querem ocupar nisso. Os que povoaram as Índias Ocidentais, uns se ocuparam na pescaria das pérolas, outros em fazer anil, outros em ajuntar cochonilha, outros na cria de ga-

dos, outros em lavrarem minas, e todos naquele primeiro exercício, em que se exercitaram nesse permaneceram. Nesse nosso Brasil os seus primeiros povoadores deram em lavar açúcares; pois que muito é que os demais os fossem imitando, conforme o costume geral do mundo, que tenho apontado? E este é o respeito por onde no Brasil seus moradores se ocupam somente na lavoura das canas-de-açúcar, podendo se ocupar em outras muitas cousas.

ALVIANO

Não imagino eu isso assim nesse modo: mas antes tenho por sem dúvida que o lançarem-se no Brasil seus moradores a fazer açúcares é por não acharem a terra capaz de mais benefícios: porque eu a tenho pela mais ruim do mundo, aonde seus habitantes passam a vida em contínua moléstia, sem terem quietação, e sobretudo faltos de mantimentos regalados, que em outras partes costuma haver.

BRANDÔNIO

Certamente que tenho paixão de vos ver tão desarrezoado nessa opinião; e porque não fiquéis com ela, nem com um erro tão crasso, quero-vos mostrar o contrário do que imaginais. E para o poder fazer como convém, é necessário que me digais se o ser o Brasil ruim terra e por defeito da mesma ou de seus moradores?

ALVIANO

Que culpa se pode atribuir aos moradores pela maldade da terra, pois está claro não poderem eles suprir sua falta nem fazerem abundante a sua esterilidade.

BRANDÔNIO

Por maneira que me dizeis que à terra se deve atribuir esse nome que lhe quereis dar de ruim?

ALVIANO

Assim o digo.

BRANDÔNIO

Pois assim vos enganais: porque a terra é disposta para se haver de fazer nela todas as agriculturas do mundo pela sua muita fertilidade, excelente clima, bons céus, disposição do seu temperamento, salutíferos ares, e outros mil atributos que se lhe ajuntam.

ALVIANO

Quando os tivera, creio eu que em tanto tempo, quanto há que é povoado de gente portuguesa, já tiveram descobertos esses segredos, que até agora não acharam pelos não haver.

BRANDÔNIO

Já me há de ser forçado fazer-vos retratar dessa errônea em que estais. Não vedes vós que o Brasil produz tanta quantidade de carnes domésticas e selváticas, que abunda de tantas aves mansas, que se criam em casa, de toda sorte; e outras infinitas, que se acham pelos campos; tão grande abundância de pescado excelentíssimo, e de diferentes castas e nomes; tantos mariscos e cangrejos que se colhem e tomam à custa de pouco trabalho; tanto leite que se tira dos gados; tanto mel que se acha nas árvores agrestes; ovos sem conto, frutas maravilhosas, cultivadas com pouco trabalho, e outras sem nenhum que os campos e matos dão liberalmente; tantos legumes de diversas castas, tanto mantimento de mandioca e arroz, com outras infinidades de cousas salutíferas e de muito nutrimento para a natureza humana, que ainda espero de vo-las relatar mais em particular. Pois à terra que abunda de todas estas cousas como se lhe pode atribuir falta delas? Porque certamente que não vejo eu nenhuma província ou reino, dos que há na Europa, Ásia ou África, que seja tão abundante de todas elas, pois sabemos bem que, se tem umas lhes faltam outras; e assim errais sumamente na opinião que tendes.

ALVIANO

Pois de que nasce haver tanta carestia de todas essas cousas, se me dizeis que abunda de todas elas?

## BRANDÔNIO

É culpa, negligência e pouca indústria de seus moradores, porque deveis de saber que este Estado do Brasil todo, em geral, se forma de cinco condições de gente, a saber: marítima, que trata de suas navegações, e vem aos portos das capitânicas deste Estado com suas naus e caravelas, de fazendas que trazem por seu frete, aonde descarregam e adubam suas naus, e as tornam a carregar, fazendo outra vez viagem com carga de açúcares, pau do Brasil e algodões para o reino, e de gentes desta condição se acha, em qualquer tempo do ano, muitas pelos portos das capitânicas. A segunda condição de gente são mercadores, que trazem do reino as suas mercadorias a vender a esta terra e comutar por açúcares, do que tiram muito proveito; e daqui nasce haver muita gente desta qualidade nela com suas lojas de mercadorias abertas, tendo correspondência com outros mercadores do reino, que lhes mandam, como o intento destes é fazerem-se somente ricos pela mercância, não tratam do aumento da terra, antes pretendem de a esfolarem tudo quanto podem. A terceira condição de gente são oficiais mecânicos de que há muito no Brasil de todas as artes, os quais procuram exercitar, fazendo seu proveito nelas, sem se lembrarem por nenhum modo do bem comum. A quarta condição de gente é de homens que servem a outros por soldada que lhes dão, ocupando-se em encaixamento de açúcares, feitorizar canaviais de engenhos e criarem gados, com nome de vaqueiros, servirem de carreiros e acompanhar seus amos; e de semelhante gente há muita por todo este Estado, que não tem nenhum cuidado do bem geral.

A quinta condição é daqueles que tratam da lavoura, e estes tais se dividem ainda em duas espécies: uma dos que são mais ricos, têm engenhos com título de senhores deles, nome que lhes concede Sua Majestade em suas cartas e provisões, e os demais têm partidas de canas; outra, cujas forças não abrangem a tanto, se ocupam em lavrar mantimentos de legumes. E todos, assim uns como outros, fazem suas lavouras e granjearias com escravos de Guiné, que para esse efeito compram por subido preço; e como o do que vivem é somente do que granjeiam com os tais escravos, não lhes sofre o ânimo ocupar a nenhum deles em cousa que não seja tocante à lavoura, que professam de maneira que têm por muito tempo perdido o que gastam em plantar uma árvore, que lhes haja de dar fruto em dois ou três anos, por lhes parecer que é muita a demora: porque se

ajunta a isto o cuidar cada um deles que logo em breve tempo se hão de embarcar para o reino, e que lá hão de ir morrer, e não basta a desenganá-los desta opinião mil dificuldades que, a olhos imprevistos, lhes impedem podê-la fazer. Por maneira que este pressuposto que têm todos em geral de se haverem de ir para o reino, com a cobiça de fazerem mais quatro pães de açúcar, quatro covas de mantimento, não há homem em todo este Estado que procure nem se disponha a plantar árvores frutíferas, nem fazer as benfeitorias acerca das plantas, que se fazem em Portugal, e pelo conseguinte se não dispõem a fazerem criações de gados e outras; e se algum o faz, é em muito pequena quantidade, e tão pouca que a gasta toda consigo mesmo e com sua família. E daqui nasce haver carestia e falta destas cousas, e o não vemos no Brasil quintas, pomares e jardins, tanques de água, grandes edifícios, como na nossa Espanha, não porque a terra deixe de ser disposta para estas cousas; donde concludo que a falta é de seus moradores, que não querem usar delas.

ALVIANO

O ser novo ainda neste Estado me faz ignorar dessas grandezas, que me afirmais poder nele haver, e para que fique melhor inteirado delas a me poder retratar da minha opinião, vos peço que me digas como ou de que maneira pode haver todas essas cousas que tendes dito ser o Brasil capaz de produzir? E assim do seu sítio, bom céu, bondade de astros, e outras cousas de que o tendes feito abundante.

BRANDÔNIO

Esta província do Brasil é conhecida no mundo com o nome de América, que com mais razão houvera de ser pela terra de Santa Cruz(5), por ser assim chamada primeiramente de Pedro Álvares Cabral, que a descobriu em tal dia, na segunda armada que el-Rei D. Manuel, de gloriosa memória, mandava à Índia, e acaso topou com esta grande terra não vista nem conhecida até então no mundo, e por lhe parecer o descobrimento notável despediu logo uma caravela ao Reino com as novas do que achara, e sobre isso me disse um fidalgo velho, bem conhecido em Portugal, algumas cousas de muita consideração.

ALVIANO

E que é que vos disse esse fidalgo?

BRANDÔNIO

Dizia-me ele que ouvira dizer a seu pai, como cousa indubitável, que a nova de tão grande descobrimento foi festejada muito do magnânimo rei e que um astrólogo, que naquele tempo no nosso Portugal havia de muito nome, por esse respeito levantara uma figura, fazendo computação do tempo e hora em que se descobriu esta terra por Pedro Álvares Cabral, e outrossim do tempo e hora em que teve el-Rei aviso de seu descobrimento, e que achara que a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta província, refúgio e abrigo da gente portuguesa: posto que a isto não devemos dar crédito, são sinais da grandeza em que cada dia se vai pondo(6).

ALVIANO

Não permita Deus que padeça a nação portuguesa tantos danos que venha o Brasil a ser o seu refúgio e amparo; mas dissei-me se Pedro Álvares Cabral pôs a esta província nome de terra de Santa Cruz, que razão há para nestes próximos tempos se chamar Brasil, estando tanto esquecido o nome que lhe foi posto?

BRANDÔNIO

Não o está para com Sua Majestade e os senhores dos conselhos; pois, nas provisões e cartas que passam quando tratam deste Estado, lhe chamam a terra de Santa Cruz do Brasil, e este nome Brasil se lhe ajuntou por respeito de um pau chamado desse nome, que dá uma tinta vermelha, estimado por toda a Europa, e que só desta província se leva para lá.

ALVIANO

Pois dissei-me agora da grandeza, com que já me tendes ameaçado, desta província chamada Brasil ou terra de Santa Cruz.

BRANDÔNIO

Tem seu princípio esta terra, a respeito do que está hoje em dia povoado dos portugueses, do rio das Amazonas, por outro nome chamado Pará, que está situado no meio da linha Equinocial até a capitania de São Vicente, que é a última das da parte do sul da dita linha, e entre esta primeira povoação e a última de S. Vicente há muitas terras fertilíssimas, povoações, notáveis rios, famosos portos e baías capacíssimas de se recolherem neles e nelas grandes armadas.

ALVIANO

Pois dissei-me de cada uma em particular.

BRANDÔNIO

O Pará ou rio das Amazonas, que é nos tempos presentes a primeira terra do nosso descobrimento a respeito das mais que temos povoadas pera a parte do sul, está situado, como tendo dito, na Linha Equinocial, aonde não temos até o presente (por ser novamente povoada) mais que uma pequena fortaleza guardada de poucos e mal providos soldados (7). Tem de boca mais de oitenta léguas, e no recôncavo deste seio de tanta largueza há inumeráveis ilhas, umas grandes e outras pequenas, abastecidas de muitos arvoredos, com sítios excelentíssimos pera se poderem fazer nelas grandes povoações, e todas estão cercadas de água doce; porque todas que ocupa este grande recôncavo são desta qualidade. A terra firme pelo rio adentro é fertilíssima, acompanhada de muitos bons ares, e por esse respeito nada doentia; tem muitas excelentes madeiras, capazes pera grandes fábricas, muito mantimento de ordinário da terra, muita caça agreste, de que abundam todos os seus campos, muito peixe, que se pesca com pouco trabalho, sadio e saboroso, e de diferentes castas, muito marisco e até o presente (pelo pouco tempo que há que é povoada) não se há feito pelos nossos nenhum benefício na terra; a qual habita gentio de cabelo corredio e cor baça, e que usa da mesma língua de que usam os demais do Brasil.

ALVIANO

Sabeis porventura de onde traz seu princípio tão grande rio?

BRANDÔNIO

Os naturais da terra querem que o tenha de uma alagoa, que dizem estar no meio do sertão; de onde afirmam nascerem os demais rios reais e caudalosos, que sabemos por toda esta costa do Brasil; fortalecem sua razão com mostrarem que na mesma conjunção, em que uns crescem o fazem os outros, posto que o tempo esteja sereno e concertado naquela parte da costa de onde desembocam; mas eu não persuado a meter este rio do Pará (de que tratamos) na conta dos demais por haver de crescer com eles, pelo que tenho ouvido contar a um peruleiro, homem nobre e rico, e não pouco ciente (8).

ALVIANO

E que é o que haveis ouvido a esse peruleiro?

BRANDÔNIO

No ano de oitenta e seis veio a Pernambuco este homem de que trato, o qual me relatou que havendo-lhe sucedido a um irmão seu, na cidade de Lima, um negócio pesado, pelo qual o vice-rei trabalhava sumamente de o haver às mãos para efeito de fazer nele um exemplar castigo, lhe foi necessário ausentar-se; e por ser buscado por todas as partes, temeu que, se caminhasse por longo da costa, pudesse ser achado, e, querendo desviar-se deste temor, se meteu pelo sertão a dentro com outros dois companheiros que o quiseram acompanhar, e tendo andado, segundo seu parecer, cerca de cinqüenta léguas, encontraram um rio, o qual, posto que dali tomava princípio, no modo do seu canal lhe parecera que devia de ser caudaloso, ajuntando-se a isto o ver que suas águas caminhavam contra o Oriente, veio a cuidar que porventura viria a desembocar desta outra parte, na costa do Brasil, para onde ele desejava sumamente passar; pelo que, provendo-se de alguns mantimentos, que lhe deram os índios que à roda habitavam, a troco do resgate, e havendo deles mais alguns anzóis, em uma canoa que no próprio rio achou, com os dois companheiros que o seguiam, se metera nela, navegando sempre pela corrente abaixo, por onde de cada vez se ia o rio mais alargando e fazendo o seu canal mais profundo, até que topou com uma cachoeira, por onde as águas se despenhavam, de

muito alto, por entre grandes penedos, de modo que para haverem de passar por eles, lhe foi necessário tirar a canoa às costas pela margem do rio até descerem dos penedos; que dali couso de 150 léguas mais abaixo, segundo sua estimação, acharam também outra cachoeira, que passaram da mesma maneira; de onde navegaram sempre, sem terem outro impedimento, até desembocarem neste rio, de que tratamos, das Amazonas; onde por ser verão, na mesma canoa, ao longo da costa, passaram às Índias, levando por mantimento do muito peixe que sempre pescavam, e alguma água que ajuntavam em cabaços.

ALVIANO

Se isso passa dessa maneira, poderá Sua Majestade forrar muito gasto com navegar a sua prata por esse rio abaixo.

BRANDÔNIO

Assim, afirmava o peruleiro, dizendo que seu irmão notara, com muita curiosidade que, fazendo-se duas povoações nas duas cachoeiras, que pelo rio arriba havia, não tão-somente podia Sua Majestade navegar por ele abaixo a sua prata, mas ainda os mercadores levariam as suas mercadorias para o Peru pelo mesmo rio acima, com forrarem tão grande gasto quando fazem com elas pelo comprido caminho por onde as levam (9).

ALVIANO

E as cachoeiras que dizeis haver nesse rio, não dariam impedimento a essa navegação?

BRANDÔNIO

Para isso dizia ele que era necessário que Sua Majestade mandasse lavar três equipações de barcos, uns que levassem a fazenda e trouxessem a prata e mais cousas da foz do rio até a primeira cachoeira, e outros que a levassem e trouxessem da mesma maneira, da primeira até à segunda; e outros dali até onde o rio toma princípio; porque, como as partes, nas quais se havia de fazer as tais mutações, estivessem povoadas, seria fácil o pôr-se em uso.

## ALVIANO

Se isso passa na forma que esse peruleiro vo-lo relatou tenho para mim que não devem de passar muitos anos sem se tratar dessa navegação, com grande utilidade dos mercadores e moradores do Peru. E adiante desse rio das Amazonas ou Pará, para a parte do sul, qual é a primeira povoação?

## BRANDÔNIO

Segue-se logo o Maranhão, rio famoso, que está situado em dois graus da parte sul da Linha Equinocial, o qual o Rei D. João, de gloriosa memória, mandara povoar com uma armada que para esse efeito ordenou, que por ruins sucessos e algumas desordens (depois de terem tomado terra) se perdeu, sem se conseguir o efeito pera que fora ordenada (10); e agora ultimamente, em nossos dias, o governador que foi deste estado, Gaspar de Sousa, tendo notícia verdadeira que se fortificavam e apoderavam franceses daquele grande rio por ordem de Sua Majestade, no ano de 615, ordenou uma armada de que foi Capitão Jerônimo de Albuquerque, o qual, com felicíssimo sucesso tomou terra onde, em uma batalha que deu aos franceses já fortificados nela com o seu Governador Monsieur de Reverdere, os venceu e debelou, lançando fora do rio e do sítio de sua fortificação com morte de muitos, ficando a conquista pelos nossos (11); que hoje está povoada e fortificada por eles, e metida debaixo do império de Sua Majestade, com se tirar por este modo aos franceses um porto capacíssimo, que tinham naquele rio para seus comércios e abrigo das naus de corsários que vinham de França, todos os anos, a roubar por esta costa do Brasil.

## ALVIANO

Esta terra do Maranhão, que dizeis estar já povoado dos nossos, além da utilidade que segue a este Estado do Brasil com sua povoação, por não terem nele os corsários abrigo de onde possam reparar as suas naus, tem por ventura outras utilidades para seus moradores, como têm as demais capitánias deste estado?

BRANDÔNIO

Até agora as não sabemos, por haver tão pouco tempo que é povoada; mas dá de si grandes esperanças de haver de ir em muito aumento para adiante; porque os nossos, de presente têm feito a sua povoação em uma ilha que está à boca da barra, de vinte léguas de largo e de outras tantas de comprido, que, por ser sítio capaz de ser fortificado, e aonde os franceses o estavam, por se poder dali impedir a entrada da barra, assentaram nele: mas pelo rio acima, que é grandíssimo na terra firme, se têm descoberto muitas terras fertilíssimas para poderem ser povoadas, com se fazerem muitos engenhos de fazer açúcares, e lavrar mantimentos em grande quantidade e neles se acham tantas madeiras, tão boas e de tanta grandeza, que causam espanto; pelo que me não fica dúvida de se poder fazer para adiante, naquela nova povoação, um comércio de muita importância.

ALVIANO

E de que mantimentos usam os moradores que assistem nessa nova conquista para sua sustentação?

BRANDÔNIO

Dos mesmos de que se servem os demais moradores deste estado, porque se produzem ali em grande cópia; e sobretudo abunda de muitos e bons pescados, que se tomam com muito pouco trabalho.

ALVIANO

E de que modo se toma esse pescado, que dizeis não custa trabalho o haver-se de pescar?

BRANDÔNIO

Mandam duas ou três canoas ou as que querem, de noite, que se vão atravessar no largo do rio, em certo tempo do ano, se põem inclinadas com a borda pendente contra aquela parte donde a maré vem enchendo, e basta para o fazerem assentarem-se os índios, que vão nelas, no bordo que pretendem que se incline; e em outros tempos a arrumam contra a vazante da mesma maneira; e estando assim inclinadas por espaço de duas horas,

sem mais outro benefício, se enchem de peixe excelentíssimo, que por si salta nelas; e como têm recolhido por esta via todo o que lhes é necessário, encaminham para a terra, donde se reparte entre todos os moradores.

ALVIANO

Se com tanta facilidade se faz a pescaria nesse rio, abundantes devem estar seus moradores de pescado, e, se da mesma maneira pudessem haver as carnes, poderiam dizer que estavam na idade dourada, da qual fabulavam os poetas que manavam rios de mel e de manteiga.

BRANDÔNIO

Quando nisso estivera o haverem de gozar dessa idade, também vos poderia afirmar que gozam de carnes excelentes à vida com a mesma facilidade.

ALVIANO

E de que modo?

BRANDÔNIO

Mandam algumas canoas pelo rio arriba, e nelas homens exercitados para o efeito que levam consigo farpões, e em certas paragens, por recôncavos que o rio vai fazendo, em braços e alagoas, que forma pela terra adentro, acham grande quantidade de peixes, a que chamam bois (12), maiores muito do que aqueles de que tomam o nome, de uma proporção e figura estranha, que estão nas tais partes juntos, como em viveiros, e ali os matam às farpoadas facilmente; porque se deixam achar sem serem buscados, por andarem sobre a água. E estes peixes-bois não têm nenhuma diferença (comida de qualquer modo que seja) de carne de vaca; antes é tão semelhante a ela que vi já muitas pessoas que a comeram por tal, e depois com se lhe dizer e afirmar que era peixe o que comeram, o não quiseram crer. Assim é que estes peixes-bois, que se tomam por esta via em grande quantidade, podem servir aos moradores do Maranhão, na falta que padecem de carnes, posto que para adiante virão a gozar de muita, por ser a

terra disposta para criação de gados; além de que se acha pelos campos e matos caça de animais agrestes gostosos de comer e de muito nutrimento.

ALVIANO

Pelo que me dizeis do Maranhão novamente povoado, entendo que virá a ser para adiante uma capitania (como chamam as demais do Brasil) de muita importância; pelo que, deixando-a de parte, vos peço que me digais do sítio, qualidade das demais povoações, que se vão continuando pela costa adiante para a parte do sul.

BRANDÔNIO

A outra povoação que segue, posto que pequena de moradores e sítio, se chama Jaguaribe (13), está situada em quatro graus da parte do Sul da Linha Equinocial, a qual não promete para adiante muita grandeza, por a terra de seus arredores não servir para mais que para mantimentos; posto que a sua costa é fertilíssima de ambre gris, muito esmerado, que costuma sair dela, em certos tempos do ano, em grandes pedaços, donde se colhe e se vende a mercadores e outras pessoas, que o levam e mandam para o reino; o qual é lá muito estimado, por ser ele de si perfeito e alvíssimo.

ALVIANO

Se o ambre sai fora do mar nessa paragem, em muita quantidade, não deixará de ir essa povoação em aumento, porque a riqueza dele suprirá a pobreza da esterilidade da terra.

BRANDÔNIO

Os capitães passados do Rio Grande tiravam muito proveito de o mandarem resgatar com o gentio, antes da costa estar povoada, e agora, com o estar, cessaram de o fazer; e por isso fica sendo o triênio de sua capitania de pouca importância, a qual está conjunta a esta de Jaguaribe.

ALVIANO

Pois disse-me dela.

## BRANDÔNIO

A Capitania do Rio Grande, que foi povoada e fortificada por mandado de Sua Majestade, por Manuel Mascaranhas Homem, capitão que era de Pernambuco, e por Feliciano Coelho de Carvalho, capitão que era da Paraíba, no ano de 1597 (14), está situada em seis graus da parte do sul, tem na boca da barra uma fortaleza muito bem provida, assim de soldados pagados da fazenda de Sua Majestade (15), como de artilharia, com a qual se defende a entrada dos piratas franceses naquele porto, aonde costumavam ir espalmar as suas naus, e a prover-se de água e mantimentos, e ainda a carregar de pau-brasil, que compravam ao gentio da terra a troco de resgate. Assiste nesta capitania um capitão de Sua Majestade, o qual se provê de três em três anos.

Não há nela engenhos de fazer açúcares mais de um até este ano de 1618 (16), por a terra ser mais disposta para pastos de gado, dos quais abunda em muita quantidade, até entrar na capitania da Paraíba que lhe está conjunta.

## ALVIANO

Deixemos logo esse Rio Grande por estéril, e passemos-nos à Capitania da Paraíba; porque já a vi gabar de muito boa e fértil, e juntamente me afirmaram que custara muito dinheiro à fazenda de Sua Majestade, e aos moradores de Pernambuco não pequeno trabalho e despesa, a sua conquista e povoação (17).

## BRANDÔNIO

A Capitania da Paraíba está situada em sete graus e meio da parte do sul; mete-se entre ela e a de Tamaracá o cabo Branco, bem conhecido dos navegantes.

Esta capitania é de Sua Majestade por se haver povoado à custa de sua fazenda e da mesma maneira o são as demais para a parte do norte, de que até agora tratamos. A Paraíba, por ser fertilíssima e lavrar muitos açúcares nos engenhos, em que se fazem, que no seu distrito estão situados não poucos em número, ocupa o terceiro lugar em grandeza e riqueza das demais capitánias deste Estado; porque tirada a Capitania de Pernambuco,

que com muita razão tem o primeiro de todas, e logo a da Bahia, a quem se dá o segundo lugar, posto que seja cabeça de toda a província do Brasil, por assistir nela o governador-geral, bispo e Casa da Relação, logo esta Capitania da Paraíba ocupa o terceiro lugar; porque dá ela rendimento à fazenda de Sua Majestade nos dízimos, que se pagam da colheita de suas novidades de açúcar, gado, mandioca, e mais legumes, em cada ano, passante de doze mil cruzados; e estes afora o que lhe montam nas alfândegas do Reino os açúcares que nelas entram levados desta capitania, que são em muita quantidade. E tenho por sem dúvida que, se não estivera tão conjunta com a Capitania de Pernambuco, que já se houvera aumentado no seu crescimento, com se haver começado a povoar por poucos e pobres moradores, posto que mui valorosos soldados, do ano de 1586 a esta parte; porque, no mesmo ano, me lembra haver visto o sítio onde está situada a cidade agora cheia de casas de pedras e cal e tantos templos, cobertos de matos.

ALVIANO

E que dano é o que faz a Capitania de Pernambuco a esta outra com sua vizinhança? Porque eu tenho para mim antes lhe devia ser de proveito, por se poderem seus moradores prover com facilidade dela de todo o necessário pela sua vizinhança.

BRANDÔNIO

Antes isso é causa de não haver ido ela em mais crescimento: porque como tem Pernambuco tão chegado os seus moradores se costumam a prover dela das cousas de que têm necessidade, fazendo levar, para esse efeito, muitos açúcares que comutam pelo que compram, com o que engrandecem de cada vez mais a Capitania de Pernambuco, e diminuem na sua. E a razão é porque deixam de vir as naus a ela, que viriam, se os seus moradores esperassem por elas para se haverem de prover do que lhes fosse necessário, para esse efeito reservarem os seus açúcares, tendo-os prestes para com eles se carregarem as ditas naus; mas, como estão já providos de Pernambuco, aonde têm despendido os seus açúcares, as naus que vêm ao seu porto não podem dar saída que quiseram às fazendas que trazem, nem

menos carregar com a brevidade que lhes era necessária e por este respeito vêm poucas, sendo a capitania capaz de carregar em cada um ano vinte naus (18).

ALVIANO

Esse inconveniente pudera Sua Majestade remediar com facilidade, mandando que se não navegassem dessa capitania açúcares para a de Pernambuco, e com isso ficará atalhado esse dano.

BRANDÔNIO

Assim o tem mandado; mas o descuido dos capitães, pouco cuidado e menos curiosidade do governo da terra em o fazerem cumprir, ajuntando-se a isso a muita facilidade com que os governadores-gerais dispensam o contrário, desbarata tudo, de maneira que só deixa de levar açúcares para Pernambuco aquele que não tem.

ALVIANO

Não devera de ser assim; porque sendo essa Capitania da Paraíba de Sua Majestade, tinham obrigação seus vassallos e ministros de trabalharem pela aumentar, e não procurar de engrandecer a Capitania de Pernambuco, que é de senhorio; por esse modo, com dano tão notável de esta outra de seu Rei, que lhe tem custado tanta despesa a povoação dela.

BRANDÔNIO

Sim, custou com muitos capitães e armadas, que para o efeito de sua conquista mandou ao Reino; com presidio de castelhanos, que assistiram na guarda de suas fortalezas; o que nunca vimos nas demais conquistas que se fizeram por todo este Estado.

ALVIANO

E qual é a razão por que meteu Sua Majestade mais cabedal na povoação e conquista desta Capitania da Paraíba que costumava meter nas demais?

BRANDÔNIO

Foi por respeito do seu bom porto, no qual costumavam os piratas franceses ir a reparar suas naus, e ainda a carregar de pau do Brasil, que comutavam por resgate com o gentio potiguar, e com ele e mais presas que tomavam pela costa tornavam a fazer sua navegação para França em notável prejuízo de todo o Estado do Brasil; e tudo se atalhou com Sua Majestade se fazer senhor do seu porto e barra que, por ser com muita força defendida dos piratas franceses confederados com o gentio potiguar, senhor de todo o sertão, belicosíssimo e inclinado a guerras, custou muito trabalho e despesa fazê-los reduzir à nossa amizade, e desviá-los da que tinham com os franceses, sendo forçado aos nossos, para se haver de conseguir este efeito, fazerem muitas entradas com mão armada, pelo sertão adentro, principalmente a uma serra, que chamam de Copaoba, aonde estava o gentio junto em muita quantidade, por ser fertilíssima, e como tal se afirma dela produzira muito trigo, vinho e outras frutas de nossa Espanha (19).

ALVIANO

Qual é a razão por que se não aproveitam os nossos dessa serra, que dizeis ser tão abundante?

BRANDÔNIO

Não o fizeram até agora por estar um pouco desviada para o sertão e o gentio que nela habitava andar desinquieta; mas já agora tem mandado Sua Majestade que se povoe, elegendo para efeito da dita povoação Duarte Gomes da Silveira, com título de capitão-mor da mesma serra, onde assistem já, na doutrina dos índios, religiosos da ordem do patriarca São Bento, com muito fruto de suas almas, e a um homem amigo meu de crédito ouvi afirmar, com outros mais, haver-se achado, nos tempos atrasados, na mesma serra, uma novidade e estranheza que me causou espanto.

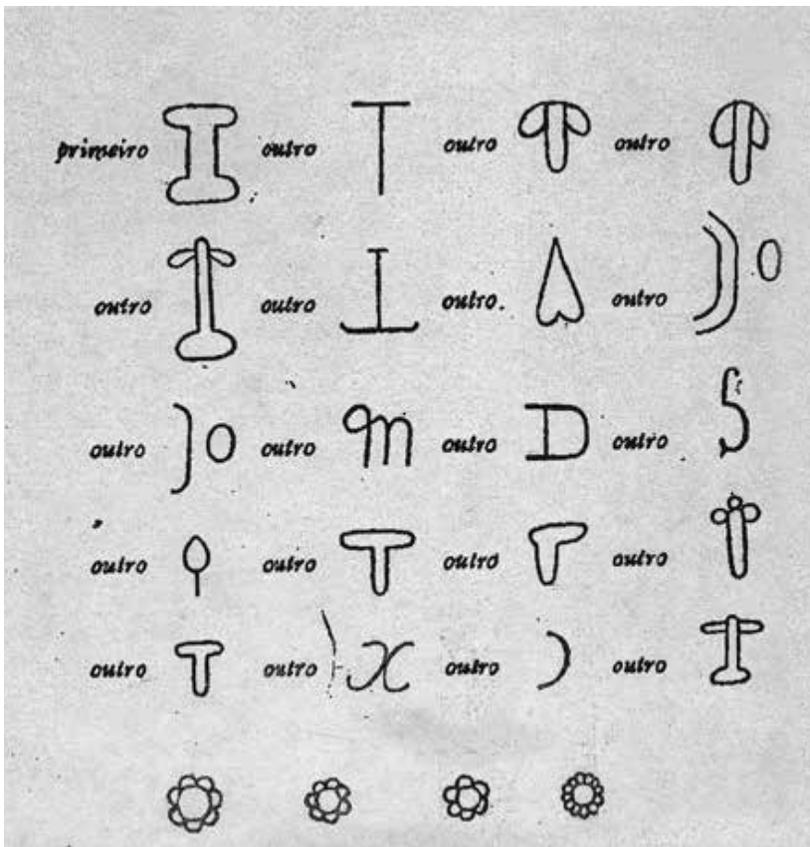
ALVIANO

Pois não me encubrais o que vos disse esse homem haver achado nessa serra.

## BRANDÔNIO

Relatou-me por cousa verdadeira que, andando Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mor que foi da dita capitania pela mesma serra, fazendo guerra ao gentio potiguar, aos 29 dias do mês de dezembro do ano de 1598, se achara junto a um rio chamado Arasoagipe, que, por ir então seco, demonstrava somente alguns poços de água, que o calor do verão não tinha ainda gastado, e que alguns soldados, que foram por ele abaixo, toparam nas suas fraldas com uma cova, da banda do poente, composta de três pedras, que estavam conjuntas umas com outras, capaz de se poderem recolher dentro quinze homens; a qual cova tinha de alto, para a banda do nascente, de sete a oito palmos, e da banda do poente, treze até quatorze palmos; e ali por toda a redondeza que fazia na face da pedra, se achavam umas molduras, que demonstravam na sua composição serem feitas artificialmente (20). Primeiramente a banda do poente desta cova, na face mais alta dela, estavam cinqüenta moças todas conjuntas, que tomavam princípio debaixo para cima de um tamanho, que semelhavam, no modo com que estavam arrumadas, o em que se pinta por retablos o rosário de Nossa Senhora; e no cabo destas moças se formava uma moldura de rosa desta maneira: e é de advertir que os mais dos caracteres, que se demonstravam nesta cova, se arrumavam da banda do poente, aonde da parte direita das cinqüenta moças, em um cotovelo que a pedra fazia, se demonstravam outras trinta e seis moças, como as demais; das quais nove delas corriam do comprido para cima, e as outras tomavam através contra a mão esquerda, em cima delas todas estava outra rosa, como a primeira que tenho pintada: e logo, um pouco mais abaixo, estava outra semelhante rosa, e junto dela um sinal que parecia caveira de defunto, e logo, contra a mão esquerda, se formavam doze moças semelhantes às demais e no alto delas, que era conjunto as cinqüenta primeiras, pareciam uns sinais ao modo de caveiras, e da banda direita do cotovelo estava uma cruz e logo, para a banda esquerda, na face da pedra, se demonstravam, em seis partes, cinqüenta moças. Em uma das partes estava uma rosa mal clara, porque parecia estar gastada do tempo, e logo adiante estavam outras nove moças semelhantes às primeiras, e, por toda a redondeza da cova se viam pintadas outras seis rosas, e na pedra, que se assentava em meio das duas estavam vinte e cinco sinais ou caracteres que abaixo debuxarei, divididos em três partes, com

mais três rosas que os acompanhavam. O que de tudo era mais de consideração, era o estar entre duas pedras muito grandes, uma que botava a borda sobre as outras arcadamente, com estarem tão juntas, que por nenhuma parte davam lugar, a se poder meter por elas o braço. E na pedra de mais baixo da cova pareciam doze moças da própria maneira das que temos mostrado, e no meio delas se formava um círculo redondo desta qualidade, com mais uma rosa, pintada perfeitamente; e é de notar que todas as rosas eram de uma mesma maneira, exceto uma que tinha doze folhas com a do meio. E pela redondeza desta cova estavam as molduras que tenho dito, ou caracteres que se formavam na maneira seguinte:



Estes caracteres todos nos deram debuxados na forma que aqui vo-lo demonstro.

## ALVIANO

Certamente que imagino, pelo que noto desses sinais que me amostrais, que devem de ser caracteres figurativos de cousas vindouras, que nós não entendemos porque não me posso persuadir que a natureza esculpisse de *per se* esses pontos, rosas e demais cousas, sem intervir a indústria humana. E pois não podemos entender semelhante segredo, deixai-as assim debuxadas para outros melhores entendimentos, e passemos a tratar do mais que há que dizer da Capitania da Paraíba.

## BRANDÔNIO

Governa-se por um capitão-mor que de três em três anos é provido por Sua Majestade, tem na boca da barra uma fortaleza provida de soldados pagos de sua fazenda, com seu capitão. Não está bem fortificada por culpa dos governadores-gerais, que se descuidam de o mandarem fazer. A cidade que está situada pelo rio acima ao longo dele, posto que pequena, todavia é povoada de muitas casas, todas de pedra e cal; e já nobrecida de três religiões que nela assistem, com seus conventos, a saber: o da ordem do patriarca São Bento, e os religiosos de Nossa Senhora do Carmo, com os do Seráfico Padre São Francisco, da província capucha de Santo Antônio, que tem um convento suntuoso, o melhor dos daquela ordem de todo o Estado do Brasil; no espiritual é esta Capitania da Paraíba cabeça das demais, da parte do Norte, de Pernambuco adiante; porquanto se intitula o prelado Administrador da Paraíba. É capaz a capitania de lançar de si todos os anos vinte naus carregadas de açúcares (21): parte, pera a banda do sul, com a Capitania de Tamaracá.

## ALVIANO

Pois dissei-me dela.

## BRANDÔNIO

Está situada a Capitania de Tamaracá em altura de oito graus, da banda do sul da Linha Equinocial, dela é hoje senhor, por Sua Majestade, o Conde de Monsanto (22): tem a povoação em uma ilha conjunta ao seu

porto e barra chamada Tamaracá, da qual toma o nome toda a capitania, que contém em si muito boas terras, pelas quais há engenhos de fazer açúcares, que pagam pensão ao senhorio, o que não fazem os moradores que são das capitanias de Sua Majestade; porque estas pensões lhe importam muito, juntamente com a redízima, que se lhe deve por suas doações, de todo rendimento que a fazenda de Sua Majestade colhe dela. No antigo teve cinqüenta léguas de costa, nas quais entrava o distrito da Paraíba, de que Sua Majestade a desmembrou, por haver povoado à sua custa: parte com a Capitania de Pernambuco, entre as quais estão metidos marcos, que dividem as suas terras.

ALVIANO

Passemo-nos à Capitania de Pernambuco, porque desejo sumamente ouvir tratar dela em particular, pela muita fama que tem adquirido no mundo de grande, rica e abundante de tudo.

BRANDÔNIO

Essa capitania é tal que se antecipa a sua riqueza e abundância à fama que dela dão os que a viram pelo olho: é de senhorio, porque de presente é capitão e governador dela, por Sua Majestade, Duarte de Albuquerque Coelho, a quem importam as pensões, redízima e outros direitos que dela colhe, em cada ano, ao redor de vinte mil cruzados, importando os seus dízimos, alfândega, pau do Brasil, no estado em que está hoje, à fazenda de Sua Majestade perto de cem mil cruzados; isto afora os açúcares que se navegam e entram nas alfândegas do Reino, onde pagam os dízimos devidos nelas. Está situada em oito graus e dois terços da parte do sul da Linha Equinocial. Chama-se a principal vila do seu distrito, onde concorre e se ajunta todo o comércio, Olinda, nome que lhe deram seus primeiros povoadores, depois que descobriram de um alto, onde está situada, a formosa vista que campeia, a qual pela exagerarem por tal disseram Olinda (23). Está esta vila situada em uma enseada, da qual saem duas pontas ao mar; de uma delas se forma o cabo tão conhecido no mundo por Santo Agostinho, e a outra se chama a ponta de Jesus, por nele estar situado um formoso templo dos padres da companhia, chamado do mesmo nome. Contém em si toda a

capitania cinqüenta léguas de costa, que toma princípio de onde parte com a ilha de Tamaracá até o rio São Francisco; e dentro nelas há infinitos engenhos de fazer açúcares, muitas lavouras de mantimentos de toda a sorte, criações sem conto de gado vacum, cabras, ovelhas, porcos, muitas aves de bolateria e outras domésticas, diversos gêneros de frutas, tudo em tanta cópia que causa maravilha a quem o contempla e com curiosidade o nota. Dentro da Vila de Olinda habitam inumeráveis mercadores com suas lojas abertas, colmadas de mercadorias de muito preço, de toda a sorte, em tanta quantidade que semelha uma Lisboa pequena. A barra do seu porto é excellentíssima, guardada de duas fortalezas bem providas de artilharia e soldados, que as defendem; os navios estão surtos da banda de dentro, seguríssimos de qualquer tempo que se levante, posto que muito furioso porque tem para sua defesa grandíssimos arrecifes, onde o mar quebra. Sempre se acham nele ancorados, em qualquer tempo do ano, mais de trinta navios; porque lança de si, em cada ano, passante de cento e vinte carregados de açúcares, pau do Brasil e algodões. A vila é assaz grande, povoada de muitos e bons edifícios e famosos templos, porque nela há o dos padres da Companhia de Jesus, o dos padres de São Francisco da ordem capucha da província de Santo Antônio, o mosteiro dos carmelitas, e o mosteiro de São Bento com religiosos da mesma ordem; em todos esses mosteiros assistem padres de muita doutrina, letras e virtudes. De pouco tempo a esta parte a dividiu Sua Santidade, com mais as capitânicas de Tamaracá, Paraíba e Rio Grande, do bispado da Bahia de Todos os Santos criando nelas novamente por administrador Antônio Teixeira Cabral, prelado mui consumado nas letras e virtudes, com título de administrador da Paraíba (24). Acha-se mais na vila um recolhimento para mulheres nobres com nome de mosteiro de freiras, posto que até o presente vivem sem regra (25). É capaz toda a Capitania de Pernambuco de pôr em campo seis mil homens armados com oitocentos de cavalo; porque toda a gente nobre são por extremo bons cavaleiros, e, por se prezarem muito disso, costumam a ter seus cavalos bem ajaezados e paramentados. Os padres da Companhia têm escolas públicas, onde ensinam a ler e escrever e latinidade e pelos mais mosteiros se lêem as artes e teologia, donde saem consumados teólogos. Pela terra adentro posto que seus moradores se não alarguem muito pelo sertão, há muitas cousas que notar per grandes, assim de rios caudalossíssimos, árvores de suma grandeza, alagoas

e outras cousas; e a mim me lembra no ano de 1591, vindo de seguir uns inimigos potiguares em cujo alcance fui com a gente armada, por haverem dado um assalto na mata do Brasil, onde mataram alguns homens brancos, encontrar com uma cova, a que o gentio da terra dava o nome de *camuci*, muito digna de consideração.

ALVIANO

Pois dissei-me o que vistes nessa cova.

BRANDÔNIO

Cheguei a par dela de noite, onde me aposentei com a gente que me seguia, por me convidar a fazê-lo um rio, que por ali corria de frigidíssima água; depois de estarmos aposentados, mostraram os índios grandíssimo pavor de se avizinharem à boca da cova, e crescendo de cada vez mais este receio, o qual passava ainda nos mamelucos filhos de brancos, dizendo que indubitavelmente morreria logo todo aquele que ousasse entrar pela cova adentro, e tão arraigado estava este temor neles que fui não poderoso a lho tirar, com lhes pedir que não arreceassem de chegar à cova porque lhes afirmava que era graça e disparate mui grande o cuidarem que os poderia matar; o que vendo que aproveitava pouco com todos eles, desejei ver a causa de tanto receio, e querendo pôr em efeito este desejo, com dois soldados que me quiseram acompanhar, levando outros tantos brandões acesos, entrei pela boca da cova, achando grande resistência nos morcegos de que estava povoada, que, espantados da claridade, vinham saindo para fora, com nos darem grandes porradas no encontro que conosco faziam; contudo passamos adiante, caminhando pela cova adentro, que se alargava em algumas partes, e em outras se tornava a estreitar, até que topamos com um pequeno ribeiro, que por debaixo corria de frigidíssima água, o qual passado, se alargava mais a cova, fazendo recôncavo; pelo qual (oh! cousa estranha!) estavam arrumados inumeráveis alguidares, que por serem muitos, me não arremesso a querer-lhes sinalar número, que cada um deles tinha em si a ossada de um defunto inteira com a caveira em cima porque parece haver servido aquela cova de mortuário do gentio; e do que mais me maravilhei foi afirmarem-me os índios, posto que eu não o experimentei, que muitas pessoas brancas haviam já entrado naquela cova, e que,

quebrando alguns alguidares daqueles, e tornando a entrar outro dia, nela os achavam inteiros e sãos e com a ossada dentro.

ALVIANO

Isto tenho eu por fábula, posto que o modo da cova me parece estranho, e folgara de saber se pelos seus arredores se demonstravam alguns vestígios de povoações que por ali houvesse havido, antigos; porque então creríamos haver-se trazido delas essas ossadas a sepultar naquele lugar por esse modo; mas não os havendo, parece grande curiosidade trazerem-se de longe para efeito de os meterem ali dentro.

BRANDÔNIO

Ao redor da cova não havia senão grandes matas, que, no modo de sua composição e grandeza, davam indício de serem criadas logo depois do dilúvio universal.

ALVIANO

Assaz de grandezas me tendes relatado dessa capitania de Pernambuco, das quais não me espanto, pelo muito que já a vi engrandecer; e, para que levemos a conta enfiada, dissei-me que povoação lhe fica mais vizinha para parte do sul?

BRANDÔNIO

Segue-se logo a povoação e fortaleza de Sergipe d'el-Rei, situada em 11 graus, cousa pequena, e só abundante de gado, que naquela parte se cria em grande cópia. É capitania de Sua Majestade, onde tem uma fortaleza e capitão com soldados, que defendem o porto dos piratas, vedando-lhes o fazer suas aguadas e prover-se do necessário como costumavam fazer antes de ali haver fortaleza vizinha com a capitania da Bahia, cabeça de todo este Estado do Brasil.

ALVIANO

Pois dissei-me das grandezas dessa capitania, que não devem ser pequenas, pois a fez Sua Majestade cabeça de um Estado tão grande.

BRANDÔNIO

A capitania da Bahia está situada em 13 graus da banda do sul da Linha Equinocial.

É de Sua Majestade, e como tal cabeça do Estado do Brasil, por ser sede onde reside o governador-geral; porque ali lhe manda Sua Majestade ter o seu assento, posto que, de poucos anos a esta parte, se há defraudado este mandato em grande maneira; porque se contentam mais os governadores de assistirem na capitania de Pernambuco, ou seja, por tirarem dela mais proveito ou por estarem mais perto do Reino que disso não saberei dar a causa certa (26). Também é a Bahia sede da cadeira episcopal, onde assiste o bispo na sua sé, com cônegos, clerisia e mais dignidades, pagados todos da fazenda de Sua Majestade do rendimento dos dízimos; e da mesma maneira assiste na cidade, que toma o nome de Bahia de Todos os Santos, a Relação, com muitos desembargadores, chanceler-mor, juiz dos feitos d'el-Rei e da fazenda, com seu provedor-mor, e provedor-mor dos defuntos, os quais determinam e decidem as causas de todo o Estado do Brasil, com alçada em bens móveis até 3.000 cruzados porque passando da dita conta dão apelação para a Relação da cidade de Lisboa. Todos estes desembargadores e mais oficiais da casa são pagos de seus salários da fazenda de Sua Majestade.

ALVIANO

Tenho ouvido a muitos homens experimentados nas cousas do Brasil que essa Relação, que assiste na cidade da Bahia, dá mais perda ao Estado do que causa proveito a seus moradores.

BRANDÔNIO

Verdade é que a Relação da Bahia se pudera muito bem escusar, e dessa opinião fui eu sempre, e assim o signifiquei por muitas vezes ao Bispo de Coimbra, D. Afonso de Castelbranco, sendo governador de Portugal; porque, além de fazer essa casa muita despesa à fazenda de Sua Majestade, podendo reservar o dinheiro que com ela gasta para outras cousas úteis para seu serviço, ela não corresponde com aquele efeito que se imaginou fizesse com a sua assistência no Brasil; e o engano nasceu de que, como

os moradores de todo este Estado se achavam molestados e agravados das insolências de que usavam os ouvidores-gerais, que antes da casa tinham a administração da Justiça em sua mão, por se livrarem de tão pesada carga, recorreram a Sua Majestade, pedindo-lhe que lhes mandasse uma casa de Relação ao Brasil que assentasse na Bahia de Todos os Santos, na forma que estava assentada no Estado da Índia, na cidade de Goa; no que se enganaram porque puderam reduzir a Justiça em melhor forma. E pelo não considerarem então bem, se acham agora envoltos no dano presente (27).

## ALVIANO

Folgara de saber qual é o dano que causa a relação que assiste na Bahia aos moradores do Estado; porque creio que, se Sua Majestade entendera que não lhes era de proveito, escusara de despender tanto dinheiro, como despende em sustentá-la.

## BRANDÔNIO

O dano é este; todos os moradores deste Estado como nas capitâneas onde moram são aliados uns com outros por parentesco ou amizade, nunca levam seus preitos tanto ao cabo, que lhes seja necessário concorrerem por fim com a apelação deles à Relação da Bahia; porque, antes disso, se metem amigos e parentes de permeio, que os compõem, e concertam; de maneira que põem fim às suas causas, e daqui nascem ir poucas por apelação à Bahia, e essas que vão lhes fora de mais utilidade a todos os moradores do Brasil seguirem-nas para o Reino. Porque a mim me aconteceu já (não uma, senão muitas vezes) mandar alguns papéis a despachar à Bahia, e no mesmo tempo que os mandava para lá, mandar outros semelhantes para o Reino, e virem-me os do Reino muito antecipados da Bahia; porque, como toda essa costa se navega por monções, sucede encontrar-se com alguma contrária, o que dilata muito o despacho dos negócios. Demais que não há nenhum morador em todo este Estado, tão desamparado, que não tenha no Reino algum parente ou amigo, a quem possa mandar seus papéis dirigidos por apelação, e mandando juntamente com eles um caixão de açúcar, basta para a sua despesa; o que não acontece na Bahia, porque nem todos têm lá parentes ou conhecidos, e, em falta dos tais, lhes fica sendo forçoso haverem de seguir pessoalmente suas causas com muita despesa que fazem

na jornada, sendo-lhes necessário levarem para isso dinheiro de contado, que custa muito a ajuntar-se no Brasil, o que não sucede, como tenho dito, nos papéis que se mandam ao Reino, porque basta encomendarem-se a parentes ou amigos e para sua despesa um caixão de açúcar; pelo que tenho considerado que devera Sua Majestade (neste negócio da Justiça) tomar outro meio mais útil, e que redundará em comum benefício do Estado.

ALVIANO

E que meio é esse que poderá Sua Majestade tomar?

BRANDÔNIO

Tirando e extinguindo de toda a Casa da Relação da Bahia, podia em seu lugar criar no Estado três corregedores com título de comarca, da maneira que os há no Reino, e com a mesma alçada; e quando se lhes acrescentasse mais alguma quantidade, não o teria por desacertado. Destes corregedores havia de mandar que assistisse um na Paraíba, por ser cidade real, o qual conhecesse, por apelação e agravo, de todos os feitos que viessem a ele dante os juízes e ouvidores da Capitania de Pernambuco e seus distritos, e da Capitania da Tamaracá, e da mesma Capitania da Paraíba, e da Capitania do Rio Grande e das povoações do Maranhão e Pará, enquanto Sua Majestade não dá outra ordem no seu governo. O outro corregedor dos três havia de assistir na cidade da Bahia de Todos os Santos, conhecendo, por apelação e agravo, dos feitos que a ele viessem dante os juízes e ouvidores de Sergipe d'el-Rei, da mesma Bahia e das Capitânicas de Boipeva, Ilhéus e Porto Seguro com seus contornos. O terceiro corregedor da comarca havia de assistir no Rio de Janeiro, e tomar da mesma maneira conhecimento, por apelação e agravo, de todas as causas que a ele viessem dante os juízes e ouvidores da Capitania do Espírito Santo, do mesmo Rio de Janeiro e Capitania de São Vicente, vila de São Paulo e seus contornos. E dos tais corregedores havia de haver apelação e agravo nas contas que não coubessem em sua alçada para a Relação da cidade de Lisboa, com terem expresso regimento que cada um deles, nas capitânicas de seu distrito, não pudessem entrar mais que por correição, que nela gastaria somente trinta dias, e passante eles não seriam obedecidos, por se atalhar com isto a

muitos inconvenientes que se seguiriam do contrário, ficando remediadas grandes opressões que os moradores deste Estado de presente padecem.

ALVIANO

Folgarei que me digais quais são essas opressões.

BRANDÔNIO

São muitas e grandes. Por qualquer negócio, posto que leve, em que uma pessoa é prenunciada pela Justiça à prisão, lhe é necessário concorrer à Bahia por carta de seguro; porque se lhe não pode passar senão lá, o que lhe custa muito enfadamento, tempo e despesa, com o, no entretanto, haver de andar homiziado. De mais que de qualquer incidente que se agrave do julgador convém seguir-se o agravo à Bahia, com muito descômodo e despesa da parte agravante, e enquanto demora em ir e tornar, que é muito tempo, o julgador vai correndo com a causa por diante, em muito prejuízo dos litigantes, o que não sucedera quando tivessem o corregedor da comarca vizinha; porque, pela vizinhança das capitâneas de seu distrito, podia-se concorrer a ele com muita brevidade e pouca despesa. Mas não sei no que nos havemos metido desviando-nos de nossa prática, pois tratamos de cousas que não estão em nossa mão o remediá-las.

ALVIANO

Não vos pese de as haver tratado, porque pode suceder que esta nossa prática passe ainda à mão de pessoa que a possa manifestar aos senhores do conselho de Sua Majestade, para que lhe dêem o remédio conveniente.

BRANDÔNIO

Queira Deus que assim seja. E assim deixando esta matéria de parte, me passo a tratar das demais grandezas da Bahia de Todos os Santos, da qual o porto e barra é uma obra grandíssima, capaz de recolher dentro em si inumeráveis naus, posto que de muito porte, e por ser cousa tão grande se recolhem dentro muitas baleias nas quais fazem biscainhos, que para o efeito ali residem, grande matança para haverem de tirar delas azeite,

que lavram em quantidade, onde se leva para as demais capitâneas de Estado a vender (28). O seu recôncavo é assaz largo, no qual há muitas ilhas e rios, que nela desembocam entre enseadas e esteiros, pela borda dos quais, ao redor deste grande recôncavo, estão muitos engenhos de fazer açúcares, os quais se servem de grandes barcas para o carreto da cana e lenha, por terem os demais destes engenhos ou quase todos a serventia por mar, por lhe ficar assim mais facilitada para o meneio do açúcar. A cidade está situada em um alto medianamente grande, guardada de três fortalezas postas em sítios acomodados para sua defesa; tem a sua sé com dignidades, clerezia e cônegos, onde reside o bispo, com mais quatro mosteiros de religiosos, a saber: o dos padres da Companhia de Jesus e os da ordem de São Bento, os carmelitas e os capuchos da província de Santo Antônio. Importa o rendimento dos dízimos ao redor de sessenta mil cruzados em cada um ano; é povoada de gente nobre e rica; tem o princípio seu distrito do rio de São Francisco, e chega até à Capitania de Ilhéus.

ALVIANO

Passemo-nos a tratar das demais capitâneas e povoações.

BRANDÔNIO

Adiante da Capitania da Bahia, a primeira povoação, que está nas fraldas do mar, é Boipeva. É de pequeno comércio; é de senhorio; por quanto esta povoação com os Ilhéus é de Francisco de Sá de Meneses, senhorio de ambas por Sua Majestade.

ALVIANO

Pois dissei-me dos Ilhéus.

BRANDÔNIO

A capitania dos Ilhéus está situada em 13 graus da parte do sul da Linha Equinocial; é de presente cousa pouca e pequeno rendimento, posto que a terra do seu distrito é fertilíssima, capaz de se poder nela fazer muitos engenhos de açúcar, o que impede haver efeito as muitas correrias que nela faz o gentio chamado aimoré com dano notável dos moradores; e

dela se tem esperança haver de dar muito de si para adiante, pelo seu bom sítio e qualidade do seu terreno.

ALVIANO

Assim o ouvi já dizer e afirmar a muitas pessoas que me gavaram muito a fertilidade de suas terras. E, pois, não há mais que dizer desta capitania, passemos-nos à de Porto Seguro, que está conjunta.

BRANDÔNIO

Essa Capitania de Porto Seguro está situada em 16 graus e meio da banda do sul. É do Duque de Aveiro, que dela é senhor por Sua Majestade (29); tem poucos engenhos de fazer açúcares, e por esse respeito colhe Sua Majestade pequeno rendimento nos dízimos dela, e pelo conseguinte o senhorio nas suas redízimas e pensões, porque o mesmo gentio aimoré, que disse, molestava a Capitania dos Ilhéus, faz de ordinário também grande dano nesta; e por isso não vai no crescimento que poderá ir por ter boníssimas terras e capacíssimo sítio para tudo. Acaba os seus limites para a parte da Capitania do Espírito Santo.

ALVIANO

Pois dissei-me desta capitania.

BRANDÔNIO

A Capitania do Espírito Santo está situada em 20 graus da banda do sul da Equinocial. É de senhorio, e de presente se intitula capitão dela, por Sua Majestade, Francisco de Aguiar Coutinho (30); contém em si alguns engenhos de fazer açúcares; é terra larga e abundante de mantimentos, e de muito bálsamo, de que seus moradores se aproveitam, lavrando com ele contas e outros brincos que mandam para a Espanha, onde são estimados por serem cheirosos.

Desta capitania foi Marcos de Azeredo ao descobrimento das minas de esmeraldas, que havia fama haver no sertão; em efeito chegou a elas, e trouxe grande cópia de pedras que no princípio se tiveram por per-

feitas, mas depois se acharam faltas de muitas qualidades que deviam ter para serem verdadeiras esmeraldas.

ALVIANO

Foi pouco venturoso esse descobridor em perderem essas pedras a primeira estimação, porque sem isso ficaram sendo para ele tesouro. E assim passemos avante, correndo pela demais costa, porque já sei que tem também essa Capitania do Espírito Santo mosteiros de religiosos que a enobrecem.

BRANDÔNIO

Adiante da Capitania do Espírito Santo, para parte do sul, está a do Rio de Janeiro, nome que lhe foi posto por se descobrir noutro tal dia, a qual está situada em 23 graus. É de Sua Majestade, onde tem uma galharda fortaleza bem abastecida de artilharia, munições e soldados e um capitão posto por ele de três em três anos; tem uma cidade, posto que pequena, bem situada, a qual é de presente de grande comércio; porque vêm a ela muitas embarcações do rio da Prata, que trazem riqueza muita em patacas, que comutam por fazenda, que ali compram; donde tornam a fazer viagem para o mesmo rio. Também neste Rio de Janeiro tomam porto as naus que navegam do Reino para Angola, onde carregam de farinha da terra, de que abunda toda esta capitania em grande quantidade, e dali a levam para Angola, onde se vende por subido preço. Tem alguns engenhos em que se lavram açúcares, e estes anos passados foi cabeça de governo e sede do governador: porquanto apartou Sua Majestade governando o Brasil D. Diogo de Meneses, três capitánias, a saber: a do Espírito Santo, e esta do Rio de Janeiro e a de São Vicente, e as incorporou em um novo governo, de que fez governador D. Francisco de Sousa, a título de descobrir as minas de ouro de São Vicente, de que vinha feito marquês, quando se conseguisse perfeito descobrimento delas (31). E com sua morte se atalharam estas esperanças, que não eram pequenas. Assiste mais na dita capitania, para o tocante ao espiritual, um administrador; que tem à sua conta a administração da mesma capitania e da do Espírito Santo e de São Vicente, isento da jurisdição do bispo; o qual somente por apelação pode conhecer das

cousas que ante ele se tratam. Tem mosteiros de religiosos, como as demais capitâneas que as enobrecem grandemente.

ALVIANO

Fico já bem inteirado das cousas dessa Capitania do Rio de Janeiro pelo que delas tendes referido, e assim podemos passar a tratar da de São Vicente, que cuido, que é a que lhe está mais conjunta.

BRANDÔNIO

A Capitania de São Vicente é a última das que temos povoado nesta grande costa do Brasil. Está situada em 24 graus da parte do sul do Equinocial; é senhorio, e dela foi capitão e governador, por doação régia, Lopo de Sousa, e por sua morte lhe sucedeu D. Francisco de Faro (32). Tem duas vilas, uma que está situada ao longo do porto, que toma o nome de São Vicente, e outra mais para o sertão, chamada de São Paulo; e lavram-se nesta capitania poucos açúcares, mas é muito abundante de carnes e de muitas frutas de nossa Espanha, que se produzem nela com facilidade, principalmente marmelos de que se fazem muitas marmeladas, que dali se levam para todo o Estado do Brasil (33); e agora com as minas de ouro, que nela se descobriram, se vai aumentando, e houveram já de estar muito, se os seus moradores ou os nossos portugueses fossem mais curiosos de lavrarem minas do que são; porque eu vi grão de ouro, tirado de suas minas, como a natureza o criou, que tinha de peso sete mil réis.

ALVIANO

Não deve ser pobre a mina que tão grande grão cria em si com ser de lavagem, como essas o são; e passando isso assim, não sei que razão haja para se não fazer muito cabedal delas.

BRANDÔNIO

A pobreza dos moradores, que habitam no distrito da capitania, sem se ajuntar também a isso pouco indústria, é causa de se não colher de suas minas muito ouro. E os que as poderão lavar, com levarem à dita capitania fábrica de escravos e mais cousas para o efeito necessárias, o não

querem fazer. E por este respeito estão essas minas quase desertas; posto que tenho para mim que também deve de ser causa disso haver-se começado a lavrar por onde se houveram de acabar, porque o primeiro que se devia de fazer, antes de se bulir nelas, depois de estarem certos que eram de proveitos, houvera de ser plantarem-se muitos mantimentos ao redor do sítio onde elas estão, e como os houvesse em abundância, tratar-se da lavoura das minas; mas isto se fez pelo contrário, porque sem terem mantimentos, entenderam em tirar o ouro, e como as minas estão muito pelo sertão, os que vão levam de carroto o mantimento necessário, e como se lhes acaba, tornam-se, e deixam a lavoura, que tinham começada. E esta cuidoo que é a verdadeira causa de darem as ditas minas pouco de si.

ALVIANO

Pois eu tenho para mim que para o diante hão de vir a ser essas minas de muita importância. E, pois temos chegado à ultima capitania da parte do sul, das que estão povoadas de portugueses, dizei-me quanto espaço há de costa por todas estas povoações de que haveis tratado?

BRANDÔNIO

Desde o Pará ou rio das Amazonas, que está situado na Linha Equinocial, até a capitania de São Vicente, há de costa quase setecentas léguas, e de norte a sul, contado por rumo direito, quatrocentas e vinte léguas; terra bastantíssima para se poder situar nela grandes reinos e impérios. A costa corre por algumas partes do norte a sul, por outras de noroeste-sueste e de leste-oeste; e o que mais espanta é ver que toda esta grande costa, assim no sertão como nas fraldas do mar, tem excelentíssimo céu e goza de muito bons ares, sendo muito sadia e disposta para a conservação da natureza humana.

ALVIANO

Isso entendo eu pelo contrário; porque, se os antigos não se enganaram, é zona que foi julgada por inabitável por muito quente; e por este respeito os moradores da costa de Guiné e da mais costa oposta a esta do Brasil gozam de ruins ares, que causam muitas doenças nelas. E se isto

é verdade, não vejo causa por onde os que habitam o Brasil, estando no mesmo paralelo e debaixo do mesmo zênite, possam gozar de bons ares e céus, faltando tudo isto à outra que lhe corresponde.

BRANDÔNIO

Isto vai já sendo tarde, e a dúvida que agora me move é dificultosa de soltar, pelo que me parecia acertada que reservássemos a sua prática para o dia de amanhã, que neste mesmo lugar vós esperarei para tratar dessa matéria, que não deve de ser pouco curiosa.

ALVIANO

Assim seja, e eu terei cuidado de acudir a tempo.

.....

## *Notas do Diálogo primeiro*

### NOTA (1)

Brandônio refere-se à mangabeira, árvore da família das Bombáceas (*Bombax monguba*, Mart. et Zucc.). A lanugem cinzento-amarelada, sedosa e hidrófuga, que envolve as sementes, é excelente material para enchimento de almofadas, travesseiros e colchões, estofagem de mobílias e fábrica de feltro, sobretudo para chapéus leves.

A árvore tem outras utilidades notáveis: madeira para canoas cochos, bóias, molduras e pasta para papel; a casca, macerada dentro d'água, fornece líber abundante para cordoaria e estopa. Há outras espécies da mesma família, chamadas paineiras e barrigudas, além da gigantesca sumáuma do vale amazônico.

### NOTA (2)

O que se diz da esmeralda era cousa corrente entre os antigos. Abona-o Garcia de Resende, *Crônica que trata da vida, e grandíssimas virtudes... do cristianíssimo Dom João segundo deste nome*, etc., fl. 1, Lisboa, 1607:

“E estando el-Rei em Almeirim, vindo um dia da caça, foi de caminho à casa da rainha, e teve com ela ajuntamento: a rainha tinha em um anel uma esmeralda de muito preço, que muito estimava, a qual por esquecimento não tirou do dedo, e se lhe quebrou em pedaços. E quando assim a viu pesando-lhe muito disse a el-Rei: Senhor, a minha esmeralda com que tanto folgava é quebrada.” Ao diamante se atribuía a propriedade de fazer conhecida a fidelidade ou infidelidade da mulher casada e também o dom de harmonizar esposos desavindos, aonde lhe chamarem a pedra da reconciliação *reconciliationis gemma*, o que, de certo modo, ainda hoje se pode considerar verdadeiro.

– Conf. Garcia da Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, II, pp. 207, Lisboa, 1892.

NOTA (3)

Da entrada de Marcos de Azeredo à serra das esmeraldas dá conta Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, pp. 27, São Paulo – Rio, 1918:

“De cristal sabemos em certo haver uma serra na capitania do Espírito Santo, em que estão metidas muitas esmeraldas, de que Marcos Azeredo levou as mostras a el-Rei e, feito exame por seu mandado, disseram os lapidários que aquelas eram de superfície e estavam tostadas do sol, mas que, se cavassem fundo, as achariam claras e finíssimas. Pelo que el-Rei lhe fez merecer do hábito de Cristo e de dois mil cruzados para que tornasse a elas, os quais se não deram e o homem era velho e morreu sem haver mais até agora quem lá tornasse.”

A era dessa entrada não pode ser determinada com precisão. Uma carta de Anchieta, datada da Bahia, 10 de dezembro de 1592, ao Capitão Miguel de Azeredo, morador na capitania do Espírito Santo, *Anais da Biblioteca Nacional*, XIX, pp. 67-70, faz certo que Marcos de Azeredo residia então na capitania e pretendia um ofício de justiça, conseguido por intervenção do jesuíta. Na ocasião parece que havia certos impedimentos, como da mesma carta se infere, para as entradas ao sertão, porque se esperavam os ingleses isto é, os corsários que Thomas Cavendish capitaneava, os quais pouco antes, na Vitória, haviam sido repelidos com grandes perdas.

Gaspar de Sousa, escrevendo ao rei em 20 de agosto de 1614, Barão de Studart, *Documentos para a História do Brasil*, I, pp. 107, Fortaleza 1904, diz que Marcos de Azeredo o apertava pelos quatro mil cruzados que por sua previsão lhe mandara dar para o descobrimento das esmeraldas, com cento e quarenta mil réis de salário ao oficial que se havia de ocupar nesse ministério, dinheiro que o governador não sabia de onde havia de sair. Portanto, entre os dois termos extremos – 1592 e 1614 – deve ter sido efetuada a expedição, conforme conclui J. P. Calógeras, *As Minas do Brasil*, I, pp. 394, Rio, 1904.

– Conf. Aires do Casal, *Corografia Brasileira*, I. pp. 357, Rio, 1817; Francisco Lobo Leite Pereira, “Em busca das esmeraldas”, *Revista do Arquivo Público Mineiro*, II, pp. 519-527.

NOTA (4)

D. Diogo de Meneses, queixando-se da separação das capitâneas do Sul e da nomeação de D. Francisco de Sousa para superintendente das minas, escrevia ao rei em carta da Bahia, 22 de abril de 1609, Anais da Biblioteca Nacional, LVII, ps. 54. “... creia-me V. Majestade que as, verdadeiras minas do Brasil são açúcar e pau brasil, de que V. Majestade tem tanto proveito sem lhe custar de sua fazenda um só vintem.”

NOTA (5)

Da Ilha de Vera Cruz datam Pero Vaz de Caminha e mestre João, em 1º de maio de 1500, suas cartas a D. Manuel, documentos iniciais da História do Brasil. O qualificativo pouco durou, logo substituído oficialmente pelo de Santa na carta ao rei Fernando de Castela, de 29 de junho de 1501, e no alvará de lembrança, passado a 24 de janeiro de 1504, em favor de Fernão de Loronha, cavaleiro da casa real, doando-lhe “a nossa ilha de São João, que ora novamente achou e descobriu cinquenta léguas ao mar da nossa terra da Santa Cruz”.

O nome nenhuma relação tem, como muitos crêem, com a festa da Invenção da Cruz, que a Igreja celebra a 3 de maio, desde que, dois dias antes, já era dado à nova terra pelo escrivão e pelo físico, que viajavam na frota descobridora. A 1º de maio Pedro Álvares Cabral manda arvorar uma cruz na praia, mas esse uso era corrente e datava do tempo do infante D. Henrique.

De qualquer modo, tudo indica que o nome fosse posto desde o dia da chegada e que o tivesse inspirado ao Capitão-mor a cruz da Ordem de Cristo, que trazia na bandeira entregue por D. Manuel, conforme lúcida hipótese de Capistrano de Abreu, *História Geral do Brasil*, Varnhagen, I, pp. 76, nota 22, da 4ª edição.

A mudança para Terra do Brasil e para Brasil afinal, é estudo a fazer na literatura e na cartografia quinhentistas, com desenvolvimento incomportável nestas notas.

João de Barros, *Décadas de Ásia*, déc. I, liv. V, cap.II, atribui essa mudança a artes do Demônio, que “tanto que daquela terra começou de vir o pau vermelho chamado brasil, trabalhou que este nome ficasse na boca do povo e que se perdesse o de Santa Cruz: Como que importava mais o nome de um pau que tinge panos, que daquele pau que deu tintura a todos os Sacramentos por sangue de Cristo Jesus, que nele foi derramado.”

– Conf. Capistrano de Abreu, *O Descobrimento do Brasil*, pp. 167-171, Rio, 1929.

NOTA (6)

Gabriel Soares de Sousa, no proêmio de seu *Tratado*, escreveu: “Em reparo e acrescentamento estará bem empregado todo o cuidado que Sua Majestade mandar ter deste novo reino; pois está capaz para edificar nele um grande império, o qual com pouca despesa destes reinos se fará tão soberano, que seja um dos estados do mundo.” *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, pp. 13, Rio, 1851.

Ao testemunho de Damião de Góis, *Crônica do sereníssimo Senhor Rei D. Manuel*, parte quarta, ps. 598, Lisboa, 1749, era o rei “muito dado à astrologia judiciária, em tanto que no partir das naus para a Índia ou no tempo que as esperava mandava tirar juízos por um grande astrólogo português, morador em Lisboa, por nome Diogo Mendes Vezinho, natural da Covilhã, de alcunha “o Coxo”, porque o era de leijão e depois deste falecer com Tomás de Torres, seu, físico, homem miuto esperto, assim na astrologia, como em outras ciências”.

NOTA (7)

Era o Forte do Presépio, fundado por Francisco Caldeira de Castelo Branco em janeiro de 1616. Ao tempo em que foram escritos o *Diálogos* (1618), o forte já dispunha da artilharia de um navio holândes,

que Pedro Teixeira, à custa de três feridas, consegue apoderar-se e queimar na Costa de Gurupá. Valeu-lhe a façanha ser promovido a Capitão pela patente régia de 28 de agosto de 1618.

– Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, II, pp. 182, da 3ª ed.

O forte de Caldeira de Castelo Branco era de madeira, depois foi que Bento Maciel Parente, logo chegou ao Pará “... conduxo os indios que labrasse ali V. M uma fuerza de tapias de pylon, com 90 braças de muralla por parte de tierra, de siete palmos de grueso, y 17 de alto, con três baluartes y petriles, todo de hormingon, con sus garitas, planchadas, y reparos, cuerpo de guardia, cestones, alojamientos, portadas de cal y canto, almacenes para municiones, y fuera dela otro almacen de respeto: les hizo labrar tres iglesias, casas de gobierno, y otras muchas para los soldados y moradores...” – *Memorial de Bento Maciel Parente*, impresso sem data, in *Códice Pernambucano*, fls. 26, coleção Castelo Melhor da Biblioteca Nacional, seção de Manuscritos, I-1, 2, 44. Esse importante documento somente foi reimpresso in Varnhagen, *História Geral* citada, II, pp. 267/271.

NOTA (8)

*Peruleiro* – define o *Diccionario de la Real Academia Espanhola*, 5ª edição, s. v; – “persona que ha venido desde el Peru a España, y especialmente la adinerada” – A aceção do texto e de outros documentos lusobrasileiros dos dois primeiros séculos, inculca o português que traficava no Peru e voltava afazendado. De certidão passada por Miguel Gonçalves Vieira, provedor e contador da fazenda de Sua Majestade na capitania de Pernambuco, e Antônio Rocha, escrivão da mesma real fazenda, em Olin-da, 9 de julho de 1602, consta, entre outras providências do Governador Diogo Botelho, à sua chegada à capitania, também que mandou que se não tomasse dinheiro a mercador nem a peruleiros e homens que vinham das Índias e do Peru – *Revista do Instituto Histórico*, LXXIII, parte 1ª p. 47. – Conf. Pedro Calmon, *História do Brasil*, I, pp. 393, São Paulo, 1939.

NOTA (9)

O Capitão Simão Estácio da Silveira, em uma petição datada de Madri, a 15 de junho de 1626, propunha-se a fazer que a prata do Peru,

em vez da descer a Lima e ser transportada por via do Panamá, fosse trazida por um dos rios do Pará, o que se poderia conseguir em quatro meses “por las entrañas de una ancha tierra que por si propia se defende a todos los exércitos del mundo.” Esse documento lê-se na *Revista do Instituto Histórico*, LXXXIII, 91-99.

## NOTA (10)

Brandônio quer referir-se à armada de Luís de Melo da Silva, que partiu de Lisboa em maio ou junho de 1554. Um despacho do embaixador da Espanha em Lisboa dava a essa expedição, antes de sua partida, oito ou nove caravelas e diversas embarcações de menor calado; Gabriel Soares e Frei Vicente do Salvador, duas caravelas, três navios e trezentos e cinqüenta homens, dos quais cinqüenta de cavalo; Lopes Vaz (1587), na coleção Hakluyt, dez velas e oitocentos homens; um mapa espanhol contemporâneo, impresso nas *Cartas de Índias*, Madri, 1877, e reproduzido pelo Barão do Rio Branco, *Atlas bresilien*. n.13, seis navios e seiscentos homens.

Luís de Melo naufragou na entrada do Pará, dia de São Martinho, 11 de novembro do 1554. Só uma caravela, com sua equipagem e seus passageiros, e uma chalupa com dezoito homens, entre os quais o chefe da expedição e o pai de Frei Vicente do Salvador, João Rodrigues Palha, ainda rapaz, conseguiram escapar ao desastre e chegaram à ilha de São Domingos.

– Conf. Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, 19; Hakluyt, *Collection of the early voyages, travels, and discoveries*, IV, pp. 294-295, Londres, 1811; frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, pp. 132-133, cd. 1918; Varnhagen, *História Geral do Brasil*, tomo primeiro pp. 330-331 e 330-342, da 4. ed.; Rio Branco, *Frontières entre le Brasil e la Guyane Française*, 1<sup>a</sup> Memoire, 1, pp. 63-64; e Capistrano de Abreu, *Prolegômenos à História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, p. 79

## NOTA (11)

Dos acontecimentos referidos no texto é documento básico a *Jornada do Maranhão feita por ordem S. Majestade no ano 1614*, escrito pelo sargento-mor Diogo de Campos Moreno, colateral de Jerônimo de

Albuquerque na empresa conquistadora. A *Jornada* saiu primeiro publicada na *Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas*, tomo I, n. IV, Lisboa, 1812, reproduzida por Cândido Mendes de Almeida, *Memória para a Historia do extinto Estado do Maranhão*, tomo II, Rio, 1874, e pelo Barão de Stuart, *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XXI, Fortaleza, 1907.

A armanda partiu de Pernambuco a 23 de agosto de 1614 (não no ano de 1615, como se lê no texto) e foi fundar no Pariá, a 13 de outubro, depois de ter parado no Rio Grande e no Ceará, para tomar o capitão-mor, soldados e índios.

O relatório do capitão Manuel de Sousa d'Eça, presente a todos os acontecimentos que se desenrolaram no Maranhão, *Documentos para a História da Conquista e Colonização da Costa Leste-Oeste*, pp. 123-129. Rio, 1905, supre falhas da *Jornada* e completa dados de Frei Vicente do Salvador, que para escrever o livro V de sua história se valeu de informações prestadas ao licenciado Manuel Severim de Faria por seu irmão Frei Cristóvão de Lisboa, custódio no Maranhão, *Documentos citados*, pp. 249-250.

Brandônio havia de ter conhecido pessoalmente La Ravardière que esteve em Pernambuco em 1616, prisioneiro de Alexandre de Moura.

NOTA (12)

*Peixe-boi* é o mamífero da ordem dos sirênios, família dos manatídeos, da qual existe no Brasil uma só espécie, *Trichechus manatus Natterer* (ex-*Manatus inunguis*). Em Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, 282, o nome indígena é *goaragoá*, melhor *guaraguá*, que se traduz por *guará-guará*, come-come, comilão, ou ainda por *y-guá-ri-guá* morador em enseada, do hábito do cetáceo.

Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, pp. 79-86, Rio, 1925, assim o descreve: “Este peixe é nestas partes real, e estimado sobre todos os demais peixes, e para se comer muito sadio, e de muito bom gosto, ora seja salgado, ora fresco; e mais parece carne de vaca que peixe. Já houve alguns escrúpulos por se comer em dias de peixes: a carne é toda de fibras, como a de vaca, e assim se faz em tassalhos, e cura-se ao fumeiro como porco, ou vacas, e no gosto se coze com couves, ou outras ervas sabe

à vaca, e concertada com adubos sabe a carneiro, e assada parece no cheiro, e gosto, e gordura porco, e também tem toucinho.

## NOTA (13)

D. Diogo do Meneses, em carta ao rei, datada da Bahia, 1º de março de 1612, *Anais da Biblioteca Nacional*, LVII, p. 76, traçando o plano da conquista do Maranhão, aconselha a repartição da costa entre o Rio Grande e aquele ponto “em capitánias e lugares que se possam socorrer uns aos outros, e com isso se ficam conservando, sem os amigos lhe poder fazer nojo nem ter lugar onde parem, e, assim me parece que será serviço de V. Majestade repartisse desde o Rio Grande até o Maranhão e desde o rio Garorau até o Jaguaribe uma Capitania que chegará mais adiante até o rio Vpessom, este se chamará de Jaguaribe, e lhe ficará de termo pela costa setenta léguas pelas fraldas da serra Aquemamume, que corre desviada do mar quatro léguas, com terras e pastos excelentes para todas as povoações e embarcações”.

## NOTA (14)

A ocupação do Rio Grande, à vista das freqüentes incursões dos franceses, tinha sido expressamente recomendada pelo rei ao governador geral e ao capitão-mor de Pernambuco, Manuel Mascaranhas Homem, que havia de obrar com a ajuda do capitão da Paraíba, Feliciano Coelho de Carvalho. Em dezembro de 1597, Mascaranhas partiu de Olinda por terra para a Paraíba, a encontrar-se com Feliciano Coelho; este devia seguir por terra e aquele por mar; mas, ao passar as fronteiras da Paraíba uma peste de bexigas assaltou as forças, obrigando Feliciano Coelho a retroceder, a fim de curá-los. Em princípios de 1598, Mascaranhas chegou com sua esquadra em frente do Rio Grande e desembarcou no pontal do Recife, que fica ilhado, à foz do rio, onde começou a construir o forte chamado dos Reis, talvez porque se principiasse a 6 de janeiro.

Houve hostilidade, e Mascaranhas chegou a ficar em grande aperto de que foi tirado pela chegada de uma urca vinda da metrópole, com artilharia, munições e provimentos. Só em abril foi que se apresentou Feliciano Coelho, com a gente da Paraíba. Acabado o forte, Mascaranhas entregou a Jerônimo de Albuquerque e retirou-se para sua capitania. Al-

buquerque conseguiu dentro de pouco tempo fazer pazes com os índios de todo o distrito, graças ao auxílio que lhe prestaram os principais Ilha-Grande, Potiguaçu, Zorobabé e Pau-Seco.

– Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, II, pp. 52-55, da 3ª ed., com as notas de quem esta escreve.

NOTA (15)

D. Diogo de Meneses em carta para o rei, datada do Recife, 4 de dezembro de 1608, *Anais da Biblioteca Nacional*, LVII, p. 42, escreveu: “... Na carta de 18 de julho me manda V. Majestade que não haja no Rio Grande mais que trinta soldados e quatro bombeiros, um capitão, um sargento, e na Paraíba vinte com os mesmos oficiais; assim o tenho provido e mandado, mas pareceu lembrar a V. Majestade que no que toca a fortaleza do Rio Grande pelo menos que há mister de soldados são cinqüenta, porque está muito distante donde se lhe possa acudir e a povoação que está feita não tem gente e o porto é muito importante e nas praças de milícia ordinário é haver faltas e para haver trinta soldados é necessário haver quarenta praças, e é isto tão ordinário que não é possível remediá-lo; os generais por mais vigilantes que sejam andando a sua vista, quanto mais a fortaleza tão distante em que os officas e capitão são absolutos pela distância e que é forçado que metam o seu moço (*sic*) a que se lhe não pode valer, e assim fica a fortaleza sem soldados. Esta advertência me pareceu fazer, V. Majestade mande o que for servido, posto que tenho mandado cumprir o que o V. Majestade manda.”

No livro da *Razão do Estado do Brasil*, Mss, do Instituto Histórico lê-se que na capitania do Rio Grande havia minas de ferro “que descobriu Jerônimo de Albuquerque a quarenta léguas da fortaleza o ano de 1608.

NOTA (16)

Era o engenho de Cunhaú, fundado por Jerônimo de Albuquerque, póstero conquistador do Maranhão. Em 8 de março de 1614, nele estiveram o desembargador Manuel Pinto da Rocha, ouvidor-geral do estado, e o capitão-mor de Pernambuco Alexandre de Moura, que andavam, em diligência para a repartição das terras do Rio Grande, e aí mandaram

vir a sua presença o mestre de engenhos Jerônimo Mateus, a quem sob juramento ordenaram visse as terras que possuíam Antônio e Matias de Albuquerque, filhos de Jerônimo de Albuquerque, lhes declarasse a qualidade e para quantos engenhos eram capazes. O testemunho do mestre foi que as terras e várzeas que havia no sítio de Cunhaú eram em quantidade capazes de três ou quatro engenhos; mas, em respeito à qualidade, escassamente davam para dois, o que já estava feito e outro, a que se tinha tomado o nível da água. Declarou mais que em partes das várzeas vira plantar cana, que se perdera toda, por muito secas, e em outras se não podia plantar, por muito alagadas.

– Conf. Barão de Studart, *Documentos para a História do Brasil*, II, pp. 155-156, Fortaleza, 1909.

## NOTA (17)

Ambrósio Fernandes Brandão, como capitão de mercadores, esteve na conquista da Paraíba com o ouvidor Martim Leitão, e participou com sua companhia do combate em que foi tomada a cerca do Braço-de-Peixe.

– Conf. “Sumário das armas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Paraíba”, in *Revista do Instituto Histórico*, XXXVI, parte 1º, 33 e 39, frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, pp. 187, 192, ed. de 1918.

## NOTA (18)

No regimento dado, em 9 de maio de 1609, a Feliciano Coelho de Carvalho para o governo da capitania da Paraíba, o rei lhe encomendava com particular cuidado que o avisasse sobre os açúcares que ali embarcavam, se vinham por conta dos senhores dos engenhos, ou dos mercadores, como também sobre as ordens que se poderiam dar para o fim de atalhar o descaminho dos direitos, em tanto dano da real fazenda; encomendava-lhe ainda procurasse que os homens do mar, mercadores e pessoas que ali iam tratar e negociar se fizesse todo o bom tratamento, para que assim pudesse haver na terra melhor correspondência e folgassem de ir a ela, de que redundaria aumento da capitania.

– Conf. J. J. de Andrade e Silva, *Coleção Cronológica da Legislação Portuguesa*, I, pp. 268-269.

NOTA (19)

A serra da Cupaoba, ou da Raiz na geografia moderna, é um dos contrafortes da cordilheira da Borborema. Dela disse Elias Herckmans: “Seus montes são mui altos e sua encostas mui íngremes e por essa razão, o caminho de que se têm servido alguns viajantes curiosos, corre obliquamente ao longo da serra, de sorte que se há de passar um dia inteiro a percorrê-lo para se chegar acima. Sendo ali chegado, encontra-se uma planície grande e igual, e tão extensa é que ninguém ainda foi até a outra extremidade. O ar é salubre e muito temperado; à noite sente-se mais frio do que nas regiões inferiores do Brasil, o que é certamente devido à altura. Pessoas, que ali estiveram, afirmam ter visto em algumas noites o campo coberto de geadas. Os curiosos também puseram a prova a fertilidade dessas terras, e não somente verificaram que são próprias para a cana e outras novidades do Brasil, senão também para os cereais, a vinha e vários produtos da Europa; pois as ditas terras não são tão sujeitas às formigas, como as outras partes do Brasil. São regadas por vários rios de água doce que na época das chuvas dali se escoam com grande estrondo. Depois que os primeiros descobridores experimentaram a fertilidade dessas terras, empregaram esforços para atrair de Pernambuco algumas famílias que fossem estabelecer-se em Cupaoba, mediante promessa de lhe ser fornecido todo o necessário mantimento por espaço de um ano, até que produzissem com o seu trabalho frutos bastantes para a sustentação da vida. Como, porém, as pessoas, que já se tinham estabelecido para cultivar terras novas, não se mostrassem muito dispostas a emigrar, o zelo afrouxou um pouco.”

– “Descrição Geral da Capitania da Paraíba, in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, V, n. 31, pp. 265-266.

NOTA (20)

Os litóglifos do rio Araçuaigipe, na Paraíba, são os que primeiro foram observados e descritos no Brasil. Depois do autor dos *Diálogos*, viu-se provavelmente Elias Herckmans, poeta e aventureiro que em 1641 per-

correu os sertões paraibanos e informou haver encontrado para as bandas da serra da Cupaoba certas pedras lavradas pela indústria humana.

– Conf. Barlaeus, *Rerum per octennium in Brasilia et alibi gestarum sub praefectura Illustrissimi comitis J. Mauritii Nassoviae...* *História*, p. 217, Amsterdã, 1647; Alfredo de Carvalho, *Pré-história sul-americana*, pp. 101-103, Recife, 1910.

NOTA (21)

No fim de janeiro de 1587, o ouvidor-geral Martim Leitão foi ao rio Tibiri, duas léguas acima da cidade da Paraíba, ao longo da várzea, fazer um forte para o engenho de açúcar d’el-rei, que já estava começado, e para defender a aldeia de Assento-de-Pássaro. – Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 324. ed. de 1918.

Em 1610, a capitania já possuía moentes e correntes dez engenhos, que enviavam por ano uns vinte e dois barcos de açúcar a Pernambuco – Varnhagen, *História geral do Brasil*, II, p. 142, da 3ª edição.

NOTA (22)

Entre os Condes de Monsanto, D. Álvares Pires de Castro e Sousa, e de Vimieiro, D. Francisco de Faro, houve pleito sobre a posse da Capitania de Itamaracá, que a 25 de janeiro de 1617 já estava resolvido a favor do primeiro, porque em carta régia daquela data a D. Luís de Sousa, o rei, tratando da quantia de oito mil cruzados que para socorro da guerra do Maranhão se tomara por empréstimo de depósito das rendas da capitania, ordenava que não mais se bulisse no dinheiro do mesmo depósito e se restituísse o que se tinha tirado como pretendia o donatário.

Conf. *Anais do Museu Paulista*, III, 2ª parte, 36.

NOTA (23)

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 107, ed. de 1918, concorde com Brandônio, escreveu sobre a procedência da denominação de Olinda: “A vila se chama de Olinda, nome que lhe pôs um galego, criado de Duarte Coelho, porque andando com outros por entre o mato

buscando o sítio onde se edificasse, achando este que é em um monte alto, disse com exclamação e alegria: ‘O’ linda!’”

Southey, *History of Brazil*, I, p. 44, Londres, 1810, atribuindo à exclamativa ao próprio Duarte Coelho, ampliou-a deste modo: “O’ que linda situação para se fundar uma vila!”

A Varnhagen, *História geral do Brasil*, I, p. 213, da 4ª ed. parece o conto ridículo, e tem por muito mais natural que o nome fosse o de alguma quinta, ou casal, ou burgo, por qualquer título caro ao donatário em sua pátria, e que no Brasil quisesse perpetuar. Ridículo ou não, consignou-o, como se viu, Frei Vicente do Salvador, que de Pernambuco parece ter consultado uma crônica antiga, perdida, ou pelo menos até hoje desconhecida; a ele, repara Capistrano de Abreu, em nota a Varnhagen, *loc. cit.*, deve-se quase exclusivamente o pouco que se sabe daquela capitania anterior à guerra holandesa.

A concordância entre o autor dos *Diálogos* e Frei Vicente do Salvador, nesse e em outros pontos, leva a crer que o historiador baiano tivesse também conhecimento daquele escrito.

NOTA (24)

Segundo o *Roteiro dos bispados do Brasil*, p. 153, Ceará, 1864, Antônio Teixeira Cabral foi nomeado administrador por carta régia de 19 de fevereiro de 1618, que não é conhecida, nem deve ser dessa data. Já em 1616, Teixeira Cabral administrava a jurisdição eclesiástica de Pernambuco, porque em carta régia de 8 de fevereiro lhe era facultado prover até nova ordem os benefícios do seu distrito, não criando nenhum novo sem ordem real, e em outra, de 26 de julho, era mandado descontar ao bispo do Brasil metade da porção que lhe dava para esmolos, entregando-a ao administrador para o mesmo fim. – J. Pedro Ribeiro, *Índice Cronológico Remissivo da Legislação Portuguesa*, IV, pp. 54 e 156, Lisboa, 1807. Armaram-se por isso dissensões entre o bispo e o administrador. Aquele queria que o outro exibisse as bulas de provisões reais que lhe concediam a nomeação dos benefícios e outros particulares; o administrador defendia-se, dizendo que a causa se tratava no reino por via de embargos, e que os procuradores do bispo tivessem vista das bulas, motivo por que as não havia de exhibir. Era o que comunicava D. Luís de Sousa ao rei, que em carta de 17 de julho de 1617

providenciava sobre a matéria, ouvida a Mesa da Consciência e Ordem. Ao administrador se ordenava entregasse ao bispo cópias autênticas do breve e mais provisões que trouxera, pertencentes a seu cargo; o bispo era advertido sobre o tratamento que dava ao administrador, a quem não devia falar por senhoria; as bênçãos competia ao administrador dá-las aos pregadores e ao diácono; o administrador devia residir na Paraíba. – *Anais de Museu Paulista*, III, 2ª parte, pp. 40-41, 48-49. As dúvidas continuaram, porque a carta régia de 5 de janeiro de 1618 providenciava para que cessassem o escândalo e desconolação que recebia o povo com tantas excomunhões e diferenças, *ibidem*, pp. 53-54. Pensou-se depois em extinguir a administração eclesiástica da Paraíba e Pernambuco. Houve consulta da Mesa da Consciência nesse sentido, mas, em carta régia de 9 de fevereiro de 1622, o rei declarou que sobre a matéria se não fizesse novidade, que se tratasse antes de criar um novo bispado na conquista do Maranhão que tinha necessidade de cabeça eclesiástica para crescer e povoar-se, e em cujo distrito poderia entrar parte do que pertencia ao administrador de Pernambuco, vendo-se quanto ao restante se devia tornar ao bispo da Bahia, de onde saiu. – J. J. de Andrade e Silva, *Coleção Cronológica da Legislação Portuguesa*, III, pp. 65-66. A administração tinha seus dias contados. Nomeado bispo do Brasil D. Marcos Teixeira, partia para seu bispado em novembro de 1622, já trazendo debaixo de sua jurisdição a Capitania de Pernambuco. – Severim de Faria, *História Portuguesa*, p. 23, Fortaleza, 1903, embora tal resolução só fosse tomada pela carta régia de 8 de fevereiro de 1623 – J. J. de Andrade e Silva, coleção citada, III, p. 83. Outra carta régia, de 27 de setembro de 1624, anunciava que o breve por que S. S. o Papa tornava a unir ao bispado do Brasil a administração de Pernambuco se recebeu no último correio da Itália, e era enviada ao governador-geral para que lhe desse execução, *ibidem*, p. 126.

– Conf., Varnhagen, *História geral do Brasil*, II, pp. 221-222, 3ª ed., nota de G.

#### NOTA (25)

Era o recolhimento da Conceição, que Maria Rosa, dona viúva, mulher que foi de Pedro Leitão, com outras senhoras, a despesas suas ou mais certo dela só, fundou em Olinda, em 1595. Nele estiveram recolhi-

das D. Isabel, D. Cosma e D. Luísa de Albuquerque, “irmãs por natureza, hábito, profissão e virtudes, e todas de boa fama; além de outras mais, de quem o tempo ocultou a notícia de seus nomes, e serviu de túmulo à sua memória”. – Jaboatão, *Novo Orbe Serafico*, II, p. 386, Rio, 1858.

De Maria Rosa escreveu o Padre Antônio Pires, em carta de Pernambuco, 5 de junho de 1552, *Cartas Avulsas*, p. 124, Rio, 1931: “Depois que lhes digo missas [aos índios] à tarde, ensino-lhes doutrina, e às vezes lhes prego. O intérprete é uma mulher casada, das mais honradas da terra e das mais ricas, e não vos espanteis, irmãos, em vos dizer as condições por que em ser tal parece andar bêbada daquele mosto de que os Apóstolos se embebedaram, pois faz o que muitas línguas se não atreveram fazer pela mortificação que nisso sentiam... Com essa mulher confesso algumas índias cristãs, e creio que é melhor confessora do que eu, porque é muito virtuosa. Encomendai-a muito a Nosso Senhor.”

Seu marido, cerca de 1563, foi nomeado mamosteiro dos cativos da Capitania de Itamaracá. – Varnhagen, *História geral do Brasil* I; p. 189, 4ª edição.

Por carta régia de Filipe III, de 2 de setembro de 1603, tendo em consideração ao muito que importava a seu serviço e acrescentamento do Estado do Brasil povoar-se de gente principal e honrada, que foi o intento com que, do princípio do seu descobrimento se enviavam a ele cada ano donzelas órfãs de bons pais para se casarem – não houve por conveniente que se fizessem aqui mosteiros de freiras, e sim casas de recolhimento para moças naquelas condições ou que, por ausência de seus pais nelas, se recolhessem para poderem casar com mais comodidade – J. J. de Andrade e Silva, *Coleção Cronológica da Legislação Portuguesa*, I, p. 22.

NOTA (26)

Foi Diogo Botelho o primeiro governador-geral que aportou a Pernambuco, o que Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 383, ed. de 1918, atribui a dois motivos: tê-lo induzido a isso Antônio da Rocha, escrivão da fazenda, que ali era casado e vinha com ele do reino, onde fora com um agravo contra o Capitão-Mor Manuel Mascaranhas, o qual lhe diria das larguezas da terra, e que podia dela tirar muito interesse; ou, o que parece mais certo, para ver a capitania e as fortalezas de que havia tomado

homenagem, e cuja defesa e governo estavam por sua conta. Ali chegou a 1º de abril de 1602, assumindo o governo em Olinda – *Revista do Instituto Histórico*, LXXIII, parte 1ª, p. 25. De mais de ano e meio foi sua estada em Pernambuco; em 9 de setembro de 1603 estava prestes a embarcar para a Bahia – *ibidem*, 69.

Seu sucessor, D. Diogo de Meneses, tomou posse do governo em Olinda a 7 de janeiro de 1608, e demorou-se em Pernambuco até o fim do ano. Entretanto, desde abril, diz ele: “... tendo meu fato entrouxado para me embarcar, me veio a Câmara desta Vila pedir e requerer, e o mesmo fez o Desembargador Sebastião de Carvalho, e mais povo, que eu me não fosse por nenhum caso, pelas razões que me apontavam, as quais não pude deixar de diferir, de que mandei fazer um auto em que todos assinaram e o escreveram a V. Majestade”. – Carta de D. Diogo de Meneses, de 4 de dezembro de 1608, *Anais da Biblioteca Nacional*, LVII, p. 44.

D. Francisco de Sousa, nomeado governador da repartição do Sul, aportou a Pernambuco em 19 de fevereiro de 1609, apesar da ordem que trazia em contrário, do que se queixou ao Rei D. Diogo de Meneses em lamurienta carta de 22 de abril, *Anais* citados, pp. 55-59. Não se sabe quanto tempo ficou em Pernambuco, senão que a 26 de abril já estava no Rio – *Atas da Câmara da Vila de São Paulo*, II, p. 243.

Gaspar de Sousa, recebendo a nomeação de governador em 1º de março de 1612, reunidas de novo ao governo-geral as três capitânicas do Sul por alvará de 9 de abril, chegou a Pernambuco dia de Nossa Senhora do Ó, 18 de dezembro do mesmo ano – *Documentos para a História da Conquista e Colonização da Costa Leste-Oeste*, p. 33.

Trazia a incumbência de fazer ocupar o Maranhão, de que os franceses se haviam apoderado, e para melhor desempenhá-la fixou residência em Olinda, onde permaneceu todo o tempo de sua proveitosa administração.

Seguiu-se D. Luís de Sousa, Conde do Prado, senhor de Beringel, que os historiadores confundem com D. Luís de Sousa Henriques, filho de D. Francisco de Sousa e governador efêmero, por morte deste, das capitânicas do Sul. Aquele D. Luís de Sousa tomou posse do governo a 1º de janeiro de 1617, e só passou a residir na cidade do Salvador depois

que as cartas régias de 30 de maio e 6 de novembro de 1618 o ordenaram expressamente – *Anais do Museu Paulista*, III, 2ª parte, pp. 69 e 78.

De 21 de fevereiro de 1620 é o alvará que ordena aos governadores residirem pessoalmente na Bahia de Todos os Santos – J. J. de Andrade e Silva, *Coleção Cronológica da Legislação Portuguesa*, III, p. 5. Devem-se atribuir tais providências à intervenção de Duarte de Albuquerque Coelho, donatário de Pernambuco, muito chegado à Corte, o qual, com a residência dos governadores na capitania, via diminuída sua jurisdição.

– Conf. Varnhagen, *História geral do Brasil*, II, p. 191, nota da 3ª edição.

NOTA (27)

O autor do livro *Resão do Estado do Brasil*, Mss. do Instituto Histórico informa que na própria cidade do Salvador se tinha “a Relação por cousa pesada, e não muito conveniente; assim pela natureza dos pleitos, pelo pouco que havia que fazer neles, como pela quantidade de letras que se ficaram anhidindo aos muitos estudantes, clérigos e frades”, que já havia.

A relação foi criada por lei de 7 de março de 1609, que alude à outra relação, ordenada em 1587, a qual não houve efeito pelos sucessos do mar.

– Conf. Varnhagen, *História geral do Brasil*, II, pp. 126-129 e notas, da 3ª edição.

NOTA (28)

A pesca das baleias na Bahia teve início no Governo Diogo Botelho pelo biscainho Pedro de Urecha, que veio em companhia do governador e trouxe dois barcos apropriados e gente de Biscaia práticos no ofício. Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, pp. 396-399, ed. de 1918, faz interessante descrição da pescaria. Urecha teve como recompensa levar os dois barcos carregados de azeite, que apurou, sem pagar direito.

A indústria teve rápido desenvolvimento, de tal modo que daí a poucos anos a arrematação do seu contrato rendia de seiscentos a sete-

centos mil reis anualmente – Varnhagen, *História geral do Brasil*, tomo segundo, pp. 71-72, da 3ª edição.

No Governo de D. Diogo de Meneses aquele contrato foi feito por sete anos com dois sócios, um dos quais era o francês Julien Michel, *ibidem*, p. 139.

## NOTA (29)

A Capitania de Porto Seguro foi doada a Pero do Campo Tourinho por carta passada em Évora, a 7 de outubro de 1534. Pero de Campo era natural de Viana, grande proprietário e “muito visto na arte de marear”, diz Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 98, São Paulo, 1918. Documentos de arquivos espanhóis recentemente revelados insinuaram sua estada em terras do Brasil e no rio da Prata, por muito tempo, antes de 1530. O Conselho de Índias, a esse propósito, em 23 de novembro daquele ano, recomendava a Lopes Hurtado de Mendonça, embaixador da Espanha em Portugal, que tratasse de convencer a Pero do Campo, vizinho de Viana, que passasse a Espanha, assim como a Henrique Montes, que havia servido no rio de Solis; do primeiro inculcava que “seria persona provechosa para el servicio de sua magestad”; do outro logo se soube que embarcara na armada de Martim Afonso de Sousa, que saiu do porto de Lisboa, rumo ao rio da Prata, em 5 de dezembro daquele mesmo ano. As diligências do embaixador, concernentes a Pero do Campo, não surtiram efeito; mas a pessoa do vianense continuou a interessar a corte espanhola. Pelos fins de 1534, soube a rainha que pelas Ilhas Canárias havia passado uma armada portuguesa, composta de duas caravelas e duas naus, sob o comando de Pero do Campo que “llevaba a sus ordens unos seiscentos hombres y mucha parte dellos com sus mugeres”. A real cédula de 3 de março de 1535 ordenava ao Embaixador Luís Sarmiento, em Lisboa, que averiguasse se essa armada se destinava a povoar o Brasil ou Rio da Prata. – Conf. Henrique de Gandia, *Antecedentes diplomáticos de las expediciones de Juan Dias de Solis, Sebastián Caboto y Dom Pedro de Mendoza*, pp. 73-74, 107, 162-163, Buenos Aires, 1935.

Em sua denotaria de Porto Seguro, Pero do Campo teve vida atribulada. Denunciado à Inquisição de Lisboa, em 13 de setembro de 1543 porque se dizia papa e rei e fazia trabalhar aos domingos, foi preso

em 24 de novembro de 1546, logo submetido a longo processo e afinal remetido acorrentado à sede do tribunal, perante o qual ainda respondia a interrogatório em 1550.

Vivia ainda, provavelmente em Portugal, quando a 19 de novembro de 1554, com sua mulher D. Inês Fernandes Pinta, renunciava a favor de seu filho Fernando, mandado logo meter na posse de capitania e a quem por falecer sem herdeiros, substituiu sua irmã Leonor do Campo, que obteve confirmação em 30 de maio de 1555. Leonor do Campo, segundo Varnhagen, *História geral do Brasil*, I, p. 220, 4ª edição, era viúva de Gregorio da Pesqueira. O Padre Vicente Rodrigues, em carta da Bahia, em 17 de março de 1552, trata de um homem, que “está casado com uma filha de um capitão de uma Capitania de Porto Seguro, com a qual não teve cópula, porque assim ele como ela são umas benditas almas dadas muito a oração”. – *Cartas avulsas*, p. 113, Rio de Janeiro, 1931. Para Capistrano de Abreu, nota a Varnhagen, *op. cit.*, p. 232, é duvidoso se isso se refere a Leonor do Campo. Gabriel Soares, *Tratado Descritivo do Brasil*, p. 64, Rio de Janeiro, 1851, afirma que lá nunca casou, ao que opõe embargos Capistrano de Abreu, *op. et loc. cit.* Alegando que devia ter casado pelo menos uma vez, porque era viúva em 16 de julho de 1559, quando obteve licença, em alvará dessa data, para vender a capitania ao Duque de Aveiro, que poderia deixá-la em testamento a seu filho D. Pedro Diniz.

A escritura foi passada a 9 de agosto do mesmo ano, por 100\$000 de juro, à razão de 12\$500 o milheiro, 600\$000 em dinheiro de contado, e dois moios de trigo em cada ano, enquanto vivesse Leonor; a venda foi confirmada em 6 de fevereiro de 1560. O Duque de Aveiro faleceu em Lisboa a 22 de agosto de 1571, e a capitania passou a D. Pedro Diniz; esse morreu sem sucessão, e a capitania tornou à casa de Aveiro, na pessoa de D. Álvaro de Lencastro, que a 11 de abril de 1627 dela fez graça e mercê a seu filho D. Afonso. Não sendo essa doação feita com dispensação régia, quando D. Afonso faleceu em Castela tomou posse em 1637 D. Raimundo, que a 8 de março de 1655 nomeou por seu administrador a D. Francisco Manuel de Melo, então na Bahia, em cumprimento da pena de degredo a que fora condenado. D. Raimundo faleceu em Madri, a 6 de outubro de 1666, sem sucessor, o que deu lugar a largo pleito sobre a casa de Aveiro, sentenciada primeiro ao Arcebispo D. Pedro de Lencastro, que faleceu em

Lisboa a 23 de abril de 1673; por sua morte, a D. Maria de Guadalupe de Lencastro, Duquesa de Arcos, falecida em Madri a 9 de fevereiro de 1715; e ultimamente a D. Gabriel Pereira de Leon e Lencastro, Duque de Banhos, e seu filho por sentença de 18 de fevereiro de 1720. A capitania que andava, havia anos, fora da casa ducal, e até já fora adjudicada à Coroa, foi-lhe entregue em 1724. Morrendo D. Gabriel sem sucessão, a 23 de junho de 1745, foi seu sucessor o Marquês de Gouveia, por sentença de 1747. Foi esse o décimo donatário da Capitania de Porto Seguro. Implicado na tentativa de assassinato de D. José I, na noite de 3 para 4 de setembro de 1758, foi executado como regicida em 13 de janeiro do ano seguinte, sua capitania confiscada e incorporada de vez à Coroa. – Conf. Capistrano de Abreu, Livros I e II da *História do Brasil*, de Fr. Vicente do Salvador, pp. 104/105, Rio de Janeiro, 1887. – Sobre as atribuições dos primeiros donatários, seu processo perante a Inquisição de Lisboa etc., veja Varnhagen, *História geral* citada, I, p. 232, nota de G.

De Gregorio da Pesqueira, ou Gregorio de Pesquera Rosa, conforme documentação do Arquivo Geral de Índias, em Sevilha, que publicou, Henrique de Gandaia, *Gregorio de Pesquera – Um projecto ignorado de governacion en la costa del Brasil (1536)*, Buenos Aires, 1935, pode presumir-se que, se realmente foi marido de Leonor do Campo, foi isso muito depois daquela data, em que tentava a aventura na corte de Castela. Os documentos que lhe dizem respeito, interessantes para a História do Brasil, são a capitulação tomada em Valadolid, a 21 de agosto de 1536, entre a rainha de Espanha e Gregorio de Pesquera Rosa, natural da cidade de Burgos para colonização de cinqüenta léguas da costa do Brasil, de Cananéia até o rio Santa Catarina, com cem léguas pela terra adentro; título de governador daquelas terras, passado a Gregorio de Pesquera, em Valadolid, a 9 de setembro do mesmo ano; e mais sete cédulas reais, todas do mesmo lugar e data, confirmando a capitulação de 21 de agosto, estabelecendo a forma em que deviam repartir-se os lucros da empresa, sobre a possibilidade de mudar-se a governação para outras partes das Índias, autorizando o governador a servir-se do trabalho dos índios, sobre os direitos e obrigações dos herdeiros de Gregorio de Pesquera, sobre a isenção de impostos até o termo de vinte anos, e por fim uma real cédula ao bacharel de Cananéia, cujo nome está em branco, para que prestasse ajuda ao governador.

O projeto de governação de Gregorio de Pesquera deve ser considerado como uma réplica espanhola à divisão da costa do Brasil em capitanias, que D. João III acabava de estabelecer; mas o projeto mangrou por causas desconhecidas, e os diplomas expedidos foram mandados rasgar pela rainha, como consta de nota à margem dos mesmos, que os tornou nulos e de nenhum efeito.

NOTA (30)

Francisco de Aguiar Coutinho foi o terceiro donatário da Capitania do Espírito Santo. Em 8 de fevereiro de 1609, o licenciado Antônio Maia, letrado de confiança do Governador-Geral D. Diogo de Meneses, ia tirar devassa de culpa do donatário, da qual fora descarregar-se diante do marquês vice-rei. Em sua ausência foi provido no cargo de capitão do Espírito Santo pelo mesmo governador o Capitão Constantino de Menelau – carta de D. Diogo de Meneses, da Bahia, 8 de fevereiro de 1609, *Anais da Biblioteca Nacional*, LVII, p. 49.

Mas Constantino de Menelau estava provido no governador da Capitania do Rio de Janeiro e, se exerceu o cargo no Espírito Santo foi por pouco tempo, porque antes de 1612 já o tinha o Capitão Miguel de Azeredo, que só o entregou a Aguiar Coutinho em 1620. Em março de 1625 este ainda governava. Foi quando a esquadra holandesa de Piet Heyn atacou sem sucesso a vila da Vitória. A ele escreveu o chefe holandês esta carta, que Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 566, ed. 1918, estampou: “Vossa Senhoria estará tão contente do sucesso passado, quanto eu estou sentido, mas são sucessos da guerra; se me quiser mandar os meus, que lá tem cativos, resgatá-los-ei; quando não, caber-nos-á mais mantimentos aos que cá estamos.

– Conf. Varnhagen, *História geral do Brasil*, II, p. 240, nota da 3ª edição.

NOTA (31)

D. Francisco de Sousa foi nomeado capitão-general e governador do distrito das três Capitanias de São Vicente, Espírito Santo e Rio de Janeiro e da conquista e administração das minas descobertas e por descobrir nas ditas capitanias, por alvará de 2 de janeiro de 1608, mas só

depois de um ano veio tomar conta de seus cargos. Trazia elementos para bem desempenhar-se de sua missão, a que deu promissor início; a morte colheu-o, porém, a 11 de junho de 1611, na ausência do filho mandado à Espanha com as amostras do ouro das minas, e tomado por corsário na viagem.

– Conf. Varnhagen, *História geral do Brasil* I, II pp. 149-164, 3ª ed. Nota de G.

## NOTA (32)

Lopo de Sousa era neto de Martim Afonso de Sousa; faleceu a 16 de outubro de 1610; sem sucessão legítima, deixou apenas um filho bastardo, seu homônimo que, por escritura pública, cedeu o direito que podia ter à capitania de São Vicente em sua tia D. Mariana de Sousa da Guerra, Condessa de Vimieiro, por seu marido D. Francisco de Faro, Conde de Vimieiro. Houve pleito e a capitania de São Vicente, com a de Itamaracá, foi afinal adjudicada ao Conde de Monsanto, D. Álvaro Pires de Castro e Sousa.

– Conf. Pedro Taques de Almeida Pais Leme, *História da Capitania de S. Vicente*, pp. 74-75, ed. Taunay. Veja a nota (22).

## NOTA (33)

Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 107, Rio, 1925, informa:

“No Rio de Janeiro, e São Vicente, e no campo de Piratininga se dão muitos marmelos, e dão quatro camadas uma após outra, e há homens que em poucos marmeleiros colhe dez, e doze mil marmelos, e aqui se fazem muitas marmeladas, e cedo se escusarão as da ilha Madeira”.

No século XVII maior se tornou a cultura do marmeleiro em São Paulo. Alcântara Machado, *Vida de morte do bandeirante*, p. 47, São Paulo, 1930, assegura ter encontrado em inventários da época repetidas referências à conserva de marmelos, que era o artigo principal da exportação paulista. “Mil e seiscentas caixetas de marmelada manda a viúva e inventariante de Pedro Vaz de Barros à cidade da Bahia; duas mil e duzentas avultam no espólio de Catarina Dorca. A avaliação, que é a princípio de trezentos e vinte a quatrocentos réis, baixa afinal a cem réis no século XVIII.”

.....

*Diálogo segundo*

*P*

ALVIANO

ARECE-ME que um mesmo cuidado devia de ser o que nos trás a ambos a este lugar num mesmo ponto; porque de mim vos confesso que me não deixou toda esta noite repousar a prática, que deixamos ontem imperfeita com a dúvida que pus.

BRANDÔNIO

Para que levemos enfiado o que havemos de dizer, tornai a repetir essa dúvida.

ALVIANO

Duvidei poder ser esta terra do Brasil de tão bom temperamento, como apontáveis, por razão de a maior parte de sua costa cair naquela tórrida zona, tão arreçada dos antigos por muito quente, em tanto que a faziam inabitável (1). E de terra que não podia ser habitada por seu ruim temperamento, fez-me grande dúvida o dizerdes-me que era tão sadia para a natureza humana.

BRANDÔNIO

Verdade é que a tórrida zona onde cai grande parte desta costa do Brasil foi julgada dos antigos por inabitável pelo muito calor que imagi-

navam devia haver nela, da qual hoje já temos experimentado o contrário; porque a achamos tão temperada e conforme para a humana natureza, que bem se puderam largar as outras duas temperadas pelas incomodidades das injúrias, que nelas faz a mudança dos tempos a seus habitadores, causa de tantas enfermidades e buscar esta por ser habitação tão acomodada, que a temperança do calor e frio anda tão regulada que não vemos nunca alterar mais num tempo que noutro.

ALVIANO

Pois haveis-me de dar logo licença para que creia que os filósofos antigos, como então havia no mundo falta de homens que houvessem apalpado e trilhado com os pés estas partes, então ocultas e agora já há anos patentes, filosofaram aquelas cousas fantásticas que conceberam nas idéias, as quais vendiam em seus escritos por verdadeiras e indubitáveis, e por tais foram recebidas, enquanto a experiência, que hoje temos tomado delas, não mostrou ser tudo ao revés do que eles afirmaram.

BRANDÔNIO

Verdade é que Ptolomeu, Lucano, Averoes com outros filósofos afirmaram ser a tórrida zona inabitável, posto que Pedro Paduense, Alberto Magno e Avicena, pelo contrário, tiveram que era habitável; mas os primeiros, posto que erraram em dizer absolutamente que a tórrida zona era de todo inabitável, por se encerrar do meio que há do Trópico de Cancro ao de Capricórnio, todavia tomaram fundamento de tão aparentes razões e causas que, com estarmos hoje vendo e experimentando o contrário do que eles afirmaram, caso que muitos o têm por duvidoso.

ALVIANO

Não sei eu que dúvida possa haver em cousa tão certa e tão trilhada de todos.

BRANDÔNIO

Não digo que há mas afirmo que as razões que davam os passados eram tão aparentes, que ainda hoje, com se saber o contrário delas,

têm muita força para todos aqueles que as examinaram com curiosidade, porque já sabemos que o Sol se não alonga dos trópicos, e que cada um deles está desviado da Equinocial 24° pouco mais ou menos, que vem a ser do princípio de um trópico ao outro 48°: este é o caminho que faz o Sol em o decurso de um ano, com passar duas vezes pela chamada tórrida zona pelo que, sendo isto assim, no que não há dúvida, não se podia cuidar que a houvesse, para que parte, que continuamente era acompanhada e visitada de raios retos do Sol, deixasse de ser por extremo cálida; mormente tendo-se já experimentado que as zonas temperadas, com não estarem tão propínqua a ele, nem serem visitadas dos seus raios retos duas vezes no ano, eram tão cálidas no verão, que davam muita moléstia aos seus habitantes, com o seu grande calor; pois, sendo isto assim, no que não há dúvida que mal fizeram os antigos, ou em que erraram em haverem afirmado que esta parte tão continuada dos raios do Sol fosse em extremo cálida, e como tal incapaz de ser habitada?

ALVIANO

Pois em que estava o segredo desses filósofos haverem errado?

BRANDÔNIO

Em nenhuma outra cousa senão que, como lhes faltava a experiência desta zona, ignoraram os ventos frescos que nela de ordinário cursam, exceto em pequeno espaço da costa, e que chamamos de Guiné, os quais são poderosos para resfriarem os ares; de maneira que causam um temperamento tão singular, para a humana natureza, que tenham por sem dúvida ser esta zona mais sadia e temperada que as mais; porque o calor, que nela causa o Sol de dia, é temperado com a umidade da noite; e também porque Saturno e Diana, planetas por qualidade frios, fazem nestas partes mais influência, por se comunicarem nelas por linhas mais retas. E assim o afirma Juntino, sobre a declaração da esfera do Sacro Bosco; e Avicena não se desvia de entender que é muito temperada para a habitação humana. E é tanto isto assim que não faltam autores que querem afirmar estar nesta parte situado o paraíso terreal e fortificam sua razão com dizerem que a Equinocial partiu o dia pelo meio, com partir os trezentos e sessenta e cinco círculos a que chamamos do dia, deixando pera cada uma

das partes cento e oitenta e dois e meio, donde vem a ser forçado que os dias sejam iguais das noites. Pelo que os habitantes desta zona alcançam haver com a vista qualquer estrela que nasça ou se ponha em qualquer dos pólos. E também, porque passa o Sol por este clima duas vezes no ano, afirmaram causar o tempo nela dois invernos e dois verões, no que também se enganaram; pois sabemos não haver mais de um, porque quando o Sol se alonga pera a parte norte da Linha, sucede o inverno pera a parte do sul; e, quando torna a passar o Sol para a mesma parte, se causa o verão; porque parece que a Equinocial lhe fica servindo pera divisão do tempo. E assim vêm a ter os habitantes desta zona cinco sombras no ano; porque, quando o Sol está no ponto do equinócio, no sair dele, faz a sombra contra o ponente, e à tarde contra o levante e ao meio-dia debaixo dos pés; e, quando o mesmo Sol anda nos signos setentrionais, faz, pelo opósito, a sombra para a parte do Austro.

## ALVIANO

Conforme a isso, poderei cuidar que de tal maneira erraram os antigos em dizer que esta zona era inabitável, que foi o seu erro tanto conforme à razão que ainda hoje, com termos experimentado o contrário do que afirmaram, os devemos desculpar, por o erro não ser outro senão o da experiência que lhes faltava desta costa, que nós pelo miúdo trilhamos nestes próximos tempos; com que não puderam ter notícia dos ventos, que de ordinário cursam por toda ela, bastantes até resfriar os ares, que por natureza deviam ser calidíssimos. Mas parece-me que haveis dito que a Equinocial fica servindo de divisão dos pólos do mundo, pelo que, conforme a isso, se ela divide uma cousa da outra, de força deve ter algum corpo com o qual possa fazer a tal divisão, o que nós não vemos.

## BRANDÔNIO

Não disse que a Equinocial dividia os pólos do mundo, porque tivesse corpo para fazer a tal divisão, senão disse que mostrava que os dividia; porque a Equinocial não é outra cousa senão um círculo imaginado dos astrólogos na oitava esfera, que a aparta em duas metades iguais, e igualmente se aparta de ambos os pólos do mundo norte e sul. Chama-se Equinocial, porque quando o sol passa por ela que é duas vezes no ano, no

princípio de Áries a vinte e um de março, e no princípio de Libra a vinte e três de setembro, se fazem os equinócios, que não é outra cousa senão ficarem os dias artificiais iguais com as noites; e isto se deve entender somente onde há variedade nos dias de vinte e quatro horas; porque aquelas terras, que estão diretamente debaixo dos pólos têm os dias de seis meses e as noites de outros tantos. Também se chama esta Linha Equinocial igualadora do dia e da noite, porque por toda a parte por onde passa faz que sejam os dias iguais; da mesma maneira parte o primeiro movimento, porque o movimento, conforme dizem os filósofos, se deve de dívida (*sic*) a divisão do móbil; pelo que se imaginou esta Linha Equinocial pelo efeito de, na esfera natural, se poder compassar e regular os movimentos dos orbes celestes. E assim esta linha vem a dividir pelo meio a chamada tórrida zona, que está entre os dois trópicos, com o que vem a ter de largura quase oitocentas e vinte quatro léguas, das quais a metade, que são quatrocentas e doze, fica pela parte do trópico e Câncer, e a outra metade pelo de Capricórnio. E para a banda de leste corre por toda esta zona a costa africana de Guiné povoada de gente preta, e pela outra parte de oeste fica a costa das Índias, e esta do Brasil, povoada de gente baça.

ALVIANO

Já ouvi tratar a alguns homens doutos da ocasião que havia por nossa africana costa chamada de Guiné e da Etiópia, todos os seus moradores, naturais da terra, serem de cor preta e cabelo retorcido, não se achando semelhante cor de cabelo em nenhuma das outras gentes que habitam pela redondeza do mundo; e posto que de causa davam algumas razões, vos confesso que não me satisfizeram por me parecerem pouco aparentes.

BRANDÔNIO

E que razões são as que ouvistes dar para se haver de provar a estranheza que essa gente tem na cor e cabelo diferente da outra?

ALVIANO

Diziam que a quentura do sol, que de ordinário visita esta zona duas vezes no ano com raios retos, era causa da diferença da cor e cabelo

nesta gente; mas contra isto há tanto que dizer que, por nenhum modo me posso persuadir a cuidar que daí nasça a causa; outros também afirmavam que as influências dos céus, que se juntavam com a qualidade particular da terra, era a verdadeira causa, posto que a mim não me parece; e entre estes achei outros que diziam que alguns homens, depois do universal dilúvio das águas deviam ter semelhante cor e cabelo, ou por qualidade ou natureza, e deles se comunicariam aos filhos e netos que são os que habitam pela costa africana; mas de todas estas razões, que ouvi dar a estes homens reputados por doutos, vos afirmo que nenhuma me satisfez, pelo que estimarei saber a opinião que tendes sobre esta matéria.

BRANDÔNIO

Não cuido que nos desviamos de nossa prática (que é tratar somente das grandezas do Brasil) com nos meter em dar definição à matéria que tendes proposta; porquanto neste Brasil se há criado um novo Guiné com a grande multidão de escravos vindos dele que nele se acha; tanto que, em algumas capitánias, há mais deles que dos naturais da terra, e todos os homens que nele vivem têm metida quase toda sua fazenda em semelhante mercadoria. Pelo que, havendo no Brasil tanta gente desta cor preta e cabelo retorcido, não nos desviamos de nossa prática em tratar dela.

ALVIANO

Assim é, mas antes convinha que se não passasse isto em silêncio, pois todos os moradores do Brasil vivem, tratam e trabalham com esta gente vinda de Guiné; pelo que podeis dar princípio ao que desejo saber, que eu vos fio que, não descontenta a ninguém semelhante proposta quando lhe demos a definição tal qual convém.

BRANDÔNIO

Quanto a se dizer que de alguns pais que fossem pretos se devia de produzir este inumerável gentio de cor preta e cabelo retorcido, o tenho por cousa ridícula, porque se esses primeiros pais eram forçados que fossem filhos de Adão e depois descendentes de Noé, no que não pode haver dúvida, mal podiam tomar a cor e cabelo que não herdaram deles; pois

não vimos até hoje no mundo que, de pais brancos se produzissem filhos negros.

ALVIANO

O contrário tenho eu já ouvido, lido e ainda visto por próprios olhos, que muitos pais brancos produziram filhos negros, como se conta da outra matrona que, estando com se esposo no ato venéreo, ao tempo de conceber, tendo postos os olhos na figura de um negro que antes ele estava pintado em um pano de armar, pôde tanto aquela imaginação do que via presente, que o filho que concebeu daquele ajuntamento, saiu negro, como se fosse engendrado de pais que o fossem; e outros casos semelhantes tenho lido haver sucedido no mundo. E há poucos anos que no reino de Angola uma negra pariu de um negro, seu marido, dous filhos de um ventre, um deles da cor de seus pais, que era negra, e o outro tão alvo e louro, como se fora nascido em Alemanha, e filho de alemão. E ainda vi por próprios olhos neste Brasil, na vila de Olinda, no ano de seis centos [1600], uma menina, filha de pai e mãe naturais da própria terra, que são de cor baça, tão alva e loura quanto a natureza podia fazer; posto que tinha as carnes tão brancas e macias que bastava lançarem-na a dormir sobre uma esteira para se levantar dela com chagas pelo corpo, a qual soube depois haver vivido pouco.

BRANDÔNIO

Verdade é que de pais brancos nasceram muitas vezes filhos negros, e pelo conseguinte de pais negros filhos brancos; mas não haverá nenhum que houvesse visto nem achado escrito, que os filhos desses que nasceram negros ou brancos o fossem da mesma maneira os seus descendentes; porque se a natureza por algum incidente nos tais mudou a cor, nunca teve tanta força que pudesse prevalecer com ela de geração em geração; mas antes, imediatamente, os filhos daquelas que nasceram pretos ou brancos, tornam logo a cobrar natural cor dos avós, na qual por diante perseveram os mais filhos que vão engendrando; pelo que, dado que os primeiros pais gerassem alguns filhos, por algum incidente, como tenho dito, pois eles de necessidade haviam de ser descendentes de Adão, e depois de Noé, que

foram de cor branca, logo os seus filhos e netos haviam de tornar a cobrar a cor branca dos avós; pelo que não se deve fazer caso de tal opinião.

ALVIANO

Poderemos logo cuidar que as influências dos céus, juntas com a qualidade da terra hajam produzido o tal efeito?

BRANDÔNIO

Também tenho isso por falso; porque as influências dos céus, juntas à qualidade da terra, poderão ter força por que a parte, onde dominam seja mais ou menos sadia para a habitação humana, e também por haver de causar poucas ou muitas enfermidades; mas que absolutamente tenham força por haverem de mudar de cor, que era branca por natureza em negra, não é possível, nem tal se pode imaginar.

ALVIANO

Pois não há dúvida de haver causa pela qual este inumerável gentio que habita pela costa a que se chamamos de Guiné, tenha a cor preta e cabelo retorcido, e, se, sabeis, vos peço que me digas.

BRANDÔNIO

A mais verdadeira causa que se pode dar dessa cor e do cabelo é o efeito que o sol produz, visitando duas vezes no ano com raios retos os moradores dessa costa africana, e por estes raios do sol ferirem diretamente naquela parte faz mais impressão nos seus moradores do que nas outras, onde se comunicam ao soslaio e oblíquos: e assim esta é a causa verdadeira da cor negra e cabelo retorcido, que vemos em todos os moradores daquela costa.

ALVIANO

Isso que agora dizeis entendo certamente que vai mais desencaminhado de tudo o que temos apontado; porque se os raios do sol causam na tal parte a mudança da cor e cabelo, se seguiria que os nossos portugueses, que há muitos anos habitam por elas, teriam a mesma cor, e, pelo conseguinte, os negros que são levados dessa costa para a Espanha e outras

partes do mundo, aonde há muitos anos que residem, haviam de ter, pelo oposto, mudada a cor negra em branca, principalmente os filhos dos tais que lá nascem, o que não vemos, mas antes os negros que lá residem, tão negros são eles e seus filhos, como os outros que nunca saíram da sua terra. E pelo conseguinte os portugueses, que nela de muitos anos habitam e seus filhos, não deixam de ser brancos; pelo que parece não causarem os raios do sol o efeito que tendes apontado.

BRANDÔNIO

Não se tornarem os negros nascidos em Guiné, depois de transpostos na nossa Espanha, brancos, não é argumento bastante para confundir o que temos dito; porque, em tão poucos anos, como há que se costuma levar a Espanha, não era possível mudarem a cor, que em tantos séculos deles adquiriram seus avós, habitantes naquela zona; demais que, se a geração dos negros, que lá vivem fosse continuada em os mesmos, que juntamente foram netos, e bisnetos, descendentes dos mesmos, tenho por sem dúvida que já houve mostrado a cor menos negra; mas isto passa pelo contrário, porque os filhos daqueles que primeiramente foram levados tornam a ter ajuntamento com as mulheres ou homens que novamente são trazidos; e por esta maneira torna de cada vez neles a se ir refrescando a cor negra adquirida de seus avós em tanto decurso de tempo. E é tanto isto assim que os nossos portugueses, que habitam por toda aquela costa, que houvessem sido por qualidade e natureza alvos e louros, mostram em breve tempo, a cor mais baça, entanto que por ela é conhecido na nossa Lusitânia qualquer homem que houvesse andado pela costa de Guiné, somente e pela cor que levam demudada no rosto; os filhos dos tais nascidos em Guiné, vão logo tomando a cor mais baça, e pelo conseguinte os netos; pelo que se, em decurso de pouco mais de cem anos que os portugueses cursam aquela navegação, se mostra tanta mudança na cor naqueles que a freqüentam, que maravilha é terem os daquela costa a cor negra, em tantos séculos de anos que nela habitam?

ALVIANO

Por maneira que todavia quereis afirmar que os raios do sol sejam causa da cor que nessa gente vemos?

## BRANDÔNIO

Não tão-somente afirmo que os raios do sol sejam a causa de tal cor, mas também quero vos dizer até de terem os cabelos retorcidos; porque haveis de saber que, depois do dilúvio universal das águas, começaram os filhos e netos de Noé a se dividirem pela redondeza da Terra como assentar cada um deles vivendo na parte ou região que mais lhe contentava; donde os descendentes do perverso Cã e seu filho Canão vieram a povoar pela costa africana nesta chamada tórrida zona, que, pela acharem tão temperada e acomodada para habitação humana assentaram nela vivenda pelos lugares marítimos; porquanto aqueles primeiros povoadores sempre buscaram o mar para haverem de viver às fraldas dele, pelas muitas comodidades que disso se lhe seguiam. E assim, havendo sido povoada aquela costa destas gentes de tantos séculos de anos a esta parte, que muito é que os raios do sol, dos quais são visitados duas vezes no ano retamente andando-lhe sempre vizinho, lhes tornasse a cor branca que primeiramente tinham herdado de seus pais e avós nesta negra, que agora lhes vemos; pois é certo que qualquer cousa, se for queimada, posto que branca, se torna preta e da mesma maneira digo que o mesmo sol foi e é a causa de terem cabelo retorcido, pois temos bem experimentado que qualquer cabelo, que for chegado ao calor do fogo, se frange logo e faz retorcido. Pois sendo isto assim, no que não há dúvida, não deve de fazer espanto que os cabelos daquelas gentes crestadas por tanto espaço de tempo aos raios do sol, se tornassem encrespados pelo que tenho por sem dúvida que a cor preta e cabelo retorcido, que vemos nos naturais daquela costa, os raios do sol foram poderosos para obrarem neles o tal efeito.

## ALVIANO

Quando isso houvera lugar na forma que o tendes proposto, o mesmo efeito, que dizeis que o sol causa nesses moradores da costa africana, houvera de causar em todos os mais habitantes no mesmo paralelo, e debaixo do mesmo zênite, o que vemos pelo contrário, pois no mais dentro do coração desta tórrida zona, por onde atravessa a Linha Equinocial estão as Índias Ocidentais, e esta grande costa do Brasil, que assim uma como a outra, é povoada de gente de cor baça, e quando os raios do sol houvessem

sido os que obraram o efeito nessa outra gente, que tendes dito, também o devia de causar nesta outra; pois vivem debaixo do mesmo paralelo, o que vemos que sucede pelo contrário.

BRANDÔNIO

Bem haveis duvidado, assim vos confesso que devera de suceder, se não houvera duas causas principais que o estorvam, nas quais fortifico as minhas razões; e assim digo que todos os habitantes por esta costa do Brasil e Índias teriam a mesma cor preta e cabelo retorcido, que têm os outros que habitam a costa opósita da África, senão foram os ventos frescos com que toda esta costa é lavada de ordinário; com os quais se resfriam os ares e terra, de maneira que não deixam lugar para que o sol com seus raios obre nela o efeito que faz na outra de Guiné.

ALVIANO

Por essa maneira deveis de querer que cuide que pela costa de Guiné não cursam ventos, e que se cursam são tão poucos que não bastam para resfriarem os ares e terras, como fazem neste Brasil; e eu sei, por mo haverem dito pessoas dignas de fé, que, em muitas partes da costa africana, costumam a cursar ventos frescos.

BRANDÔNIO

É verdade que muita parte desta costa não carece de ventos mas esses todos se lhe comunicam por cima da terra; porque, como os ventos mais ordinários desta zona são lestes, aos que habitamos esta costa do Brasil vêm da parte do mar, sendo por esse respeito, frigidíssimos e frescos, e aos da costa de Guiné vêm por cima da terra; e assim trazem consigo os ruins vapores e calor da mesma terra de onde nasce serem aquelas partes tão doentias e de tão ruim habitação para aqueles que as freqüentam, sendo, pelo opósito, a do Brasil muito sadia e acomodada pera a natureza, do que são verdadeira causa os ventos que de ordinário da parte do mar nela cursam. E experimentamos ser isto assim como os terrais que de madrugada costumam ventar, os quais por toda esta grande costa americana, são mui prejudiciais para a saúde dos homens, que, por esse respeito, costumam fazer

suas casas de habitação em forma que não estejam sujeitas a eles, e disto é só a causa de então ventarem da parte da terra; pelo que não há dúvida de ser esta uma das razões para os moradores e naturais do Brasil terem a cor baça, e não preta como têm os de Guiné.

ALVIANO

Aprovo a definição, e a tenho por mui aparente; mas, para ficar melhor inteirado nesta matéria, vos peço que me digais a segunda razão, em que me dissestes fortificáveis a vossa.

BRANDÔNIO

A outra razão é que os moradores desta costa do Brasil não são tão antigos: na povoação dela como são os negros da oposta costa de Guiné, dos quais sabemos, por escrituras autênticas que, depois de os filhos de Cã onde descendem, virem a povoar aquelas partes, sempre continuaram até o dia de hoje na mesma habitação e terra sem haver sucedido acidente nem cousa alguma, que os apartasse dela antes sempre foram continuando a sua propagação, juntando-se com as mulheres de sua mesma nação, há tantos séculos de anos, o que não aconteceu aos moradores deste Brasil; porque são gentes adventícias a ele muito depois, e por esta razão, e a que já tenho dada dos ventos frescos que por toda esta costa cursam da parte do mar, se livram seus moradores de terem também cor preta e cabelo retorcido.

ALVIANO

E que razão me podeis dar para que estes inovadores do Brasil e Índias sejam mais modernos na habitação das mesmas terras que os da costa da Africa?

BRANDÔNIO

Desses moradores da costa africana nos consta, por escrituras dignas de fé, do antiquíssimo tempo que há que vieram assentar vivenda por aquelas partes e das gentes desta costa do Brasil não temos notícia, de que se possa fazer caso do tempo que começaram a fazer sua povoação; porque, sendo todos eles, como são, filhos de Adão, e depois descendentes

de Noé, dos quais sabemos que concorreram a habitar e a povoar as três partes do mundo, a saber: Ásia, Africa, Europa, não se sabe que caminhos hajam trazido os primeiros, que vieram povoar estas grandes incógnitas terras do Brasil e Índias, não sabidas nem conhecidas das gentes em tantos séculos de anos, porque não temos rastro nenhum pelas Escrituras, pelo qual possamos inferir se vieram por mar, se por terra, nem ainda hoje em dia, com estar já tanto descoberto, se pode rastejar pela parte por onde podiam passar a estoutro novo mundo.

ALVIANO

Alembra-me haver lido em Aristóteles no livro que escreveu das cousas ocultas que se acham na natureza, que os fenícios, desgarrando acaso pelo mar oceano em uma embarcação, navegaram quatro dias sem verem terra ao cabo dos quais aportaram a uma terra oculta, que sempre estava em contínuo movimento das águas do mar que a cobriam e descobriam, deixando em seco grande cópia de atuns, maiores que os ordinários e neste mesmo livro diz o próprio autor que uns mercadores cartagineses da ilha de Calles, termo e limite das colunas de Hércules ao cabo de muitos dias de navegação, toparam com algumas ilhas, muito distantes da terra firme, nas quais não acharam nenhum morador por não serem habitadas, posto que abundantes de todas as cousas necessárias para a vida humana, e estas ilhas tenho eu para mim sem dúvida nenhuma que devem ser aquelas que estão adjacentes; pois tanto tempo gastavam na navegação à costa das Índias, e que elas, depois de serem povoadas, se passaram seus moradores a habitar esta tão grande e incógnita terra firme, donde tiveram origem os seus primeiros povoadores. Também tenho ouvido que um Velpocio Americo, natural de Cartago, navegando com uma embarcação pelo mar oceano, impellido de ventos rijos que lhe não deixaram tomar terra, veio a aportar a esta grande costa do Brasil, que do seu nome se chamou América; pelo que não sinto causa por onde possa deixar de cuidar que de algumas daquelas gentes tomasse princípio a povoação deste novo mundo.

BRANDÔNIO

Verdade é que Aristóteles trata disso no livro referido; mas esses fenícios, que afirma haverem achado essa ilha que se cobria e desco-

bria das águas deixando muitos atuns em seco, e que gastaram quatro dias de navegação até topar com ela, creio por sem dúvida que devia de ser alguma restinga de terra, que então continuava com uma ilha situada na costa do Algarve, a que chamamos do Pessegueiro, na qual paragem, por costumarem a continuar os atuns que por ali passam a desovar dentro do Estreito, se tomam muitos hoje em dia, e o cobrir-se e descobrir-se das águas devia ser causa o fluxo e refluxo da maré, donde a continuação de tormentas e terremotos tantos anos removeu para o fundo das águas a tal restinga de terra, como em muitas outras partes tem feito, deixando somente descoberta a ilha chamada do Pessegueiro por ser terra mais alta, e como os fenícios, que então ali aportaram, vinham do estreito de Gibraltar, bem necessário lhes era esses quatro dias de navegação para aportarem aquela parte, principalmente sendo então tão pouco experimentados nas cousas do mar.

## ALVIANO

Não me toa mal isso, e assim entendo não haver passado dessa ilha a navegação dos fenícios; mas que me dizeis da outra dos cartagineses em que gastaram tantos dias?

## BRANDÔNIO

Essas ilhas que relata Aristóteles haverem descoberto os cartagineses, abundantes das cousas necessárias para a vida humana, não são outras senão as ilhas das Canárias que estavam povoadas, antes de serem descobertas pelos castelhanos, de gentes a que chamam guanches, que deviam de ser descendentes daqueles primeiros cartagineses, que as descobriram; e os dias que diz Aristóteles haverem gastado na navegação antes de chegarem a elas, não eram muitos para gentes tão pouco exercitadas na arte da navegação, como eles eram então; pois não há duvida que, temerosos dos ventos e mates, fariam a navegação mais comprida, com não largarem tanta vela quanto era necessária, e a tomarem de noite, por não toparem, com escuridade dela, em alguns baixos onde se perdessem: pelo que me não fica dúvida nenhuma para deixar de cuidar serem estes cartagineses os que deram princípio a povoarem todas as ilhas chamadas das Canárias.

ALVIANO

E que me dizeis do Américo que se afirma haver aportado na costa do Brasil e que dele tomou nome toda esta província de se chamar América?

BRANDÔNIO

Nenhuma certeza há a que hajamos de dar crédito, pela qual nos conste que esse Américo, quando seja verdade o que dele se escreve, houvesse aportado mais na costa do Brasil que na d’Africa; porque, como faltavam aos antigos os instrumentos, com que hoje navegamos, pelos quais temos conhecimento da altura e paragem em que nos achamos, podia muito bem esse Américo aportar em qualquer parte da costa africana, sem saberem que era a mesma donde saíram; e como ignoraram isto os modernos, depois da descoberta da terra de Santa Cruz por Pedro Álvares Cabral, quiseram cuidar que ela devia de ser a que se dizia que o outro descobriu, e por isso lhe deram o tal nome; e é tanto assim poder ignorar o Américo da paragem em que estava, que em nossos tempos, há poucos anos, partindo um navio do Rio de Janeiro para Angola, depois de muitos dias de navegação, descobriram terra, e cuidando ser de Angola, para onde iam, entraram pela barra dentro da Paraíba, que é nesta mesma costa do Brasil.

ALVIANO

E como é possível que se pudessem enganar esses navegantes tão crassamente?

BRANDÔNIO

Depois de haverem navegado muitos dias por sua direita derrota, devia de dar o navio em que iam alguma volta e ao outro dia, vendo a proa inclinada para o oeste, foram correndo por ele, cuidando que era leste, sem repararem donde nascia ou se punha o sol, e assim cuidando que estavam em Angola, se acharam no Brasil, na barra da Paraíba, que está na mesma altura.

## ALVIANO

Dessa maneira não foi muito que errasse o Américo, pois esses outros erraram em tempo que havia já tanto conhecimento de navegar; mas, para darmos definição à nossa prática, vos peço que me digais a opinião que tendes da povoação deste mundo.

## BRANDÔNIO

Já que me quereis tirar a terreiro sobre essa matéria que eu estimava muito não me meter nela, há-me de ser forçado a tomar o salto mais de trás, para poder melhor me declarar. Querendo o santo profeta Rei Davi mostrar-se grato às muitas mercês e favores, que de Deus tinha recebido, pretendia edificar-lhe um célebre, suntuoso e grande templo, no qual seu santo nome fosse engrandecido e louvado das gentes, ao que lhe foi ponto interdito pelo mesmo Senhor, por respeito de ter as mãos sanguinárias dos muitos inimigos que havia morto nas guerras, que teve pelo decurso do tempo de seu reinado, ou pode ser que bem bastasse a ser reputado por sanguinário para com Deus a indigna morte que fez dar a Urias, transportado no indigno amor de Bersabé; vendo pois Davi o impedimento que lhe era posto por Deus, com o qual não podia levar avante o que tanto desejava, se deu a ajuntar materiais para a obra do templo, os quais deixou a seu filho Salomão com lhe encarregar o cuidado de lhe dar princípio e cabo já que ele não pudera fazer. O sábio rei que também herdara do pai o mesmo desejo, se resolveu para poder ajuntar muito ouro, prata, marfim e ébano, que sabia ser necessário, e ainda o principal nervo e substância da obra para haver de por na grandeza que ele queria, de fazer uma liga de contrato com Hiram, rei de Tiro, para haverem de mandar todos os anos de Asiogaber, porto situado no mar Roxo, uma frota de naus que, desembocando o mesmo estreito, fossem buscar as cousas que pretendiam à região de Társis; o que, depois de se pôr em efeito, se continuou com esta navegação muito espaço de tempo, declarando a Escritura que estas naus, iam ao porto de Ofir, donde traziam quantidade grande de ouro, prata, ébano, marfim, e alguns papagaios e bugios, demorando na viagem, de ida e vinda, três anos. Pois passando isto assim, no que não há dúvida, é de saber agora adonde estava este Ofir de que a Escritura trata, na região de

Társis. E, pois, este nome Társis no *frasis* grego significa África, na tal costa devia de estar o porto de Ofir; pelo que Vatablo Parisiense errou sumamente em dizer que o Ofir era uma ilha situada no mar do sul da costa do Peru descoberta por Cristóvão Colombo, chamada Espanhola.

ALVIANO

Não sofro haver homem que ousasse escrever tão grande erro; pois não era possível que gente ainda tão pouco esperta na arte da navegação fossem buscar as ilhas de Maluco, para dali, pelo mar chamado do Sul, ir em demanda dessa ilha, que diz Vatablo; pois era navegação não sabida no mundo antes dos espanhóis a haverem descoberto; e, se fizessem a sua derrota por estoutros mares lhes era forçado haverem de passar o cabo de Boa Esperança, e dali atravessar pelo estreito de Magalhães, o que tenho por cousa impossível; pois vemos nestes próximos tempos, com termos tão apalpada este estreito, que já se sabe não o ser senão que mostra sê-lo pelo ajuntamento de muitas ilhas que ali se acham da outra parte do sul dela, de maravilha pode ser bem navegado, como se experimentou na armada de Diego Flores de Valdez, e outras, que da boca dele tornaram a arribar por causa dos tempos tormentosos, que naquela paragem de ordinário cursam.

BRANDÔNIO

Por essa maneira nem por uma parte nem por outra podiam fazer semelhante navegação, e eu me confirmo com esse mesmo parecer; pelo que devemos de buscar na costa africana algum lugar em que se achem as cousas que esta armada levava, que era ouro, prata, marfim, pau-preto e alguns papagaios, de que a Escritura trata. Este Ofir querem muitos que seja a região a que hoje chamamos Sofala, descoberta pelos nossos portugueses.

ALVIANO

Nem essa razão me satisfaz, porquanto o reino de Sofala está tão vizinho do Mar Roxo e do seu Estreito, que se pode fazer sua navegação de uma parte a outra em menos de trinta dias; e assim não conclui o dizer-se

que, em viagem de tão pouca demora, se detivesse essa armada de Salomão, tanto tempo, nem menos se pode cuidar que demorasse todo esse tempo, depois de estar no porto; para cousas tão manuais e tão fáceis de contratar, era grande a demora, e assim vos convém buscar outro porto de mais comprida navegação na costa africana.

BRANDÔNIO

O porto que esta armada demandava tenho por sem dúvida, e desta mesma opinião são muitos homens doutos, ser a costa a que hoje chamamos de Mina, aonde está situada a cidade de São Jorge; porque, para navegarem para a tal costa, convinha dobrar-se o Cabo de Boa Esperança e assim em tão comprida viagem lhes era necessário aqueles navegantes gastarem tanto tempo quanto a Escritura afirma que gastaram na ida e vinda, por serem pouco exercitados na arte de navegar, e na tal parte se acham em abundância as cousas de que aquela armada tornava carregada; pelo que me tenho persuadido, por assim também o estarem muitos homens doutos, que a Mina era o verdadeiro Ofir, a que estas gentes navegavam. Pois, passando isto assim, quem duvida que algumas das naus da tal armada, que de força, à tornada, as águas e tempos a deviam de chegar ao Cabo a que chamamos de Santo Agostinho, desse à costa nesta terra do Brasil, e que da gente que dela se salvasse tivesse origem a povoação de tão grande mundo?

ALVIANO

Antes tenho para mim que esta povoação teve princípio dos chinas, que pelo mar da costa do Peru chamado do Sul vieram aportar a esta grande terra de qualquer maneira que fosse, pois sabemos por cousa indubitável que os chinas são mui antigos na navegação, e que deles esteve povoada a maior parte das Índias Orientais, e de que se acham muitos vestígios, donde se tornaram a recolher aos seus reinos e províncias, por entenderem assim se conservariam melhor.

BRANDÔNIO

Não duvido de haverem sido os chinas muito antigos no navegar, e que pode mui bem ser que deles tivesse princípio a costa do Peru,

e que a ela podiam muito bem vir a aportar pelo mar do Sul, posto que não se acha rasto nem na fala, nem nos costumes, nem em outra cousa alguma de haverem procedido as gentes daquelas partes dos chinas, e quando procedessem deles, não se pode cuidar que este gentio do Brasil tivesse o mesmo princípio, porque se desencontram em grande maneira, assim na fala, costumes e mais ações do gentio do Peru, o qual é fraquíssimo por natureza e pouco inclinado a guerras, e os desta outra costa belicosíssimos e que vivem de guerras e correrias, e faz bastante prova disto não se haverem nunca comunicado o gentio desta costa do Brasil com os da costa do Peru, nem há notícia que em nenhum tempo o hajam feito; e assim o experimentaram os castelhanos, quando descobriram aquelas partes, porque para se haver de passar do Brasil ao Peru se antepõem de permeio mil dificuldades de grandes desertos e espessas matas, altíssimas serras e sobretudo pouca ou nenhuma água, pelo qual respeito até o dia de hoje não houve pessoa nem dos naturais nem dos nossos que ousasse atravessar tão grande terra.

ALVIANO

Não me desagrada a definição que tendes dada a uma cousa e outra mas não me posso persuadir que tão bárbaro gentio, como é o que habita por toda esta costa do Brasil, traga a sua origem da gente israelita, porque, se a trouxeram, de força se lhes havia de comunicar alguma polícia de seus pais e avós, o que nós não vemos neles.

BRANDÔNIO

Confesso que os primeiros pais deveram de mostrar e ensinar a seus filhos e netos o uso das artes e polícia que tinham; mas essa como havia de ser ensinada somente de palavra, não podia passar à memória de tão comprida geração, em gentes a que lhes faltaram logo as Escrituras e o mais necessário para a conservação das artes e polícia em terras tão remotas e incógnitas, como eram as que habitavam e assim com a continuação do tempo se lhes havia de ir barrendo da memória o que seus avós lhes tinham amostrado, como ficarem no estado em que de presente os conhecemos. Mas contudo ainda hoje em dia se acha entre eles muitas palavras e nomes pronunciados na língua hebréia e da

mesma maneira, costumes como é tomarem suas sobrinhas por suas verdadeiras mulheres, que nem uma cousa nem outra fariam se os não houvessem aprendido de quem os sabia. E com toda a sua barbaridade têm conhecimento das estrelas dos céus de que nós temos notícia, posto que lhes applicassem nomes diferentes, pelo que tenho por sem dúvida descenderem estes moradores naturais do Brasil daqueles israelitas que navegaram primeiro por os seus mares.

ALVIANO

Não disputemos mais sobre essa matéria, porque com ela nos havemos desviado muito de nossa prática, que era havermos de tratar dos bons céus, ares e qualidade de que goza a terra do Brasil.

BRANDÔNIO

Não cuido eu que nos havemos desviado muito dessa matéria, porque quanto dissemos foi necessário para voltarmos à dúvida do obstáculo que lhe podia fazer a toda esta costa do brasiliense ao seu bom temperamento o estar situada no coração da tórrida zona, julgada dos antigos inabitável por calorosa, a qual pelo contrário temos já experimentado ser mais acomodada para a habitação da natureza humana, para o que, quando não tivéramos outra prova, bastara a que nos dá o mesmo gentio da terra, que com andarem descobertos e trazerem as carnes despidas aos raios do sol e à fúria dos ventos e cortados das águas, não tendo outra cousa por abrigo de dia nem de noite senão um pequeno de fogo, a cujo calor se aqueçam, fazendo tão grande excesso no comer e beber desordenado, como de ordinário fazem, todavia prevalecem gozando de perfeita saúde, com serem acompanhados de robustos membros e forças grandes, o que não pudera suceder, se os bons ares e temperamento da terra lhes não deram grande ajuda e nutrimento.

ALVIANO

Não haverá quem a isso ponha dúvida, por que, passando eu os dias passados por suas aldeias deste gentio, vi alguns homens que no seu aspecto me parecem de muita comprida idade.

BRANDÔNIO

Acham-se muitos índios por toda esta costa do Brasil, que têm de idade mais de cem anos, e eu conheço alguns destes, aos quais lhes não falta dente na boca, e gozam ainda de suas perfeitas forças, com terem três e quatro mulheres, as quais conhecem carnalmente, e me afirmaram não haverem sido em todo o decurso da sua vida doentes; e assim geralmente todo este gentio é muito bem disposto, do que tudo é causa os bons céus e bom temperamento da terra (2).

ALVIANO

Vi levar algum gentio deste natural da terra ao nosso Portugal, aonde se logram mal e morrem apressados os mais deles e sempre ignorei a causa disso.

BRANDÔNIO

O não se dar bem o gentio deste Brasil em Portugal corrobora a minha razão do bom temperamento dele; porque como vão de terra tão sadia e de tão bons ares para essa outra que lhes fica inferior em tanta quantidade, não sofre a natureza acostumada a tão excelente habitação e temperamento, como é a terra do Brasil, de onde os levam, padecer as injúrias que o tempo com seus calores e frios causa na nossa Espanha, e por isso não se podem lograr nela, e vêm a perder a vida brevemente, o que não sucede ao gentio que se leva para lá do reino de Angola e de todo Guiné, que, como vão de terra doentia e de ruim habitação, se contenta a sua natureza de gozar do clima de nossa Espanha que lhe sobrepuja em todas as qualidades de mais sadia e isto mesmo sucede ao gentio que se lá leva das Índias Orientais; mas no Brasil se acha isto ao revés, porque toda gente de qualquer nação que seja prevalece nele com saúde perfeita, e os que vêm doentes cobram melhoria em breve tempo. E a razão é o serem estas terras do Brasil mais sadias e de melhor temperamento que todas as demais.

ALVIANO

Pois tinha crido que a causa do gentio não prevalecer em Espanha não era outra senão o irem de clima quente para o frio, o qual os corta logo e põe no extremo da vida.

BRANDÔNIO

De terra muito mais quente vai o gentio de Guiné e da ilha de São Tomé, e todavia prevalecem em Espanha, sem ser parte o frio de lhes fazer dano, como vão também os mais que se trazem da Índia, e assim não é essa a causa senão a que tenho dito.

ALVIANO

Dou-me por concluído, porque ali de força há de ser de mau temperamento, como o são todas as demais partes por onde ela passa.

BRANDÔNIO

Também vos enganais, porquanto são de tal temperamento as terras do Brasil por onde passa a Linha Equinocial, como as demais que estão muito desviadas dela, e temos isto muito clara experiência no Pará novamente povoado, por outro nome chamado o Rio das Amazonas, cujo porto, sítio e povoação atravessa essa linha de meio a meio, e nem por isso deixa de ser mesmo temperada e sadia, e de maravilhosa habitação para a natureza humana, porque tem tão bom céu e goza de tão bons ares toda a terra do Brasil, que nenhuma das causas que costumam fazer dano por outras regiões o fazem nela, nem cobram forças para o poderem fazer.

ALVIANO

O ser ainda reinou e vindo de pouco a esta terra me faz ignorar em muitas cousas que aos antigos nela são patentes, e por isso não vos maravilheis se vos perguntar algumas já muito notórias, porque a mim o não são pelo respeito que tenho dito; e assim não vejo razão pela qual careça este Estado do Brasil de enfermidades, como tendes apontado, havendo-as em todas as demais partes do mundo em tanta quantidade, e neste lugar aonde estamos, no pouco tempo que nele resido, tenho ouvido queixar a muitos homens de particulares enfermidades que padecem.

BRANDÔNIO

Eu não disse absolutamente que no Brasil não havia doenças, porque isso seria querer encontrar a verdade; mas o que quis dizer é que

as doenças, que há nele, são tão leves e fáceis de curar, que quase se não podem reputar por tais, e senão vede quanto gentio habita por toda esta costa, o qual, com viver tão brutalmente, fazendo tanto excesso no comer e beber em suas borracheiras, que só em uma noite das muitas que gastam nelas era bastante para matar a mil homens, contudo a eles lhes não faz dano, e vivem sãos e bem dispostos. Verdade é que algumas vezes lhes sobrevêm algumas febres de pouca consideração, da qual saíram com facilidade, somente com se lavarem no mais vizinho rio que encontram.

ALVIANO

Bom modo de curar é esse, porque, se estando eu tão enfermo, metesse um só pé dentro d'água, seria bastante para chegar ao último dia da vida.

BRANDÔNIO

Pois a eles o meterem-se dentro d'água serve de medicina, e, quando lhes dói a cabeça, com rasparem os cabelos, ficam sãos, e também sucede terem algumas câmaras, para as quais aplicam alguns medicamentos ao seu modo, com os quais se curam delas. Também adoecem muitas vezes de um mal a que chamam do bicho, (3) que é o mais ordinário da terra, o qual não é outra coisa senão uma fogagem que se cria dentro do sesso, bastante para relaxar os membros em grande maneira, com febre e dor de cabeça, o que se cura facilmente somente com se lavar aquela parte três ou quatro vezes com água morna (\*); e quando se lhe não acode com esse medicamento tão fácil, basta aquela fogagem para vir a corromper todo o sesso com morte do enfermo, como eu já vi suceder a muitos.

ALVIANO

De semelhante doença não ouvi nunca tratar em Espanha nem em outra parte, pelo que cuido que só a deve de haver neste Estado.

---

\* Escrito por cima *fria*.

BRANDÔNIO

Antes cuidoo que é generalíssima por todo o mundo, e que dela morre multidão grande de gente, sem os médicos atinarem com ela, porque em Portugal a dois outros enfermos, que estavam muitas vezes sangrados, e os físicos determinaram de os consumir ainda com mais sangrias, aconselhei o haverem-se de curar com água morna (\*), porque podia bem ser que fossem doentes do bicho, os quais, seguindo meu conselho, cobraram perfeita saúde.

ALVIANO

Pois que meio há para o homem poder vir em conhecimento se está doente desse bicho ou não?

BRANDÔNIO

Muito fácil é o que se costuma fazer nesta terra: tomam um pequeno de tabaco, por outro nome *erva santa*, em falta de outra erva a que chamam *payémanioba* (4), e pisada com sumo de limão, metem uma pequena quantidade dela no sesto do enfermo, e, se está doente do bicho, lhe causa grande ardor, e pelo contrário não tem nenhum ou quase nada; e esta erva pisada com o sumo de limão cura também grandemente a mesma enfermidade.

ALVIANO

Folgo de me haverdes advertido de semelhante segredo, porque a qualquer repiquete eu me sobrevenha de febre e dor de cabeça, sou aos pés juntos com a experiência da mezinha: e se este gentio não padece mais doenças que as que tendes referido pode-se reputar por livre delas.

BRANDÔNIO

Sim, padecem; porque também são molestados de sarampão e bexigas, de que morre grande quantidade de gente (5). Mas estas doenças,

---

\* Escrito por cima *fria*.

principalmente as bexigas são estrangeiras, que se lhes costuma comunicar, vindas do reino de Congo e de Arda pelos negros que de lá se trazem, com fazerem grandíssima matança, assim no gentio natural da terra como no de Guiné, e no ano de 616 e 617 ficaram muitos homens neste Estado do Brasil de ricos pobres pela grande mortandade que tiveram de escravos. E a graça é que este mal das bexigas não se comunica senão ao gentio natural da terra, e no de Guiné, e nas pessoas que são filhos de brancos, e do gentio a que chamam mamalucos, e ainda a todos aqueles nascidos na própria terra, posto que de pais e mães brancos; mas aos que vieram de Portugal e foram lá gerados, sendo portugueses ou de outra nação das de Europa, por nenhum modo se lhes comunica o mal, ainda que a duas outras pessoas vi também morrer dele; mas uma andorinha não faz verão entre tão grande multidão, como morre dos outros.

ALVIANO

Brava consolação é essa, que deve causar algum oculto segredo, que nós não conhecemos, e folgarei de saber que modo se tem na cura dessa enfermidade de bexigas.

BRANDÔNIO

Nem os meios experimentados na terra nem os médicos que nela residem até o presente acharam método nem regra, pela qual se deva de curar semelhante enfermidade; porquanto, dando sempre com febre ardente se mandam sangrar ao enfermo, morre, e, se o não mandam sangrar, também morre; e pelo opósito, se o sangram vive, e se o não sangram também vive. Verdade é que os que adoecem de uma espécie de bexigas a que chamam pele-de-lixia, por fazer a pele do enfermo semelhante à daquele peixe, quase que nenhum escapa, porque se lhe despe a pele do corpo, como se fosse queimada ao fogo com o deixar todo em carne viva; e eu sei enfermo, ao qual se lhe caiu a pele de uma perna toda inteira, ficando fora dela, como meia calça, e desta maneira morre muita gente, sem se poder achar remédio preservativo para tão grande mal, com ser doença que se comunica de uns a outros como se fora peste.

ALVIANO

Não tenho eu essas bexigas, na forma que dizeis que se comunicam e matam, por menos prejudicial que a peste, a qual também deve de haver neste Estado.

BRANDÔNIO

Antes não, porque os seus ares são tão delgados e os céus tão benignos, que não consentem haver em toda esta costa do Brasil esse mal pernicioso de peste, como o costuma haver por toda a Europa, Ásia e África; porquanto na memória dos homens não há lembrança que semelhante enfermidade se achasse nunca nestas partes, antes o seu clima é tanto contra ela, que, vindo muitas pessoas do nosso Portugal no tempo que nele havia febre, iscadadas e ainda doentes do mesmo, em passando a Linha Equinocial para esta parte do sul, logo convalescessem, e os ruins ares que trazia o navio se desfazem e consomem, e, quando fica algum rasto dele, totalmente se extingue e acaba em o navio tomando terra nesta costa, que não pode ser melhor temperamento da Terra.

ALVIANO

Assaz prova é essa do bom céu de que goza este novo mundo, pois doença tão contagiosa por outras partes nele se diminuem e abrandam logo.

BRANDÔNIO

Assim é que o bom temperamento da terra dá causa a todas essas maravilhas, pelo que, tirando as doenças que tenho relatadas, não sei outras senão algumas postemas e chagas, de que saram os enfermos com facilidade, aplicando-lhe os medicamentos ordinários, e também com folhas e sumos de ervas que conhecem, sem nunca chegarem a ter necessidade de cirurgiões, barbeiros nem sangrias.

ALVIANO

Não são tão fáceis de curar semelhantes postemas e chagas em Portugal, porque se consome muito tempo na cura delas.

BRANDÔNIO

Pois neste Brasil se curam com a facilidade que tenho dito, e para isso vos direi o que vi por próprios olhos, que não ousava de afirmar em parte aonde me faltassem os testemunhos, que aqui tenho: um negro de Guiné, meu escravo, chamado Gonçalo, se lhe cerraram de todo as vias ordinárias que temos para fazer câmara e urinas, e se lhe abriu pelo umbigo um buraco, por onde por muitos dias fez semelhante exercício, o qual se lhe tornou também a cerrar de per si com se lhe abrir outro igual buraco na ilharga direita, pelo qual obrou também suas necessidades mais de seis meses, ao cabo dos quais, sem nenhuma cura, nem medicamento, tornou a sarar, abrindo-se-lhe de novo as vias ordinárias, pelas quais foi purgando, como de antes, com ter perfeita saúde e viver muitos dias (6).

ALVIANO

Cousa estranha me contaís nisso, e com muita razão vos temeís de o relatar senão nessa parte, aonde vos ofereceís a acreditar o dito com testemunhas, que para isso nunca haverá outras de mais forças que o dizerdes vós; mas folgarei de saber com que se purgam os enfermos nesta terra.

BRANDÔNIO

Com medicamentos purgativos que vêm do reino, e se vendem em boticas, de que sempre está a terra bem provida, posto que também se acham nelas excelentes purgas de que o mais da gente usa como é a batata, já também estimada em Portugal, e uns pinhões que se colhem de umas árvores de que os campos estão povoados (7).

ALVIANO

Desses pinhões tenho ouvido dizer mil males, e afirmar deles ser purga muito trabalhosa pelos muitos e grandes vômitos que causam.

BRANDÔNIO

Desse modo passava, mas já hoje por se tomarem de diferente modo, não causam esses acidentes e vômitos que dantes faziam.

ALVIANO

Folgarei de saber o modo que se guarda de presente no tomar esses pinhões.

BRANDÔNIO

Muitas pessoas usam deles com, depois de esbrugados, lhes tirarem uma pelinha que têm de fora, e juntamente outra do meio, para o que é necessário ser aberto, e logo o tornar a juntar, e o encerram dentro em uma fruta que chamam *goiaba*, e em falta em outra que chama *araçá* e os põe a assar juntamente com as frutas sobre o borralho, e como está assada tiram dela, porque com o calor do fogo largam dentro na fruta a malinidade que tinham, e, botada a fruta fora, pisam os pinhões em gral com um pouco de açúcar branco, no qual se encorporam e depois de tudo encorporado fazem um pequeno bolinho, que se torna a assar sobre um testo nas brasas, ficando do modo de massapão, como se advertir que se há de fazer somente de cinco pinhões a purga, que o enfermo há de tomar uma hora antemanhã, e com ela obra maravilhosamente até se lhe dar o caldo de galinha que lhe restringe as câmaras.

ALVIANO

Bem fácil é esse modo de purga, e sempre folgarei, quando me seja necessário, de me aproveitar dele.

BRANDÔNIO

Também sucede neste Brasil, assim aos nossos portugueses, como aos naturais da terra, dar-lhes um acidente de câmaras e a revezar que lhes dura por espaço de 24 horas pouco mais ou menos, e posto que na Índia semelhante doença, a que chamamos *mordexin*, é mortal, aqui o não é, porque, passado o termo do acidente, sem mais medicamento fica o enfermo são (8).

ALVIANO

E quando sucede ser este gentio ferido nas guerras, a que me tendes dito que são muito inclinados, que modo têm na cura de tais feridas?

BRANDÔNIO

Proveu a natureza com lhes dar um azeite que se tira de uma árvore chamada *copaíba* (9), da qual toma o azeite o nome, e com ele curam as feridas por ser de tão maravilhosa virtude, que em breve tempo saram delas, e quando a tal ferida é penetrante por ser dada com flecha, e o pequeno buraco lhes não dá lugar a se poderem servir do azeite, tomam por remédio fazerem uma cova no chão, dentro da qual lançam brasas envoltas em fogo, pondo em cima da tal cova uma taboinha com um buraco pequeno no meio, sobre o qual acomodam o lugar da ferida, com se lançar para o efeito o enfermo em terra, e ali com o calor do fogo que se lhe comunica pelo buraco despede a ferida de si todo o sangue podre e malinidade que tinha, e corrobora-se a carne de maneira que, sem mais outro benefício, fica o enfermo são.

ALVIANO

Também tenho ouvido gabar muito em Portugal para feridas um bálsamo que se lá leva das capitanias do Sul.

BRANDÔNIO

Esse bálsamo é excelente remédio para elas, mas não se acha senão nas capitanias, donde o levam, que são as do Sul (10) e as da parte do Norte carecem dele, e por isso se servem do azeite que tenho dito.

ALVIANO

A um meu vizinho tenho visto queixar muitas vezes de uma chaga que tem em um pé, de que não pode sarar.

BRANDÔNIO

Todas as pessoas que neste Brasil têm chagas ou feridas na cabeça saram com muita facilidade delas, e as dos pés e pernas são mais dilatadas e ajuda a serem mais descurar o pouco regimento que os enfermos costumam a ter.

ALVIANO

E os nossos portugueses que habitam por essas partes usam do próprio remédio desse azeite de copaíba e bálsamo?

BRANDÔNIO

Sim, usam porque têm experimentado ser excelente remédio para feridas; mas nas mais enfermidades guardam na cura delas diferente estilo, porque se curam com médicos, barbeiros e cirurgiões portugueses.

ALVIANO

E que doença são as mais gerais para com os portugueses?

BRANDÔNIO

Os portugueses depois que vêm do Reino os costuma apalpar a terra com uma febre e frio de pouca importância, porque com duas ou três sangrias saram delas, e quanto mais se dilatam em serem apalpadados do clima, se lhe comunica a mesma febre e frio com mais força, mas de modo que nunca chega a ser doença de consideração. Também os antigos da terra são visitados das mesmas maleitas, terçãs e ainda quartãs as quais prevalecem em uns mais e em outros menos, segundo a natureza e compleição de cada um; mas morre muito pouca gente de semelhante enfermidade, a qual se cura pelos médicos com purgas e sangrias (11).

ALVIANO

Com toda essa boa qualidade da terra, tenho visto muitos homens nela faltos de narizes e com remendos pelo rosto, e outros meio entevados; claro indício de haverem sido tocados do humor boubático, a qual enfermidade tenho para mim que domina desta parte com grande excesso (12).

BRANDÔNIO

Verdade é que pelo calor da terra se comunica esse mal a muitos homens mal regidos e dados a mulheres, mas cura-se com muita facilidade.

de, porque com uma pequena de salsaparrilha, precedendo o regimento necessário no tomar delas, cobram os enfermos perfeita saúde, e também a alcançam com fazerem exercício de andar e outras cousas que provoquem o corpo a suar, e quando em alguns predomina o mal com mais força o azougue o extingue e o consome de todo, o qual no Brasil se toma com facilidade e pouco risco; e esses homens que dizeis haverdes visto com deformidades no rosto, o seu pouco regimento foi disso causa, porque, se o tiveram, cobravam saúde, como os mais.

ALVIANO

Contudo, isso eu tenho para mim que se não desviaram da verdade os espanhóis em afirmar que este mal se comunicou a Europa destas partes.

BRANDÔNIO

Isso não querem consentir os índios, mas antes afirmam que nunca o conheceram antes dos portugueses virem a povoar este novo mundo, e que por eles se lhes comunicou.

ALVIANO

Não disputamos isso, pois nos importa pouco, que o que sei é que, quer o mal tivesse princípio destas partes ou de outras, é muito pernicioso para os tocados dele. Também me dizem que neste vosso Brasil se acham uns bichos que se metem pelos pés, com os quais me fizeram grandes medos em Portugal.

BRANDÔNIO

Com bem pouca razão vo-los fizeram, porque desses bichos muitas pessoas tomam por recreação o entrarem-lhes nos pés para serem tirados, por uma gostosa comichão que neles fazem (13).

ALVIANO

E de que feição são esses bichos?

BRANDÔNIO

Muito mais pequenos em quantidade que as pulgas do nosso Portugal, enquanto andam pela terra; na que é arisca se dá melhor, e deles entram pelo pé, aonde vão crescendo, e, quando há descuido em se tirarem, vêm a se fazer tamanhos, como uma camarinha e a mesma cor, mas, em entrando no pé, com o comichão que causam logo dão sinal de sua entrada, donde se tiram com um alfinete ou uma ponta de faca com muita facilidade e pouca moléstia, e pode-se sofrer a desconfortabilidade destes bichos, posto que muitas pessoas o não têm por tal, pela falta que há na terra das mais imundícias que nos molestam em Portugal.

ALVIANO

E que imundícias são essas de que dizeis que carece a terra?

BRANDÔNIO

De piolhos que não permanecem nela por nenhum caso, e pelos conseqüentes pulgas e percevejos que não há.

ALVIANO

Só por gozar da falta dessas cousas podia o homem largar Portugal, aonde tanta moléstia dão e vir-se a viver no Brasil.

BRANDÔNIO

Parece que a qualidade da terra desbarata a vida de semelhantes bichos, de modo que não podem prevalecer nela.

ALVIANO

Pois eu não acho esta terra tão quente que baste para fazer semelhante excesso.

BRANDÔNIO

O calor temperado dela é o que faz, porque, posto que tenhamos muitas vezes o sol sobre a cabeça, todavia causa pouco ou nenhum

dano a seus habitantes; porque os ares frescos, que de ordinário cursam e resfriam os seus raios, de maneira que causam um temperadíssimo calor, de modo que, com os homens andarem pouco enroupados, nem os raios do sol os escaldam, nem os ventos os transpassam. Verdade é que a lua se tem por menos sadia, e como tal se guardam dela, mas isto não em tanta quantidade, que conhecidamente impeça aos que se põem ao luar.

ALVIANO

Já tenho experimentado esse bom temperamento, e o tenho pelo melhor que possa ser, pois assim na força do verão como do inverno, sempre a terra tem uma mesma temperança, em forma que a mesma roupa de verão serve para o inverno sem ser necessário dobrá-la.

BRANDÔNIO

Assim passa, e ainda tenho notado outra cousa assaz estranha, a qual é que não há lembrança na memória dos homens de que haja havido em algum tempo tremor de terra nesta província, como de ordinário costuma haver na nossa Espanha.

ALVIANO

Não é cousa essa de pequena consideração, de onde tenho para mim que a terra deste Brasil deve ser toda sólida e maciça, sem ter cavernas, furnas ou lapas por baixo, aonde se possa recolher o ar que costuma causar esses tremores; e também pode ser que disto proceda a seu bom temperamento de que me tendes dito tanto e assim folgara que nos passássemos a tratar de sua riqueza e fertilidade.

BRANDÔNIO

Isto é já tarde e a matéria comprida, pelo que me parece acertado reservarmo-la para amanhã, que neste lugar vos espero.

ALVIANO

Assim seja, porque não quero ir nada contra vosso gosto.

.....

## *Notas do Diálogo segundo*

### NOTA (1)

Todo o diálogo segundo é dedicado à definição do clima e temperamento do Brasil, como então se dizia, que vale o mesmo que clima e salubridade dos tratados modernos. Dos seis diálogos que compõem o livro, este é o que encerra matéria mais “difícultosa de soltar”, como disse Brandônio, mas também é o que demonstra de sua parte maior soma de conhecimentos; com o trato dos autores antigos, a exposição e a crítica de suas opiniões.

Brandônio não era médico, como Garcia da Orta; dele nenhum depoimento existe de que tenha passado como o outro, por Coimbra ou Salamanca. Simples colono, simples mercador, por isso mesmo é que maravilha como dispusesse de tamanho cabedal científico, de tão extensa erudição em matérias que por seu ofício ou profissão não estava obrigado a versar, quanto mais a ensinar.

Principia por contestar a Ptolomeu e nos de sua escola a doutrina que professavam sobre a inabitabilidade da tórrida zona, pelo muito calor que imaginavam devia nela reinar, por isso que duas vezes no ano o sol por ali passa para os trópicos. Contrariando-a, escuda-se no parecer de outros filósofos, secundado pela própria experiência, de que a intensidade daquele calor é moderada pelos ventos frescos que de ordinário cursam na mesma zona e por outras condições atmosféricas, bastantes para temperar os ares e tornar a vida humana não só acomodada, mas até deliciosa. Fundado nessas razões, chega a assegurar que nenhuma parte do mundo é mais sadia e de melhor temperamento do que a terra do Brasil. “É é tanto assim que não faltam autores que querem afirmar estar nesta parte situado o paraíso terreal...” Não se faz mister acompanhar o autor em sua exaltada dissertação a tal respeito, nem em suas teorias sobre as raças, a adaptabilidade delas a climas diferentes, os caldeamentos étnicos, a origem dos americanos, as

navegações de fenícios, cartagineses e chineses e outras questões conexas. Suas idéias, mais curiosas do que interessantes, refletem, como é natural, as lições da ciência de seu tempo, aceitas ou rejeitadas com o discernimento e a independência de quem já conquistara sob o sol dos trópicos “um saber de experiências feito”, de que fala o épico imortal. Vale a pena, porém, re-censar as fontes de que se utilizou, porque dessa incursão pela bibliografia antiga resulta a prova mais evidente da ilustração do autor. Em primeiro lugar acha-se Aristóteles, fundador da escola dos Peripatéticos, de quem lhe devia ser familiares a Física, onde se encerram os tratados do céu, dos meteoros, do mundo e da alma, e a História Natural, que compreende um tratado dos animais e outro das plantas. Segue-se Cláudio Ptolomeu, o mais célebre dos astrônomos da Antiguidade, cuja principal obra é a *Composição ou Sintaxe matemática*, a que os árabes chamaram *Almagesto*. Vem logo citado Lucano, melhor Ocelus Lucanus, filósofo grego que floresceu no quinto século antes da era vulgar, autor do tratado *Da natureza do Universo*, dirigido a Platão. Mostra-se a seguir Averroes, por outro nome Ab-l-Walid Mahammed Ben Rosch, o famoso filósofo e astrônomo árabe, nascido em Córdoba, em 1126 e morto em Marrocos em 1198, que foi o introdutor de Aristóteles no Ocidente, quem primeiro traduziu o *Almagesto*, autor de uma grande obra sobre medicina, vertida para o latim sob o título de *Colliget* (do árabe *Kullyggat*, obras completas), publicada em Veneza, 1482. Vêm ainda Pedro Paduense, ou Pedro o Físico, que viveu no século XIV e compôs a Margarida prestiosa novela corretíssima, cerca de 1330; Alberto Magno, um dos sábios mais ilustres da Idade Média, que foi um dos comentadores de Aristóteles; e Avicena, Abu Ali Hoçein Ben Abdallah Ben Sina, grande médico e filósofo árabe, nascido na Pérsia, em 980 e morto em 1037, autor do *Cânon*, que durante séculos foi o texto nas escolas da Ásia e da Europa. Seguem-se ainda: Juntino, ou Junctinus, como foi conhecido o teólogo e astrônomo italiano Francesco Giuntini, nascido em Florença em 1522 e morto em Lyon em 1590, de quem se conhecem o *Tractatus judicandi revolutionis nativitatum*, Lyon, 1570, e o *Speculum astrologie*, mesmo lugar, 1580; Sacro Bosco, nome latinizado de Johanês de Hollywood, monge inglês que viveu no século XIII e escreveu *De sphaera mundi*, Ferrara, 1472, a primeira obra de astronomia divulgada no Ocidente depois da queda do império romano; e Vatablo Parisiense,

sábio hebraizante morto em Paris em 1547, que foi quem na França deu impulso aos estudos de hebreu e traduziu em latim os *Parva naturalis* de Aristóteles. A Bíblia, conhecida sob o nome de *Bíblia de Vatablo*, contém o texto hebreu, a *Vulgata* e a versão de Leão de Judá. Se a esta lista se juntar o grego Dioscórides, referido em outro diálogo, médico e botânico, com o seu tratado sobre *Matéria médica*, ter-se-ão todos, ou quase todos os nomes mais representativos da ciência antiga, que o autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* conhecia e citava.

## NOTA (2)

A longevidade dos índios do Brasil vem assinalada em vários documentos. Na *Nova Gazeta da Terra do Brasil* (*Newen Zeytung ausz Presillg Landt*), de 1515, já vem a notícia de que essa gente alcançava a uns cento e quarenta anos de idade. Claude d'Abbeville fala de um velho índio chamado Momboré Ouassou, “aagé de plus de neuf vingts ans”, de quem ouvira que havia assistido no estabelecimento dos portugueses em Pernambuco e no Potengi.

– Conf. *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maraguan*, fls. 149, Paris, 1614.

## NOTA (3)

Depois do autor dos *Diálogos*, quem primeiro tratou do *mal-de-bicho* foi Piso, *De Indiae utriusque re naturali et medica*, p. 41, Amsterdã, 1658, que lhe deu os nomes de *teicoaraíba*, dos indígenas (literalmente: *teicoára*, buraco do corpo, ânu, sesso, e *aíba*, corrupto, podre, decomposto), *doença-do-bicho* ou *bicho del cúlo*, dos portugueses. Chamam-lhe ainda *mal del culo*, de onde, por contração, *maculo*, que prevaleceu entre os médicos brasileiros, ou *corrução*, que também tem curso.

Ao Dr. Pirajá da Silva, ilustrado professor da Bahia, nome aureolado na ciência brasileira, deve o anotador as eruditas informações que insere nesta nota:

“Sobre a distribuição geográfica do *maculo* no Brasil – diz Silva Lima – exceção feita da Bahia, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Minas, onde Luís Gomes Ferreira o observou, não temos informações certas, mas

apenas idéias vagas e tradição persistente de seu aparecimento em todos os lugares onde aportavam, ou para onde eram remetidos os negros novos, trazidos da costa ocidental da África, isto é, quase todo o litoral do país. Esta crença geral e principalmente as declarações positivas de Piso e de Sigaud parecem estabelecer que fora importado o *maculo*, como também o foram outras moléstias, pelos numerosos carregamentos de escravos que os navios negreiros, na frase consagrada pelo tempo, *desovavam* nas nossas cidades marítimas, ou nas suas imediações. – Non est Endemium malum huic regioni, sed frequens indigenas æque ac adventitios infestans. – Piso, *op. et loc. cit.*

“O Dr. José Rodrigues de Abreu, que esteve no Brasil de 1705 a 1714, escreveu em sua *Historiologia Médica*, Lisboa, 1733, a respeito da corrupção do bicho ou *maculo*, que esse mal atacava principalmente os que estavam junto à costa. Luís Gomes Ferreira, no *Erário Mineral*, Lisboa, 1735, tratando da mesma doença, definiu-a como “uma largueza e relaxação do intestino reto e seus músculos. Disse que o nome *corrução* era bem dado, porque realmente existia a largueza de diversos graus, desde a simples laxidão até caber um punho na cavidade retal, o que se acompanhava de mucosidades viscosas, fétidas, que expulsas deixavam ver ulcerações e chaguinhas, terminando por gangrena. Gomes Ferreira insiste no calor e falta de asseio como causa de tal doença. Em prova do calor, narra o que aconteceu com a frota de João Semedo, que vinha para o Rio de Janeiro e se meteu muito na costa de leste, onde as calmas obrigaram as naus a estacionar; com isso adoeceram os soldados que, purgados ou sangrados, iam morrendo em porção, até que se descobriu o médico natural do Rio de Janeiro, que concluía seu curso em Coimbra, e regressava à sua terra em navio mercante. O dito médico, atendendo ao muito calor que fazia e aos sinais que apresentavam os doentes, os mandou lavar por baixo, e ver se estavam largos e corruptos, e isto percebeu por ser muito comum em sua terra tal enfermidade: e que assistindo nos navios alguns dias e os mandando lavar a miúdo e refrescar com todas as cousas frescas, não morreu mais ninguém”.

Segundo Castelnau, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*, III, pp. 68-69, Paris, 1851, a doença existia em Mato Grosso, e dela morrera o benemérito Ricardo Franco de Almeida Serra.

Descreve-a, *apud* Weddell, seu companheiro de expedição, como uma febre ataxoadinâmica, cujo período de incubação dura de oito a quinze dias, fazendo após terrível explosão, com fortes dores na região occipital, letargia que pode ir até a ausência completa de todo sentimento e de todo movimento, durante a qual o esfíncter anal se relaxa por tal forma que a mão inteira pode ser introduzida no intestino do paciente. Conforme Castelnau, os negros e mulatos resistem mais do que os brancos a essa doença epidêmica.

Da ocorrência do *maculo* em Mato Grosso testemunham ainda o Dr. João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brasil*, I, pp. 187-188, Rio, 1880, e o Visconde de Taunay, “A cidade de Mato Grosso”, in *Revista do Instituto Histórico*, LIV, parte 2<sup>a</sup>, p. 48, que devido a ele, complicado com uma febre pernicioso, ouviu dizer que morreu o Capitão-General João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em 28 de fevereiro de 1796.

O Dr. Pirajá da Silva cita Castellani e Chalmers, que em seu *Manual of Tropical Medicine*, 1919, quando se ocupam do *maculo*, “epidemie gangrenous rectile”, o consideram de etiologia desconhecida. A doença inicia-se por um prurido nas margens do ânus, a que se seguem sintomas de disenteria aguda, até chegar a descargas de líquido sanguinolento, fétido ou esverdeado. Podem ocorrer: prolapso, gangrena do reto e convulsões, caso em que o paciente não resiste. Dizem alguns autores que por vezes se desenvolvia a milase, ou bicheira, no reto prolabiado; daí, talvez, a denominação de mal-de-bicho, ou também por julgarem que vermes intestinais, *Oxyurus vermicularis*, e outros fossem a causa do morbo.

Os remédios aplicados aos doentes do *maculo* eram apózemas de limão com pimenta, que lhes despejavam no reto por meio de cuias, ou sacatrapos feitos de pano, fios ou algodão, embebidos em limão, e a que juntavam pimenta, aguardente e pólvora.

E havia quem escapasse dessa cura...

#### NOTA (4)

A erva-santa é a *Solanácea Nicotiana tabacum*, L., e a *payemanióba pajamarioba* ou *manjerioba* é a leguminosa cesalpinioideacea *Cassia occidentalis*, do mesmo autor.

Dessa última planta escreveu Almeida Pinto, *Dicionário de Botânica Brasileira*, p. 292, Rio, 1873, que na primeira invasão da cólera-morbus no Brasil, 1856, no Brejo de Areia (Paraíba), foi empregada sua raiz raspada, em infusão, misturada com um pouco de aguardente: era específico contra as diarreias coléricas.

NOTA (5)

Não se pode precisar exatamente quando em partes do Brasil irromperam as primeiras epidemias de varíolas e sarampões; mas não errará quem disser que surgiram com as primeiras levas de escravos importados da costa da África.

Brandônio assegurou que aquelas doenças eram estrangeiras, principalmente as bexigas, vindas do reino do Congo e de Arda, pelos negros que lá se traziam.

Dois navios franceses, procedentes da África, desesperados com a invasão de bexigas a bordo, acolheram-se à Bahia em 1597, apesar da guerra em que se estavam a França e a Espanha. Foram as tripulações desses navios que atacaram os castelos de Arguim e roubaram a imagem de Santo Antônio ali venerada; a esse fato atribuem os cronistas o castigo que eles sofreram.

– Conf. Jaboatão, *Novo Orbe Seráfico*, parte 2<sup>a</sup>, I, pp. 80-86; Frei Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano*, IX, p. 191-194; Varnhagen, *História geral do Brasil*, II pp. 50, 99/100. – Veja a nota (14), do *Diálogo* primeiro.

NOTA (6)

O pobre Gonçalo seria portador de uma apendicite supurada, na opinião de eminente professor consultado a respeito.

As apendicites naquele estado podem, raramente, é verdade, abrir-se para o exterior, feito o bloqueio interno por pseudomembranas que resguardam de infecção a cavidade peritoneal. Ainda hoje seu tratamento cirúrgico consiste em abri-las para fora, como um abscesso. Cessado o obstáculo, desinflamados os tecidos, a arte, como mais penosamente a natureza, pode recompor as vias naturais.

Vários médicos e clínicos têm acentuado, no interior do país, a relativa benignidade de casos graves nas capitais e meios urbanos mais infectados.

Benedickt, sábio professor de Viena, chamou a atenção, no Primeiro Congresso Internacional de Antropologia Criminal, reunido em Roma em 1885, para a *disvulnerabilidade* e a *analgesia*, resistência a lesões graves e a dor, que oferecem certos degenerados – *Actes*, I, pp. 92-109, Turim, 1886. Lombroso e discípulos fizeram disso apanágio de criminosos, atribuindo esse caráter aos povos primitivos. Afrânio Peixoto, *Epilepsia e Crime* (Tese de doutoramento), Bahia, 1897, encontrou-o em negros e mestiços da Bahia. O caso de Manuel Benício de Passos, vulgo *Macaco Beleza*, famoso desordeiro baiano, mestiço, epilético, analgésico e disvulnerável, foi magnificamente estudado por Afrânio Peixoto na tese citada.

O escravo de Brandônio, negro da Guiné, lograria daquela vantagem de sua raça, em um meio pouco infectado.

## NOTA (7)

É pinhão-de-purga, ou pinheiro-do-inferno, arbusto grande da família das Euforbiáceas, *Jatropha curcus*, L., cujas sementes são, segundo os autores, fortemente drásticas e eméticas. O óleo delas extraído é purgativo e se vende nas farmácias com o nome de *Oleum ricini majori*, ou *Oleum infernale officinale*.

– Conf. F. C. Hoehne, *Vegetais anti-helmínticos*, p. 86, São Paulo – Rio, 1920.

## NOTA (8)

Garcia da Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, I, pp. 261, 264, Lisboa, 1891, define essa doença como *colerica passio*, a que os indianos chamavam *morxi* e os portugueses corrutamente *mordexi*. Era para ele enfermidade causada de muito comer, e atacava principalmente os homens que muito comiam e aos que comiam maus comeres, como a um cônego mancebo que de comer pepinos, morreu; e também aos que eram dados muito à conversação das mulheres.

O Conde de Ficalho, em seu erudito comentário a essa passagem de Garcia da Orta, *op. cit.*, p. 275, com fundamento em Yule and Burnell, *Hobson-Jobson, being a Glossary of Anglo-Indian Colloquial words and phrases*, s. v. *mort-de-chien*, diz que o nome da cólera em *guzerati* parecia ser *morchi ou morachi*, e que é evidentemente e quase sem alteração o *moryxy* de Gaspar Correia, o *morxi* de Orta. Contesta-o Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, s. v., que opina que o étimo da palavra é o *concani marata modxi* (literalmente “quebrantamento”, de *mordouik* ou *modnem* “quebrar-se”), sendo sua transcrição exata *morxi*, como ouviram na Ásia Garcia da Orta e Diogo do Couto, e sua corrutela *mordexi* ou *mordexim*. Dessa corrutela, levados pela eufonia, fizeram os velhos médicos franceses *mort-de-chien*, que se tornou corrente nos livros, não só franceses, como de outras línguas da Europa, apesar de sua evidentíssima impropriedade.

## NOTA (9)

A *copaúba* ou *copaiba* é uma árvore da família das Leguminosas Cesalpináceas, *Copaifera langsdorfii*, Desf. e *C. Martii*, Hayne, de cujo caule, por incisão, se extrai o óleo que tem as virtudes apontadas no texto.

Foi Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en la Terra du Brésil, autrement dite Amerique*, p. 201, La Rochelle, 1578, quem primeiro assinalou essa árvore, que Gandavo, *História da Província Santa Cruz*, p. 99, Rio, 1924, assim descreveu: “Um certo gênero de árvores há também pelo mato dentro na Capitania de Pernambuco a que chamam copaíbas, de que se tira bálsamo mui salutífero e proveitoso em extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente das que procedem da frialdade: causa grandes efeitos e tira as dores por graves que sejam em muito breve espaço. Para feridas ou quaisquer outras chagas, tem a mesma virtude, as quais tanto que com ele lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira, que de maravilha se enxerga onde estiveram, e nisto faz vantagem a todas as outras medicinas. Este óleo nem se acha todo ano perfeitamente nestas árvores, nem procuram ir buscá-lo senão no estio que é o tempo em que assinaladamente o criam. E quando querem tirá-lo dão certos golpes ou furos no tronco delas, pelos quais pouco a pouco estão estilando do âmago este licor precioso. Porém não se acha em todas estas árvores, senão em algumas, a que por este respeito dão o nome de fêmeas, e as outras

que carecem dele chamam machos, e nisto somente se conhece a diferença destes dois gêneros, que na proporção e semelhança não difere nada umas das outras. As mais delas se acham roçadas dos animais, que por instinto natural quando se sentem feridos ou mordidos de alguma fera as vão buscar para remédio de suas enfermidades”.

– Conf. Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, pp. 196; Rio, 1851; Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, pp. 62, Rio, 1925.

## NOTA (10)

O bálsamo que se levava das capitânicas do Sul era extraído da *cabureiba* ou *cabreúva*, árvore da família das Leguminosas, divisão Papilionacea, *Myrocarpus fastigiatus*, Fr. All.

Nicolau Monardes, *Historia medicinal de las cosas que se traem de nuestras Índias Ocidentales, que sirven em Medicina*, fls. 9-11 v., Sevilha, 1574, foi talvez quem primeiro tratou desse bálsamo, que por sua excelência e maravilhoso efeito comparou ao que havia em terra do Egito.

Gandavo, *História da Província Santa Cruz*, pp. 100, Rio, 1924, a ele se refere, assim como Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, pp. 193-194, e Fernão Cardim, *Tratados*, 61-62.

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, pp. 30, ed. de 1918, informa que o Sumo Pontífice o tinha “declarado por matéria legítima da santa unção e crisma, e como tal se mistura e sagra com os santos óleos onde falta o da Pérsia”.

A árvore era abundante na Capitania do Espírito Santo.

## NOTA (11)

As febres do Brasil foram muitas, e anônimas. Francisco de Melo Franco, no começo do século XIX, escreveu um tratado sobre as febres do Rio de Janeiro; no terceiro quartel do século foi a vez de João Vicente Torres Homem, e no último Francisco de Castro planeava ainda um terceiro tratado. José Maria Bomtempo, que foi dos primeiros professores do Brasil, quando aqui se fundou o ensino médico, já protestava contra o abusivo emprego da preciosa casca da quina: contra os exageros do empre-

go da quinina viria a protestar também o sábio Francisco de Castro. É que a obsessão do paludismo, da malária, das sezões ou maleitas, terças e quartas, dominava o europeu em terras estranhas, principalmente na América. Tudo aqui era palustre.

Com a noção dos mosquitos transmissores e a pesquisa microscópica, os casos rarearam nos centros povoados. Os casos freqüentes de febres – resfriados, embaraços gástricos, gripes, linfrites – já não impressionam e vão-se, como vieram, às vezes sem tratamento, com ou sem resguardo.

Os autores europeus, ao lado da insolação – *coup de soleil*, *sunstroke*, *Hitzschlag* – admitem o *coup de chaleur*, *syriasis*, *Warmschlag*, ou intermação, febre de calor, devida não à incidência direta dos raios do sol, mas ao calor difuso ambiente. Esses acidentes são freqüentes na Índia, na África, mesmo na Europa e na América do Norte, onde o grande calor estival não tem o anteparo, e para nós defesa, da grande umidade ambiente, que no Brasil nos protege nessas ocasiões.

As febres que Brandônio aponta estão nessas duas categorias, febres anônimas de calor, ou de pequenas infecções.

É o que ao anotador, leigo na ciência de Hipócrates, ensina esclarecido professor e prezado amigo.

NOTA (12)

As boubas, ou mal boubático, como lhe chama o autor, eram comuns entre os indígenas da América. André Thevet, *Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amerique*, fls. 86 v., Paris, 1558, foi o primeiro a descrever a doença, a que chamou *pians*; Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Bresil, autrement dite Amerique*, pp. 332-333, La Rochelle, 1578, referiu tê-la observado na baía de Guanabara, até nas crianças. Era *pian* o nome que lhe davam.

Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, pp. 326-327, Rio, 1851, estudando os indígenas da Bahia, disse que são “mui sujeitos à doença das boubas, que se pegam de uns aos outros, mormente enquanto são meninos; porque se não guardam de nada: e tem para si que as hão de ter tarde ou cedo, e que o bom é terem-na enquanto são meninos, aos quais não fazem outro remédio senão fazer-lhas secar, quando lhe saem

para fora, o que fazem com as tingirem com jenipapo; e quando isso não basta, curam-lhe estas bostelas das boubas com a folha da caraoba...”

Yves d'Évreux, *Svitte de l'Histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan*, pp. 119-121, Leipzig-Paris, 1864, observou que o *pian* excedia em dor e nojo, sem nenhuma comparação, ao mal de Nápoles, e era bem feito, porque o pecado que cometiam os franceses com as índias merecia essa viva punição.

Piso, *De Indie utriusque re naturali et medica*, pp. 43, Amsterdã, 1658, escreveu: “Que quidam lues huie regioni est Endemia, & Bubas ab Hispanis, atque *Miá* Brasilianis appellatur”.

O padre Labat, *Nouveau Voyage aux Isles de l'Amerique*, II, pp. 120, Haia, 1724, encontrou a boubá nas Antilhas, sob o nome de *epian*. “Os caraíbas – diz ele – são muito sujeitos ao *epian*. Devemos confessar que essa doença é peculiar à América e natural dela; todos os que aqui nascem, negros ou caraíbas, de qualquer sexo que sejam, são atacados do mal, quase ao nascer, bem que seus pais, mães e amas sejam sãos, ou pelo menos o pareçam; devemos chamar-lhe mal-americano, pois que nasceu neste país e daqui é que os espanhóis, primeiros conquistadores deste Novo Mundo, o levaram para a Europa.”

O Dr. Bernardino Antônio Gomes, em 1797, estudou a doença no Brasil e escreveu a “Memória sobre as boubas”, publicada na *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, tomo IV, parte I (1815). Em sua opinião era o flagelo da escravatura do Brasil, onde era doença trivial, que não atacava exclusivamente os pretos, mas também os brancos e indígenas, ou naturalizados, que a ela se expunham.

Dos autores modernos que trataram da matéria devem ser referidos o Dr. João Alves Carneiro, *Memória sobre as boubas*, lida na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 3 de setembro de 1835, e publicada no *Diário da Saúde*, 1836, pp. 405 e segs.; o Dr. Sigaud, *Du climat et des maladies du Brésil*, Paris, 1844; o Dr. G. P. de Miranda Pinto, *Breves considerações sobre as boubas e seu diagnóstico diferencial*, Paris, 1866; o Dr. Gama Lobo, “A boubá atoucinhada (gorda)”, in *Anais Brasileiros de Medicina*, tomo XX, (1868-69), pp. 593 e segs., e diversos outros.

Quanto à origem das boubas, acreditam alguns autores que fossem elas importadas com os negros da África; mas contra esse parecer há

o testemunho de vários viajantes, como já se viu, que afirmam que os indígenas do Brasil também eram sujeitos ao mal desde os primeiros tempos da colonização. Da confusão entre as boubas e a sífilis deve ter-se originado a lenda de que esta foi levada da América para a Europa, o que aliás Brandônio contesta com bom fundamento. Doença tropical, era naturalíssimo que as boubas existissem na América, como na África, mas não era a sífilis. No Brasil, por muito tempo, confundiu-se a *leishmaniose*, pela predileção mutilante do tabique nasal, com a sífilis e com a lepra.

O sábio Professor Pirajá da Silva, que bondosamente forneceu ao anotador os elementos desta explanação, considera a *leishmaniose* doença endêmica, mas, no que diz respeito à lepra e a sífilis, julga terem sido introduzidas no Brasil pelos colonos europeus e africanos.

À luz da parasitologia moderna, sabe-se que a sífilis, a boubá e a *leishmaniose* são doenças parasitárias, que correm por conta dos seguintes protozoários morbígenos: a primeira é devida ao *Treponema pallidum*, descoberto por Schaudinn, em 1905; a segunda ao *Treponema pertenue*, descoberto por Castellani, no mesmo ano; e a terceira à *Leishmania brasiliensis*, Gaspar Viana, 1911.

Os principais nomes dados à boubá são: *frambesia*, *polypapillum tropicum*, *yaws*, *pian* e *miá* ou *mia*. *Pian* e *mia* são nomes tupis; *epian*, dado pelo padre Labat como caraíba, deriva-se evidentemente daquele que se incorporou ao léxico francês como termo de medicina, ao lado de *mamanpian*, que é na doença o tubérculo maior, e que toma a forma de úlcera profunda, sem fungosidades, de onde escorre matéria purulenta.

NOTA (13)

Do bicho de pé, *Tunga* (ex-*Sarcopsylla*) *penetrans*, L., salienta Brandônio a “gostosa comichão” que causa ao entrar nos pés das pessoas, que muitas até o tomam como recreação.

Ao mesmo propósito escreveu D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia dos Casados*, pp. 42-43, Lisboa, 1765: “Nenhum vício entra tamanho como é. Aquele bicho que no Brasil se padece por achaque sem falta que com a providência no-lo deu a natureza a todo o mundo por exemplo; entra invisível, começa entretenimento, passa a ser moléstia, chega a ser doença e acontece que pode ser perigo.”

Um viajante inglês, que esteve no Rio de Janeiro em 1648, Richard Fleckno, em seu livro *A Relation of ten years travels in Europe, Ásia, Afrique, and América*, 75, Londres, s. d. (circa 1655, escreveu o barão do Rio Branco no exemplar existente na biblioteca do Itamarati), refere-se assim ao bicho de pé: “... Mas o que me molestou mais do que tudo, foi uma espécie de poeira animada que insensivelmente se transforma em vermes dentro dos pés, crescendo tanto quanto os bichos dos queijos, e, se não são extraídos com cuidado, deixam ovos para a reprodução de centenas de outros. Durante mais de um mês sofri tormentos por causa deles, impossibilitado de caminhar, sendo transportado em rede [*hamatta* está por *hamac*, vocábulo caraíba, que significa rede], e verificando quanto o sofrimento está próximo do prazer. No começo, quando se apossaram de meus pés, sentia tal comichão, que coçar-me era a maior satisfação do mundo; mas, ao cabo de alguns dias, tal foi a dor, que não me recordo jamais de ter padecido outra igual.”

.....

*Diálogo terceiro*

*P*

BRANDÔNIO

OR NÃO SER notado de negligente há já pedaço que vos espero, gozando desta viração que corre aqui da parte do mar assaz fresca.

ALVIANO

A importunação de uma visita me fez cair na falta de haver tardado; mas contudo as horas são apropriadas para darmos princípio à nossa prática, que é o havermos de tratar da riqueza, fertilidade e abundância deste Brasil, e assim vos peço me digais destas cousas as que souberdes, porque me tendes disposto para vos ouvir com atenção.

BRANDÔNIO

São tão grandes as riquezas deste novo mundo e da mesma maneira sua fertilidade e abundância, que não sei por qual das cousas comece primeiramente; mas, pois todas elas são de muita consideração, farei uma salada na melhor forma que souber, para que fiquem claras e dêem gosto. Pelo que, começando, digo que as riquezas do Brasil consistem em seis cousas, com as quais seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira a lavoura do açúcar, a segunda a mercancia, a terceira o pau a que chamam do Brasil, a quarta os algodões e madeiras, a quinta a lavoura de mantimentos, a sexta e última a criação de gados. De todas estas cousas o

principal nervo e substância da riqueza da terra é a lavoura dos açúcares (1).

ALVIANO

Não deve de ser de muita consideração a riqueza que consiste somente de fazer açúcares, pois vemos que da nossa Índia Oriental se enriquecem seus mercadores de tantas e diversas cousas, como são grande quantidade de drogas prestantíssimas, roupas muito finas, ouro, prata, pérolas, diamantes, rubis e topázios, almisce, âmbar, sedas, anil e outras mercadorias, de que as naus vêm de lá todos os anos colmadas para a Espanha.

BRANDÔNIO

Verdade é que todas essas cousas e outras mais se trazem dessas partes; mas contudo me esforço a provar que, com se não tirar do Brasil senão somente açúcares, é mais rico e dá mais rendimento para a fazenda de Sua Majestade de que são todas essas Índias Orientais.

ALVIANO

A muito vos arrojais, e certamente que parece desvario o quererdes pôr semelhante cousa em prática, pois o poder-se provar está tão longe, como a Terra dos céus, e assim vos peço não queirais que vos ouça ninguém semelhante proposta, porque será julgada geralmente por ridícula.

BRANDÔNIO

Não me sei desdizer do que tenho dito com todas essas carrancas que me ides fazendo, antes entendo provar o que digo mui claramente, como já outra vez o fiz no Reino diante dos senhores governadores do ano de 97 (2); porque vós não me haveis de negar que todos os anos vão do Reino para a Índia, três, quatro e algumas vezes cinco naus, que dela tornam carregadas de mercadorias.

ALVIANO

Assim passa.

BRANDÔNIO

Também não duvidareis que cada uma destas naus faz de despeza à fazenda de Sua Majestade até posta à vela, feita de novo, ao redor de quarenta mil cruzados.

ALVIANO

Nem isso nego.

BRANDÔNIO

E da mesma maneira que manda nelas em cada ano Sua Majestade, de cabedal em reales de oito e de quatro para se haver de comprar a pimenta na Índia, ao redor de duzentos mil cruzados.

ALVIANO

E muitas vezes mais.

BRANDÔNIO

E outrossim que paga de soldo aos soldados, gente do mar, que se assentam para ir à Índia, e de moradia a seus criados, mercês a fidalgos e outras pessoas particulares, muito grande quantidade de dinheiro.

ALVIANO

Não há dúvida nisso.

BRANDÔNIO

Também deveis de saber que cada nau dessas, depois de vir da Índia a salvamento carregada de fazendas, importa a Sua Majestade, afora a pimenta que traz, de quarenta e cinco para cinqüenta contos de réis, e por tantos se arrendam publicamente a pessoas que as tomam por contrato, e deste dinheiro se abate ainda muito, de que Sua Majestade se não aproveita, em descontos que se fazem na Casa da Índia, e isto com muitas vezes não chegarem a salvamento ao Reino mais de uma ou duas naus.

ALVIANO

Desse modo passa; mas além desse dinheiro, por que Sua Majestade, manda arrendar cada uma dessas naus, como tendes dito, se arrecadam por seus ministros os fretes das ditas naus para sua fazenda, que devem de importar em grande pedaço.

BRANDÔNIO

Os fretes de cada nau não importam à fazenda de Sua Majestade mais que ao redor de três contos de réis, e em tantos os arrendou um amigo meu no ano de seiscentos e um, e destes três contos se fazem tantos descontos de lugares que o vice-rei dá na Índia a particulares, que caso se vem a consumir tudo nisso e noutras cousas, donde sucede vir Sua Majestade a embolsar mui pouco dinheiro destes fretes.

ALVIANO

Pois como é possível que umas naus de tão grande porte dêem tão pouco de frete?

BRANDÔNIO

É disso causa os muitos lugares que Sua Majestade nelas dá, porque o capitão tem sua câmara, despensa e outros lugares que sempre para os tais estão deputados, e da mesma maneira o piloto, mestre, contra-mestre, guardião, marinheiro, que todos têm lugares assinalados, de modo que até o menino grumete e pajem não carecem dele, em forma que nos lugares, que por esta ordem se distribuem e liberdades concedidas por Sua Majestade, se ocupa toda a praça, aonde se podia meter fazenda nas naus que pagassem frete, donde nasce o pouco rendimento que delas tem sua fazenda.

ALVIANO

Estou já bem nessa causa, mas não nessa longa computação que ideo fazendo.

BRANDÔNIO

Faço-a para provar minha tensão que o Brasil é mais rico e dá mais proveito à fazenda de Sua Majestade que toda a Índia; porque não me haveis de negar que para as naus, que dela vêm, virem carregadas das fazendas que trazem, se desentranha todo esse Oriente com se ajuntar a pimenta do Malabar, a canela de Ceilão, cravo de Maluco, massa e noz-moscada da Banda, almiscre, benjoim, porcelana e sedas da China, roupas e anil de Cambaia e Bengala, pedraria do Balaguete e Bisnaga e Ceilão; por maneira que é necessário que se ajuntem todas estas cousas de todas estas partes para as naus que vêm para o Reino poderem vir carregadas, e se não ajuntassem não viriam.

ALVIANO

Isso é cousa clara que todos sabem.

BRANDÔNIO

Pois o Brasil, e não todo ele, senão três capitánias, que são a de Pernambuco, a de Tamaracá e a da Paraíba, que ocupam pouco mais ou menos, no que delas está povoado, cinqüenta ou sessenta léguas de costa, as quais habitam seus moradores, com se não alargarem para sertão dez léguas, e somente neste espaço de terra, sem adjutório de nação estrangeira, nem de outra parte, lavram e tiram os portugueses das entranhas dela, à custa de seu trabalho e indústria, tanto açúcar que basta para carregar, todos os anos, cento e trinta (\*) ou cento e quarenta (\*\*) naus, de que muitas delas são de grandíssimo porte, sem Sua Majestade gastar de sua Fazenda para a fábrica e sustentação de tudo isto um só vintém, a qual carga de açúcares se leva ao Reino e se mete nas alfândegas dele, onde pagam os direitos devidos a Sua Majestade, e se esta carga que estas naus levam se houvesse de carregar em outras da grandeza das da Índia, não bastariam 20 semelhantes a elas para a poderem alojar.

---

\* Riscado e escrito por cima – *oitenta*.

\*\* Riscado e escrito por cima – *duzentas*, com letra diferente.

ALVIANO

Posto que não posso negar o passar isso desse modo, todavia é de muito menos importância, para a Fazenda de Sua Majestade, o direito que se lhe paga dos açúcares de aquele que arrecada das fazendas e drogas que vêm da Índia.

BRANDÔNIO

Engana-vos, porque nestas naus que carregam nas três capitânicas da parte no Norte que tenho dito, sem tratar das demais do Sul, devem de ir passando de quinhentas mil arrobas de açúcares, das quais quero que sejam cem mil arrobas de açúcar, a que chamam panelas. Todos estes açúcares pagam de direito na alfândega de Lisboa, o branco e o mascavado a duzentos e cinquenta réis a arroba, e as panelas de cento e cinquenta réis a arroba, isto afora o consulado (3), de que feita a soma vem a importar à Fazenda de Sua Majestade mais de trezentos mil cruzados, sem ele gastar nem despende na sustentação do Estado um só real de sua casa, porquanto o rendimento dos dízimos, que se colhem na própria terra, basta para sua sustentação. Ora, fazei a este respeito computação do que lhe rendem as mais capitânicas do Sul, nas quais entra a Bahia de todos os Santos, cabeça de todo este Estado, e depois desta feita formai uma conta que deve e há de haver como de mercador, e de uma parte ponde o que Sua Majestade gasta em cada ano com as naus que manda à Índia, soldos da gente de guerra e marítima, moradias de seus criados, mercês feitas a particulares, juntamente com o cabedal que manda para a compra de pimenta, e de outra parte o que lhe ela rende, e juntamente o preço por que arrenda os direitos das naus que de lá vêm, e notai bem o que houver de avanço para o igualardes com o rendimento que colhe do Brasil das três capitânicas referidas tão-somente, e vereis com quanto excesso sobrepuja ao da Índia, e assim não hei mister mais prova para corroborar minha verdade.

ALVIANO

Parece muito esse rendimento, que quereis aplicar ao Brasil, porque nem todos os açúcares pagam esse direito por em cheio, pois sabe-

mos que muitos não pagam nenhum, por gozarem da liberdade que Sua Majestade tem concebido às pessoas que novamente fazem engenhos.

BRANDÔNIO

Assim passa; mas essa liberdade, que Sua Majestade concede aos engenhos feitos de novo, não dura mais que por tempo de dez anos (4), e passados eles parece, e posto que contudo sempre pagam menos direito os senhores de engenhos e lavradores que carregam seus açúcares por sua conta, são poucos os que fazem. E não vai a dizer nisso cousa de consideração, e para semelhante quebra deixei de contar de indústria na soma que acima fiz o rendimento do pau-brasil, que se leva deste Estado das mesmas três capitanias para o Reino, que importa mais de quarenta mil cruzados por ano, que os ministros de Sua Majestade cobram no Reino dos contratadores dele, e assim o rendimento das alfândegas do Estado, direitos que se pagam dos algodões e madeiras nas alfândegas do Reino, que importam em grandíssimo pedaço, descompensada uma cousa de outra achareis que mais é o rendimento destas cousas que a diminuição da liberdade que apontastes.

ALVIANO

Em verdade que tão persuadido estava em cuidar o contrário disso que tendes provado e mostrado claramente, que ainda agora me está titubeando o entendimento por me parecer sonho o que vos tenho ouvido; mas contudo o que eu sei é que tenho visto, em Portugal, muitas casas grandíssimas e homens de muita renda granjeada e adquirida com dinheiro, que adquiriram e ganharam na Índia, e não acho nenhum, e, se alguns, são poucos que tenham lá semelhantes casas e rendas com o dinheiro que levassem do Brasil.

BRANDÔNIO

Isso é maior indício de sua riqueza, porque os homens da Índia, quando de lá vêm para o Reino trazem consigo toda quanta fazenda tinham, porque não há nenhum que tenha lá bens de raiz, e se os têm são de pouca consideração, e como todo o seu cabedal está empregado em

cousas manuais embarcam-nas consigo, e do preço por que as vendem no Reino compram essas rendas e fazem essas casas; mas os moradores do Brasil toda a sua fazenda têm metida em bens de raiz, não é possível serem levados para o Reino, e quando algum para lá vai os deixa na própria terra, e desses deveis de conhecer muitos em Portugal, e assim não lhes é possível deixarem cá tanta fazenda e comprarem lá outras, contentando-se mais de a terem no Brasil pelo grande rendimento que colhem dela. E, para concluirmos, nesta terra achareis muitos homens que têm a cinqüenta, cento e ainda duzentos mil cruzados de fazendas, e na Índia muitos poucos destes, e, se os que vivem no Brasil, fossem mais curiosos, de maiores cousas poderiam lançar mão para se fazerem ricos e Sua Majestade colher mais rendimento deles.

ALVIANO

Folgarei em extremo que me digais que cousas são essas que prometeis poderem dar tanto de si.

BRANDÔNIO

Pouco disse em dizer que podia ainda este Brasil ser mais rico e dar mais rendimento para a fazenda de Sua Majestade, se esse senhor e os de seu conselho quiseram pôr os olhos nele, porque, se os pusessem, fora também bastante o Brasil a fazer com que os holandeses e mais estrangeiros que navegavam para a Índia cessem de suas navegações e comércios, sem Sua Majestade despender nisso um só real nem se arrancar contra eles espada.

ALVIANO

Se isso não for obrado por encantamento, pelas vias ordinárias não sei como possa ser.

BRANDÔNIO

Sem encantamento se poderá dar à execução, quando Sua Majestade e os senhores do seu conselho se quiserem dispor a isso.

ALVIANO

Pois dissei-me o modo.

BRANDÔNIO

Notório é que os holandeses não armam para a Índia à custa dos Estados, antes os mercadores o fazem à sua própria custa e despesa, apresentando as naus que para lá navegam, de que o cabedal para a fábrica delas e mercadorias que hão de levar se ajuntam por muitas pessoas que nelas se interessam, metendo uns mais e outros menos, segundo o muito ou pouco dinheiro com que se acham, de que se faz livro, no qual por partidas se declara com quanto cada um entrou, e feita a viagem, tornando a nau a salvamento, se vende a fazenda e do montemor se tiram os gastos, e do que resta se faz conta de a quantos por cento houve de ganho. E tantos fazem bons a cada um dos armadores, com se lhe tornar o cabedal que meteram acrescentando naquela conta.

ALVIANO

Assim passa, porque um grande amigo meu, que assistiu em Frandes muitos dias, me afirmou que deste modo se fazem; mas isso que simpatia tem para o Brasil poder impedir o comércio a essas gentes?

BRANDÔNIO

Muito grande, porque já sabemos que a principal mercadoria e de mais porte, que essas naus vão buscar à Índia, é a pimenta, porque o cravo, massa, noz, porcelanas, benjoim e cousas semelhantes que também trazem são acessórias, e não servem para o nervo de sua mercancia; porque muito pouca de cada uma destas basta para fartar todas estas partes do Norte, atento que estes estrangeiros não podem trazer canela, roupas, nem anil, por não se acharem na parte onde eles comerciavam com os índios. Assim que pimenta é a que querem, e pimenta a que vão buscar, e de pimenta tiram o proveito que têm da sua navegação.

ALVIANO

Pois que é que quereis dizer nisso?

BRANDÔNIO

Digo que devia fazer Sua Majestade o que fez El-Rei D. Manuel de gloriosa memória, para impedir o trato da pimenta que se trazia por terra à Veneza por via do Cairo, donde se passava e vendia por toda a Europa (5).

ALVIANO

Que é o que fez el-rei?

BRANDÔNIO

Depois de descoberta a navegação da Índia, querendo que a pimenta só corresse por mãos de portugueses, com se navegar dela somente em suas naus para Europa, pretendeu cerrar de todo aquele comércio em Veneza, o que fez desta maneira: mandou pessoas confidentes que fossem àquela cidade, para que se informassem com toda a verdade do custo que fazia um quintal de pimenta posta nela, e por quanto se devia vender para tirarem ganho os que nela comerciavam por aquela via, e, depois de bem informado disto, mandou a Frandes feitores portugueses, para que lhe vendessem a sua pimenta que para lá mandavam por preço que, se por ele se vendesse a que vinha à Veneza, ficassem perdendo muito dinheiro os mercadores que nela contratavam, e desta maneira todos os que haviam mister ter pimenta concorriam a comprar a de el-Rei, por se vender mais barato, e como por semelhante preço não podiam dar os venezianos a sua sem muito dano pelo custo que lhe fazia, cessaram de seu comércio.

ALVIANO

Acabe já de vos desembuçar.

BRANDÔNIO

Digo que toda a terra deste Brasil é tão caroável de dar pimenta que, de por si sem beneficio algum, nasce grande quantidade dela pelos campos de diferentes castas, mas não daquela que vem da Índia, que deixa de dar por não se não se achar na terra semelhante semente, e, quando a houvesse, daria daquela sorte pimenta sem número.

ALVIANO

Não duvido disso, porque já sei bem que a terra é mui disposta para produzir pimenta, em tanto que os pássaros que a comem, indo a esterçar a outra parte, ainda que seja sobre troncos de árvores, aí nasce; mas é necessário que vos acabeis de declarar nesses argumentos que ides tomando.

BRANDÔNIO

Foi-me necessário propô-lo para haver de vir a dizer o que pretendo, e é que Sua Majestade devia de mandar uma caravela à Índia, para que somente lhe trouxesse de lá muita semente de pimenta em pipas ou em outra parte, onde mais acomodada viesse, e que a tal caravela passasse pelo Brasil, aonde a fosse entregando nas capitânias de Sua Majestade aos capitães-mores que a repartissem pelos moradores, obrigando-os a que a plantassem e beneficiassem, e desta maneira se colheria do Brasil mais pimenta do que se colhe na costa do Malabar.

ALVIANO

E a que trazem as naus da Índia de ordinário não servirá também para efeito de se plantar?

BRANDÔNIO

Não, porque essa, segundo se diz, é passada pela decoada e não pode nascer; e assim, como neste Brasil houvesse muita pimenta, lhe ficará custando a Sua Majestade pouco ou nenhum trabalho e menos despesa traspô-las em Portugal, donde à imitação de El-Rei D. Manuel a poderia mandar vender por preço que ficassem os holandeses perdendo muito dinheiro, se vendessem a sua que vão buscar à Índia. A esse respeito e por esta maneira, como a essas gentes se lhe não seguisse proveito de seu comércio, não tinha para que continuar com semelhante navegação, e se acabaria sem despesa nem sangue porfia, que tanto tem custado a Portugal, e Sua Majestade, mandando vender a sua pimenta mais barato, perdia pouco, se não ganhasse dinheiro, pelo menos custo que lhe havia de fazer em a levar para o reino, e o menos preço por que a havia de comprar no Brasil.

ALVIANO

Tendes proposto isso com tão aparentes razões, que não haverá quem duvide de haver de ser assim, antes me maravilho como vos não embarcais para o reino a dar esse alvitre a Sua Majestade, pois tanta utilidade se deve de seguir dele para todo o estado da Índia.

BRANDÔNIO

Já o pratiquei com um ministro que tinha grande lugar em sua fazenda, e com lhe parecer a traça maravilhosa me respondeu que estava já tão introduzido em Portugal o modo da navegação da pimenta, que custaria muito trabalho o querer-se tratar agora de remover noutro modo; e assim como entendi ser aquilo mal velho no nosso Portugal que não leva remédio, desisti da minha prática, e da mesma maneira o farei agora, deixando a cargo aos que lhe toca remediar semelhante necessidade, se o quiserem fazer.

ALVIANO

Dizeis bem, que é erro quererem emendar o mundo os que têm tão pequena parte nele, como cada um de nós, e assim tornemos à nossa prática que, se me não lembra mal, deve ser sobre o haverdes de mostrar as riquezas do Brasil, de que a principal tendes afirmado ser a lavoura dos açúcares.

BRANDÔNIO

Assim passa, porque o açúcar é a principal cousa com que todo este Brasil se enobrece e faz rico, e na lavra dele se tem guardado até o presente esta ordem: os capitães-mores, que são sesmeiros por Sua Majestade, cada um na capitania de sua jurisdição, repartiram e repartem ainda agora as terras com os moradores, dando a cada um deles aquela quantidade a que as suas forças e possibilidades são bastantes a granjear, e as pessoas a quem se dão semelhantes terras, quando elas são capazes para se fabricarem nela engenhos de fazer açúcares, os fabricam, tendo cabedal para o poderem fazer, e quando lhes falta, as vendem a pessoas que os possam fabricar por ser necessário muitas forças e cabedal por haver de pôr em perfeição,

porque um engenho dos de água, como até agora se costumava de fazer, e ainda dos que chamam trapiches que moem com bois, fazem de despesa, feito e fabricado, ao redor de dez mil cruzados pouco mais ou menos.

ALVIANO

Parece-me que quereis dizer que há mais modos de engenhos para fazer açucares que os de água e trapiches que moem com bois.

BRANDÔNIO

Isso quer dizer; porque os de água se alevantam ao longo de rios caudalosos, e ainda fazem grandes tanques para represa dela, para assim poderem moer com mais força d'água, e nestes tais engenhos, depois de a cana-de-açúcar moída entre dois grandes eixos que fazem mover uma roda, em que fere a água com força, se espreme o bagaço que dali sai debaixo de uns grandes paus, a que chamam gangorras, que fazem apertar com força de bois, aonde larga e lança de si o tal bagaço todo o sumo que a cana tinha, o qual se ajunta em um tanque, e dali o lançam em grandes caldeiras de cobre, aonde se alimpa, coze e apura à força de fogo, que por debaixo lhe dão em umas fornalhas, sobre que estão assentadas, sendo necessário para este açúcar se alimpar e fortificar melhor, lançar-lhe dentro decoada que se faz de cinza. E outros engenhos se fazem sem água, e estes são os trapiches, que disse, os quais moem a cana por uma invenção de rodas que alevantam para o efeito tirada de bois e no mais de fazer o açúcar se guarda a mesma ordem que tenho dito. Mas agora novamente se há introduzido uma nova invenção de moenda (6), a que chamam palitos, para a qual convém menos fábrica, e também se ajudam pela moenda deles de água e de bois, e tem-se esta invenção por tão boa que tenho pera mim, que se extinguirão e acabarão de todo os engenhos antigos, e somente se servirão desta nova traça.

ALVIANO

Toda cousa que se faz com menos trabalho e despesa se deve de estimar muito, e, pois nesse modo dos palitos se alcança isto, não duvido que todos pretendam usar deles; mas folgarei de saber a ordem que há para

se fazer um pão de açúcar tão alvo e formoso, como se leva a Portugal e aqui o vimos.

BRANDÔNIO

A ordem é esta: depois do açúcar limpo e melado nas caldeiras, se passa a umas tachas também de cobre, aonde à força de fogo o fazem pôr no ponto necessário para haver de coalhar e criar corpo, e dali se lança em umas fôrmas de barro, dentro nas quais se incorpora e endurece, e depois de estar frio o levam a uma casa muito grande, que só para esse efeito se prepara, a que dão o nome de casa de purgar e nela sobre tabuado que está furado se assentam as tais fôrmas, com lhes abrirem um buraco que têm por baixo, por onde vão purgando o mel sobre correntes do mesmo tabuado, que para o efeito lhe põem por baixo, e o mel que por essa maneira vai caindo das fôrmas se ajunta todo em um tanque grande, do qual se faz depois o retame, e ainda outro modo de açúcares, e que chamam batidos e como as fôrmas estão despedidas de todo o mel lhe lançam em cima barro desfeito e água, o qual é bastante para dar ao açúcar a brancura que nele vemos.

ALVIANO

E como é possível que o barro, que, por razão o devia sujar e fazer preto, o embranqueça, é para mim um segredo dificultoso de entender.

BRANDÔNIO

Nem o entenderam muitos anos os primeiros que lavraram açúcares, porque do modo que primeiramente o faziam desse o gastavam, até que uma galinha aclarou este segredo, a qual acaso voando com os pés cheios de barro úmido, se pôs sobre uma fôrma cheia de açúcar, e naquela parte onde ficou estampada a pegada se fez todo o circuito branco, donde se veio a entender o segredo e virtude que tinha o barro para embranquecer, e se pôs em uso (7).

ALVIANO

Não foi má mestra a galinha para mostrar por esse modo a cura da negridão do açúcar, pois há tanta diferença na valia do alvo ao negro,

e assim, se o engenho fizer muita quantidade do bom, não deixará de dar proveito ao senhor dele.

BRANDÔNIO

Nos engenhos de fazer açúcares há muita diferença dos bons aos maus; porque aqueles que gozam de três cousas, quando seus senhores têm fábrica bastante, são sumamente bons, as quais três cousas consistem em ter muitas terras e boas para a planta dos canaviais, água bastante que não falte pera a moenda e lenha em grandes matas também em quantidade, de modo que nem a cana nem a lenha fiquem distante do engenho, antes tão acomodada que se acarrete uma cousa e outra com facilidade, e quando os tais engenhos são desta qualidade, não lhes faltando, como tenho dito a fábrica necessária, costumam a fazer em cada ano as seis, sete, oito e ainda a dez mil arrobas de açúcar macho, e fora os meles, que são retames e batidos, que sempre chegam ao redor de três mil arrobas; quando se sabe aproveitar este açúcar, costuma a ser um muito bom e outro somemos, e algum sumamente mau, segundo os mestres que o fazem são bons ou ruins, e os outros engenhos de menos porte costumam a fazer a cinco e a quatro, e ainda a três mil arrobas de açúcar, e os tais são de pouco proveito para seu dono.

ALVIANO

E que fábrica é necessário que tenha um desses engenhos que costuma fazer muito açúcar?

BRANDÔNIO

É necessário que tenha 50 peças de escravos de serviços bons, 15 ou 20 juntas de bois com seus carros necessários aparelhados, cobres bastantes e bem concertados, oficiais bons, muita lenha, formaria, grande quantidade de dinheiro, além de serem muito liberais em darem a particulares dádivas de muita importância. E eu vi já afirmar a homens mui experimentados na corte de Madri que se não traja melhor nela do que se trajam no Brasil os senhores de engenhos, suas mulheres e filhas, e outros homens afazendados e mercadores. E para prova disto quero dar somente

uma assaz bastante, a qual é que na capitania de Pernambuco há uma casa de misericórdia, a qual faz de despesa em cada ano na obrigação dela treze a quatorze mil cruzados pouco mais ou menos; estes são todos dados de esmolas pelos moradores da mesma capitania, com não ter a casa de renda cousa que seja de consideração, e é tanto isto assim que os provedores, que sucedem para serviço dela em cada um ano, gastam de sua bolsa mais de três mil cruzados, e as demais capitánias todas têm misericórdias, nas quais se gasta também muito dinheiro; mas esta de Pernambuco se faz com mais excesso.

## ALVIANO

Não é pequeno argumento esse para por ele se poder considerar a muita riqueza do Brasil; e pois tendes dito o que basta da primeira condição dela, que quisestes atribuir a toda a província, passemos à segunda que quereis que seja a mercancia.

## BRANDÔNIO

Muitos homens têm adquirido grande quantidade de dinheiro amoedado e de fazenda no Brasil pela mercancia, posto que os que mais se avantajam nela são os mercadores que vêm do reino para esse efeito, os quais comerciam por dois modos, de que um deles é que vêm de ida por vinda, e assim depois de venderem as suas mercadorias fazem o seu emprego em açúcares, algodões e ainda âmbar muito bom e gris, e se tornam para o reino nas mesmas naus, em que vieram ou noutras. O segundo modo de mercadores são os que estão assistentes na terra com loja aberta, colmadas de mercadorias de muito preço, como são toda sorte de louçaria, sedas riquíssimas, panos finíssimos, brocados maravilhosos, que tudo se gasta em grande cópia na terra, com deixar grande proveito aos mercadores que os vendem.

## ALVIANO

E esses mercadores, que estão assistentes na terra com sua loja aberta, mandam porventura vir essas fazendas do reino, ou as compram a outras pessoas que de lá as trazem?

BRANDÔNIO

Muito as mandam vir do reino, mas a maior parte deles as compram a outros que as trazem de lá, com lhe darem a quarenta e a cinqüenta por cento de avanço a respeito do preço, por que as compraram, segundo a sorte e a qualidade das mercadorias, ou a falta e abundância que há delas na terra, e ainda destes mercadores se formam outros de menos porte.

ALVIANO

E de que condição são esses?

BRANDÔNIO

Há muitas pessoas que vivem somente como se fossem riquíssimas, comprando estas fazendas aos mercadores assistentes nas vilas ou cidades, e tornando a vender pelos engenhos e fazendas que estão dali distantes, ganhando muitas vezes nelas mais de cem por cento. E eu vi na capitania de Pernambuco certo mercador fazer um negócio, posto que o modo dele não aprovo, por ser ilícito, o qual foi comprar para pagar de presente uma partida de peças de escravos da Guiné por quantidade de dinheiro e logo no mesmo instante, sem lhe entrarem os tais escravos em poder, os tornou a vender a um lavrador, fiados por certo tempo que não chegava a um ano, com mais de 85 por cento de avanço (8).

ALVIANO

A isso chamam, onde eu nasci, em bom português, onzena; e, contudo é cousa estranha o haver-se de ganhar tanto dinheiro na própria terra de uma para a outra, sem intervir nenhum risco.

BRANDÔNIO

Pois assim passa. É tanto isto assim, que desta sorte de mercadores, e dos que têm suas lojas abertas, há muitos que têm grossas fazendas de engenho e lavoura na própria terra, e estão nela assistentes e alguns casados.

ALVIANO

Não têm pequena habilidade os que se sabem conservar desse modo na terra alheia.

BRANDÔNIO

Haveis de saber que o Brasil é praça do mundo, se não fazemos agravo a algum reino ou cidade em lhe darmos tal nome; e juntamente academia pública, onde se aprende com muita facilidade toda a polícia, bom modo de falar, honrados termos de cortesia, saber bem negociar, e outros atributos desta qualidade.

ALVIANO

Antes isso devia ser pelo contrário; pois sabemos que o Brasil se povoou primeiramente por degredados e gente de mau viver, e pelo conseguinte pouco política; pois bastava carecerem de nobreza para lhes faltar a polícia.

BRANDÔNIO

Nisso não há dúvida. Mas deveis de saber que esses povoadores, que primeiramente vieram a povoar o Brasil, a poucos lanços, pela largueza da terra deram em ser ricos, e com a riqueza foram largando de si a ruim natureza, de que as necessidades e pobreza que padeciam no reino os faziam usar. E os filhos dos tais, já entronizados com a mesma riqueza e governo da terra, despiram a pele velha, como cobra, usando em tudo de honradíssimo termo, com se ajuntarem a isto o haver vindo depois a este Estado muitos homens nobilíssimos e fidalgos, os quais casaram nele, e se liaram em parentesco com os da terra, em forma que se há feito entre todos uma mistura de sangue assaz nobre. E então, como neste Brasil concorrem de todas as partes diversas condições de gente a comerciar, e este comércio o tratam com os naturais da terra, que geralmente são dotados de muita habilidade, ou por natureza do clima ou do bom céu, de que gozam, tomam dos estrangeiros tudo o que acham bom, de que fazem excelente conserva para a seu tempo usarem dela.

ALVIANO

Saber imitar e furtar as habilidades aqueles, que as têm boas, é tomar a clava das mãos a Hércules.

BRANDÔNIO

Assim o fazem os do Brasil, em tanto que os filhos de Lisboa e os das mais partes do reino vêm a aprender a ele os bons termos, com os quais se fazem diferentes na polfícia, que dantes lhe faltava. Mas parece-me que havemos cortado já muito o fio de nossa prática, que era de tratarmos do proveito que a mercancia dá neste Brasil aos que dela usam.

ALVIANO

Nem esta outra breve em que nos distraímos deve desagradar aos que a ouvirem, principalmente aos brasilienses; mas, deixando-a de parte, resta que me digais, se no Brasil há mais comércio que para o reino?

BRANDÔNIO

Sim, há; porque se faz muito grande para Angola e pera o Rio da Prata. A Angola se manda naus com muitas fazendas, que de lá tornam carregadas de escravos, por que se comutam, deixando grande proveito aos que nisto negociam; e ainda as naus, que para lá navegam em direitura do reino, aportam na capitania do Rio de Janeiro, aonde carregam as farinhas, mantimento da terra, por ali se achar mais barata, a qual levam a vender à Angola a troco de escravos e de marfim que de lá trazem em muita quantidade (9).

ALVIANO

Isso é quanto ao tocante a Angola; mas para o Rio da Prata folgarei que me digais que modo de negócio se faz.

BRANDÔNIO

Do Rio da Prata costumam a navegar muitos peruleiros em caravelas, e caravelas de pouco porte, onde trazem soma grande de patacas de quatro e de oito reales, e assim prata lavrada e por lavrar, em pinhas e em postas, ouro em pó e em grão, e outro lavrado em cadeias, os quais aportam com estas cousas no Rio de Janeiro, Bahia de todos os Santos e Pernambuco, e comutam as tais cousas por fazendas das sortes que lhes são necessárias, deixando toda a prata e ouro que trouxeram na terra, donde

tornam carregados das tais fazendas a fazer outra vez viagem para o Rio da Prata (10).

E ainda os moradores assistentes na terra se interessam também nesta navegação com não pequena utilidade, e dos tais peruleiros se deixam também ficar alguns na terra, que dão o seu dinheiro por letra, ou compram açúcares, ou o levam consigo para Portugal.

## ALVIANO

Não é mau o comércio de que se colhe por fruto ouro e prata; mas toda essa mercancia, de que tendes tratado, de que se tira tanto proveito, parece que se vem a resumir em mão dos estrangeiros, e dos tais é o proveito, e não dos naturais da terra.

## BRANDÔNIO

Assim passa pela maior parte; porque os naturais da terra se ocupam no granjeamento dos seus engenhos e no benefício de suas lavouras, sem quererem tratar de mercancia, posto que alguns o façam contentando-se somente de navegar os seus açúcares para o reino, e mandar de lá vir o provimento que lhe é necessário para suas fazendas, deixando, no mais, a porta aberta aos mercadores que exercitam seu negócio com grande utilidade; em tanto que, por excelência, contarei uma cousa como testemunha de vista.

No ano de 92 veio um mercador de pouco porte com uma caravela a Pernambuco, em direitura do Algarve, carregada de alguns vinhos de Alvor, pouco azeite, quantidade de passas e figos, com mais outras cousas que de lá se costuma trazer, em que meteu de cabedal setecentos e trinta mil réis, por conta de carregação, que eu vi. Esse homem esteve seis meses na terra, nos quais vendeu sua fazenda a dinheiro de contado, e fez dela perto de sete mil cruzados, que empregou em açúcar branco excelente, comprado a seiscentos e cinqüenta réis a arroba, nos quais açúcares, pela barateza por que os comprou, devia de dobrar outra vez o dinheiro no reino.

## ALVIANO

Terra, donde tanto proveito tiram os que nela negociam, confesso que não pode deixar de ser muito rica.

BRANDÔNIO

Sabeis em quanto é rica que com só uma cousa vos representarei sua riqueza, a qual é que há um homem nobre particular neste Brasil, morador na capitania da Paraíba (11), o qual, com não possuir mais de um só engenho de fazer açúcar, ousou prometer a todas as pessoas que fizessem casa na cidade, que então de novo se fabricava, sendo de pedra e cal de sobrado a vinte mil réis por cada morada de casas, e a dez mil réis, se fossem térreas; e assim o cumpriu por muito tempo, com se haverem alevantado muitas moradas, sem disso se lhe conseguir algum proveito mais do desejo que tinha de ver aumentar a cidade. E tratou mais (como sair com isso) de fazer a casa da Santa Misericórdia da própria cidade, cousa de grandíssimo custo pela grandeza e nobreza do edifício do templo, que tem já quase acabado; e assim, com este exemplo, me quero passar a tratar da terceira cousa, com que os moradores deste Estado se fazem ricos, com tirarem dela muito proveito, que é o pau do Brasil.

ALVIANO

Assim vos peço que o façais.

BRANDÔNIO

O pau do Brasil, de que toma nome toda esta província, como já disse larga de si uma tinta vermelha, excelente para tingir panos de lã e seda, e se fazer dela outras pinturas e curiosidades; o qual, posto que se acha por todo este estado, o mais perfeito e de maior valia é o que se tira das capitánias de Pernambuco, Tamaracá e Paraíba, porque sobrepuja, com muito excesso de bondade, aos mais paus desta qualidade, que se dão pelas mais partes (12). E assim somente do que se tira das três capitánias referidas se faz caso, e se leva para o reino, aonde se vende a quatro, e às vezes a cinco mil réis o quintal, segundo a falta ou abundância que há dele.

ALVIANO

Pois, dizei-me de que modo tiramos moradores deste Brasil proveito de semelhante pau, e quanto importa à fazenda de Sua Majestade?

## BRANDÔNIO

O pau do Brasil é droga sua, e como tal defeso; de modo que ninguém pode tratar nele senão o mesmo Rei ou os que tiverem licença sua por contrato. Antigamente era lícito negociarem todos nele, com pagarem a fazenda de Sua Majestade um cruzado por quintal de saída; mas por se entender que se usava mal desta ordem que estava dada, se revogou para que corresse o negócio por contrato, como hoje em dia corre, e se paga de arrendamento por ele no reino à fazenda de Sua Majestade quarenta mil cruzados pouco mais ou menos, com declaração que os contratadores não poderão tirar em cada ano deste estado, especialmente das capitánias que tenho apontado, mais de dez mil quintais de pau; e, quando um ano tirassem menos, o poderão perfazer no outro.

## ALVIANO

Não entendia que o pau do Brasil era cousa de tanto rendimento para a fazenda de Sua Majestade, sem na sustentação dele gastar um só real, gastando muitos cruzados na Índia por adquirir as demais drogas.

## BRANDÔNIO

Todo o Brasil rende para a fazenda de Sua Majestade sem nenhuma despesa, que é o que mais se deve de estimar.

## ALVIANO

E os moradores, que proveito tira desse pau?

## BRANDÔNIO

O modo é este: vai-no buscar doze, quinze, e ainda vinte léguas distantes da capitania de Pernambuco, aonde há o maior concurso dele; porque se não se pode achar mais perto pelo muito que é buscado, e ali, entre grandes matas, o acham, o qual tem uma folha miúda e alguns espinhos pelo tronco; e estes homens ocupados neste exercício, levam consigo para a feitura do pau muitos escravos de Guiné e da terra, que, a golpes de machado derribam a árvore, a qual depois de estar no chão lhe tira todo o branco; porque no âmago dele está o Brasil e por este modo uma árvore de

muita grossura vem a dar o pau, que não tem maior de uma perna; o qual, depois de limpo se ajunta em rumas, donde o vão acarretando em carros por pousas (13), até o porem nos passos (14), para que os batéis possam vir a tomar.

ALVIANO

Não deve de dar pequeno trabalho o fazer esse pau por esse modo: e se o proveito não é muito ficará sendo cara a mercancia.

BRANDÔNIO

Sim, dá grande proveito; porque há muitos homens destes que fazem brasil, que colhem em cada um ano a mil e a dois mil quintais dele, que todos acarretam com seus bois; e depois de posto no passo o vende por preço de sete e oito tostões o quintal, e às vezes mais, no que vem a granjeiar grande cópia de dinheiro, e por este modo se têm feito muitos homens ricos.

ALVIANO

Se isso se passa dessa maneira, poderemos dizer que dá Deus aos moradores do Brasil ouro e prata pelos campos, e que de cousa, que eles não plantaram, nem granjearam, colhem fruto.

BRANDÔNIO

Sabeis quanto é assim, que ainda vos poderei afirmar que se acham outras cousas de mais importância, sem lhes custar nenhum trabalho nem indústria.

ALVIANO

E de que modo pôde suceder isso?

BRANDÔNIO

Deste: que muitos homens se fazem ricos neste Brasil com somas de âmbar (15), que acham pelas praias, uns em muita, e outros em menos quantidade; um tanto que houve certo morador que achou tanta

cópia dele, que a muita quantidade lhe fez duvidar o poder ser o que tinha achado âmbar, e o reputou por breu ou pez, e como tal se pôs a brear com ele uma barca, que tinha posta em estaleiro para o efeito, e continuou com a obra até que alguns compadres seus, que o viram ocupado nela, o desenganaram do erro que fazia, e, com ter já gastado grande quantidade de âmbar, ainda se ficou com muito.

## ALVIANO

Isto parece dos contos do Trancoso (16) e, como tal, não me persuado a dar-lhe crédito.

## BRANDÔNIO

Não é senão pura verdade, e passou da maneira que o tenho relatado. E por que não mendiguemos semelhantes acontecimentos por casas alheias vos contarei um que me sucedeu, e se duvidardes dele, em tempo me acho de poder verificar minha verdade com testemunhas dignas de fé. E o caso é este: estando eu no ano de oitenta e três assistente na capitania de Pernambuco, na vila de Olinda, ao tempo de partir uma frota para o reino, que me trazia assaz ocupado com o haver de escrever para lá, chegou um criado meu, a quem trazia ocupado no recebimento dos dízimos dos açúcares, que então estava a meu cargo, chamado por nome o *Comilão*, e em grande segredo, depois de nos metermos ambos em uma câmara, me disse que indo a buscar o dia antecedente um pouco de peixe a uma rede que pescava no rio do Extremo (17), achara na praia grande quantidade de certa cousa, que logo me amostrou, colocando na minha mão uma bola daquilo que dizia haver achado, a qual pesaria, segundo minha estimação, de seis para sete arráteis, e que do semelhante era tanta a quantidade a que estava na praia, junto d'água, que gastaram ele e dois negros, que consigo levava, mais de três horas em o acarretarem em uma fôrma, que fora, de açúcar, e dois cabaços, até porem tudo desviado da praia e caminho entre alguns mangues, e que ele junto fazia um arrazoado monte. Eu era então novo na terra, e não havia ainda visto nela nenhum âmbar, posto que em Portugal me passara pela mão algum; mas, como era âmbar-gris, que vem da Índia, dava maravilhoso cheiro com ser branco, e pelo contrário aquilo, que o mancebo dizia haver achado, era uma cousa negra viscosa, que tinha

o cheiro de azeite de peixe, e por esse respeito cobrei tanto asco de o ter nas mãos, que lancei a bola pela janela a fora entre umas ramas crescidas, ficando-me somente entre os dedos um pequeno papel em que o apertara, cousa de três para quatro onças, as quais acaso, por me despojar delas, lancei dentro na gaveta de um escritório que tinha aberto. E despedi o mancebo com lhe dizer que não tinham pera que fazer caso daquilo, que dizia haver achado, porque devia de ser alguma imundície que sai à praia. Com isto se foi o pobre descuidado do muito que se lhe ia de entre as mãos. Passaram-se três anos, dentro dos quais veio a esta terra do Reino um parente meu de muita obrigação, o qual querendo fazer volta outra vez para lá, me foi necessário dar-lhe papel de importância, para que o levasse consigo, o qual não achava, e por esse respeito o busquei por todas as gavetas do escritório muito de espaço, e em uma delas fui dar com o papel envolto naquela cousa que ali tinha lançado. E como com o tempo tinha já gastado o ruim cheiro de azeite de peixe e cobrado outro muito bom, mostrou claramente ser âmbar, e de se achar ali, estive confuso por me não alembrar quando ou de que maneira o havia metido naquela gaveta, ou donde me viera; todavia, examinando bem a memória, vim a cair no que havia precedido com não pequeno pesar. E imaginando poder ainda dar remédio ao que já o não tinha, mandei chamar logo o descobridor, que então era casado, e dando-lhe conta do que passava, faltou pouco para se enforcar; todavia nos pusemos a cavalo, indo à parte onde ele achara o âmbar, com a qual ele já mal atinava, e por fim não achamos cousa nenhuma, com cair na conta de que os caranguejos, aves, e mais imundícies o deveriam ter comido.

ALVIANO

Todavia esse foi estranho caso, e bem digno e de se sentir a perda de tão grande haver, que não crera haver passado desse modo, senão afirmásseis com tantas veras; mas esse âmbar como podia ser preto? Porque tenho para mim que todo é branco e pardo.

BRANDÔNIO

Neste nosso Brasil há dois modos de âmbar: um é branco e gris, que se acha na costa de Jaguaribe, o qual por ser tal se vende a onça dele a quatro mil réis e às vezes por mais; o outro é negro, que se acha desde

Pernambuco até a Bahia, posto que também sai do branco; mas o preto vai de três para quatro cruzados a onça.

ALVIANO

Tão sentido estou do que me contastes haver-vos sucedido, que não quero ouvir falar mais em âmbar; e assim que passemos a tratar da quarta condição da riqueza do Brasil, pela ordem que as levais enfiadas.

BRANDÔNIO

Todavia, antes de começar a tratar o que me perguntais, vos hei de contar uma graça ou história que sucedeu há poucos dias, neste Estado sobre o achar do âmbar. Certo homem ia pescar para a parte da capitania do Rio Grande, em uma enseada que ali faz a costa, e querendo se meter em uma jangada para o efeito, lhe faltava uma pedra de que pudesse fazer fateixa, e lançando os olhos pela praia viu uma, que ao seu parecer, teve por acomodada para isso, e, tomando-a, atou nela o cabo, e se meteu na jangada para ir fazer sua pescaria; e estando já na parte que queria, porque o vento fazia desgarrar a jangada do porto, lançou a sua fateixa ao mar, a qual, como se fora de cortiça, andava sobre água; e, vendo que lhe não aproveitava a diligência que tinha feito com aquela fateixa, pois nadava, tornou para terra ao tempo que chegava à praia um seu amigo, também para haver de pescar com outra jangada, dando-lhe conta do que lhe havia sucedido com aquela pedra que nadava, o outro, que devia ser mais trêfego, lhe disse que não tomasse por isso pena, porquanto ele se achava indisposto, e não determinava de pescar, que ali tinha a sua fateixa de que se podia servir. Aceitou-lhe o outro o oferecimento, e com ela se foi à sua pescaria, deixando a pedra nadadora nas mãos do que novamente chegara, que logo conheceu ser âmbar, e tomando as costas se recolheu e fez-se invisível com ela, aproveitando-se de sua valia, porque pesava quase uma arroba.

ALVIANO

Não foi mau lança esse; e posto que a riqueza se estrebuche pelos homens por venturas, se é lícito poder-se dizer assim, para toda essa cousa de haver, principalmente para o achar do âmbar se requer grandís-

sima; e, porque ainda estou magoado do que me contastes, vos peço que torneis ao fio da vossa narração.

BRANDÔNIO

Parece-me que disse que o quarto modo, que havia no Brasil, para se fazerem ricos seus moradores eram os algodões e madeiras; pelo que tratarei primeiro dos algodões, que já foram tidos em mais reputação, e deram mais proveito aos que nele tratavam do que de presente dão(18).

ALVIANO

E qual é causa disso?

BRANDÔNIO

Haver muito em Veneza e em outras partes, com que se abate o que levam do Brasil; posto que a terra é tão caroável de o produzir, que em qualquer parte se colhe grande quantidade de algodão. Planta-se de semente, e em breve tempo leva fruto, o qual se colhe depois de estar maduro e de vez, e tirado o cóculo(19), aonde se cria, o põem em rimas, e deste modo se chama algodão sujo, o que se aparta da semente é o limpo.

E para se haver de apartar dela usam de uma invenção de dois eixos, que andam à roda, e passando por eles o algodão larga uma parte, que é por onde se mete a semente, e pela outra vai lançando por entre os eixos o algodão, que se costumava a vender na terra a dois mil réis a arroba, com deixar muito proveito aos que o lavram, pelo pouco custo que na lavoura dele faziam e no reino se vendia a quatro mil réis a arroba, mas já agora, pelo respeito que disse, se vende tanto em uma parte como em outra por muito menos preço.

ALVIANO

E de que modo se leva esse algodão para o Reino?

BRANDÔNIO

Levam-no dentro em grandes sacos, que para esse efeito fazem de ângeu, onde se mete muito bem socado, de modo que a saca fica dura e

tesa; e, como está apertado, não importa que o levem para o Reino sobre a coberta dos navios, porque a chuva lhe não faz dano. E com isto me parece que tenho dito o que basta dos algodões, dos quais também neste Brasil se faz muito bom pano de serviço.

ALVIANO

Pois passemos a tratar das madeiras, que deve ser cousa de mais importância.

BRANDÔNIO

Certamente que estimara muito não me meter em semelhante trabalho, pelo muito que há que dizer dessa matéria porque por toda parte que ponho os olhos, vejo frondosas árvores, entrebastecidas matas e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma doce e suave primavera; porquanto, em todo o decurso do ano, gozam as árvores de uma fresca verdura, e tão verdes se mostram no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam de fazer na nossa Espanha; antes, tanto que lhe cai uma, lhe nasce imediatamente outra, campeando a vista com formosas paisagens de modo que as alamedas de alemos e outras semelhantes plantas, que em Madri, Valadolid e em outras vilas e lugares de Castela se plantam e granjeiam com tanta indústria e curiosidade, para formosura e recreação dos povos, lhes ficam muito atrás e quase sem comparação uma cousa da outra; porque aqui as matas, e bosques são naturais, e não industriosos, acompanhados de tão crescidos arvoredos, que, além de suas tapadas, frescas folhas defendem aos raios do sol poder visitar o terreno de que gozam, não é bastante uma flecha despedida de um teso arco por galhardo braço, a poder sobrepujar a sua alteza; e destas semelhantes plantas e árvores há tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contemplação delas, e somente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver criado daquela sorte. Donde certamente cuido que se neste Brasil houvera bons arbolários, se poderiam fazer da qualidade e natureza das plantas e árvores muitos volumes de livros maiores que os de Dioscórides; porque gozam e encerram em si grandíssimas virtudes e excelências ocultas, e enxerga-se o seu mérito em algumas poucas delas, de que nos aproveitamos.

ALVIANO

Por essa maneira temos no Brasil outros novos campos de Tesália; porque tendes encarecido os seus com tão eficazes palavras, representando neles tantas grandezas e excelências, que me vem o desejo de me transformar em um agreste pastor, somente para poder gozar de tanta frescura.

BRANDÔNIO

Não vos fora mal, quando assim o fizésseis, porque em tudo quanto tenho dito fico certo a perder de vista para o muito que poderá dizer.

ALVIANO

Confesso que esses campos terão essa amenidade que representais, mas nunca ouvi dizer que as plantas, que por eles se produzem, gozem de tantas virtudes medicinais de que os fazeis abundantes.

BRANDÔNIO

Não me quero distrair em mostrar a verdade do que digo em contrário dessa vossa opinião; porque seria meter-me em matéria de que a saída fora dificultosa. Só vos direi dois exemplos, que experimentei e vi por próprios olhos, pelos quais ficareis entendendo o mais que pudera relatar; dos quais o primeiro é que, tendo eu em minha casa uma mulatinha de pouca idade, que nela me nasceu, a quem queria muito por havê-la criado, um escravo meu, com ânimo diabólico, estimulado de a menina me descobrir um furto, que ele havia feito, lhe deu peçonha, de tal sorte que em muito breve espaço inchou toda uma cor denegrida, e, com apressado resfolego, escumava pela boca, os dentes cerrados, e olhos em alvo, mostrando nisto e em outras cousas todos os sinais de morte. Vendo eu a menina em tal estado, além de ficar pesaroso em extremo, imaginei, com firme pressuposto, ser o acidente causado por peçonha, e que o autor de lha dar devia de ser o próprio escravo, que lhe havia dado, porque tinha entre os tais nome de feiticeiro e arbolário. Pelo que fiz lançar mão dele, afirmando-lhe não que não teria mais vida que en-

quanto a menina gozava dela, porque sabia de certo haver-lhe ele dado peçonha, com lhe dizer mais, e ainda mostrar que o queria fazer, que o havia de passar por entre os eixos do engenho; portanto que procurasse com brevidade dar remédio ao mal que tinha feito. Pôde tanto o temor destas ameaças com ele, que se obrigou a curar a enferma, à condição que lhe havia de dar licença para poder ir ao mato buscar algumas ervas para o efeito. Consentiu no que me pedia, mas com o mandar aljavado com outro escravo ladino dos da terra, a quem encontrei em segredo que notasse bem a erva que colhia para depois a ficar conhecendo; mas o outro foi tão matreiro que, por se guardar disso, colheu muitas e diversas ervas, entre as quais o fez a de que tinha necessidade; em forma que o outro aljavado, que com ele ia, não pôde atinar que erva era a de que se havia de aproveitar. Tornaram ambos aonde eu os esperava, e o arbolário trazia já a erva desfeita entre as mãos e mastigada com os dentes; e em chegando, não fez mais do que ir-se à atoxicada e lançar-lhe o sumo dela por dentro da boca, que lhe abriu com uma colher, e juntamente pelos ouvidos e narizes, fazendo mais esfregação com ela nos pulsos e juntas do corpo, – ó cousa maravilhosa! que no mesmo instante abriu a menina os olhos e boca, e após isso, purgando grandemente por baixo e por riba, se lhe começou a desinchar o corpo, e dentro de um dia esteve sã como dantes. E eu estranhamente magoado de não poder conhecer a erva, porque nunca pude acabar com o escravo, nem por ameaças nem por dádivas que lhe prometi, que ma amostrasse: somente em um pequeno pedaço dela, que lhe tomei dentre as mãos, enxerguei que era uma erva cabeluda.

## ALVIANO

Houvera-o eu de obrigar com tormentos, porque antídoto tão preservativo e de tanta virtude era bem que fora conhecido do mundo.

## BRANDÔNIO

Nada bastou com o escravo. O outro exemplo é que um escravo dos de Angola, de pouca importância, vi tomar com as mãos muitas cobras peçonhentíssimas, e ajuntá-las consigo, as quais, posto que o mordiam por muitas partes, lhe não faziam as tais mordeduras dano; sendo assim que,

em outras pessoas, as de semelhantes cobras matavam em vinte e quatro horas. Deu-me maravilha o sucesso, e imaginei que devia de ser aquilo obra de palavras ou força de encantamento; mas todavia me desenganei que nem uma cousa nem outra era, porque, granjeando eu a vontade do negro com dádivas, me veio a mostrar umas raízes e outra erva, dizendo-me que toda pessoa que trouxesse untadas as juntas do sumo daquela raiz, depois de bem mastigada na boca, podia com muita seguridade tomar nas mãos quantas cobras quisesse, sem temor de que a sua mordedura lhe fizesse dano por muito peçonhenta que a cobra fosse; e assim o experimentei, e fiz experimentar, e se experimenta ainda até o dia de hoje entre os meus escravos. A erva que mais me deu era para se haver de curar com ela aos que fossem mordidos de qualquer cobra, sem o preservativo que tenho dito; porque untado e bem esfregado com ela e com o seu sumo, o lugar da mordedura, com outras diligências que o escravo fazia de esfregações, sarava, como sararam infinidades de homens mordidos de semelhantes bichas peçonhentíssimas com tanta facilidade como se foram mordidos de uma abelha. E porque este negro é morto, alguns escravos meus usam da mesma erva com grande utilidade.

ALVIANO

Pois haveis-me de fazer mercê de mandar a esses vossos escravos que me dêem uma pequena dessa raiz e erva que as quero trazer sempre comigo para o que suceder; mas folgarei de saber se a virtude da raiz e erva se estende a mais que a ser antídoto contra a peçonha da cobra.

BRANDÔNIO

Não o tenho ainda experimentado por negligência minha; mas, assim como há neste Brasil semelhantes preservativos contra a peçonha, também há muitas árvores e plantas que a dão finíssima, de que os negros de Guiné se aproveitam com matarem de ordinário muitos dos seus semelhantes com ela.

ALVIANO

E quem mostrou a esses escravos o segredo dessa peçonha?

BRANDÔNIO

Da sua terra vieram mestres dela, e nesta fazem muito mal aos moradores com lhe matarem seus escravos. Mas parece-me que nós íamos desviando de nossa prática, que era havermos de tratar do modo que os habitantes deste Brasil se fazem ricos pela madeira, o que sucede com lavrarem e serrarem muita, assim para se fazerem caixas, em que encaixam os açúcares, como muitos e bons chaprões, que se levam para o Reino, e outras excelentes madeiras para casas e obras-primas de escritórios, bofetes, leitos e outras semelhantes.

ALVIANO

E os próprios moradores são porventura os que lavram e serram essas madeiras?

BRANDÔNIO

Não, porque a gente do Brasil é mais afidalgada do que imaginais; antes a fazem serrar por seus escravos, e há homem que faz serrar em cada ano mil e dous mil caixões de açúcar, que vendem aos senhores de engenho, lavradores e mercadores, a quatrocentos e cinqüenta e a quinhentos réis cada um, segundo a falta ou abundância que há deles; e nisto se vê a grande quantidade de madeiras que há neste Estado, que com haver tanto tempo que é povoado, fazendo-se todos os anos nele tão grande número de tabuado para caixões, não cessam as matas de terem madeiras para outros muitos, e nunca faltarão neles.

ALVIANO

E de que paus se lavram essas madeiras para caixões?

BRANDÔNIO

Os caixões se fazem de pau mole, como são mongubas, buras, visgueiro, pau de gamela, e um pau que chamam de alho, e outro branco; e dos tais há diversas castas, porque para caixões se busca madeira mole, por ser mais fácil de serrar.

ALVIANO

E para chaprões que dizeis se levam para o Reino, madeiras para casa e outras obras, de que sorte delas usam?

BRANDÔNIO

De muitas excelentes, as melhores que há no mundo. E há tanta quantidade das tais que não haverá homem que as possa conhecer, nem saber-lhes o nome para as haver de nomear, de vinte partes a uma, inda que o tal fosse carpinteiro, cujo ofício não seja outro que cortá-las nas matas.

ALVIANO

Todavia, folgarei que me digas a qualidade de algumas.

BRANDÔNIO

Por vos fazer a vontade me esforçarei a dizer algumas, das poucas a que sei o nome (20). E assim digo que as madeiras, de que tenho notícia, e me *alembra* a qualidade delas, são estas: *assabengitas*, que é um pau amarelo, que lança de si a mesma tinta, muito rijo; *jataúba* vermelho, de formosa cor; *piqueá*, muito rijo e de cor amarela; outro pau, que chamam *amarelo*, excelente para tabuado; *jataúba*, de cor dourada; *maçaranduba* e *cabaraíba*, ambos de cor roxa, maravilhosos para obra-prima, principalmente para cadeiras; jacarandá, tão estimado em nossa Espanha para leitões e outras obras; *conduru*, pau de grande fortaleza, do qual se fazem bons chaprões; *sapopira*, de que se faz também o mesmo, e muitos carros, e também liames para navios; *camaçarim*, apropriado para tabuado; outro pau chamado *d'arco*, porque se fazem dele de muita fortaleza e rigidão; *zabucai*, também muito estimado para eixos de engenhos e estearia; *canafistula*, de cor parda; *camará*, rigidíssimo, e por esse respeito assaz estimado; *pauferro*, que lhe deram este nome ser por igual a ele na fortaleza; outro pau chamado *santo*, tão estimado e conhecido por toda a parte; *buraquí*, assaz proveitoso; *angelim*, de que se faz tanto cabedal nas Índias Orientais, e o incorrupto *cedro*, louvado na Escritura; e assim *burapiroca*, louro, dos quais se aproveitam para armações de casas; *buraém*, de que se faz tabuado para navios, quase incorrupto; *corpaúba*, de uma cor preta excelente; *orendeú*

*ba*, de uma galharda cor vermelha; e assim *guoanadim*, que se produzem por alagadiços e mangues, que se não dão senão pelo salgado. Outro pau, chamado *quiri*, que corta pelo ferro por ser mais duro que ele, cujo branco de fora pode suprir a falta do marfim em qualquer obra, e o âmago de dentro demonstra as águas e cores de um jaspe muito formoso; e da mesma maneira é outro pau, que vem de Jaguaribe. Estes poucos me ocorreram à memória entre os muitos de que poderia fazer menção, os quais são todos das capitâneas da parte do Norte do cabo de Santo Agostinho; porque das do Sul tenho pouca notícia, por não haver andado por aquelas partes.

ALVIANO

Os dias passados vi nas mãos de um homem ancião um pau da grossura de uma manilha, que lhe servia de bordão; parecendo-me que era grande, é, como tal, devia de ser pesado para o efeito, o tomei e achei tão leve que quase o não senti nas mãos; porque o era mais do que pudera ser uma meada de estopa.

BRANDÔNIO

Esse pau ou, para melhor dizer, cana se forma de um junco grosso, chamado *taboa*, do qual se fazem esteiras e quando é muito velho dá semelhante cana. Também há outro pau que chamam de *jangada*, porque se fazem as tais dele para andarem pelo mar, o qual é também levíssimo, por esse respeito fazem dele os paus dos andores, em que andam as mulheres, da maneira que adiante direi.

ALVIANO

Não sei em que parte do mundo se poderão achar tantas e tão boas madeiras, como são as que tendes referido; e maravilho-me como Sua Majestade se não aproveita delas para fábrica de naus e galeões, os quais poderá lavar a estas partes.

BRANDÔNIO

Estando eu no Reino, no ano de seiscentos e sete, se quis informar de mim o Conde Meirinho-mor, veador da fazenda de Sua Majestade,

de duas cousas: uma se poderia mandar lavrar navios neste Estado (21) e a outra se haveria comodidade nele para se fazerem piques, porque, dizia, lhe custava trabalho mandá-los vir de fora do Reino; ao que lhe respondi que não havia modo como se pudessem alevantar neste Estado embarcações de importância; porquanto as madeiras estavam já mui desviadas, pelos engenhos haverem consumido as de perto, e que assim custaria muita despesa o acarretá-las à borda d'água; demais que seria dificultoso poder-se ter os oficiais necessários para a obra obrigados a ela, porque, posto que os mandassem do Reino à soldada, logo se haviam de ausentar pela terra, de modo que não poderiam ser achados. Mas já hoje estou de diferente opinião; porque com a nova povoação do Maranhão e Pará, que é o rio das Amazonas, poderá Sua Majestade mandar fabricar naquelas partes muitas embarcações, onde se acham grande quantidade de madeiras à borda d'água, da qual se podem aproveitar a pouco custo. E os oficiais, que para o efeito mandar do Reino, não se poderão ausentar, por não haver ainda, em aquelas partes, fazendas nem povoações pela terra adentro, por onde se possam espalhar (22).

ALVIANO

Não é mau alvitre esse para Sua Majestade lançar mão dele; porque creio que logo o deve de mandar pôr em execução. E dos piques que respondestes a esse ministro?

BRANDÔNIO

Disse-lhe que se podiam fazer muitos e mui bons de um pau que havia na terra chamado *pau-d'astea*, pelas fazer boas e ainda, para que experimentasse a verdade do que lhe dizia, me obriguei a lhe mandar desta terra, para onde então estava de caminho, alguns piques lavrados, o que cumpri na forma que lho prometera, tanto que a ela cheguei, sem ter mais sobre a matéria resposta.

ALVIANO

Estou maravilhado de vos ouvir nomear tanta diversidade de madeiras, que, pelos nomes diferentes que lhes dáis, entendo que devem de ser todas de diferentes feições e qualidades.

## BRANDÔNIO

Sim, são: em tanto que se parecem raramente, nem na folha nem no tronco, uma árvore com a outra. E não quero deixar em silêncio duas cousas que vi de muita consideração, ambas na capitania da Paraíba; das quais uma delas foi um pau de gamela de muita grossura, que estava oco por dentro, mas contudo não seco, porque tinha a sua rama verde e perfeita, e dentro deste pau nascia outro de mangue, de grossura de sete palmos por roda, o qual penetrava, com o seu tronco inteiro metido pelo outro, por dentro de sua concavidade até responder com a rama, que era assaz grande, pelo mais alto, justamente com a da outra árvore; porque nascida tão baralhada, que demonstrava ser toda uma, e somente no modo das folhas se conhecia a diferença; assim que as duas árvores se formavam de duas raízes, e de dois troncos diferentes, estando uma dentro na outra. E a outra é haver visto, na serra da *Copaoba*, uma árvore de suma grandeza, cavalgada sobre um alto penedo, que estava alevantado da terra mais de doze palmos, e as raízes da árvore, por uma parte e outra, a vinham buscar, donde tomavam o nutrimento para o seu tronco e rama, sem poder acabar de entender o modo como semelhante planta podia nascer sobre aquele penedo cavalgada, sem ter por meio terra, em que se sustentasse.

## ALVIANO

Tendes-me contado tantas maravilhas, que não tenho esta por estranho, posto que o é assaz. Mas, pois haveis falado em mangues, dizei-me se é verdade que têm as raízes de cima para baixo; porque sou tão descuidado que ainda não olhei para isso.

## BRANDÔNIO

Os mangues nascem nos alagados entre rios que estão sujeitos aos fluxos e refluxos da maré, e os mais deles sobre vasa, dos quais há aí duas castas, um vermelho e o outro branco; o vermelho é mais rijo, e dá-se melhor na vasa, o outro branco é pau mole, e nasce um pouco mais desviado do salgado e em terra mais fixa; e todos botam as raízes de cima para baixo, mas em mais quantidade o vermelho. E com isto ponhamos

por hoje termo à nossa prática; porque vos confesso de mim que não estou para mais.

ALVIANO

Nunca sairei do que levardes gosto, mas à condição que nos tornemos a ajuntar amanhã nestas partes, às horas costumadas, para proseguirmos avante com o que vos resta por dizer.

.....  
*Notas do Diálogo terceiro*

NOTA (1)

Segundo o consenso geral dos historiadores, três decênios depois do descobrimento do Brasil trouxeram os portugueses a cana-de-açúcar da Madeira para cá, primeiro para o sul do país. Cerca de 1550 estabeleceu-se sua cultura na Capitania da Bahia, depois de ter sido, em 1538, iniciada com sucesso em Pernambuco. Aí havia sido o donatário Duarte Coelho, confiante de que aquela cultura seria de suma importância para sua capitania, quem solicitara o auxílio pecuniário de mercadores de Lisboa para o estabelecimento das plantações e o fabrico dos engenhos. Em breve tempo Pernambuco tornava-se no Brasil a capitania açucareira por excelência, e enquanto, cerca de 1590, na Bahia, produziam açúcar trinta e seis engenhos, o número dos que lavravam em Pernambuco se elevava a mais de sessenta e seis. Dez anos mais computava-se em cento e vinte o número redondo dos engenhos brasileiros. Quando a esquadra de Lonck apareceu diante do Recife, contava-se só nas Capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande cento e sessenta e seis engenhos, em pleno funcionamento, que produziam grandes safras, embora fossem eles muito diferentes, conforme o solo e o clima, e estavam assim distribuídos:

Pernambuco.....	121
Itamaracá.....	23
Paraíba.....	20
Rio Grande.....	2

Barlaeus avaliava a safra anual daquelas quatro capitanias em um milhão de arrobas, às quais se deviam acrescentar trezentas mil de açúcar panela, de inferior qualidade, isento de tributos.

– Conf. Barlaeus, *Berum per octennium in Brasília et alibi nuper gestarum, sub Profectura Illustrissimi Comitis I. Mauritti Nassovioe...*

*Historia*, 315, Amsterdam, 1648; Heinrich Handelman, *Geschichte von Brasilien*, 58, 125, Berlim, 1860; Edmund O. von Lippman, *Geschichte des Zuckers, seiner Darstellung und Verwendung seit den ältesten Zeiten*, pp. 260-261, 279, Leipzig, 1890; e Hermann Wätjen, *Das holländische Kolonialreich in Brasilien*, pp. 263-264, 269, Haag, 1921. – Desses livros há modernas traduções brasileiras.

NOTA (2)

Os governadores de Portugal, no período de 5 de julho de 1593 a 29 de janeiro de 1600, foram: D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa; D. João da Silva, conde de Porto Alegre; D. Francisco Mascarenhas, conde de Santa Cruz; Duarte de Castelo Branco, conde de Sabugal; e Miguel de Moura, escrivão da puridade. Naquela última data começou a administração do vice-rei D. Cristóvão de Moura, marquês de Castelo Rodrigues, que ainda governava a 26 de julho de 1603.

– Conf. J. Pedro Ribeiro, *Dissertações cronológicas e críticas*, II, pp. 196, Lisboa, 1857.

NOTA (3)

Em Rebelo da Silva, *História de Portugal*, V, pp. 63-64, Lisboa, 1871, lê-se:

“Filipe II em 1593 [aliás 1592] tinha lançado o imposto denominado do “consulado”, com apropriação especial à sustentação dos navios incumbidos de guarda da costa, e este imposto desviado pelos seus sucessores produzia, em 1607, arrendado a Manuel Gomes da Costa por oito anos, 55:000\$000, além de 5:000\$000 cobrados de cada nau que voltava da Índia. Em 1620 achava-se orçado em 80:000\$000. Esta contribuição pesava toda sobre o corpo do comércio, elevando-se a 3%, e ninguém se queixaria de ir pagar se o gabinete de Madri por alvará de 1602 não suprimisse o tribunal que, em virtude do regimento de 16 de junho de 1593, fiscalizava a rigorosa aplicação das receitas às despesas marítimas. Depois dele o tributo arrancado sem garantias e distribuído em gastos diversos converteu-se em verdadeira opressão e agravada pela ironia palpável dos contribuintes verem desarmados e podres nos lodos do Tejo os cascos subsidiados para a defesa de seus cabedais.”

O alvará de 30 de outubro de 1592 e o regimento de 16 de junho de 1593, que instituíram em Lisboa o consulado e casa de negócio mercantil, lêem-se em J. Pedro Ribeiro, *Dissertações cronológicas e críticas*, IV, parte 1ª, pp. 199-206, Lisboa, 1819.

– Conf. Varnhagen, *História geral do Brasil*, II, 3ª ed., pp. 49, 98, nota de G.

## NOTA (4)

Não se conhece a provisão que concedeu a liberdade de dez anos em benefício dos engenhos que fabricassem de novo, ou se reedificassem no Brasil; mas a ela faz referência a de 17 de setembro de 1655, que providenciou sobre os danos que padecia a fazenda real, evitando-se a presunção havida contra os senhorios, de que, acabados os primeiros dez anos, deixassem cair os engenhos, para, reedificando-os depois a menos custo, tornarem a gozar da mesma liberdade, como dantes.

– Conf. José Roberto Monteiro de Campos Coelho e Soisa, *Sistema ou Coleção dos Regimentos Reais*, II, pp. 81-82, Lisboa, 1783.

## NOTA (5)

Desde os primeiros tempos do descobrimento do caminho das Índias, o comércio das especiarias, principalmente o da pimenta, que era o mais importante de todos, foi vedado aos particulares ou, se às vezes lho permitiam, eram tantas as restrições, que a licença pouco diferia da proibição.

Em um regimento dado a Fernão Soares, em 1507, D. Manuel ordenava que toda especiaria que se houvesse de comprar da Índia se o fizesse pelos feitores e oficiais que já estavam, e não por outra maneira; “...e para assim o fazerem, se lhe há de ser entregue nosso dinheiro, e assim o das ditas partes, para a pimenta que hão de haver”, *Alguns documentos da Torre do Tombo*, p. 173, Lisboa, 1892.

As partes, isto é, os capitães e gente das guarnições dos navios – comenta o Conde de Ficalho, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, de Garcia da Orta, II, pp. 256-257, Lisboa, 1892 –, com outras pessoas que obtinham essa mercê especial, não podiam, pois, comprar livre e direta-

mente a pimenta, mas entravam numa espécie de parceria com o rei, partilhando com ele os ganhos, assim como as perdas e quebras do negócio.

Mais tarde – continua o comentador – as restrições se tornaram ainda mais severas, e no ano de 1518, D. Manuel dirigiu-se a Fernão d’Alcaçova, veador da fazenda na Índia, proibiu toda transição em pimenta: “...defendemos e mandamos por este presente que nenhum cristão português não compre por modo algum nenhuma pimenta”, sob pena de perder toda a sua fazenda”. Isto não foi o bastante, e algumas pessoas, levadas pelo interesse, continuavam a comprar, tornando assim a mercadoria mais cara e mais escassa, de modo que os feitores d’el rei se viam obrigados a tomar pimenta “verde, e suja, e mascavada”. Então, D. Manuel, em um alvará escrito em Évora, a 7 de fevereiro de 1520, confirmou todas as proibições: “...nhuas pessoas, assim cristãos como mouros, gentios, judeus, e quaisquer outras de qualquer condição que seja, não tratem com a dita pimenta...”. A penalidade era severa: perder toda a fazenda, e ficar além disso sujeito à “pena crime que vos bem parecer”.

Apesar de tudo isso, o cobrador da droga defesa se fazia em larga escala, para a repressão do qual a legislação coeva está cheia de inócuas providências.

NOTA (6)

Foi no governo de D. Diogo de Meneses (1608 a 1612) que um clérigo espanhol, vindo das partes do Peru, ensinou um novo sistema de moenda, nos engenhos de açúcar, o qual consistia em três cilindros, ainda verticais, que por meio de entrosas se faziam girar com a rotação do cilindro do meio.

– Conf. Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, pp. 421, ed. de 1918.

Perdeu-se o desenho das entrosas e engenhos, com que Frei Vicente pretendia ilustrar sua obra; mas deve ser o mesmo ou semelhante, quanto aos engenhos tirados por bois, ao que reproduziu Piso, *De Indie utrique re natural et medica*, ps. 108, Amsterdã, 1658. Henry Koster, *Travels in Brazil*, Londres, 1816, dá uma estampa do engenho movido por água, com a moenda ainda composta de três cilindros verticais. Essas estiveram em uso até meados do século XIX, quando foram substituídas por

horizontais, de invento do engenheiro Leandro Guimarães, que também aperfeiçoou as rodas hidráulicas.

## NOTA (7)

O caso da galinha que ensinou ao homem a curtir o açúcar vem repetido em Frei Vicente do Salvador. *História do Brasil*, ps. 421, ed. de 1918, quase pelas mesmas palavras. É mais uma concordância, que cumpre assinalar, entre os dois historiadores seiscentistas, e mais uma prova de que o franciscano conheceu estes *Diálogos* e deles se aproveitou para suas informações pernambucanas.

Antonil, que escreveu um século depois a *Cultura e Opulência do Brasil, por suas drogas e minas*, Lisboa, 1711, e tratou do mesmo assunto, fez silêncio sobre a fábula, sinal de que a desconhecia. Informou, porém, que o barro com que se purgava o açúcar se tirava dos *apicus*, que são coros que faz o mar entre si e a terra firma, *op. cit.*, p. 91, Rio, 1837.

Edmanund O. von Lippmann, *Geschichte des Zuckers, seinger Darstellung und Verwendug seit den ältesten Zeiten*, 295, Leipzig, 1890, contesta aos portugueses no Brasil a prioridade do emprego do barro para embranquecer o açúcar, porquanto Diocórides, Galeno e os árabes já o conheciam como clarificador do vinho, suco de frutas, água de rosas e outros líquidos.

– Conf. Capistrano de Abreu, “Prolegômenos” a Frei Vicente do Salvador, p. 263.

## NOTA (8)

De um onzeiro famoso em Pernambuco pelos fins do século XVI há notícias na *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil – Confissões da Bahia*, Rio-São Paulo, 1925, e *Denúncias de Pernambuco*, mesmos lugares, 1929. Chamava-se João Nunes, era cristão-novo, mercador, e sua fortuna devia passar de duzentos mil cruzados, colossal para a época.

Perante a mesa do Santo Ofício foi por muitos denunciante acusado de ser largo de consciência em seus contratos e de ter feito onzenas cruéis com Cristóvão Vaz do Bom-Jesus, Filipe Cavalcanti, o florentino,

Cristóvão Lins, o alemão, e diversos outros. Tantas foram, além destas, as suas culpas, como herege, amancebado com mulher casada, peitador da justiça secular e eclesiástica, que foi chamado à Bahia pelo governador, quando ainda lá estava a Visitação; apresentando-se na cidade do Salvador com grande estadão, muitos criados, vestido de veludo lavrado, caiu na boca do lobo: preso pelo Santo Ofício, foi enviado à Inquisição de Lisboa, e dele não houve mais novas nem mandados.

Ambrósio Fernandes Brandão havia de tê-lo conhecido pessoalmente, seu correligionário, que com ele esteve na conquista da Paraíba, para a qual João Nunes concorreu com créditos, Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, pp. 299, 309, ed. de 1918.

NOTA (9)

Anchieta, em sua *Informação* do último de dezembro de 1585, *Informações e fragmentos históricos*, 42, Rio, 1886, diz do Rio de Janeiro que “é terra rica, abastada de gados e farinhas e outros mantimentos...”

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 421, ed. de 1918, referindo-se ao melhoramento dos engenhos de açúcar no governo de D. Diogo de Meneses, informa que se desfizeram os antigos e se fizeram todos de acordo com a nova invenção; “pelo que no Rio de Janeiro, onde até aquele tempo se tratavam mais a farinha para Angola que de açúcar, agora há já quarenta engenhos...”

NOTA (10)

O comércio com o Rio da Prata começou no governo de Manuel Teles Barreto (1583 a 1587). Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 330, ed. de 1918, louvado aquele governador, diz que foi próspero o tempo do seu governo, assim pelas vitórias alcançadas contra os inimigos, como porque nesse tempo se abriu “o comércio do rio da Prata, mandando o bispo de Tucumán o tesoureiro-mor de sua sé a esta Bahia a buscar estudantes para ordenar, e cousas pertencentes à Igreja, o que tudo levou, e daí em diante não houve ano em que não fossem alguns navios de permissão real ou de arribada com fazendas, que lá muito estimam e cá o preço universal que por elas trazem.”

## NOTA (11)

Refere-se a Duarte Gomes da Silveira, que esteve na conquista da Paraíba, guerreou na Cupaoba, obteve por isso muitas terras, fundou engenhos e currais e tornou-se assim um dos mais ricos povoadores da Capitania.

Vinte anos depois de Brandônio, relatou Elias Herckmans, “Descrição Geral da Capitania da Paraíba”, in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, V, n. 31, p. 246, que a igreja da Misericórdia fora fundada por Duarte Gomes da Silveira, “que a construiu à sua custa, assim como tem promovido a edificação desta cidade, auxiliando com dinheiro a muitos moradores que desejavam construir casas. Ele próprio levantou um magnífico prédio ao lado ocidental do convento de São Bento para lhe servir de casa; mas não está acabado, e se acha quase que em caixão, mostrando quão grande seria se estivesse concluído”.

Duarte Gomes viveu muito, assistiu a tomada da cidade Felipéia de Nossa Senhora das Neves pelos holandeses, foi parte na capitulação honrosa, sofreu depois duras perseguições do diretor Ippo Eyssens, por lhe não querer dar em casamento uma sobrinha, e ainda vivia, agerasicamente, quando Nassau se retirou de Pernambuco.

Ambrósio Fernandes Brandão conhecia Duarte Gomes, seu companheiro nas guerras da Paraíba, vizinhos que foram depois, com engenhos servidos pelas mesmas águas: seu nome não aparece aqui, mas já fora mencionado no *Diálogo* primeiro.

## NOTA (12)

Em 1584, em Pernambuco, o pau-brasil estava arrendado por dez anos em 20.000 cruzados cada ano. A Paraíba, logo depois de fundada, começou a render ao Estado 40.000 cruzados, que em tanto se arrendou seu contrato do pau-brasil.

– Conf. Varnhagen, *História geral do Brasil*, tomo segundo, pp. 11-12, 3ª ed.

O desembargador Sebastião de Carvalho veio para o Brasil em 1607 a devassar dos descaminhos do pau-brasil na Capitania de Pernambuco. Uma carta de D. Diogo de Meneses ao rei, datada do Recife, 4 de

dezembro de 1608, *Anais da Biblioteca Nacional*, LVII, p. 44 informa a esse respeito: “Primeiramente o negócio do pau a que veio Sebastião de Carvalho se não houvera de fazer, nem o povo lhe houvera de consentir se eu aqui não estivera, porque sei que se fizeram juntas de moradores cá de fora, em que a todos pareceu que não era serviço do rei, o assim o que haverão de fazer era não consentir que começasse a tirar a devassa, e não falta quem diga que outros estiveram para lhe tirar à espingarda, e uma e outra cousa deixarão de fazer por meu respeito”.

NOTA (13)

Segundo Bluteau e Morais, na Beira emprega-se a palavra *pousa* ou *pousada* para significar cinco ou seis feixes de paus atados. Parece que nesta acepção deve ser entendida a palavra *pousa* do texto. (Nota de Varnhagen na primeira publicação deste *Diálogo*).

NOTA (14)

*Passo*, na acepção empregada no texto, de armazém ou depósito de mercadoria para embarque, geralmente situado no litoral ou à margem dos rios navegáveis, é vocábulo que os léxicos portugueses não recolheram. De sua ocorrência na linhagem antiga do Brasil, ou mais propriamente de Pernambuco, há alguns exemplos entre os muitos que poderiam ser aqui citados.

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 106, ed. de 1918, tratando do Recife, escreveu: “... está ali uma povoação de duzentos viziños com uma freguesia do Corpo-Santo, de quem são os mareantes muito devotos, e muitas vendas e tabernas e os *passos* de açúcar, que são umas lojas grandes, onde se recolhem os caixões até se embarcarem os navios...”

Diogo Lopes de Santiago, “História da Guerra de Pernambuco”, in *Revista do Instituto Histórico*, XXXVIII, parte 1ª, p. 276, disse: “Vendo Matias de Albuquerque que o inimigo estava apoderado da vila e pressentindo (o que em breve sucedeu), que dela havia de vir ganhar o arrecife, mandou pôr fogo às casas que vulgarmente chamam *Passos*, que estavam cheias de caixas de açúcar...”

E Frei Rafael de Jesus, *Castrioto Lusitano*, 520, Lisboa, 1679: “Em quinze de agosto [de 1646] pela meia-noite saiu do arrecife o mesmo Segismundo, com toda a gente, que tinha, passou o vão dos Afogados, e fez alto no *passo*, que chamam de Francisco Barreiros (*passo* dizem os naturais, àquelas casas, em que se recolhem ... os açúcares) ...”

Como *survival* desse fato, vêem-se ainda hoje em Pernambuco e adjacências alguns topônimos que guardam a designação primitiva.

– Conf. Francisco Augusto Pereira da Costa, “O Passo do Fidalgo”, in *Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco*, X, n.56, p. 53-74, 171-173.

NOTA (15)

O âmbar é uma concreção intestinal do cachalote, cetáceo da família dos Physeterídeos, *Physeter macrocephalus*, que, depois de expelida, é encontrada nas praias, ou flutuando sobre as águas. Como o autor diz adiante, conheciam-se no Brasil duas espécies de âmbar, o branco ou gris, e o negro; a primeira, mais valiosa, era encontrada nas costas do Jaguaribe ou Ceará, e a outra de Pernambuco até Bahia.

Na língua tupi chamavam-lhe *pirá-oçu-repotí*, ad litteram: esterco do peixe grande, como vem apontando no *Dicionário Português-Brasiliiano*, s. V., Lisboa, 1795.

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, p. 612, ed. de 1918, referindo-se a Martim Soares Moreno, capitão do Ceará, a quem o rei fez mercê do hábito de Santiago e lhe deu com ele pouca tença, acrescenta, perpetuando um dos seus trocadilhos: “...por isso lhe dá Deus muito âmbar por aquela praia, com que pode muito bem matar *la hambre*.”

NOTA (16)

Gonçalo Fernandes Trancoso, natural da vila de seu nome, na província da Beira, exerceu a profissão de preceptor, ou mestre de humanidades, e escreveu os *Contos e histórias de proveito e exemplo*, cujas primeira e segunda partes saíram à luz em Lisboa, por Marcos Bortes, 1585, e por João Álvares, 1589. À terceira parte, que deixou inédita, publicou seu filho Antônio Fernandes, Lisboa, por Simão Lopes, 1596.

As três partes juntas foram reimpressas várias vezes, ainda em Lisboa, por Antônio Álvares, 1646; por Domingos Carneiro, 1681; por Bernado da Costa, 1710. Nicolau Antônio mencionou uma reimpressão do mesmo lugar, 1608, e Brunet mais duas, de 1633 e 1780; ainda, de 1772, que é a mais vulgar.

São ao todo trinta e nove contos, alguns de tradição popular, diversos imitados de Boccacio e outros autores, e constituem o primeiro livro de novelas que se publicou em Portugal. O número de edições que se fizeram prova em favor da estima e da vulgarização que lograram.

De fato, tão entranhado foi seu prestígio que ainda hoje, nas províncias do Norte do Brasil, aos contos fantásticos se qualificam de histórias de Trancoso, equivalendo ao que, nas partes do Sul, mais abertas à influência francesa, dão o nome de contos da Carocha ou da Carochinha, em memória do imaginoso Perrault.

Na coleção *Antologia Portuguesa*, organizada por Agostinho de Campos, há uma edição das *Histórias de proveito e exemplo*, Lisboa, 1921.

NOTA (17)

Em quase todos os atlas ou cartas geográficas do Brasil, do século XVI e primeira metade do seguinte, aparece o rio do Extremo. Lê-se sem a menor dúvida na carta do Brasil do Atlas de Lopo Homem, de 1519, entre Pernambuco e C. fremoso. Assim leu Armando Cortesão, in *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, vol. I, 1935, p. 265.

Desde a carta de Gaspar Viegas, de 1534, que entre Pernambuco e o R. do Extremo figura *parenoar* ou *percoari*. Mas, acompanhado ou não desse toponímico, o R. do Extremo passa a figurar com regularidade nas cartas dos Homens, dos Teixeira, de Sebastião Lopes, Vaz Dourado, Pero de Lemos. Finalmente, nos Atlas de João Teixeira, da primeira metade do século XVII, em que ocorre abundante toponímia nas cartas parciais, o R. do Extremo continua a aparecer, mas agora de forma a ser identificado.

Assim na *Descrição de todo o Marítimo da Terra de S. Cruz, chamada vulgarmente o Brasil*, por João Teixeira, cosmógrafo de S. Majestade, ano de 1640, existente na Mapoteca do Itamarati, – a carta que tem o n.

21 menciona entre o R. dos Afogados e o Cabo de Sto. Agostinho, o rio Soasuna, os Currais, Cabo de pº Cabarim, Candelária, R. do Extremo, porto de Maria Giz e Calheta.

No Atlas dos meados do século XVII, da coleção Barbosa Machado, existe na Biblioteca Nacional do Rio do Janeiro, a carta n. 13 contém a mesma nomenclatura, com a única diferença de que ao R. Soasuna se chama Riacho da Barreta, o que está mais conforme com a realidade geográfica.

Pode-se, pois, identificar com segurança o rio do Extremo com o rio Jaboatão.

## NOTA (18)

O algodão, *maniú* dos índios, já era deles conhecido antes do descobrimento. Gandavo, *História da Província Santa Cruz*, p. 98, Rio, 1924, diz que na Bahia e especialmente em Pernambuco se dava infinito algodão e mais sem comparação que em nenhuma das outras capitânias.

Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, pp. 201-202 descreve a planta e sua cultura. Esta, ao tempo de Bradônio, já estava diminuída: “... tratarei primeiro dos algodões, que já foram tidos em mais reputação, e deram mais proveito aos que nele tratavam do que de presente dão”.

Antonil, escrevendo em 1711 a *Cultura e Opulência do Brasil, por suas drogas e minas*, não levou em conta o algodão.

## NOTA (19)

Coculo, no texto, é o mesmo que *capulho*, isto é, a cápsula esverdeada em que o algodão se contém, dividida em três ou quatro repartimentos. A palavra não figura em nenhum dos dicionários da língua, antigos ou modernos, com essa acepção. Entretanto, tem boa origem, do latim *cocullus*, que mais diretamente dá *cogulo* e logo *coculo*.

*Capulho*, do mesmo étimo, sofre a influência do castelhano *cogullo* (pronúncia: *cogulho*) na sílaba final, e provavelmente do sinônimo *capa*, na inicial.

## NOTA (20)

Neste passo Brandônio arruma as essências vegetais que fornecem madeira, e vai de memória citando apenas aquelas de que tem notícia, abundantes nas Capitanias ao norte do cabo de Santo Agostinho.

São elas: *assabengita*, que deve estar por *sabigetuba*, de Gabriel Soares, que lhe dá o primeiro lugar entre as árvores reais, como o autor, hoje conhecido por *vinhático-amarelo*, da família das leguminosas-mimosáceas, *Echyrospermum Balthazari*, Fr.-All; *jataúba* vermelha e *jataúba* de cor dourada, da família das Urticaceas, *Maclura affinis*, Miq., e *M. brasiliensis*, Endi.; *piquedá*, ou *piquiá*, da família das Caryocaraceas, *Caryocar brasiliensis* Camb; amarelo, quiçá *louro-amarelo*, da família das Sapotáceas, *Mimusops elata*, Fr. All.; *cabaraíba* ou *cabreúva*, Leguminosa-Papilionaces, *Myorcarpus fastigiatus*, Fr. All.; *jaracandá*, Leguminosa-Papilionacea, *Achoerium villosum*, Vog.; *conduru*, da família das Moráceas, *Brosimum conduru*, Fr. All.; *sapopira* ou *sucupira*, Leguminosa-Papilionácea, *Bowdichia virgiliodes*, HBK.; *camaçarim* ou *camaçari*, da família das Combretáceas, *Terminalia fagiifolia*, Mart. et. Zucc.; *pau-d'arco*, da família das Bignoniáceas, *Tecoma conspícua*, P. DC.; *zabucai* ou *sapucaia*, da família das Lecythidaceas, *Lecythis lanceolata*, Poir.; *canafistula*, Leguminosa-Caesalpinacea, *Cassia ferruginea*, Schrad.; *camará*, não identificável como árvore; *pau-ferro*, Leguminosa-Caesalpinacea, *Apuleia ferrea*, Mart.; *pau-santo*, Leguminosa-Caesalpinácea, *Zollernia paraensis*, Hub.; *buraquiou bracuú*, árvore indeterminada; *angelim*, Leguminosa-Papilionácea do gênero *Andira*, de que há diversas espécies com o mesmo nome vulgar; *cedro*, da família das Meliáceas, *Cedrella fissilis*, Vell.; *buri-piroca*, talvez *arapiraca*, Leguminosa-Mimosácea, *Piptadenia macrocarpa*, Benth.; *buraém* ou *buranhém*, da família das Sapotáceas, *Chrysophyllum glycyphceum*, Casar.; *copaúba*, por *copaúba* ou *copaiba*, já referida, *Diálogo* segundo, nota 9; *orendeúba*, o mesmo que *aroeira*, da família das Anacardiáceas, *Astronium urendeuva*, Fr. All; *goanadium* ou *guanandi*, da família das Gutíferas, *Calophyllum brasilienses*, Camb.; *quiri*, Leguminosa indeterminada; *taboa*, da família das Tiliáceas, *Apeiba tibourbou*, Aubl.; *pau-de-gamela*, da família das Meráceas, *Ficus do-liarte*, Mart.; e *mangue*, de que vêm citadas duas qualidades: o *vermelho*, da família das Rizoforáceas, *Risofora mangle*, Linn, e o *branco*, da família das Combretáceas, *Laguncularia rancemosa*, Gaertn.

## NOTA (21)

O Padre Fernão Cardim, escrevendo da Bahia, em 1º de outubro de 1618, ao Padre Antônio Colaço, procurador-geral da Companhia de Jesus em Madri, sobre a fábrica de galeões no Brasil, opinava que havia mais conveniência em construí-los “ou no Porto ou em Biscáia ou na Alemanha. O galeão que lá custa, v. g., vinte mil cruzados custará cá [no Brasil] sobre quarenta mil, e dá vantagem”. O mato dava a madeira, é certo: a dificuldade estava no valor da madeira, posta no cais, no cordame e no custo elevado da mão-de-obra e dos oficiais mecânicos. – Conf. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, IV, p. 163, Rio do Janeiro, 1943.

## NOTA (22)

Só mais tarde chegou a haver estrangeiro no porto do Maranhão. Cerca de 1668 um alemão, Gaspar Vernaque, e Simão Ferreira Coimbra, construíram ali uma fragata. O governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por duas vezes tomou-lhes a gente que se ocupava nessa obra para fabricar um patacho seu, destinado ao transporte do cravo do sertão.

Disso queixaram-se os construtores ao rei, que em carta de 4 de fevereiro de 1669 estranhou ao governador aquele procedimento, porquanto não devia ele divertir a fábrica da mesma fragata, impossibilitando aos homens de negócio seu comércio; antes lhes devia dar toda ajuda e favor para que se conseguisse a obra começada, “pois é em benefício do bem comum, e dos direitos da fazenda Real; e o mesmo favor se deve dar a todos, os que quiserem fabricar navios e me dareis conta de como dais a execução esta minha ordem.”

– Conf. *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*, I, pp. 58-59, onde se lê *Reenique* por *Verneque*, nome ainda assim estropiado.

.....

*Diálogo quarto*

**O**NTEM vos estive esperando toda a tarde deste mesmo ponto, e por faltardes dele me tornei a recolher mais cedo do que imaginava.

ALVIANO

BRANDÔNIO

Certa ocasião foi causa de não poder cumprir com o que vos tinha prometido; mas, se se vai dizer a verdade... quis fazer pé atrás para poder dar melhor salto sobre o que hoje havemos de tratar; porque a matéria é tão fecunda que requer muito estudo para se prosseguir, que do seu processo se debuxarão mais ao vivo as riquezas e grandezas do Brasil, supondo que as mais das cousas de que pretendo tratar são das capitánias da parte norte, porque das do sul sei pouco por respeito de, como já disse outra vez, não haver andado por aquelas partes. Mas das que tenho entre mãos para haver de tratar, há tanto que dizer que não sei por onde começar.

ALVIANO

Dizei tudo a vulto, como melhor puderdes, em forma que deis cumprimento ao que pretendeis, que é mostrar claramente as riquezas deste Estado.

BRANDÔNIO

Sem grandes colóquios as pudera eu mostrar numa só cousa, a qual é, e não o tenhas por graça, que me esforçarei a provar, que se as três

capitanias, que são a de Pernambuco, a de Itamaracá e a da Paraíba, quando foram todas de um senhor livre e isento na jurisdição e vassalagem, lhe haviam de render, em cada um ano, mais de um conto de ouro.

## ALVIANO

Todo o reino de Portugal estou em dizer que não rende tanto à Sua Majestade, e vós quereis pôr em prática que essas três capitanias hajam de render tantos cruzados!

## BRANDÔNIO

Não são isto quimeras, nem fantásticos fingimentos, antes verdades que logo vos determino mostrar a certeza delas, como já tenho mostrado outras semelhantes: E assim me torno a reformar que, se as três capitanias forem de senhor livre, ha de colher delas de rendimento, em cada ano, o que tenho dito; porque já vos mostrei, por conta, de como importavam os açúcares, que se navegavam somente destas três capitanias para o Reino, para a fazenda de Sua Majestade, nos direitos que pagam as alfândegas, mais de trezentos mil cruzados, e tantos havia de colher o senhor livre dos mesmos direitos por saídas, quando deixasse navegar os tais açúcares, cada um para parte donde os quisesse levar; sessenta e tantos mil cruzados mais o dízimo delas; dez ou doze mil das pensões, que se pagam aos senhores e capitães, se haviam de pagar a ele, pois o ficava sendo, e outrossim quarenta mil cruzados, que importam o rendimento do pau-brasil, e da mesma maneira o que haviam de pagar de direitos por entrada, a razão de 21 (?) por cento, as fazendas e mercadorias que viessem, e se navegassem de todas as partes para as ditas três capitanias que, conforme a minha estimação devia de importar ao redor de cento e cinqüenta mil cruzados. E tudo isto é cousa já sabida, no que não pode haver dúvida; e o que ainda se vão saber, nem experimentou, de que pode colher também muito rendimento, é a saber: pimenta da Índia, que pode fazer plantar e colher pelo modo que tenho dito, e outra diversidade de castas, que há dela, excelentes assaz estimadas dos estrangeiros; quantidade grande de malagueta, a qual se dá e colhe pelos matos silvestres, sem benefício nenhum em abundância; gengibre, que pode mandar cultivar por a terra ser caroável de o dar, o qual, navegado para Flandres e outras terras de estrangeiros, deixara muito

proveito; infinidade de anil que pode mandar lavar, porque a erva de que se faz (a qual na Índia e Índias se planta e granjeia com cuidado e diligência) aqui nasce pelos campos em tanta quantidade, sem nenhum benefício, que se pode lavar dela grande soma de semelhante droga. Por maneira que todas estas cousas postas em uso, e juntas com as que já estão postas, devem de dar de rendimento ao tal senhor, quando o fosse no modo que tenho dito, muito mais do milhão de ouro de que vos maravilhastes.

ALVIANO

Não duvido que, quando essas cousas viessem a lume, poderia suceder desse modo; mas, enquanto não estão em uso, não temos para que fazer caso delas, e assim vos peço que nos passem à nossa prática de que cuido que a de presente deve ser de como se fazem os moradores deste estado ricos pela lavoura.

BRANDÔNIO

Assim o farei, posto que tinha para dar resposta muito conclusiva a essa vossa dúvida. E vindo ao que nos importa, pera haveremos de levar enfiado o que temos para dizer acerca da lavoura, convém que começamos primeiramente pelos manifestos.

ALVIANO

Assim me parece ser razão que o façais, porque deles tem princípio todo o modo de lavoura, e por eles se exercita com tanto cuidado e diligência.

BRANDÔNIO

Os mantimentos, de que se sustentam os moradores do Brasil, brancos, índios e escravos de Guiné, são diversos, uns sumamente bons, e outros não tanto dos quais os principais e melhores são três, e destes ocupa o primeiro lugar a mandioca (1), que é a raiz de um pau que se planta de estaca, o qual, em tempo de um ano, está em perfeição de se poder comer; e, por este mantimento se fazer de raiz de pau, lhe chamam em Portugal *farinha-de-pau*.

ALVIANO

Assim é: quando querem vituperar o Brasil, a principal cousa que lhe opõem de mão é dizerem que nele se come farinha-de-pau.

BRANDÔNIO

Pois essa farinha é um excelente mantimento, e tal que se lhe pode atribuir meritoriamente o segundo lugar depois do trigo, com exceder a todos os demais mantimentos, de que se aproveita o mundo.

ALVIANO

Pois dissei-me o modo que se guarda para se haver de pôr esse mantimento em perfeição de se poder usar dele?

BRANDÔNIO

Faz-se desta maneira: depois de estar assazonada, se tira aquela raiz de baixo da terra, que é da grossura de um braço, e às vezes mais comprida, a qual, depois de limpa da casca de fora, a ralam em uma roda que pera isso têm feita, forrados os seus extremos de cobre, a modo de ralo, e depois lhe espremem todo o sumo muito bem em uma prensa, que pera o efeito se faz; e assim como tiram a mandioca da prensa, vão pondo de parte feita em umas bolas, das quais a desfazem pera a cozerem em uns fornos, que pera isso se lavram de barro, a modo de tachas, com fogo brando, e deste modo fica feita a farinha; mas para ser boa lhe hão de lançar tapioca, quanto mais lhe lançam, tanto melhor dá a farinha, das quais a feita por este modo se chama farinha de *guerra*, que dura grande espaço de tempo sem corrupção e a levam para comer no mar.

ALVIANO

E que cousa é essa tapioca, que dizeis se lança nela?

BRANDÔNIO

Compõe-se da água ou sumo que se espreme da mesma mandioca; porque depois de junta em um vaso, cria pó por baixo, a modo de fari-

nha de Alentejo, muito alva, e lançada a água que está por cima fora dela fica o que se chama tapioca, que é o que disse que se mistura com a farinha. E pera mantéus engomados e outras cousas semelhantes é muito melhor que a goma que se faz em Portugal; mas há nisto uma cousa notável, que aquela água ou sumo, que se lança do vaso, depois de se tirar a tapioca, é peçonha finíssima, a qual toda pessoa ou animal que a come ou bebe, morre sem remédio e ainda depois de lançada na terra se forma daquela umidade uns bichos, que se os tomarem secos e os fizerem em pó, fica sendo o mais fino e apurado veneno de todos quantos se podem imaginar

ALVIANO

Não tenho eu por muito sadio o mantimentos, donde tão grande veneno se forma.

BRANDÔNIO

Pois também vos direi mais que também a raiz, antes de se lhe fazer o benefício que tenho vos dito, é veneno e mata a quem come, exceto uma sorte de semelhante raiz, a que chamam *macaxeira*; porque esta tal se come assada ou cozida, com ter o sabor das castanhas da nossa terra; e contudo a de outra sorte, posto que é tão peçonhenta, preparada como tenho dito, fica sendo mantimento assaz sadio e muito acomodado para a natureza humana, e não se sabe haver feito mal a ninguém por nenhuma via.

ALVIANO

Pois se a sorte dessa mandioca é peçonhenta, como tendes dito, e a outra não, por que se não usa antes da que o não é?

BRANDÔNIO

Não o fazem, porque, como a que não faz dano se pode comer sem benefício, furtam muito dela por ser mantimento que sempre está no campo, e vão tirar dele quando o querem comer; e assim fica sujeita aos ladrões, os quais se inclinam a furtarem daquela de que se aproveitam logo sem benefício. E ainda, além do modo que tenho dito, há outro, com o

qual se faz esta farinha mais regalada, de que usa a gente nobre e mimosa, por ser de muito bom gosto.

ALVIANO

Pois dissei-me o modo como isso se faz.

BRANDÔNIO

Tomam a mandioca depois de colhida e lançam-na de molho em água corrente, porque é melhor, até apodrecer, e podre a despem da casca, e a desfazem entre as mãos; e, desfeita, a põem a cozer no forno, que já disse, e como está cozida a comem assim fresca; e quanto mais quente melhor, com ficar de tanto gosto que muitas pessoas rejeitam pão alvo muito bom por ela. Também se faz da mandioca, depois de ralada em fresco, umas como obréias, a que chamam *beijus*, e por outro nome tapioca, das quais se servem na mesa em lugar de pão, e duram muitos dias.

ALVIANO

Ides transformando essa mandioca em tantos modos, que ficará tendo mais cores que um sardão.

BRANDÔNIO

Pois ainda se fazem mais transformações dela, a qual é que, depois da mandioca estar podre na água, pelo modo que tenho mostrado, porque a que está desta maneira se chama *mandioca puba*, lhe tiram a casca, e a põem no fumeiro, donde, depois de estar curada e seca, se chama *carimá*, e se faz dela uma excelente farinha, de que se fazem umas papas em caldo de galinha e de peixe, e também com açúcar; as quais são de maravilhoso gosto e de muito nutrimento, e também as aplicam para mantimento de enfermos com muita vitalidade dos tais, e a este semelhante manjar dão por nome *mingau*.

ALVIANO

Pois dissei-me por que preço se vende um alqueire de farinha ordinária e quanta quantidade dela é necessária para sustentação de um homem?

BRANDÔNIO

Os alqueires nestas capitánias são maiores que os do Reino duas vezes e meia, em forma que um alqueire dos de cá responde por dois e meio dos de Portugal; um alqueire dos semelhantes é bastante pera sustentar a um homem per espaço de um mês, e valia duzentos e cinqüenta réis e a trezentos, e às vezes é mais barata, segundo a falta ou abundância que há dela.

ALVIANO

Já que tendes dado o primeiro lugar de bondade entre os mantimentos do Brasil à mandioca, dizei-me agora qual é o segundo de que seus moradores se aproveitam?

BRANDÔNIO

O mantimento que ocupa o segundo lugar (posto que em muitas partes do mundo se tem pelo primeiro) é o arroz, que nesta província se produz em muita abundância à custa de pouco trabalho (2); mas os seus criadores, por respeito da mandioca, de que já tenho tratado, plantam muito pouco, porque reputam quase por fruta e não mantimento, por acharem a farinha de mais sustância.

ALVIANO

Pois não devera de ser assim, que o arroz é excelente, e por ser tal se sustenta dele a maior parte da Ásia.

BRANDÔNIO

Assim passa, mas os moradores desta terra aproveitam mais da mandioca, com lhes custar mais trabalho o uso dela; porque o arroz se produz com facilidade por qualquer parte, e nas terras alagadas, que não servem para outra cousa, se dá melhor. Verdade é que, por se não transpor, como se faz na Índia não amadurece todo junto, e por esse respeito dá trabalho a sua colheita; mas por outra parte a facilita, com se deixar colher dois e três anos, e dar outras novidades; porque o restolho que fica, quando não é trilhado e destruído das alimárias, na entrada do mais próximo inverno torna outra vez a reverdecer de novo e a levar fruto perfeito.

ALVIANO

Passemos-nos agora a tratar do terceiro modo de mantimento, de que haveis dito se fazia caro por ser bom.

BRANDÔNIO

Este terceiro é o milho de maçaroca, que em nosso Portugal chamam *zaburro* e nas Índias Ocidentais *mats*, e entre os índios naturais da terra *abati* (3) é mantimento muito proveitoso pera sustentação dos escravos de Guiné e índios, porque se come assado e cozido e também em bolos, os quais são muito gostosos, enquanto estão quentes, que se fazem dele, depois de feito em farinha; e para sustentação de cavalos é mantimento de grande importância, e para criação de aves.

ALVIANO

Pelo menos nas Índias se tem por tal, e se usa geralmente dele.

BRANDÔNIO

Pois nesta terra se dá à custa de pouco trabalho, antes com muita facilidade, em tanto que em cada um ano se colhem duas novidades dele.

ALVIANO

Não sei como isso possa ser, se não quereis atribuir a esta província dous invernos.

BRANDÔNIO

Não há senão um somente, como já tenho dito, mas as duas novidades se colhem deste modo: com as primeiras águas, que chovem na entrada de fevereiro pouco mais ou menos, que é o principio do inverno, se planta, e quando vem no mês de maio, se colhe, porque já então está perfeito, e logo o tornam a semear na própria terra, e segunda vez leva fruto, que se colhe por agosto.

ALVIANO

Fertilíssima deve ser a terra que dá duas novidades no ano.

BRANDÔNIO

É tanto que ainda de alguns frutos dá três, como adiante direi. E estas são as três sortes de mantimentos principais de que se usa no Brasil.

ALVIANO

Não vos vejo fazer menção do trigo, centeio e cevada, nem milho, mantimentos tão estimados na nossa Espanha e por toda a Europa, e assim em geral na maior parte do mundo, pelo que me parece que os não deve de produzir a terra.

BRANDÔNIO

Por não me envergonhar a mim e aos demais moradores deste Estado, desviava-me de mover prática sobre esses mantimentos, os quais não produz a terra, não por culpa sua, senão pela pouca curiosidade e menos indústria dos que a habitam (4); porque eu semeiei já por duas ou três vezes na capitania de Pernambuco trigo, do qual a verdadeira sementeira deve ser por São Pedro, fim de junho, pouco mais ou menos, porque o tal tempo corresponde, na qualidade, com o da sementeira de Portugal: do qual trigo deixei crescer uma parte dele na forma que fora semeado, e a segunda parte lhe meti a foice para que tornasse atrás, e a terceira seguei da mesma maneira duas vezes; todo este trigo veio à perfeição, posto que o que foi segado deu melhores espigas, do qual colhi perto de um alqueire dele, por a semente não ser pera mais; e cada, um grão filhava de maneira que correspondia com cinco e seis espigas. Verdade seja que algumas delas eram falhas, mas o trabalho desta sementeira está em que o trigo não amadurece todo junto, antes quando umas espigas estão de todo perfeitas, outras estão em leite e algumas começam de botar pendão; pelo que foi necessário segarem-se as espigas gradas e maduras, com deixar ficar as outras, o que dá muito trabalho.

ALVIANO

E pera se haver de emendar essa falta se usaria de alguma indústria?

BRANDÔNIO

Entendo que sim; porque no ano de 1599 em Portugal, tratando eu da matéria com um fidalgo velho asturiano, que veio a dizer que na terra onde vivia estava uma grande várzea, da qual nunca se aproveitaram por dar o trigo da mesma maneira, respeito de sua muita fertilidade; mas de poucos anos a esta parte usaram de um excelente remédio, com o qual dava já trigo perfeito, com grandar todo junto, pera se poder segar: o qual remédio era que, depois do trigo semeado e sair da terra quase um palmo, lhe tornavam a meter o arado de novo, para que se arrancasse e espedaçasse assim em a terra amainando de sua fúria, e por esta maneira vinha a levar a novidade igualmente como o demais trigo; pelo que depois de eu tornar a esta, quis fazer a experiência do que o asturiano me dissera, com transpor uns grãos de trigo que semei em terra fértil, a qual foi tomando o fruto todo por um, e da mesma maneira começava a grandar; mas não chegou à perfeição, porque um anoiteceu todo comido dos pássaros.

ALVIANO

Pois, por que não tornastes a segundar com a experiência?

BRANDÔNIO

Porque se me comunica também o mal da negligência dos naturais da terra; mas o que acerca disto entendo é que, se for plantado o trigo nas campinas, que é terra arisca, dará fruto perfeito, sem mais outra diligência; posto que o não experimentei, porque as que fiz até agora foram em terras de várzea de massapês, fertilíssimas, onde vicejava o trigo muito, o que não deve de fazer nas campinas por ser terra fraca.

ALVIANO

Em verdade que tenho paixão de ver a pouca curiosidade dos habitantes desta província, pois se lhe não alevantam os espíritos pera fazerem experiência de cousa tão importante, e de que tanta utilidade se seguirá a todos. Mas que me dizeis da cevada, centeio e milho?

BRANDÔNIO

Do centeio e cevada não tenho ainda feito experiência, mas do milho sim, o qual se dá melhor e em mais quantidade do que se dá em Portugal; mas não se usa dele, porque a gente da terra se contenta somente com aquilo que os passados deixaram em uso, sem quererem anadir outras novidades de novo, ainda que entendam claramente que se lhes há de conseguir do uso delas muita utilidade, de maneira que se vem a mostrar nisto serem todos padraustos do Brasil, com lhes ser ele madre assaz benigna.

ALVIANO

Não sei que diga tanto descuido e negligência, senão que são todos ingratos a Deus, em não saberem aproveitar dos benefícios que lhes faz e promete neste Estado; posto que também creio haver de vir para o futuro quem lance mão deles. Mas, parece-me que haveis dito que, além dos três mantimentos, cuja qualidade e natureza tendes referido, havia ainda outros.

BRANDÔNIO

Sim, há, os quais aproveitam para o tempo da esterilidade, posto raramente sucede havê-la nesta terra; os quais são estes (5): o primeiro a raiz do *caravatá*, que se dá pelos campos sem nenhum benefício, da qual se faz farinha de boa sustentação; o segundo é folhas de mandioca cozidas, a que chamam *maniçoba*, as quais são também excelentes para tempo de fome, e ainda sem ela a usam muitas pessoas por mantimento; o terceiro é o fruto de uma árvore grande, a que chamam *comari* (?), o qual serve também de mantimento; o quarto uns coquinhos que pelo nome da terra se chamam *aquês*.

Estes tais se colhem dos pequenos coqueiros, em que se dão em cachos depois de maduros, e se espreme deles uma substância doce e gostosa, que se lhes tira dentre a casca, espremidos com as mãos dentro na água e de tudo junto, sendo cozido ao fogo, se formam umas papas que comem, e com elas juntamente os coquinhos, que estão dentro do caroço, depois de esbrugado e partido; e deste mantimento se sustenta grande parte do gentio da terra e dos negros de Guiné.

O quinto é a raiz de um cipó, a quem chamam *macuna*, a qual desfazem em farinha, que comem depois de cozida.

ALVIANO

Dizeis que esses mantimentos, que tendes referido, servem para tempo de necessidade, de fome, e eu não sei como isso possa ser, porque, quando a esterilidade é geral, abrange a todas as sementeiras, frutos e plantas.

BRANDÔNIO

Verdade é que em Espanha sucede isso dessa maneira, mas aqui no Brasil não; porque todas estas cousas nascem pelos campos sem benefício nenhum, como serem agrestes e sempre, de qualquer maneira que o tempo curse, se acham por eles em abundância.

ALVIANO

Por essa maneira não se deve de arrecear a fome neste Estado.

BRANDÔNIO

Quando a haja, nunca perece por causa dela gente, porque usam de semelhantes remédios, e com isso passemos avante, ainda que vos confesso que se me representam ante os olhos tantas cousas sobre que haver de tratar, que receio de me meter em tão grande labirinto; mas já que tenho tomado à minha conta o haver de dizer das grandezas do Brasil, irei mostrando primeiramente a grande fertilidade de seus campos, e depois formarei uma fresca horta abundante de diversidades de cousas, e logo irei ordenando um pomar bastecido de diversas árvores e com excelentes pomos, e da mesma maneira um jardim povoado de flores e boninas sem conta. E então julgareis se se pode dar ao Brasil nome de ruim terra, como de princípio lhe quiseste chamar.

ALVIANO

Já vejo que me enganava, e para que de todo me acabe de desenganar, vos peço que me leveis essa ordem, porque me parece maravilhosa.

BRANDÔNIO

Quero dar o primeiro lugar dos legumes desta terra às favas, porque são por extremo boas, e na grandeza e gosto muito melhores que as de Portugal (6); mas a planta é diferente, assim na folha, como ao modo dela, porque a de cá trepa como hera, colhem-se verdes e secas, e de ambas as maneiras são excelentes.

ALVIANO

Não se devem de dar na terra de Portugal, pois se não usa delas.

BRANDÔNIO

Sim, dão; mas os moradores deste Brasil querem se aproveitar antes destas outras, por serem naturais dele e se granjearem com menos trabalho, com darem mais rendimento no fruto. O outro legume também muito bom são feijões, como os nossos de Portugal, que se dão em grande quantidade, dos quais também usam em verde e depois de secos. Também se colhem na terra muitas ervilhas, das quais se aproveitam do modo que o fazem em Portugal e da mesma maneira há outros feijões de diferente feição, que se chamam *gundus*, os quais vieram aqui de Angola, e se dão em árvores, não muito grandes, com serem de excelente gosto e reputados por maravilhoso legume.

ALVIANO

Nunca ouvi que se dessem feijões em árvores.

BRANDÔNIO

Pois estes são de diferente casta, e por isso produzem nelas. E da mesma maneira se acham outros feijões, que nascem em bainhas, chamados *sapotaja*. Também há um modo de milho, semelhante ao que chamam *naxenim* na Índia, antes entendo que é o próprio; o qual se trouxe de Angola, que os escravos chamam *massa gergelim*, se produz de tão boa mente que de pequena sementeira dele se apanha grande colheita. Outra sorte de legume há a que chamam *amendoim*, que são de feição de bolotas, e dentro de cada coculo tem dois pinhões maravilhosos na substância e gosto, co-

mem-se assados e cozidos e também crus, sem nenhum benefício. E outro chamado *passendo*, a modo de cana, que se tem por legume. E da mesma maneira há uma raiz que se colhe debaixo da terra, chamada *tamotarana*, assaz gostosa. E pelo conseguinte outra a que dão o nome de *tajoba*; e outra chamada *taiá*, que todas são raízes de muita sustância.

ALVIANO

Ides formando tantos legumes, que já cuido que lhes ficam os que se acham em Espanha inferiores.

BRANDÔNIO

Pois tenho muito que dizer deles, porque há uns como abóboras, a que no Reino chamam de *guiné*, e antes cuido serem as próprias, de duas sortes, das quais a uma se chama *jerimu*, e a outra *jerimu pacova*, que servem de mantimento, do qual se sustenta muita gente, por ser de grande sustância, e se come assado e cozido, e quando se lhe ajunta azeite e vinagre, pode fazer postoleta na mesa dos grandes, para os quais se compõem também em açúcar, com serem muito estimados, e conservam-se muitos dias sem apodrecerem.

ALVIANO

Também em Portugal se guarda essa abóbora, a que dais o nome de *jerimu*, muito tempo sem corrupção.

BRANDÔNIO

Pois aqui no Brasil se dão muito melhores. Também há muitas abóboras, a que chamam de cabaço, de suma grandeza, e outras menores, que se comem. E das grandes vi algumas que levavam dentro em si dois alqueires e meio de farinha, que são cinco de Portugal.

ALVIANO

Onde há semelhante cabaças, podem-se escusar sacos, porque alojam mais dentro em si.

BRANDÔNIO

Pois assim passa: e se quiserdes vê-los vo-los amostrarei porque vos não fique escrúpulo. Também se produzem na terra muitas e excelentes batatas, muito melhores das que se levam a Portugal, de que se fazem bocados, doces maravilhosos, e batatadas em panelas, como marmelada, e também se comem assadas e cozidas. Da mesma maneira se produzem muitos e bons inhames e outra casta deles chamados *carás*, que são da mesma espécie, mas muito maiores; e todos estes legumes, que o são na realidade da verdade, se guardam em casa, onde duram muitos dias livres de podridão, e sobretudo o mais excelente legume de todos são umas castanhas que se chamam de *caju*, muito gostosas de comer e de muito nutrimento, que se conservam longo tempo, e se comem assadas, e da mesma maneira se servem delas para tudo em lugar de amêndoas.

ALVIANO

Tendes nomeado tantos e tão diversos modos de legumes, que é necessário uma cartilha para se poder estudar o nome deles; mas folgara de saber por que se não aproveitam também de grãos, chicharos, lentilhas, tremoços de nosso Portugal, de que cuidado deve de ser a causa não os produzir a terra.

BRANDÔNIO

Sim, produz, porque eu semeiei semelhantes legumes, posto que em pequena quantidade e deram fruto. E de se não usar deles, não sei dar outra causa senão a geral enfermidade do Brasil, que já tenho apontado.

ALVIANO

Quanto mais me dizeis disso, tanto vou concebendo da terra melhor opinião, e de seus moradores muito má.

BRANDÔNIO

Dizei quanto quiserdes sobre essa matéria, porque tenho a culpa geral por tão grande, que cometeria erro quem os quisesse defender; mas já

que imos tratando dos frutos, que os campos produzem, quero vos mostrar que são tais estes brasilienses, que lhes ficam muito atrás os Elíseos tão celebrados dos poetas em seus fingimentos, e da mesma maneira o fabuloso paraíso do torpe Mafamede, do qual põem a felicidade em que corriam por eles rios de mel e de manteiga; porque estes nossos campos, com serem naturais e não sonhados pera se fabricarem na idéia, correspondem gozando daquelas cousas que, com tanto estudo de fingimentos, se representaram; porque nestes nossos campos achareis rios de mel excelentíssimo, e de manteiga maravilhosa, de que se aproveitam seus moradores com pouco trabalho.

ALVIANO

Não sei como isso possa ser.

BRANDÔNIO

Pois crede-me que assim passa; porque pelas muitas árvores de que abundam os campos, nas tocas delas criam o seu favo de mel inumeráveis abelhas, e também na terra por buracos dela em tanta quantidade, que pera se haver de colher não é necessário mais que um machado, com o qual a poucos golpes se fura a árvore, e um vaso para recolher o mel, que de si lança, que é em tanta quantidade que somente dele, sem mais outro mantimento, se sustentam muitas gentes, como adiante, quando tratar dos costumes do gentio, direi. E além do mel que se colhe por esta via, se acha um fruto agreste chamado *piqueá* a modo de uma laranja, dentro do qual se tira mel maravilhoso, como clarificado, que se come com colher. E estes se podem chamar verdadeiros rios de mel e não os fabulosos e maometanos; pois se os quereis buscar de manteiga, dar-vos-ei pelos campos quantidade grande dela no muito leite, que por eles se colhe, de vacas, cabras e ovelhas, do qual se compõe maravilhosa manteiga, e da mesma maneira outra muita que se faz dos porcos, dos quais há quantidade grande neste estado, assim domésticos, como agrestes.

ALVIANO

Não pára aqui, porque outras muitas cousas tenho vejo que assim passa e que temos entre as mãos os verdadeiros Campos Elíseos fingidos dos poetas.

BRANDÔNIO

Não pára aqui, porque outras muitas cousas tenho ainda que vos mostrar neles, das quais a primeira quero que seja grande quantidade de vinhos, que se acham pelos seus matos, posto que não do nosso de Portugal, que se faz de uvas (7), e não porque a terra o não daria muito bom, mas por descuido dos que a habitam, como adiante direi; mas de outros que se acham em grande quantidade como é o vinho que se faz das canas-de-açúcar, que para o gentio da terra e escravos de Guiné é maravilhoso; e outro que se faz do mesmo açúcar com especiaria, a modo de aloxa, que para os brancos é cousa mui regalada. Também se faz vinho de mel de abelhas, misturado com água, de muito gosto e assaz proveitoso para a saúde de quem o costuma beber. Outro vinho, de uma fruta chamada *caju*, de que abundam os campos, do qual se aproveita muita gente branca; vinho de palma, da sorte que se usa na Cafraria, de que se pode fazer muita quantidade, por abundar a terra de semelhantes plantas; também o vinho que se faz dos coqueiros, da seiva que se tira deles, tão usada na Índia, do qual os moradores desta terra ainda se não aproveitam pelo costume geral que tenho apontado.

ALVIANO

Com tantas sortes de vinhos bem se poderão escusar os que trazem das Canárias e ilha da Madeira, principalmente com esse que dizeis que semelha à aloxa, a que sou muito afeiçoado.

BRANDÔNIO

Pois os que apontei se acham em muita abundância. E já que temos tratado deles, vos quero agora mostrar a muita quantidade de azeites, que se dão pelos campos sem cultura nenhuma (8): primeiramente se colhe muito bom azeite de comer, e não pouco, do fruto de uma árvore chamada *abatiputá*, que nasce agreste por esses campos; e de outra fruta, chamada *inhanduroba*, do tamanho de um pêsego, que dá dentro umas favas, se faz grande cópia de azeite maravilhoso para se alumiar com ele, com ter outra excelência pouco de estimar, a qual é que os bichos, nem aves por nenhum caso comem. Também de uns pinhões, que se chamam de *purga*,

se colhe muito com a mesma prioridade. De muitas figueiras-de-inferno, de que a terra abunda, se faz também muito azeite, principalmente de uma sorte delas de diferente casta, que dá umas bolotas do tamanho de avelãs, das quais tirado o miolo de dentro, se desfaz toda em azeite, sem lhe ficar nenhum bagaço; em tanto que, depois de ser pisada, sem mais benefício, pode servir em lugar de sebo para todas as unturas que dele se quiserem fazer, e pera unguentos e cura de chagas se tem por muito bom; e tanta cópia de azeite encerra dentro em si esta frutinha enfiada em um pau alumia, como candeia, enquanto lhe dura o nutrimento que é por grande espaço. Também se pode fazer azeite de coco, como se usa na Índia, porque se dão aqui grandemente os coqueiros; mas a manqueira tantas vezes apontada dos brasilienses lhes impede usarem deste benefício.

ALVIANO

Não pode padecer falta de azeite terra que tanta qualidade tem dele.

BRANDÔNIO

Mui bem poderá escusar o que vem do Reino, e da mesma maneira outras muitas cousas, como no decurso de nossa prática ireis vendo, dos quais a principal fora o pano de linho e mais sorte de lençaria; porque na própria terra se pudera fazer muito.

ALVIANO

E de que modo?

BRANDÔNIO

Já vos tenho dito do muito algodão que aqui se colhe, pois na Índia se faz dele tanta sorte de lençaria, por que se não fará também nestas partes, quando seus habitadores se quiserem dispor a isso? Demais do algodão, se acha pelos campos umas folhas de uma árvore, a que se dá o nome de *tucum*, da qual se tira o fiado assaz fino e riço, e por extremo bom; e deste é que se faz a pita, tão estimada em Espanha, que vem das Índias, e com se dar nesta terra melhor e em mais quantidade, não se

aproveitam dela. Também se acha uma planta agreste, chamada *caroatá*, que dá grande cópia de linho fino e assaz proveitoso; e assim de todas estas cousas, que se acham pelo campo, se poderá lavar toda a sorte de lençaria.

ALVIANO

Posto que tudo isso seja muito bom, o nosso linho é cousa excelente e estimado no mundo por tal.

BRANDÔNIO

Ninguém poderá encontrar essa verdade, o qual também se produziria nesta província em grande quantidade, de modo que se pudesse levar dele por mercancia para Espanha, principalmente do que chamam cânhamo, mas não usam dele.

ALVIANO

Pois não devera ser assim, porque o linho, como é cousa de tanta importância, em toda parte se devera estimar.

BRANDÔNIO

Isso é cousa que não leva remédio, como já disse, e para que vejais mais claramente a riqueza da terra, vos quero amostrar, pelos campos, finíssima lã, da qual se poderão aproveitar para panos, dos que se fazem dela, e em forros de vestidos, enchimentos de colchões, travesseiros e almofadas.

ALVIANO

Pois, se pelos campos pastam as ovelhas e carneiros, quem duvida que deles se possam tirar essa lã?

BRANDÔNIO

Verdade é que esses carneiros e ovelhas a poderão dar em abundância; mas não é essa sorte de lã de que eu trato, senão de outra diferente espécie, que produz uma árvore chamada *monguba*, a qual é a lanugem

sobre que havemos começado esta prática, que sem dúvida fará muito bons panos e chapéus. Também há outra árvore a que não sei o nome, que produz um fruto do tamanho de uma pinha, quadrangular dentro no qual se acha um modo de lã, que tenho para mim ser a mesma que na Índia chamam *panha*, maravilhoso para enchimento de tudo o que é necessário ser cheio pera o serviço de cama, e vestidos, e outras cousas. E ainda além desta panha de que abundam os campos, se fazem arzeoados colchões, dos quais se serve muita gente branca, de um junco chamado *taboa*, que se cria por terras alagadas, o qual, por ter corpo e bastante grossura, dá bom jazigo com ser muito quente, pois para esteiras há diversidades de castas de juncos, de que se podem fazer muito finas.

ALVIANO

Já me tendes mostrado por estes campos americanos mantimentos e legumes bastantes para sustentação de muita gente, e da mesma maneira mel, manteiga, vinhos, azeite, panos de lençaria e outros de lã, camas brandas para se repousar nelas, não espero agora senão que me deis casas para morar.

BRANDÔNIO

E que será quando vo-las der?

ALVIANO

Isso é cousa impossível, se não buscardes Urganda pera que vo-las por encantamento (9).

BRANDÔNIO

Pois não tendes por tal; porque, sem indústria de pedreiros, nem compassos de carpinteiros, nem maço de ferreiros, nem auxílio de oleiros, se levantam neste Estado muito boas casas, de cousas que se colhem pelo campo.

ALVIANO

Pois dissei-me o modo, e não me tendes mais suspenso.

BRANDÔNIO

Já vos tenho dito das muitas madeiras que há nesta terra. Estas se mandam cortar por escravos, com as quais se alevantam casas de duas águas; e em lugar de pregos se servem de dois modos de cordas, com que se amarram e seguram as tais madeiras; a uma delas chamadas cipó, e a outra *timbó*, que são tão boas e tão fortes para o efeito, que se traz por comum adágio que se não houvera cipó, não se pudera povoar o Brasil pelas diversas cousas de que se aproveitam dele. Esta casa armada por este modo fica também fácil a cobertura dela; porque dos mesmos campos colhem uma erva a que chamam *sapê*, que serve em lugar de telha, e tem de bondade ser mais quente que ela; e também de uma árvore como palma, a que chamam *pindova*, se faz mui boa cobertura; e nestas casas alevantadas por este modo vivem nos campos muitos moradores deste estado, posto que também as há de pedra e cal bem lavradas.

ALVIANO

Com saber claramente que o que me contaís são verdades puras, todavia me parecem cousas fantásticas pela grandeza delas; mas dissestes que desse cipó e timbó se fazem cordas, folgarei de saber se são boas pera fábrica de naus.

BRANDÔNIO

Por nenhum caso servem para isto, senão para o que tenho dito e outras cousas semelhantes; mas, para cordoalha de navios se aproveitam da casca de uma árvore chamada *envira*, da qual se fazem excelentes cordas, rijas e de muita dura. Também se poderá fazer das de cairo, como as que se fazem na Índia, por haver nesta terra grande quantidade de coqueiros (e haveria muito maior se plantassem), dos quais se poderia tirar muito cairo para o efeito, e é tanto isto assim que na Paraíba há um coqueiro que os cocos que dá, em vez do âmago que se come deles, o não têm, antes ocupa todo o côncavo do tal coco com cairo, cousa que nunca vi em outra parte; mas não se aproveitam disso. Também da casca de outra árvore chamada *zabucai* se faz maravilhosa estopa para calafetar navios melhor e de mais dura que a de que se usa. Nasce também pelos campos um modo de rotas,

como as da Índia, a que chamam *tixarimbó*, maravilhosas para se lavrarem delas cestas e açafates. E da mesma maneira canas, a que chamam de *Bengala*, tão boas como as da Índia. E porque me não esqueça, direi que de duas cousas de que os campos abundam, há uma muito boa, e outra assaz péssima, posto que digna de consideração.

ALVIANO

E quais são essas?

BRANDÔNIO

A boa uns palmitos, que se tiram de certas palmeiras grandes e formosas, e de excelente comer, muito melhores que os de Portugal; e há mais uma erva ou planta que chamam *viva*, a qual, em lhe tocando uma pessoa com a mão, se marchita e torna seca, e assim persevera por um espaço, até que, pouco a pouco, torna a reverdecer, tanto aborrece ser tocada. E posto que se há trabalhado por se saber a teórica da causa disso, não se há podido até agora alcançar. E a raiz da tal erva é peçonha finíssima, que mata ao que come sem remédio.

ALVIANO

Cousa maravilhosa e de consideração é essa, com a qual me parece que deveis ter dado fim às muitas quase milagrosas cousas de que haveis afirmado abundarem todos estes campos, pelo que será bom começarmos a tratar de outras.

BRANDÔNIO

Não dei, que ainda agora começo; porque também se acha por eles maravilhosas drogas, como são pimentas de muitas sortes e castas, grandes e pequenas, e ainda de outras que são doces no sabor; *gengibre*, o qual produz a terra em abundância, quando é semeado, melhor na grandura e tudo mais daquele que se traz da Índia; outro fruto que se apanha de uma árvore chamada *envira*, de que usam muitas pessoas, e por razão deverão de usar todas, por ser excelente droga, a qual usurpa pera si o efeito que faz a pimenta, cravo e canela, com tingir como açafão, cousa que não

crerá senão quem o experimentar. Também se acha grande soma de malagueta, que agrestemente se produz pelos matos e campos, com haver pouco tempo que se descobriu, e pode ser que fosse eu o primeiro descobridor dela, tão pouca curiosidade mora por estas partes; das quais não se pode desinçar a erva de que se faz o anil, a qual na Índia se planta e granjeia com muito cuidado e diligência, e aqui nasce sem nenhuma indústria (10), e a pouco trabalho se poderá dela fazer cópia grande de anil, e eu o experimentei já, e fiz um pouco tal e tão bom que não podia ter inveja ao que se lavra nas Índias.

ALVIANO

Drogas são todas essas que dariam grande proveito, quando se pusessem em uso, e se navegassem para as partes estrangeiras, principalmente essa da envira, que tanto gabais.

BRANDÔNIO

A nada se dispõe a gente desta terra; porque, além das drogas, tem muitas tintas de que se poderão aproveitar. E sem tratar do pau chamado do Brasil, por ser bem conhecido, há outra tinta tão boa como a que ele dá, quando não seja de vantagem, a qual é a que chamam *urucu*, que dá uma tinta vermelha maravilhosa; e assim uns cachos, que têm uma fruta semelhante a ameixas, que se produzem de umas pacoveiras pequenas, a qual faz uma excelente tinta, de mais transformações que um camaleão, porque se aplica para diferentes cores, e depois de seca dura muito tempo, com conservar sua tinta perfeita. Outro pau pardo, a que não sei o nome, que em tudo faz o efeito da gualha, porque, lançado dentro na água em rachas, se se lhe ajunta uma pequena de caparosa, incontínenti se tornam o pau e a água tão negros como a tinta. Este pau fiz experimentar no Reino, e acharam os tintureiros ser bom para com ele se dar à primeira tinta, sobre que se assentam as outras. Também se faz tinta amarela muito boa de um pau chamado *tatajuba*. E da fruta de uma árvore por nome *jenipapo* se forma tinta preta, o qual fruto, com dar o sumo branco, se qualquer pessoa se untasse com ele, ficaria a parte untada negra, e não se lhe tirará a negridão por espaço de alguns dias, ainda que se lave muitas vezes.

ALVIANO

Zombaria pesada ouvi contar haver-se feito em Espanha com essa água lançada na pia d'água benta em uma igreja, em um dia de festa solene, donde todos que a tomavam ficavam manchados de preto, com grande confusão principalmente das mulheres, que perseveraram nela até passarem os dias em que se gasta semelhante cor.

BRANDÔNIO

Também há outro pau de uma árvore pequena, que se chama *araribá*, que dá outra tinta excelente em ser vermelha, muito mais fina e subida na cor que a do pau do Brasil, e dela se aproveitam as mulheres para o rosto. Acham-se também mineiras de almagra muito fina, e outro modo dela branca, a que chamam *tabatinga* (11), com o que se caíam as casas, surpindo com ela em falta de cal, com ficarem as casas alvíssimas e limpas.

ALVIANO

E por que se não servem antes da cal?

BRANDÔNIO

Muito se faz dela na terra, mas desta *tabatinga* usam em muitas partes pela terem mais à mão. Da mesma maneira abundam os campos de grande quantidade de gomas de árvores maravilhosas, como é finíssima almécega, e outra do cajueiro, excelente para grudar papéis, e a de outra árvore, da qual se faz tinta amarela, e se servem dela de lacre para cerrar cartas (12). Por fim são tantas as sortes de gomas que me não atrevo a referi-las; somente direi que se colhe muita cera das árvores, onde as abelhas criam o mel, e quantidade grande de ânime por maneiras.

ALVIANO

Desse ânime vi já aproveitarem-se muitas pessoas para dor de cabeça com feliz sucesso.

BRANDÔNIO

Pois aqui nem para isso se aproveitam dele, e menos a virtude de muitas raízes e ervas medicinais e proveitosas, assim pera purgas, como cura de chagas, havendo por melhores as que vêm de Portugal já corruptas, porque custam dinheiro. Não sei que diga mais senão duas cousas, com as quais quero concluir de andar tanto vagueando pelos campos e matos: que até o sabão para lavagem da roupa se acha nela; e se quiserdes armar aos pássaros, vos darei para isso excelente visco, que produz uma árvore chamada *visgueiro*. E com isto nos passaremos a formar a horta que temos prometida.

ALVIANO

Tendes dito tanto dos campos e matos agrestes, que não sei que mais possa esperar dessa horta, a qual, posto que por ser cousa cultivada, lhe deve de sobrepujar em muita quantidade, não lhe vejo lugar onde a possais meter.

BRANDÔNIO

Não faltará algum em que a encaixemos, com não perder do seu preço a respeito da comparação alheia.

ALVIANO

Pois alembre-vos que a horta, para ser perfeita, há de ter noras, poços de água e tanques, com que se regue, e eu sei que no Brasil não os há.

BRANDÔNIO

Não se pode dizer que não há a cousa, quando se pode haver com facilidade; porque também Portugal não foi antes de ser, quero dizer que antes de se fazerem os jardins, tanques de água, fontes, esguichos, que hoje vemos, em tanta quantidade, careceu deles, porque nada se faz de per si; pelo que se esta terra lhe faltam de presente todas essas cousas, não é a culpa sua, senão dos que lhas não fazem; porque nela há as melhores águas, que tem o mundo, assim de rios caudalósísimos, como de outros menores, regatos e fontes sem conto, dos quais podem fazer todos esses brincos de

fontes, tanques, esguichos a muito pouco custo; e assim não se pode dizer que falta o que há.

ALVIANO

Tenho ouvido que na Capitania da Paraíba, além de as águas serem excelentes, se acham algumas de tanta virtude, que os que têm costume de bebê-las não padecem o mal da dor de pedra, nem de cólica.

BRANDÔNIO

Assim passa por muitas experiências, que hão feito e por este respeito mandam os governadores, bispos e pessoas poderosas levar de semelhante água a Pernambuco para beberem (13). E porque temos muito que dizer e se vai fazendo tarde, com sabermos que não faltam as águas, começemos a dar princípio a nossa horta, a qual poderá ter muitas e boas alfaces, grande quantidade de rabãos, infinidades de couves, que se plantam e se colhem a pouco trabalho.

ALVIANO

Pois, e por quê? Há porventura outro modo de planta e de colheita diferente do que se usa em Portugal?

BRANDÔNIO

Sim, tem, principalmente as couves, das quais deixam crescer algumas até espigarem e delas vão colhendo dos grelos que lançam em raminhos, os quais metem na terra, e logo prendem e em breve tempo se fazem grandes e formosas couves.

ALVIANO

Isso deve de ser por não dar nesta terra semente a hortaliça, como já ouvi dizer.

BRANDÔNIO

Sim, dá, que é vicio mandá-la vir de Portugal, principalmente as alfaces que dão infinidade de sementes. Também há de ter a nossa hor-

ta chicórias muito formosas, acelgas, borragens, coentro, hortelã, cheiro, funcho, cominhos, bredos de diferentes castas e cores; porque todas estas cousas se acham em abundância na terra.

ALVIANO

Não produzem mais sortes de hortaliças as hortas de Espanha!

BRANDÔNIO

Também poderá ter rabaças, agriões, beldroegas e uma excelente casta de mostarda, cujas folhas se comem cruas e cozidas, e assim umas folhas largas, a que chamam *inhambus*, muito boas para comer; porque, depois de cozidas, têm um requeimo saboroso; e, da mesma maneira, outra sorte de folha a que chamam *taioba*, a modo de couves, grandemente estimadas.

ALVIANO

Não padecerá fome quem essas cousas tiver.

BRANDÔNIO

Assim se dão cenouras, cardos, berinjelas, pepinos, melancias, abóboras das ordinárias, tenras e gostosas, e outras mais pequenas, a que chamam *tanquirá*; tabaco, a que dão o nome de erva-santa em Portugal, e sobretudo melões sem conto, todos estimadíssimos em bondade; em tanto que de maravilha se pode achar entre eles um que seja ruim, e com todas estas cousas em abundância julgai se poderei formar uma boa horta.

ALVIANO

Antes me maravilho do descuido geral por não se haverem... ]  
[formado?] muitas.

BRANDÔNIO

Pois não há pessoa que a tenha perfeita, nem que se queira ocupar nelas, que não pode ser mais desgraça; pois se por esta maneira se pode fazer a horta boa, não seria pior o jardim pelas muitas diversidades de flo-

res, das quais se podia povoar e paramentar, que, por serem muitas e várias e na qualidade estranhas não é possível haver quem possa atinar com elas, nem saber-lhes os nomes (14); pelo que direi somente de algumas, que andam mais em uso, como é a *flor da laranjeira*, que se dá em grande abundância; *goivos* de muitas castas e cores diferentes *cravos* amarelos, roxos e brancos, *jasmíns*, *madressilvas*, *balsaminho*, a *árvore triste*, *alfavaca*, e *mangericão*, de que os campos estão cheios; outro modo de flor que chamam de *camará-açu*, e a, digna de estima e consideração, flor de *maracujá*; pela formosura dela, várias cores de que é composta, raios formosos que lança, com outras particularidades dignas de notar; por fim as flores, que produz a terra naturais dela, são tantas que me não atrevo a meter em tão grande pego, como fora o querer tratar de todas; pois, para se formarem figuras enredadas e outras cousas de brinco, se acham tantos cipós para o efeito maravilhoso, pelo muito que se estendem, que lhes ficam muito atrás as muitas de Portugal.

## ALVIANO

Estou admirado de vos ouvir, porque não pintava eu o Brasil dessa sorte.

## BRANDÔNIO

Pois, se para ornato desta horta e jardim forem necessárias latadas, vos darei muitas, como é uma que forma boa sombra e aprazível verdura, a qual dá um fruto chamado *curuá*, do tamanho de uma *abóbora* das ordinárias, que, depois de colhido e metido alguns dias na caixa, cobra um cheiro tão suave, que basta para espalhar grande fragrância dele por toda a casa, e assim se conserva muitos dias sem corrupção. Outras latadas se fazem de maracujá, de cuja flor já tratei acima, que dá um fruto do tamanho de uma pinha, muito regalado, cujo miolo que é como o da abóbora, se sorve ou come às colheradas, com dar muito e maravilhoso cheiro, e destes tais há quatro castas: uma chamada *maracujá-açu*, por grande, e o segundo *maracujá-peroba*, excelente para conserva, a terceira *maracujá-mexira*, a quarta *maracujá-mirim*, por pequena, que todas fazem muito boas latadas e dão igual sombra.

ALVIANO

Parece-me que vos não alembrais das latadas das nossas parreiras, porque nesta terra as tenho visto.

BRANDÔNIO

Sim, alembrava; mas de indústria fugia de tratar delas, por não envergonhar tantas vezes aos moradores deste Estado, porque deveis de saber que toda sorte de vindonho se dá nela em grandes maneiras, e somente se servem do de parreiras, as quais dão muitas uvas ferrais, e outras brancas maravilhosas, com levarem duas e ainda três vezes fruto no ano.

ALVIANO

Isso é cousa impossível.

BRANDÔNIO

Posto que assim pareça, não o é; porque eu o experimentei muitas vezes, haverem de dar três vezes fruto no ano, que, de darem duas, não dá que tratar, por ser isso cousa assaz sabida.

ALVIANO

Pois dissei-me como sucede isso.

BRANDÔNIO

Como nenhuma outra cousa mais que podarem as parreiras, tanto que lhes acabam de colher o fruto; porque com isso tornam a meter de novo, e em quatro meses o levam perfeito outra vez; entanto que eu vi alguns homens, que, para haverem de ter uvas nas conjunções de algumas festas que determinavam fazer, podaram as parreiras quatro meses antes, e vieram dar fruto, sem discrepância, para o tempo que pretendiam.

ALVIANO

Pois, se as uvas se dão com tanta facilidade, e em tão breve tempo, como se não usa delas para vinho?

## BRANDÔNIO

Por não tratar da causa disso como tenho dito, fugia de me embaraçar nesta matéria; porque de muitas partes deste Brasil se poderia colher mais vinho que em Portugal, por estarem livres da formiga, que é o que faz dano ao vidonho, principalmente sei eu uma, que há na serra chamada de Copaoba, distante das capitâneas de Pernambuco e da Paraíba cousa de quinze até dezoito léguas, que o daria sem conto, por ser terra fresca, fria e sem nenhuma formiga.

## ALVIANO

Tenho lastima de vos ouvir dizer essas cousas, e folgara estar em minha mão o remédio delas.

## BRANDÔNIO

O tempo deve de curar semelhante enfermidade, como costuma. E pois vos tenho já formado as hortas, jardins, latadas com suas fontes, tanques e esguichos, que vos prometi, quero arrumar o pomar(15); que falta, e com isso daremos fim à prática deste dia; o qual dividirei em dois modos, não porque assim os haja, senão porque se poderão fazer, quando a curiosidade excitar aos que cá vivemos, os quais nos não sabemos aproveitar do que temos entre as mãos. E assim formarei primeiramente um jardim de árvores de espinho, e depois me passarei ao pomar, com dividir nele os frutos que já estão em uso de se cultivar daqueles que a negligência tem deixado até agora ser agrestes. Este jardim se poderá fazer povoado de formosas, verdes e copadas laranjeiras, bastecidas de branquiússimas flores, cuja fragrância de suave cheiro alevantassem os espíritos dos que as gozassem, colmadas todas de louras e aprazíveis laranjas em tanta quantidade que muitas vezes são mais que as folhas, umas tão doces que a par delas perde do seu preço o açúcar e o mel, outras bicais de tão gostoso comer, que não há quem se acabe de fartar delas; também das azedas, que para o que aproveitam são maravilhosas, por levarem muito sumo. Acompanharão este laranjal crescidos e formosos limoeiros com tanta quantidade de fruto, que causa maravilha poderem-no sustentar; por com ele perseveram todo o ano, em tanto que quando um está em flor, o outro vem crescendo,

e os demais estão de vez. A estes limoeiros se ajuntarão grandes quantidades de limas doces com suas bem compostas plantas, excelentes no gosto e bom sabor, as quais se produzem na terra muito maiores em quantidade, que as que se dão em Portugal; e da mesma maneira outras castas delas, a que chamam *zamboa*, assaz prezadas por boas. Logo irão avante formosentando este jardim grandes limões franceses com o seu amarelo alegríssimo para a vista. Também não carecerá de modernas laranjas, porque se produzem em grande cópia. Rodeará pelos extremos, quase servindo de muro, a espinhosa cidreira, colmada dos belíssimos pomos, maiores que uma botija, tão prezados para conservas, as quais por todo o decurso do ano se acham sempre assazonadas.

ALVIANO

Se isso é assim, e se pode fazer desse modo, confessarei que lhe ficam inferiores os jardins lavrados e cultivados a tanto custo ao nosso Portugal; pois não vejo que lá haja mais castas de fruto de espinho dos que tendes apontado.

BRANDÔNIO

Pois ainda estoutros têm um não-sei-quê de verdes e frescos, com que fazem grandes paisagens. E porque o sol se vai já transpondo, me quero passar a tratar do pomar prometido, do qual o primeiro fruto quero que seja os figos, porque sempre fui muito afeiçoado a eles; os quais se dão em tanta quantidade, assim dos brasajotes, como dos brancos e negros, e de outras castas, que os monturos estão abastecido de semelhantes figueiras, que levam duas vezes fruto no ano, e carregam, em tanta quantidade, que causa espanto. Façamos logo uma rua de romeiras com seu coroado fruto, que encerra dentro em si finíssimos rubis, as quais se produzem grandemente nesta terra. Far-lhe-ão companhia retorcidos marmeleiros com seus cheirosos e dourados pomos, que se dão em abundância por algumas das capitânicas deste Estado. Formarão deleitosa sombra grandes pacovais, cujo fruto se chama do mesmo nome, posto que na Índia, pelo contrário, são conhecidos por figos, uns grandes e outros pequenos, de diferentes castas e feições. gostosos no comer e de bom cheiro, dos quais há número infinito. Far-lhe-à companhia um fruto, natural da terra, chamado *goiaba*, do tama-

nho de um marcotão, que se dá em árvores medianamente grandes, pegado pelo tronco; logo se irá erguendo, e com suas miúdas folhas, acomodadas para fazer apetitosa salsa, o *tamarinho* tão medicinal e por tal prezado em todo o mundo; pelas partes sombrias, em baixas plantas, à feição de cardos, se mostrarão os gavados e fermosos ananases semelhantes a pinhas, lançando de si suave cheiro, com se lhe comunicar os sabores de todas as cousas que melhor o têm. E por aqui tenho concluído com as plantas e árvores que até agora estão em uso de serem cultivadas neste Brasil.

## ALVIANO

Quando não houvera outras, essas eram bastantes para lhe dar nome de abundante em frutos.

## BRANDÔNIO

Pois as que estão até o dia de hoje agrestes por falta de cultivadores são infinitas; e posto que não é possível podê-las trazer todas à memória, irei tratando somente das que me ocorrerem. E assim demos o primeiro lugar pela formosura da planta, ao *cajá*, que na Índia se chama *ambare*, do qual pera tantas cousas lá se servem, e aqui pera nenhuma senão pera se comer depois de maduro, com deixar um azedo gostoso e muito cheiro nas mãos; outra fruta chamada *uticroí* do tamanho de uma grande pinha de tanto gosto que tenho por sem dúvida ser melhor que a perada e marmelada tão estimada do mundo, o qual se dá em uma árvore muito grande; *araticu*, de feição das jacas da Índia, não há fruta; outra sorte do mesmo araticu, chamado *apê*, mais pequeno, e grande no gosto, de modo que não há quem se acabe de fartar delas (e um amigo meu fazia deles filhos com ficarem maravilhosos); *mangava*, fruta que pode ser estimada entre as boas que há no mundo, a qual semelha às sorvas de Portugal; o abundante *cajueiro*, o qual demonstra que, de soberbo por se desviar das demais árvores, leva o fruto ao revés de todas, porque as castanhas, que nas demais se escondem no âmago delas, nestes cajus campeiam por fora, em forma que na cabeça do fruto se arrematam de feição que mostra a quem o não conhece, que por ali teve princípio; é formoso e gostoso pomo, do qual se sustenta muita gente em todo o tempo que duram. A bondade de suas castanhas passo em silêncio, porque já tenho

tratado delas. *Janamacaras*(\*), cuja planta é à feição de cardos e dão uma fruta *vermelha*; gostosíssima no comer: *pitombas*, que são semelhantes a ameixas; *maçarandubas*, que se parecem com as cerejas; *gabiropa*, do modo de azeitonas, e são doces; *gotis*, que são do tamanho de ovos; *guruatás*, fruta branca e cumprida, que se come chupada, com deixar muito gosto; *zabucái* é uma árvore grande, que dá umas pinhas, dentro nas quais se acham castanhas gostosas para comer; *abaíba*, semelhante aos dedos da mão, tem o sabor de figos; *enguas*, que são semelhantes a alfarrobas, e doces no gosto; *macujê*, fruta excelentíssima, da feição de peras; *jambos*, como ameixas brancas; *peiti*, que se assemelham a *dátiles* muito gostosos; *canafistula*, que se cria nos matos em grandes canudos abastecidos de sua medula.

ALVIANO

Pois, valha-me Deus, como se não leva para Portugal, para se usar lá dela?!

BRANDÔNIO

Nem na mesma terra se aproveitam de semelhante fruto. Verdade seja que, por ser a planta agreste, parece ele também um pouco agreste; mas, se for cultivado, não tenho dúvida que seja tão bom como o que se usa em Portugal. E deixando de parte esta canafístula, vamos continuando com o nosso pomar; porque ainda tenho muitas plantas que transpor nele, das quais a primeira seja um fruto a que chamam *piquieá*, de que já tratei, que dá no seu miolo quase um como clarificado de açúcar muito gostoso; *quamocá*, outra fruta, vermelha, semelhante a ginjas: *iba-mirim*, como limões; *uti*, fruta comprida, gostosa no comer; *ubacropari*, como pêssegos; *comixá*, fruta miúda, à feição de murtinhos; *grexiuruba*, outra a modo de zamboa; *eicajerus*, do modo de ameixas mousinhas; *não-taia-ambus* são semelhantes a ameixas brancas; *ubaperunga*, como uvas bastardas pequenas que dão mostra de nêspersas; *ubapitanga*, da feição de ginjas; *tatajuba*, semelhante ao pêssego, de cuja planta comida a raiz mata a sede, por grande que seja; *morosis*, que são apropriados a murtinhos; *quiabo*, fruta de mas-

---

\* Por cima se lê, escrito por letra diferente: “jamandacaras nasce na praia”.

saroca, como beringelas; *mamão*, pomo do tamanho do marmelo, muito adocicado; *araçá*, do tamanho da fruta nova, de muito gosto, do qual se faz boa marmelada; há outro modo de *araçá*, por sobrenome *açu*, por ser maior e mais estimado pera se comer. Estas são as frutas que de presente me ocorreram, com me ficarem outras infinitas por dizer, de que não sou lembrado, que os moradores do Brasil por negligência deixam estar até agora agrestes espalhadas pelos matos, as quais, se foram cultivadas, se avantajariam em bondade e gosto.

ALVIANO

Certamente que me tendes suspenso com tanta diversidade de frutos, quanto tendes nomeado, dos quais não tão-somente podereis formar um pomar, senão cem mil; e assim estou já de todo arrependido de haver tido o Brasil em diferente reputação de que ele merece.

BRANDÔNIO

Folgo de vos retratardes, e porque não suceda invejardes os álamos e choupos do nosso Portugal, com que se ornam grandemente semelhantes pomares e jardins, vos quero dar em seu lugar crescidos e alevantados coqueiros, que não menos zunido fazem com suas folhas açoitadas pelo vento. E com eles demos por hoje fim à nossa prática, porque se vão fazendo horas de nos recolhermos.

ALVIANO

Assim seja à condição que amanhã venhais às horas costumadas a este mesmo posto.

.....

## *Notas do Diálogo quarto*

### NOTA (1)

Todos os escritores que trataram do Brasil nos primeiros tempos acentuam, na ordem dos mantimentos da terra, a importância da mandioca e seus produtos.

Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, p. 170, Rio, 1851, chega a dizer que é ela mais sadia e proveitosa do que o bom trigo, por ser de melhor digestão. “E por se averiguar por tal, os governadores Tomé de Sousa, D. Duarte e Mem de Sá não comiam no Brasil pão de trigo, por não se acharem bem com ele, e assim o fazem outras muitas pessoas.”

Sabe-se que são as raízes tuberificadas a parte utilizável da planta. Essas raízes contêm cerca de 40% de matérias secas, e destas 30% de fécula, de que se fabricam as farinhas-de-pau, d’água, de carimã, a tapioca e outras massas alimentares e condimentares. A farinha de guerra, que servia para ela e para longas jornadas, era feita da carimã e cozida de forma a ficar compacta, em pequenos pães embrulhados em folhas.

A macaxeira, como ainda hoje chamam nos Estados do Norte, é o aipim do Sul.

### NOTA (2)

O arroz vem em segundo lugar entre os mantimentos do Brasil, com prejuízo do milho, de que tratam Gandavo e Gabriel Soares logo depois da mandioca. Cultivava-se bastante em todo o país, onde se dava bem e com pouco trabalho; mas os moradores reputavam-no quase por fruta e não por alimento, como assevera Brandônio.

### NOTA (3)

Do milho, que vem em terceiro lugar, trata Gabriel Soares, *Tratado descritivo*, pp. 172-173, descrevendo a planta, seus produtos e a uti-

lidade que lhe davam. O milho zaburro é o mesmo milho da Guiné, que Frei Vicente, do Salvador, *História do Brasil*, 3ª ed. de 1918, talvez não acerte quando diz que é o das Antilhas e Índia Ocidental.

## NOTA (4)

Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, p. 108, Rio, 1925, escreveu:

“No Rio de Janeiro e Campo de Piratininga se dá bem trigo, não no uso por não terem atafonas nem moinhos, e também tem trabalho em o colher, porque pelas muitas águas, e viço da terra não vem todo junto, e multiplica tanto que um grão deita setenta e oitenta espigas e, de umas maduras vão nascendo outras, e multiplica quase *in finitum*. De menos de uma quarta de cevada que um homem semeou no campo de Piratininga, colheu sessenta e tantos alqueires e se os homens se dessem a esta granjearia, seria a terra muito rica e farta.”

## NOTA (5)

Dos mantimentos aproveitáveis em tempo de esterilidade vêm arrolados o *caravatá*, *caroatá*, *caraguatá* ou *gravatá*, da família das bromeliáceas, *Bromelia caratas*, L.; as folhas da mandioca, chamadas então e ainda hoje, no Norte, *maniçoba*; o *comari*, que deverá ser *cumarú*, leguminosa papilionácea, *Dipterix odorata*, Willd., cujas vagens são oleosas e aromáticas; *aquês*, palmeira difícil de identificar; e *macuna*, ou *mucunã*, leguminosa papilionácea, *Mucuna urens*, DC., cujo fruto serve para o preparo de farinha utilizada como alimento pelas populações do Nordeste brasileiro nas grandes secas.

## NOTA (6)

Da horta, que Brandônio ordenou, participam as seguintes espécies botânicas, que aqui vão mais ou menos identificadas:

O feijão *guandu* – como ainda se diz em Pernambuco, *guandu* no Rio, e *andu* na Bahia, – leguminosa papilionácea, *Cajanus indicus*, Spreng.; *sapotaja*, talvez o mesmo que *saputá*, espécie vagamente determinada nos autores, Tontelea, diz Martius, *Glossaria*, p. 405; *naxenim*, gramínea, *Eleusine coracana*, Gaertn.; chamada *manchai* ou *nachini* na Índia, de onde os portugueses trouxeram para Angola e daí para o Brasil, mas não se atina

bem por que os escravos haviam de chamar-lhe *massa-gergelim*, se *gergelim* é espécie absolutamente diversa, da família das pedalináceas, *Sesamum indicum*, DC., exótico, desde cedo aclimado no Brasil; *amendoim*, que é o mesmo que *mendobi* ou *mandobi*, por decorrência de *amêndoa*, – leguminosa papilionácea, *Arachis hypogoea*, L., e *A. prostrata*, Benth.: *passendo*, difícil de identificar; *tamotarana* ou *tamaotarana*, uma leguminosa indeterminada; *taboja* ou *taioba*, e *taiá*, da família das aroideáceas, *Xantosma violacea*, Schott; *jerimu* e *jerimu-pacova*, espécies de cucurbitáceas; cabaço, nome de diversas variedades de cucurbitáceas, umas amargas e perigosas, outras doces e comestíveis: *cará*, nome de várias espécies de dioscoráceas, das quais a *Dioscoraceae*, *heptaneura*, Vell., tem uma batata em forma de raiz, que é alimento apreciado.

## NOTA (7)

O vinho de uvas já se fazia nas capitânicas de baixo, segundo informa Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, p. 107, Rio, 1925: “Há muitas castas d’uvas como ferrais, boais, bastarda, verdelho, galego, e outras muitas, até o Rio de Janeiro tem todo o ano uvas, se as querem ter, se as podam cada mês, cada mês vão dando uvas sucessivas. No Rio de Janeiro, e maximé em Piratininga se dão vinhas, e carregam de maneira que se vêm ao chão com elas, não dão mais que uma novidade, já começam de fazer vinhos, ainda que têm trabalho em o conservar, porque em madeira fura-lha a broca logo, e talhas de barro não as têm; porém buscam seus remédios, e vão continuando, e cedo haverá muitos vinhos”.

## NOTA (8)

Das plantas oleaginosas vêm mencionadas apenas o *abatiputá*, ou *batiputá*, da família das ochnáceas, *Gomphia parviflora*, DC., de cujas sementes, contidas no sarcocarpo do fruto, se extrai um óleo, que tem aplicações medicinais e culinárias; *inhanduroba*, *nhandiroba* ou *andiroba*, da família das cucurbitáceas, *Fevillea trilobata*, L., também chamada favade-santo-inácio; pinhões-de-purga, veja o Diálogo segundo, nota (7). Das plantas téxteis vêm a seguir o *tucum*, palmeira, *Bactris setosa*, Mart.; o *carotá*, veja a nota (5) deste Diálogo; e a *monguba*, a *panha* ou *paina*, e o junco *taboa*, já referidos alhures. Seguem-se os vegetais que fornecem

material para amarração, cobertura de casas e outros misteres, e tais são: o *cipó* (*bejuco* em espanhol), nome genérico das plantas sarmentosas, trepadeiras, que pendem e se trançam nas árvores, com a utilidade que o texto lhes empresta; *timbó*, da família das sapindáceas, *Paullinia pinnata*, L.; *sapé*, gramínea, *Andropogon bicornis*, Beauv.; *pindova* ou *pindoba*, palmeira, Mart.; *envira* ou *embira*, da família das thymeliáceas, *Daphnopsis brasiliensis*, Mart.; *tixarimbó*, talvez *taquarimbó*, gramínea, *Chusquea ramosissima*, Lind.; *viva*, por *sensitiva*, leguminosa mimosoideácea, *Mimosa pudica*, L. Dos vegetais fornecedores da tinta, além do conhecido brasil, vêm o *urucu*, da família das bixáceas, *Bixa orellana*, L., *anoto* entre os caralbas; *tatajuba*, ou *jataúba*, veja o Diálogo terceiro, nota (20), e Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, 348, que se refere à descoberta recente de um pau que tingia de amarelo, como o brasil de vermelho, sem dúvida a *Madura afinis*, Miq., da família das urticáceas; *jenipapo*, da família das rubiaceas, *Genipa americana*, L.; e *araribá*, leguminosa papilionácea, *Centrolobium tomentosum*, Benth. Por fim vêm o pau que dá sabão, da família das sapindáceas, *Sapindus saponaria*, L., e o que dá visgo, *visgueiro*, leguminosa mimosácea, *Barkia pendula*, Benth. Voltando à sua horta, Brandônio, além das hortaliças de Portugal já aclimadas no Brasil, menciona ainda o *inhambu* ou *nhambu*, da família das compostas, e a *tanquirá*, que não pôde ser identificada.

## NOTA (9)

*Urganda* era o nome de certa fada a quem os romanos da Idade Média atribuíam a missão de proteger os cavaleiros.

“Nées sur le sol celte et germain, ces fées ont véu avec les poètes du moyen-âge, les troubadours et les trouvères. *Viviane*, *Melior*, *Mélusine*, *Morgane*, *Urgande* la Déconnue, forment une race de souche gauloise, à laquelle sont venues se mêler les fictions de la Grèce et de Rome; race qui s’est éteinte avec la Manto, l’Alcine, la Melisse d’Arioste, la Titania de Shakespeare, la Gloriane de Spenser, la Silvanella de Boiardo.” – Alfred Maury, *Croyances et légendes du moyen-âge*, p. 66, Paris, 1896.

## NOTA (10)

Gedeon Morris de Jonge, aventureiro holandês que na primeira metade do século XVII andou pelo Maranhão, Pará e Amazonas, e for-

neceu depois interessantes relatórios à Companhia das Índias Ocidentais sobre o que ali observou de proveito para aquela empresa, escreveu em um deles, *Revista do Instituto Histórico*, LVIII, parte 1<sup>a</sup>, p. 24: “No Maranhão, no Pará, bem como por todo o litoral, se encontram em grande abundância as folhas de certos pequenos arbustos, que dão um anil puríssimo; o que não muito antes da minha partida foi aí verificado e experimentado por um inglês de nome Roger Freye, e depois da partida dele, por outros; de sorte que poder-se-ia fazer e exportar anualmente anil em grande quantidade”.

Esse Roger Freye era o comandante do forte de Cumaú, fundado pelos ingleses na margem esquerda do Amazonas duas léguas ao sul de Macapá, tomado de assalto na noite de 9 de julho de 1632, por Feliciano Coelho de Carvalho, à frente das tropas enviadas do Pará. Roger Freye estava ausente na ocasião, mas o navio que o trazia do Cabo do Norte foi logo depois abordado e aprisionado pelo capitão Aires de Sousa Chichorro, mandado a seu encontro.

– Conf. Rio-Branco, *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française*, 1er Mémoire, t. 1, p. 81-52, Berne, 1899.

Elias Herckmans, “Descrição Geral da Capitania da Paraíba”, in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, V. n. 31 p. 272, diz que a planta de que se faz o anil dava ali em tal abundância no estado natural, como se a tivessem plantado.

NOTA (11)

Tabatinga é uma espécie de argila branca, compacta, em extremo consistente, encontrada em espessas camadas no fundo dos rios e estuários. Tinha, e ainda tem, no interior do Brasil, a aplicação que lhe dá o texto, isto é, para caiação das casas, em falta de cal.

NOTA (12)

Tratando das gomas do Brasil, Elias Herckmans, “Descrição geral da Capitania da Paraíba”, in *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, V, nº 31, p. 277, disse o seguinte:

“Achei a goma-laca na Paraíba e em nenhuma outra parte do Brasil, o que aconteceu por acaso, vendo-a eu pender de árvores pequenas, com uma cor tão vermelha como a do coral. Era tão viscosa quanto flexível; tomei-a em um papel e, tendo-a mostrado a diversas pessoas, perguntando o que isso era, me disseram ser goma-laca. Depois encontrei um velho português que a sabia preparar para servir de lacre, e indicou os lugares onde existiam muitas das pequenas árvores daquela espécie das quais emana a dita goma, sendo as mais das vezes encontrada nos meses de agosto e setembro. Há aí muitas pessoas que, para selarem as cartas, não se servem senão da goma pura, como é tirada das árvores; mas sendo passada pela vela ou pelo fogo, e gotejada no papel, se faz escura e antes preta do que vermelha.”

A verdadeira goma-laca é fornecida por uma árvore da família da Rhamnáceas, *Zizyphus jujuba*, Cam., e gerada por um inseto hemíptero da família dos Coccídeos, *Coccus lacna*, L. O macho dessa espécie, munido de asas voa livremente, enquanto a fêmea fica toda a vida pousada nos ramos da árvore, a gerar a laca.

## NOTA (13)

De fontes de águas virtuosas na Paraíba existe notícia apenas de uma que, pela distância em que se acha do litoral, não tem probabilidade de ser a indicada no texto.

Fica essa fonte situada no Município de São João do Rio do Peixe, em pleno sertão, na fazenda do Brejo das Freiras, assim chamada por ser propriedade do convento da Glória, do Recife.

Vagamente há notícia de outro, no município de Itabaiana, salvo engano.

– Conf. I. Joffily, *Notas sobre a Paraíba*, p. 81, Rio, 1892.

## NOTA (14)

Depois da horta, Brandônio passa a ordenar um jardim. A maior parte das espécies que aí figuram, pertence à Flora de Portugal, para aqui transplantadas; da Flora brasileira vêm apenas o *camará-açu*, da família das aristocracias, *Aristolochia brasiliensis*, Mart. Et Zucc; *curuá*, uma Cucurbitácea trepadeira, de que se podia fazer latada; *maracujá*, da família

das Passifloráceas, de que vêm citadas as espécies *açú*, *peroba*, *mexiras* e *mirim*, todas ornadas de lindas flores e boas para caramanchéis.

## NOTA (15)

Para seu pomar, Brandônio arranja ainda espécies exóticas, ao lado das brasileiras; daquelas basta citar a *zamboa* ou *azamboa*, que Gabriel Soares já encontrou aclimatada na Bahia, e o *tamarinho* ou *tamarindo*, leguminosa-cesalpínacea, *Tamarindus indica*, L.; das outras menciona-se a goiaba, da família das mirtáceas, *Psidium pomiferum*, L.; e *P. guayava*, *raddi*, parecendo tratar-se antes de *jabuticaba*, da mesma família, *Myrciaria cauliflora*, Berg., que dá fruto pegado no tronco, como se diz no texto e como indica o nome específico; o *cajá*, da família das anacardiáceas, gênero espôndias, tão espalhado que o autor confunde com a espécie de que trata com o *ambare* da Índia, *Spondias mangifera*, Willd.; o *uticroy*, ou *oiti-corói*, da família das rosáceas, *Moquilea rufa*, Barb. Rodr.; *araticu*, da família das anonáceas, de que há diversas espécies; *mangava*, ou *mangaba*, da família das apocináceas, *Hancornia spenciosa*, Gomez; *cajueiro*, da família da anacardiáceas, *Anacardium occidentale*, Linn; *janamaracas*, ou *mandaracá*, da família das cactáceas, *Cereus hildemannianus*, K.Sch.; *pitomba*, da família das sapindáceas, *Sapindus esculentus*, St. Hil.; *maçaranduba*, da família das sapotáceas, *Mimusops elata*, Fr. all.; *gibiraba*, ou *guabiroba*, da família das mirtáceas, *Campomanesis cerulea*, Berg.; *gotis*, ou *oiti*, da família das rosáceas, *Moquilea tomentosa*, Benth.; *garuatás*, ou *gravatá*, já referido; *zabucai*, ou *sapucaia*, idem; *abaiba*, talvez *ubaia* ou *uvala*, da família das mirtáceas, *Eugenia arrabideia*, Berg.; *enguas*, ou *ingá*, leguminosa-mimosáceas, de que há cerca de vinte espécies no gênero *Inga*; *macujé*, da família das apocináceas, *Couma rigida*, Müll-Arg.; *joambus*, ou *jambo*, da família das mirtáceas, *Jambosa aquea*, DC.; *peiti*, desconhecido; *canafístula*, já referida; *piquiá*, da família das rosáceas, *Couepia* sp.; *quamocá*, ou *cambucá*, da família das mirtáceas, *Myrciaria plicato-costata*, Berg., *iba-mirim* e *uti*, desconhecidas; *ubacropari*, ou *bacupari*, da família das gutíferas, *Rheedia macrophyla* Mart.; *comixá* ou *grumixama*, da família das mirtáceas, *Eugenia brasiliensis*, Camb.; *grexiuruba*, desconhecida; *eicajerus*, ou *guajeru*, da família das rosáceas, *Chysobalanus icaco*, L.; *não-taia-ambus*, impossível de identificar por mal grafado; *ubaperunga* ou *guapuronga*, da família das mir-

táceas, *Marliera tomentosa*, Camb.; *ubapitanga*, ou *pitanga*, da família das mirtáceas, *Stenolacyx sulcatus*, Berg.; *tatajuba*, já referida; *morosis*, ou *muri-ci*, da família das malváceas, *Hibiscus sp.*; *mamão*, da família das caricáceas, *Carica papaya*, L.; *araçá* e *araçá-açu* da família das mirtáceas, *Psidium sp.* E com o *araçá* já se fazia em Pernambuco marmelada.

.....

*Diálogo quinto*

N

BRANDÔNIO

ÃO quero que me agradeças o haver vindo a este posto mais cedo do que costumava; porque quis nisto fazer força à minha vontade, o que é tão valorosa façanha, como a que Davi fez em vencer o gigante.

ALVIANO

E de que causa nasceu fazerdes vós essa força?

BRANDÔNIO

Determinava alçar-me com a mensagem de não cumprir a palavra, que vos tinha dado, de vos relatar todas as grandezas do Brasil, porque, imaginando que tinha já saltado o maior barranco, com haver tratado da abundância dos frutos, como por eles se faziam os moradores desta terra ricos, examinei a memória para decorar o que havia mais que dizer, e achei que fora o salto curto, e que tinha ainda por diante outros barrancos maiores e mais dificultosos a perder de vista, que são os que o dia de hoje tenho entre as mãos pera haver de tratar; porque se me representam tantas aves de diversas qualidades, tantos incógnitos pescados diferentes na natureza e forma desconhecidos no mundo, tantas silvestres, feras estranhas nas figuras e inclinações, que

requeriam grandes volumes para se haver de tratar de todas elas. Estas cousas me faziam grande carranca para me fazer retirar do prometido; mas, vendo que o não podia fazer sem ficar mal reputado, arrasei-me a passar avante, com discorrer por aquelas cousas que os elementos que rodeiam a terra do Brasil, encerram dentro de si, sem tratar do mais levantado deles, que é o fogo porque de todo o tenho por estéril, que a salamandra, que se diz criar-se nele, entendo por fabulosa; porque, quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer açúcares do Brasil, que sempre ardem em fogo vivo, se deveram achar. E como o seu consorte mais vizinho é o ar, quero começar por ele o que pretendo, que será tratar das aves, assim domésticas, como agrestes, que se acham por todo este terreno (1). As domésticas são inumeráveis galinhas, das quais são algumas maiores do que as ordinárias: muitos e bons galipabos, que se produzem com facilidade, por ser o clima disposto para a criação deles; pombas, patos e adens de excelente comer, e estas são as aves, que neste Brasil se criam em casa, as quais abundam com grande multidão de ovos.

## ALVIANO

Pois em que parte do mundo se poderão achar, para efeito de se criarem à mão, mais dessas que tendes nomeadas? Ao menos eu nunca as vi em Espanha, posto que das agrestes se acham muitas de diferentes castas e muita estima.

## BRANDÔNIO

Neste particular lhe sobrepuja sumamente toda esta província, que, se me derdes atenção, e a mim me ocorrer a memória o nome e natureza delas, vos causará espanto; posto que, por muito que diga, sempre deve ficar curto.

## ALVIANO

Dou-vos a minha palavra de não distrair o pensamento em outra cousa senão em vos escutar.

BRANDÔNIO

Além das aves domésticas, de que tenho feito menção, se acham pelos bosques e campos multidão de *jacus*, que são como galinhas silvestres, de tanta estima, que lhes não fazem ventagem as mesmas galinhas, posto que sejam muito gordas; e outra ave, chamada *acuaã*, da mesma maneira, e não de menos estima; outras a que chamam mutuns, que são do tamanho de um grande galipabo, não menos prezados que eles; *jaburu* que é muito maior que um pavão, bastante pela sua grandeza a abundar meia dúzia de companheiros, posto que famintos, com ser carne assaz saborosa. Outra ave a que chamam *uruís*, que não desmerece o nome de boa; inhapupé, semelhantes às perdizes de nossa Espanha, e não sei se me alargue a dizer que são melhores; *inhambuaçu*, também como as mesmas perdizes e do seu tamanho; *nambus*, não maiores que as codornizes, as quais não invejam em bondade, gosto e sabor aos tão estimados faisões da Europa; rolas sem conta assaz gordas, que a pouco trabalho se tomam; da mesma maneira codornizes e pombas torcazes. Em todas estas aves agrestes se faz presa à custa de pouco trabalho; e assim ficam servindo, quase como as domésticas, aos moradores da terra.

ALVIANO

E que modo se tem na caça delas?

BRANDÔNIO

Tomam-se com armadilhas e laços, e também à espingarda e flecha; porque neste Brasil não se usa de caça das aves, como em Portugal, por não se quererem os homens dar a isso. Acham-se também pelos campos uns pássaros, a que chamam anuns, de uma qualidade estranha, que, além do seu canto semelhar ao choro, não têm nenhum modo de sangue, nem nunca se lhes achou, e são de uma cor preta tristonha.

ALVIANO

Nova cousa é para mim a natureza desse pássaro; porque nunca ouvi dizer de outro que carecesse totalmente de sangue.

BRANDÔNIO

Pois, assim passa, que estes pássaros o não têm. Hiendaias são outros pássaros que se criam no sertão; e, ao tempo da colheita das novidades, principalmente dos milhos, descem às fraldas do mar para se aproveitarem do cevo delas, e nisto são tão importunas que custa muito trabalho o defendê-las deles; porque não basta grandes gritos nem estrondos de bacias, nem o matarem-nas às pancadas, para se desviarem das milharadas; entanto que já vi alguns homens, postos em afronta com elas.

ALVIANO

Desse modo deviam ser as harpias.

BRANDÔNIO

Se tiveram o rosto da feição que os poetas as pintam, não duvidara que eram as próprias. Outro pássaro se acha, chamado sabiá, da feição do melro (\*) de Espanha, sem lhes faltar mais que um dobreite; rouxinóis, posto que não são tão músicos como os da nossa terra, por carecerem daquele doce dobrar e requebros, que os outros têm, porque todos os pássaros do Brasil são faltos de semelhante suavidade; cujuba é um pássaro pequeno e de bico revolto, o qual, em se vendo preso, cerra voluntariamente o sesso, sem fazer mais por ele purgação, até morrer.

ALVIANO

Também morrerá de não comer, que, pois sente tanto a prisão, deve fugir disso.

BRANDÔNIO

Parece que quer escolher antes semelhante maneira de morrer, porque se sabe dele que não deixa de comer. Macugagá é uma ave que dá grandes e contínuos brados, repetindo muitas vezes este seu próprio nome; tucano, ave formosíssima, emplumada de várias cores, de sorte que alegra

---

\* Diz por cima em outra letra – tordo.

a vista a contemplação delas; canindés se chama a um pássaro, que, por ser pequeno de corpo, tem o rabo muito comprido; apeçu é ave que tem quatro esporões, com de galo; gurainheté, pássaro de penas amarelas e pretas; garateuma, ave de cor loura, formosíssima; anacãs, de feição de papagaio, mas não são da mesma espécie. Outro pássaro chamado pelo nome da terra gurainguetá, cuja estranha calidade quero deixar em silêncio, por me não alargar em referi-la.

ALVIANO

Antes vos peço que me digais tudo o que souberdes a respeito.

BRANDÔNIO

Este pássaro tem tão grande amor aos filhos, que, para os não furtarem, vai lavrar o seu ninho de ordinário a par de alguma toca, aonde as abelhas lavram mel, as quais, por esta maneira, lhe ficam servindo de guardas dos filhos, porque, como todos arreceiam de se avizinhar a elas, temendo o seu áspero aguilhão, ficam os filhos livres de perigo; aos quais mostram tanto amor, que, para efeito de os sustentar, se vão lançar por entre alguns bichos, que se lhe apegam nas carnes, sem recearem que lha comam, havendo por cousa suave padecerem as dores que eles lhe causam a troco de terem, por esta via, a sustentação certa para os filhos, a que os dão a comer, quando têm fome, e só para isto os trazem tanto à mão; e estes pássaros são emplumados de várias cores.

ALVIANO

Não se escreve mais dos pelicanos para encarecimento do amor que têm aos filhos.

BRANDÔNIO

Também há outros pássaros, aos quais chamamos pica-pau, por dar uns golpes com o bico nos troncos das árvores, tão grandes, que toda pessoa que os ouvir, se ignorar a calidade do pássaro, julgará sem dúvida ser machado, com que se corta madeira. Outra ave que povoa os campos desta terra, de belíssimas penas, chamada tamatianguaçu a qual voa sempre

muito por alto, por onde vai formando umas vozes, que parecem humanas. E da mesma maneira há outra que lhe não é inferior na formosura da plumagem, chamada curiquaquá, um passarinho que, por não ser maior de um ovo, tem o bico mais de meio palmo de comprimento, ao qual dão por nome araçari. Outra ave chamada miguá, semelhante a pato. Girubas são uns pássaros que criam por barrocas, que têm as penas verde cor de mar; e da mesma maneira outra chamada pirariguá. Os dias passados me trouxeram a amostrar um pássaro, que me disseram chamar-se japu, de uma cor amarela, digna de estimar. Guirejuúba são umas aves azuis, assaz prezadas da gente da terra; e assim outra ave chamada tiquarém, e outra de cor vermelha, chamada guaxe. Também há outra sorte de pássaros, cujo canto forma o choro de uma criança, que tem por nome cunhatanaipe. Tucanoçu é outra sorte de ave, que tem o bico do tamanho de um palmo, apesar do corpo não ser grande; e outro pássaro a que chamam taraba. Entre estes se acham as arveloas e andorinhas do nosso Portugal.

ALVIANO

As andorinhas tenho eu por africanas, e que de lá se passam pelo verão à Espanha a fazer seus ninhos, e maravilho-me darem-se desta parte.

BRANDÔNIO

Sim, dão em muita quantidade. Outra ave, por nome peítica, a qual é tão molesta e agourenta para o gentio da terra, que os obriga a fazer grandes extremos, quando a topam ou ouvem cantar, como adiante direi, quando tratar dos costumes da terra. Também se acham grandíssimas emas, das quais tenho por fabuloso o dizer-se que comem ferro, porque nunca soube que o comessem, posto que tenho visto muitas. Estas emas, quando correm, abaixam uma asa, e a outra dão ao vento, cruzando-a a modo de vela latina, e assim correm mais que um cavalo; da mesma casta há outras que chamam seriemas, as quais se ajudam dos pés e asas para correr, com o que ficam sendo velocíssimas, sem nunca se levantarem da terra.

ALVIANO

Em África se acham muitas, e a mesma qualidade ouvi já relatar delas.

BRANDÔNIO

De papagaios há inumerável quantidade, que andam em bandos, como as pombas o fazem na nossa terra, fazendo por onde passam grande gralhada, e são bons para se comerem; e destes há diferentes castas, como são os que chamam papagaios-reais, conhecidos pelos encontros das asas, que têm vermelhas, e são os mais estimados para ensinar a falar. Outra casta, a que chamam curicas, que, ainda que não são tão formosos, quando dão em falar, o fazem muito bem. Outros, que se têm por estrangeiros, chamados ciia. E da mesma maneira araras, grandes e formosas, que também falam, quando são ensinadas. E outra espécie, quase desta mesma qualidade, a que dão o nome de tuins, de pequeno corpo e muito lindos, que explicam arazoadamente tudo o que lhes ensinam; e destes tais os mais estimados são os que se chamam quaiquaias, de penas pardas, pretas e verdes.

ALVIANO

Tenho visto em Portugal alguns papagaios, que levaram de cá, de cores diferentes, mas tão compassadas que davam mostra de serem feitas à mão.

BRANDÔNIO

Assim o são; porque para se haver de dar essas cores aos tais papagaios, os despem das penas, e na carne que ao tirar dela lhe fica envolta em sangue, lhe acomodam, pelas partes que querem, certas peles de rãs, que têm propriedade de lhes comunicar as tais cores.

ALVIANO

Folgo de saber isso, porque entendia que eram naturais, em vos afirmar que me tendes maravilhado com tanta sorte de pássaros e aves, quantas me tendes nomeadas, de tão várias e estranhas qualidades, do que infiro que em nenhuma das partes do mundo se poderão achar mais cópia delas, e é muito poder-vos lembrar os seus nomes em serem tão arvezados.

## BRANDÔNIO

Pois ainda me ficam outras tantas por nomear, por me não ser possível fazer conserva na memória de tanta diversidade delas, que ainda não tratei das muitas sortes de aves de volataria, que se acham nesta terra. As aves são todas de tanta bondade, que as melhores, criadas em Irlanda, não poderão ter nunca com elas comparação. As de mais estima destas aves é uma sorte delas a que chamam garataurana que, como o rei lhe criou a natureza coroa na cabeça, caso ao modo de crista de galo, que entre todas as aves de volataria pôde levar o preço em ligeireza e agilidade, que tem para caçar; e porque pelo pouco venhais em conhecimento do muito, vos quero contar o caso que vi suceder a uma ave destas. Um homem assaz nobre, capitão-mor por Sua Majestade de uma das capitánias do Estado, tinha um pássaro destes já domesticado, que criava em casa, o qual, alevantando-se acaso da alcândora, se foi por sobre um monte de pedras que estavam juntas dali perto. Houve vista dele um grande gato e, cuidando que tinha a presa certa, se foi chegando para o pássaro com intenção de o atropelar e levar nas unhas; mas ele, tanto que sentiu vir o gato, levantou uma perna, ficando sobre a outra; e ambos estiveram assim por um pequeno espaço, imaginando um de se cevar no outro, e o outro no outro; até que, alevantando a cabeça o gato, se lhe lançou em cima o gavião e desta sorte engarrafou nele com as unhas, que, a pouco espaço, abrindo o gato as mãos e pernas, ficou morto, e quando lhe quiseram acudir, já o estava.

## ALVIANO

Cousa estranha é essa pela fereza desse animal e forças de que é dotado.

## BRANDÔNIO

Pois ainda vos direi mais que dali a poucos dias trouxeram de presente ao senhor da casa um leitão arrezoadamente grande, o qual, soltando-se nela, deu o gavião sobre ele, e em breve espaço lho tiraram das unhas morto.

## ALVIANO

Não deve ser de pequena bondade o pássaro que a tanto se arroja, e folgara de saber de que modo se caça com ele nesta terra.

BRANDÔNIO

Não se aproveitam destas aves pera caça, e em parte têm desculpa os que o podiam fazer e não fazem, por ser a terra muito coberta de matos, e não é possível poderem-se soltar sem se perderem. Afora os desta casta, há outro modo de falcão ou gavião, que não sei de que espécie seja, também muito ágil pera caça, mas não tão grande, como os de que fiz menção, de que um dos tais se chama *piron* a outro *gambiá-piruera*, e outra casta a que chamam *eixua*, e outra semelhante, que tem por nome *taguatá*, e outras *guará-guará*, e também *guaquaque*; e do mesmo modo *jaqueretu*, o qual é assaz feio na composição. E entre estes todos, há uma casta chamada *tuindá*, que caça de dia e de noite. Todos estes pássaros, que tenho nomeado, são de bico revolto e de unha retorcida.

ALVIANO

Muitas mais aves de volataria há nesta terra do que em Irlanda nem em outra parte do mundo.

BRANDÔNIO

Todas as que tenho nomeado são excelentes para o uso da caça; porque levam na unha qualquer galinha, por grande que seja, e alcançam a mais ligeira ave, quando a seguem. Outros pássaros há que não se mostram senão ao pôr-do-sol, já quase noite, em grandes bandos, e não pequena gralhada, a que chamam – *buraiú*, e eu os comparo aos aivões da nossa terra. *Cacum* se chama uma ave, que nunca dorme, e faz da noite dia.

ALVIANO

Acham-se desta parte porventura aves noturnas?

BRANDÔNIO

Sim, porque há dessa casta todas as que se conhecem em Portugal, e anula outras que nunca lá se viram e também há buirres que cá se conhecem com o nome de *urubu*, maiores que os da Europa. Demais, das aves de que tenho tratado, há infinidade de outras, que se sustentam de pescados, e pastam sobre os rios e alagoas, todas de maravilhoso gosto no

comer, como são patas e adens formosíssimas, e outra sorte desta qualidade, a que chamam *airires*, *patoris*, *maçaricos*, *sericos*, *colhereiras* vermelhas e brancas, que dão maravilhosas plumagens. Outra sorte a que chamam *carã*, a modo de maçaricos; *gaquara*, que é uma ave que não pesca senão de noite; *gararina*, que de ordinário mora dentro das águas. De todas estas aves se acham grande quantidade por todos os rios e alagoas, e se tomam com facilidade à espingarda, frecha, e outros modos, que para isso buscam. E com isto confesso que tenho esgotado a memória de tudo o que tinha conservado nela para haver de dizer acerca das aves, com me ficarem outras muitas, que me não vieram à notícia.

## ALVIANO

Tendes dito tantas delas, que me maravilha haverdes lhes podido recitar os nomes e propriedades, como tendes feito; e assim, conforme ao prometido, parece-me que vos fica agora a obrigação de vos passar a tratar dos pescados que são os habitantes do terceiro elemento das águas, conforme a ordem que dissestes tínheis determinado de levar enfiada vossa prática.

## BRANDÔNIO

Já que me quereis obrigar pela palavra, antes de me meter por elas, não quero deixar de vos dizer uma cousa de muita consideração, de que não tenho visto menção, que não é das que menos podem formosear o elemento aéreo, a qual é que, nos anos secos, costuma nestas partes a descer do sertão inumeráveis borboletas de diversas cores, que quase ocupam e enchem com a sua multidão o côncavo do ar mais baixo (2) ; as quais todas levam diretamente o seu caminho enfiadas com o norte, sem, por nenhum caso, se desviar daquele rumo; de maneira que nunca vi ferro tocado na pedra ímã que tão direito se inclinasse ao Norte; e entanto sucede isto assim, que se acaso pelo caminho por onde vão passando, encontram com algum grande fogo, antes se contentam de alevantar no alto, para haverem de passar por cima dele, com levarem o seu rumo direito, do que se desviam para uma das partes, que lhes foram mais fáceis; com esta ordem vão correndo sempre, em igual multidão, por espaço de doze e quinze dias até passarem, dando remate à sua jornada com se afogarem nas águas do mar.

ALVIANO

Cousa estranha é essa e assaz digna de consideração, e creio que deve haver causa que obrigue a essas avezinhas (*sic*) a buscarem diretamente o norte.

BRANDÔNIO

Assim o tenho para mim; mas não me quero cansar em a especular, por não vir a me lançar em algum rio, como Aristóteles, e antes me contento de dar princípio ao que tenho para dizer dos pescados que habitam no terceiro elemento das águas (3). Dos quais é bem que demos o primeiro lugar ao regalado *vejupirá*, porque creio dele que, entre os demais peixes de posta, pode levar a palma a todos em bondade, e que lhe fica muito inferior o prezado solo da nossa Espanha; *carapitanga*, outra sorte de pescado medianamente grande, muito gostoso; *cavalas*, das quais todas as que se tornam neste Estado são excelentes; o peixe chamado *serra*, tão prezado na Índia Oriental; *camarupim*, pescado grande e de bom comer, cujas escamas são do tamanho de um meio quarto de papel, aos quais vi fazer uma cousa estranha, na qual me mostraram claramente haver também amor entre estes mudos nadadores.

ALVIANO

E que é que lhes vistes fazer para conjeturardes que havia neles amor?

BRANDÔNIO

Em uma tapagem, que estava feita em certo rio para pescarem nela (a que, nesta terra chamam gamboa) se chegaram dois peixes de semelhante espécie, dos quais entrou um para dentro, ficando o companheiro de fora; o que entrara tapando-se-lhe a porta, ficou preso, e, com a vasante da maré, foi tomado e morto. O companheiro, ou para melhor dizer consorte, que tal devia ser, que ficara de fora, esteve esperando por ele todo o tempo que a maré lhe deu lugar para o poder fazer, mas tanto que as águas foram faltando, por não ficar em seco, se desviou daquela parte, e se foi, dando primeiro algumas pancadas grandes com o rabo sobre as águas,

quase querendo mostrar com elas o sentimento que levava e depois tornou a continuar a mesma paragem por espaço de seis ou oito dias, sempre ao tempo que a maré enchia, como que vinha buscar o companheiro no lugar onde o perdera e ali dava as mesmas pancadas na forma das primeiras.

ALVIANO

Não é pequeno argumento esse para se provar que em toda cousa vivente se pode achar amor, posto que em uns em mais quantidade, e em outros em menos.

BRANDÔNIO

Pois assim passa, como vo-lo tenho referido. Também se pescam muitos dourados, meros, moréias, pescadas, tainhas, cações, albacoras, bonitos, lavradores, peixe-espada, peixe-agulha, xaréus, salmonetes, sardinhas; todas estas sortes de pescados são gordos e gostosos pera se comer.

ALVIANO

Os mesmos se acham em Portugal.

BRANDÔNIO

Pois, aqui os há em mais quantidade. E antes de passar mais avante, vos quero dizer da estranheza de um peixe, se assim se deve chamar, o qual é conhecido por peixe-boi, nome que lhe foi posto por se assemelhar no rosto quase com o mesmo animal, posto que é maior dois tantos, não em ser levantado, mas na largura e comprimento; porque em alguns desta espécie se acha mais peso do que têm dois bois. Este pescado se toma e pesca às farpodas pelos rios aonde desembocam os de água doce, e comido tem o mesmo sabor e gosto da carne de vaca, sem haver nenhuma diferença de uma cousa a outra, entanto que, se misturarem ambas as carnes em uma panela difficilmente se conhecerá uma da outra. E por este respeito se come este pescado cozido com couves, e se faz dele picados e almôndegas, com aproveitamento para tudo o de que se usa da carne de vaca, e algumas pessoas a dei para comer e lhes não disse o que era, e ficaram entendendo que comiam carne de vaca.

ALVIANO

Pois não deixara eu de ter muito escrúpulo, se nos dias de peixe usasse desse pescado; porque entenderia que comia carne.

BRANDÔNIO

Esse mesmo houve já nesta terra e foi questão assaz debatida; mas determinou-se por teólogos que era realmente peixe e por que tal devia ser recebido realmente, visto ter o semelhante peixe a sua habitação sempre nas águas, e não sair nunca a pastar fora delas. *Ubarana* é um bom pescado; e da mesma maneira outro chamado *guibicuaraçu*. *Camorim* é um peixe pequeno a que chamam *peixe-pedra*, por ter outra dentro da cabeça em lugar de miolos; e por muito sadio é assaz estimado por doentes, com se pescarem em grande quantidade.

ALVIANO

Nunca ouvi dizer de fera, ave, nem peixe, que tivesse dentro na cabeça pedra em vez de miolo.

BRANDÔNIO

Pois estes peixinhos a têm, como tenho dito. *Curimã* é pescado de feição de tainhas, mas maiores e mais gordas; *carapeva* é peixe estimado por gordo, o qual se acha no mar e também nos rios de água doce; *curumatã* é reputado por sável de Portugal, porque são da própria feição, e têm tantas espinhas como ele; *piranha* é pescado pouco maior de palmo, mas de tão grande ânimo que excedem em ser carniceiros aos tubarões, dos quais, com haver muitos desta parte, não são tão arriscados como estas *piranhas*, que devem ter uma inclinação leonina, e não se acham senão em rios de água doce: têm sete ordens de dentes, tão agudos e cortadores, que pode muito bem cada um deles fazer ofício de navalha e lanceta, e tanto que estes peixes sentem qualquer pessoa dentro n'água se enviam a elas, como fera brava, e a parte aonde a ferram levam na boca sem resistência, com deixarem o osso descoberto de carne, e por onde mais freqüentam de aferrar é pelos testículos, que logo os cortam, e levam juntamente com a natura, e muitos índios se acham por este respeito faltos de semelhantes membros.

ALVIANO

Dou-vos minha palavra que não haverá já cousa na vida que me faça meter nos rios desta terra; porque ainda que não tenham mais de um palmo de água imaginarei que já são essas piranhas comigo, e que me desarmam da cousa que mais estimo.

BRANDÔNIO

Bem podeis entrar por todos os rios sem receio, que nem em todos se acham estas *piranhas*, antes somente ouvi dizer que as havia no rio de São Francisco, e no Una e outros semelhantes, que são bem conhecidos, e se sabe criar-se neles *piranhas*, as quais são boas de comer, e se pescam ao anzol, posto que primeiro se perdem muitos porque os cortam com os dentes. Há outra casta, de pescado, que chamam *peixe-galo*, por ter o espinhaço muito levantado. *Salé* é de outra casta e também assaz bom; *suaçu* é peixe que tem grandes olhos gostosíssimo de comer; *saúna* que é a modo de mugéns, *mandêu* da feição de solhos; *roncadores*, *corcovados* e *baiacus*, cuja propriedade estranha em ser peçonhento causa espanto.

ALVIANO

E de que modo têm essa peçonha?

BRANDÔNIO

Este pescado, além de não ser muito grande, semelha a sapo e o fel dele é tão finíssima peçonha, que toda pessoa, que o come ou cousa que fosse tocada nele, não pode escapar de perder a vida, por ser o mais refinado veneno de todos quantos se acham no Brasil, e, contudo, quando se tira o fel a este pescado, de maneira que se não quebre, nem se espalhe, tocando por algumas partes do corpo, se come a carne do pescado assada ou cozida sem nenhum impedimento.

ALVIANO

Não o houvera eu de comer de nenhuma maneira, porque sempre cuidara que levava do fel.

BRANDÔNIO

Pois ainda tem este peixe outra propriedade, a qual é que, depois de estar morto, se lhe esfregam a barriga, vai logo inchando como sapo. *Tamoatés* são outros que se armam, e depois que o estão, as suas escamas parecem lâminas; *arares* se armam também da mesma sorte, e têm a cabeça maior do que o corpo; *jacundã* é peixe de água doce, excelente para se dar a comer a doentes; *piabas* e *saras* possuem a mesma propriedade; *tararira* é pescado de muitas espinhas, que cria dentro na cabeça uns bichos. Também há muitas *tartarugas*, que, com ser peixe marítimo, vêm a desovar na terra, e nela, de ovos que põem, tiram seus filhos.

ALVIANO

Com já houve muitas vezes ouvido tratar dessas tartarugas, nunca me disseram delas essa propriedade.

BRANDÔNIO

Pois passa na forma que tenho dito. Também se acham muitos camarões, assim no mar, como pelas alagoas, em terra, de estranha grandeza, e da mesma maneira cágados.

ALVIANO

Não passeis mais avante; porque tendes tratado de tantas castas de pescado, de diferentes qualidades e naturezas que faz confusão o considerar nos modos deles.

BRANDÔNIO

Pois vos poderei dizer que a terra deste Brasil é tão caroável de produzir pescados, que nos campos por onde nunca os houve, quando pelo inverno se formam neles alagoas, logo se acham nelas mais peixes, a que chamam *muçus*, semelhantes a enguias, e quantidade grande de camarões; de modo que todas as pessoas que vivem pelo sertão se sustentam deles, com mandarem meter de noite uns covos, com algum cevo dentro, pelas tais partes, e de madrugada os mandam tirar cheios de semelhantes pescados.

ALVIANO

Se com tanta facilidade se tomam, não devem padecer os moradores desta terra falta dele.

BRANDÔNIO

Dos semelhantes que se tomam em covos há muita cópia.

ALVIANO

E de que modo se pesca os demais peixes nesta terra?

BRANDÔNIO

Com redes e trasmalhos, e em certas tapagens, que se fazem por alguns esteiros, aonde com a crescente da maré entra muito peixe, e, depois de estar dentro, lhe tapam a porta, e, como as águas falecem, ficam quase em seco, e os tomam sem trabalho; mas a principal pescaria, de que se aproveitam os demais moradores deste Estado, é a que mandam fazer por negros em jangadas, os quais nelas saem fora ao mar alto, aonde ao anzol pescam peixes grandes e formosos, com os quais se tornam a recolher ao pôr-do-sol, e desta sorte se toma muito pescado.

ALVIANO

E por que não se aproveitam de ir pescar no alto em barcos, como fazem as chinchas do nosso Portugal?

BRANDÔNIO

Porque não está em uso, algumas pessoas, que o começaram a fazer desistiram logo disso. Também se criam pelas lagoas e rios um animal a que chamam *capivara*, os quais vivem nas águas e pastam sobre a terra, semelhantes à lontra na natureza, mas não nas feições, o qual é bom para se comer.

ALVIANO

E esse animal é reputado por peixe ou por carne?

BRANDÔNIO

Por carne se reputa, porque a tem ele, muito boa e gostosa; além de que, conforme rezam, era bom que fosse tido por carne, por pastar na terra, que é ao que se deve ter respeito para semelhantes dúvidas. Além destas *capivaras*, se acham também pelos mesmos rios e alagoas uns lagartos grandíssimos, a que os naturais da terra chamam *jacaré*, mas não tão carniceiros como os da Índia. Estes lagartos põem ovos ao modo dos de patos, mas não são redondos, porque são algo um tanto chatos, os quais têm em o choco dentro da água, somente em olharem para eles, porque a sua vista é bastante para produzir neles os filhos, como as aves o fazem com o calor das penas; e ao tempo nascem deles lagartinhos.

ALVIANO

Isso parece história, a que se não pode dar crédito.

BRANDÔNIO

Pois não o tendes por cousa fabulosa, porque a mim me trouxeram uns ovos destes, que se acharam dentro da água, e, quebrados, saíram de cada um dois lagartinhos já vivos, que se meneavam de uma parte para a outra. E com isto me haveis por escuso de tratar mais dos pescados, dando-me licença para que me passe aos mariscos, que há muitos e diversos nesta província.

ALVIANO

Não vos vi tratar das baleias, que de força deve de haver muitas, pelo âmbar que lançam na terra.

BRANDÔNIO

Sim, há; porque nesta costa se acham muitas e muito grandes, principalmente no verão, e delas saem algumas à costa de que se faz azeite de peixe; e na Bahia matam muitas às farpoadas alguns biscainhos de que fazem o mesmo azeite, por ser cousa que tomaram por ofício. Mas o cuidardes que as baleias lançam o âmbar na terra, é engano manifesto; porque não há tal, que a causa de vir a terra não é outra senão que essas mesmas baleias e ou-

tros grandes pescados o vão buscar para o comerem no profundo das águas marítimas, onde nasce em grandes arrecifes, e, com a força que fazem para o espedaçarem se quebram alguns pedaços, uns grandes, e outros pequenos, que depois o mar lança à costa, onde se acham; posto que há poucos dias que me certificaram uma cousa, que sucedeu nos limites do Rio Grande, assaz verdadeira, a qual desbarata tudo o que acima digo, acerca da criação do âmbar.

ALVIANO

Pois não me tenhais isso em segredo.

BRANDÔNIO

Afirmaram-me dois homens dignos de fé e crédito pelo terem visto com o olho, que nas praias do Rio Grande, no Cabo Negro, um morador da mesma capitania, por nome Diogo de Almenda, condestable da fortaleza, achara nela um pau do comprimento de um braço e case da mesma grossura, que o mar lançara à costa, o qual tinha dois esgalhes de rama na ponta, um deles já quebrado, e outro inteiro, que tinha algumas folhas secas, que semelhavam as de acipreste, e por este pau vinha pegado ao modo que o faz a resina pelas árvores, três ou quatro onças de âmbar-gris, muito bom, que parece que no fundo das águas se criam também em árvores, da sorte daquele pau, que dão o âmbar por resina. E se assim é, enganaram-se os que entenderam até agora que nascia como arrecifes, e deram no alvo os que queriam que fosse resina; porque o pau achado dá disso bastante prova. E porque o haver-se achado este pau não é cousa em que possa haver dúvida, faço volta a tratar dos mariscos, dos quais, os primeiros, quero que sejam quantidade grande de polvos, lagostins e lagartos, que se tomam pelos arrecifes nas conjunções das águas vivas, quando a maré está já descoberta de todo.

ALVIANO

E de que modo os tomam a tal tempo?

BRANDÔNIO

Tomam-nos de noite com fochos acesos, donde o tal marisco, espantado da luz deles, se deixa tomar sem fugir. Também há soma grande

de *perseves*, e outro marisco, a que chamam *lapas*, *caramujos*, e *ostras*, das quais se acha tão grande multidão, que quase ficam servindo de ordinário mantimento aos moradores desta terra, principalmente aos que vivem chegados ao mar. E destas ostras vi já algumas tamanhas, e não o digo por encarecimento, que era necessário ser partido o seu miolo às talhadas com faca, para se haver de comer. Dão-se pelos rios salgados, nas margens dos mesmos rios, e pelos pés, ramos e troncos de uma árvore, a que chamam *mangue*, de que já tenho tratado.

ALVIANO

Acham-se porventura, nas tais ostras, pérolas ou aljôfares, como se acham nas que se pescam na costa das Índias?

BRANDÔNIO

Não creio que sejam estas ostras, de que trato, dessa qualidade; porque as ostras, de que se tiram as pérolas nas Índias, se pescam no mar alto, e as de cá se tomam pelos rios; posto que em algumas, depois de assadas ao fogo, se acham algumas pérolas, que já vêm desbaratadas dele, mas isto raramente, e eu tenho em casa uma destas que vos darei.

ALVIANO

Folgarei com ela para a amostrar no reino, a poder dizer que no Brasil também se acham pérolas.

BRANDÔNIO

Da mesma maneira há muitas *ameijoas*, e outro marisco a que chamam *sapimiaga*, e sobretudo um de qualidade estranha, a que dão nome de *sernambim*.

ALVIANO

Que qualidade é a desse marisco?

BRANDÔNIO

Diferente da que têm todos os mais, porque se acha nele sangue, na forma que o têm os pescados, sem embargo de estar encerrado na sua

concha, cousa de que todo outro semelhante marisco carece, e sobretudo, o que mais espanta é que, nas conjunções das luas, lhe acode o menstro, como costuma a vir às mulheres.

ALVIANO

Não ousarei eu contar isso em Portugal.

BRANDÔNIO

Pois aqui vos poderei dar em prova da verdade que trato todos os moradores deste estado; porque não o perguntareis a nenhum dos antigos da terra, que vos não assele o que tenho dito por verdadeiro.

ALVIANO

Não duvido que seja assim, mas eu não me quero obrigar a buscar essas provas.

BRANDÔNIO

Ninguém vos pode obrigar a que creais senão o que quiserdes; mas no que digo não há dúvida. Acham-se também na terra diferentes castas de caranguejos, que são verdadeiro sustento dos pobres, que vivem nela e dos índios, naturais e escravos de Guiné, pela muita abundância que há deles, e pouco trabalho que dão em se deixarem tomar; há uma casta dos tais, a que chamam *uçá*, e outra *siri*, e também *guajá*, e da mesma maneira *guoazaranha*. *Aratu* é outra casta deles, que se tem por contra peçonha, posto que eu o não experimentei. Também se acham uns de outra qualidade, a que chamam *garauçá*; e sobretudo os *guanhamus*, cuja natureza causa espanto.

ALVIANO

Pois não me deixeis encoberta.

BRANDÔNIO

Esta sorte de caranguejo faz sua habitação em terra, ao longo dos rios salgados, por covas e lapas, que nela fazem com tirarem a terra para fora,

para lhes ficar despejado o lugar de baixo, ao modo que as formigas fazem os seus formigueiros, e dali se sustentam com as ervas e frutos, que se produzem na terra, porque ainda entre as sementeiras cultivadas, fazem a sua morada, com lhes fazerem assaz dano. Estes tais se tomam, tirados das covas e por fora delas, com serem maravilhoso comer, e criarem dentro em si grandes e fermosos corais; e, o que mais espanta, é que, com as primeiras águas, que costuma a chover por estas partes pelo mês de janeiro ou fevereiro, saem de suas furnas em grandes esquadrões, donde se espalham pelo sertão quase uma légua, ocupando os campos, onde nunca chegou o salgado, nem sombra dele. E por os tais se tornam inumeráveis, e ainda de irem eles, de por si, a meter pelas casas das pessoas, que por aquelas partes moram, com serem os que se tomam por esta maneira os mais gordos e gostosos para se comerem. E dizem os naturais, quando se acham estes caranguejos por esta maneira, que andam ao *atá*, que soa tanto como andarem lascivos.

ALVIANO

Maravilhosas cousas me ides dizendo, as quais se houveram chegado à notícia dos antigos, creio que houveram composto sobre elas grandes volumes, das quais nós não fazemos caso, como se não foram dignas de muita consideração.

BRANDÔNIO

Isso é por respeito de já serem entre nós muito sabidas e usadas, e de tudo o que se trata desta maneira não causa espanto. Mas, porque tenho ainda muito que dizer das feras agrestes e domésticas, será bem que deixemos o mar, e ponhamos a proa em terra, que é o quarto elemento, de que ainda não tratamos a respeito das feras.

ALVIANO

Assim vos peço que o façais.

BRANDÔNIO

Não me envergonho agora de vos confessar uma fraqueza minha, a qual é que desejei sumamente de furtar o corpo por me não meter

no labirinto de haver de tratar das várias castas, diferentes naturezas, estranhas feições, arrevezados nomes das feras agrestes e domésticas, de que é povoado todo este grande terreno brasiliense; mas a obrigação da palavra, que vos tenho dado, me faz atropelar por tudo com acometer a jornada, o que farei com entenderdes que não pôde a memória capacitar, nem o engenho distinguir, o muito que havia para dizer sobre semelhante matéria, da qual vos afirmo de antemão que, por muito que diga, me há de ficar os dois terços por dizer; e com este pressuposto quero dar princípio ao que já tenho entre as mãos. Começarei pelo neptunino, ligeiro e belicoso cavalo (4), dos quais, posto que há muitos, abundara inumerável quantidade nestes campos americanos, entanto que nos de Buenos Aires se não criara tanta cópia deles, mas têm cruéis inimigos que os perseguem com lhes tirarem a vida; os quais são os escravos de Guiné, que os matam sem reparo, para os haverem de comer, em qualquer parte que os acham, e ainda aos regalados e de muito preço furtam das estrebarias, onde estão, para o mesmo efeito. E deixando isto de parte, digo que os cavalos desta terra são grandes sofredores de trabalho, com andarem desferrados; porque, ou seja, por serem mais duros dos cascos, ou pela terra ser menos pedregosa, não têm necessidade de ferraduras; e sucede de ordinário a um cavalo destes correr-se nele, em uma tarde, canas, argolinha e pato acompanhado tudo de muitas carreiras, e às vezes continuam neste exercício três e quatro dias a réu, com terem para tudo alento, e os acharem tão inteiros no princípio como no cabo; sendo assim que um só exercício destes bastara para aguar vinte cavalos dos de Espanha, e estes têm alento para tudo, com comerem mal, porque o seu mais ordinário mantimento é erva, a que nesta terra chamam capim; e de maravilha se lhe dá um pouco de milho, porquanto não se acha todas as vezes que se busca.

ALVIANO

E quanto vale um cavalo desses?

BRANDÔNIO

Alguns que eram sumamente bons, vi já vender por quinhentos cruzados, e outros por menos; mas, quando no cavalo se acham as partes de ginete, sem manha má, sempre vai ao redor de duzentos cruzados.

ALVIANO

São de tanta dura os cavalos nesta terra como em Portugal?

BRANDÔNIO

Sim, são, e ainda mais; porque aqui não se enxerga em um cavalo ser velho, a respeito que tão ágil está para todo trabalho o de quinze e dezesseis anos, como o de quatro.

ALVIANO

Dão-se também destas bandas bestas muares?

BRANDÔNIO

Sim, dão, mas não as há.

ALVIANO

Não vos entendo esse modo de falar.

BRANDÔNIO

Pois declarar-me-ei mais. Digo que se dão, porque de alguns asnos cavalaes, que se mandaram vir do Reino, se produziram maravilhosos machos e mulas; mas, elas mortas, secou a geração deles; sem haver quem se quisesse cansar em mandar buscar outros, ou ao menos um asno e asna, para que se produzissem dos semelhantes na terra e por isso disse que se davam bem as bestas muares, mas que as não havia.

ALVIANO

Agora vos tendes declarado.

BRANDÔNIO

Também há nesta terra quantidade grande de gado vacum; todo de muitas carnes e gordura, excelente para se comerem, que dão infinidade de leite, do qual não se sabem ou querem aproveitar, e a maior utilidade que do tal gado tiram, são os novilhos, de que se fazem bois mansos para

serviço dos engenhos e das lavouras, com ser das melhores fazendas que há na terra. E conhecia eu um homem que tinha mais de mil cabeças de gado vacum, dividido por currais, dos quais tirava grande proveito; e outros têm menos, posto que todos pretendem ter currais de vacas, por ser fazenda de muita importância.

ALVIANO

E por quanto se vendem cada uma vaca e novilho?

BRANDÔNIO

A vaca, sendo boa, é estimada nestas capitâneas da parte do Norte, em quatro e cinco mil réis, e o novilho, que serve já para se poder meter em carro, a seis e sete mil réis; e um boi já feito vai de doze até treze mil réis. E este é o preço mais ordinário. Também se produzem na terra muitas ovelhas, carneiros e cabras, e tanto que das ovelhas parem muitas de um ventre dos carneiros, e das cabras a dois e a três cabritos(\*).

ALVIANO

Isso é cousa estranha; e, pois tanto multiplica o gado de semelhante espécie não deve de carecer a terra de queijos, nem de lã.

BRANDÔNIO

Antes não há nela nenhuma cousa dessas, porque seus moradores não se querem lançar a isso; que podendo ter grande quantidade de lã de ovelhas, ainda que não fora mais que para enchimento de colchões, se contentam antes de comprar a que trazem do Reino a três e a quatro mil réis: e da mesma maneira os queijos. E passa esta negligência tanto avante, que, com se dar semelhante gado grandemente na terra, não se querem dispor à cria dele, contentando-se cada um de criar somente o que lhe abasta para provimento de sua casa, que não pode ser maior vergonha.

---

\* Segue por outra letra : “e quatro.”

ALVIANO

Isso é uma cousa que convém não tratar dela por honra do Brasil.

BRANDÔNIO

Deste gado ovelhum e cabrum se forma também outra espécie, da qual eu já tive e muito; a qual é uns mestiços, filhos de ovelhas e de cabrão, que, representando a feição de ambos os pais, tomam de um uma cousa, e do outro a outra, com que se forma quase outro animal diferente na composição e são excelentes para se comerem.

ALVIANO

Nunca ouvi tratar dessa nova casta de animal, nascido de semelhante mistura.

BRANDÔNIO

Pois aqui no Brasil os há e tive já muitos deles, como tenho dito, pelo que não vos fique disso nenhum escrúpulo. Também há muitos porcos, excelentes, dos da casta do nosso Portugal, cuja carne por se ter por muito sadia, se manda dar a doentes.

ALVIANO

Pois eu me achei, um dia destes passados, em casa de um enfermo, o qual, perguntando ao médico se poderia comer carne de porco, lhe defendeu com grandes encarecimentos.

BRANDÔNIO

No princípio da doença, sempre se teria por acertado deixar-se de usar dela, mas, no seu decurso, não se acha que houvesse feito dano a algum enfermo; posto que estes modernos médicos querem perverter isto, que sempre foi aprovado pelos antigos, pode ser que o façam somente por serem reputados por cientes, sem outro fundamento.

ALVIANO

Assim o fazem muitos com notável prejuízo dos enfermos; mas folgarei que me digais se todo esse gado, de que tendes tratado, era natural

da terra, e o acharam já nela os nossos portugueses quando a vieram povoar, ou se foi mandado trazer da Espanha.

BRANDÔNIO

Nenhum gado dos que tenho referido havia nesta província, antes se trouxe todo para ela de Portugal, exceto alguns cavalos e éguas, que vieram do Cabo Verde, por se haverem lá produzido primeiro que nestas partes; e se quereis ouvir das naturezas e qualidades das alimárias, que havia na terra natural de cá, dai-me atenção, e pode ser que vos faça arcar as sombrancelhas de espantado (5).

ALVIANO

Dizei tudo, porque me tendes disposto para vos ouvir.

BRANDÔNIO

Acham-se por estas partes muitos animais, a que chamam anta, do tamanho de um boi, os quais se criam pelos campos, e se caçam à espingarda e em fojos, e tem boa carne pera se comer.

ALVIANO

E a pele é como a que nós usamos?

BRANDÔNIO

Da mesma maneira, mas não se servem delas, por não se disporem a curti-las e concertá-las, e, sem nenhum benefício, as deixam perder; também há inumerável quantidade de veados, corças e porcos.

ALVIANO

E esses animais tomam-se de modo que se costuma de caçar em Portugal?

BRANDÔNIO

Não; porque somente se matam à espingarda e à flecha com os irem esperar aos postos onde costumam de continuar, e também com armadilhas e fojos; e desta maneira se tomam grande quantidade deles, por ser carne mui-

to boa para se comer, semelhante à de Portugal. Os porcos são de diferentes castas, como é uma a que chamam *teaçu*, e outra *taitetê*, que são os nomes por que são conhecidos os tais porcos, por serem uns maiores, e outros menores; e todos os de semelhante casta têm os umbigos nas costas, diferente dos que vieram da Espanha, porque parece que assim os quis criar a natureza.

ALVIANO

Cousa estranha essa, e será duro de crer a quem dela não souber muito.

BRANDÔNIO

Pois nisto não há dúvida, por ser cousa assaz sabida e posto que estes animais se matam à espingarda e flecha, e por armadilhas e fojos como tenho dito, todavia há uma casta deles, que se caça por um modo estranho; o qual é que vai o caçador à parte onde já tem feito certo o bando deles, e ali, antes de se amostrar, escolhe uma árvore que lhe fique mais acomodada para poder subir nela, quando lhe for necessário, e como a tem preparada, mostra-se só bando dos porcos com dar, alguns brados, os quais, tanto que o sentem, arremetem a ele, como leões, para o espedaçarem. O prevenido caçador se acolhe à árvore, onde espera que o bando dos porcos chegue a ele, que incontínenti o fazem, roendo-lhe as raízes e tronco, por não poderem chegar ao que se acolheu em cima; mas o pronto caçador, como os vê envoltos naquela braveza, não faz mais que, com agudo dardo, que leva nas mãos, picar um dos porcos, de modo que lhe tire sangue, donde os outros em lhe vendo correr, arrematam a morder ao que está sangrado, e ele, por se defender, morde também aos que o perseguem; e assim se vão dessangrando uns aos outros, enganados com o cevo do sangue, que cada um de si derrama, até que travam todos uma cruel batalha, na qual se vão espedaçando com os dentes até caírem mortos, estando a tudo o caçador seguríssimo assentado sobre a árvore, donde com muito gosto espera o fim da contenda para colher o despojo, o que faz de muitos porcos, que no mesmo lugar ficam mortos, os quais faz levar pera sua casa, donde ordena deles o que lhe parece, por ser carne de maravilhoso comer.

ALVIANO

Aprazível e deleitosa caça deve ser essa, por se fazer presa de tão pouco custo; tomara eu ocupar-me sempre em semelhante exercício.

BRANDÔNIO

Pois aqui não se exercitam nele senão os índios naturais da própria terra. Também se acha quantidade grande de outro animal, a que chamam *pacas*, o qual é muito maior que lebre, listado de pardo e branco, cuja carne, por gorda, é semelhante da de porco, mas mais gostosa para se haver de comer. *Cutia*, que é um animal pequeno, que se faz doméstico, e anda pelas casas, quando o querem trazer nelas; e também outra sorte dos semelhantes, a que chamam *quati* e assim uns como o outro são bons para se comerem. *Tatu* é um bicho, que se vê pintado nos mapas pela sua estranheza e feição, de que é composto; porque anda armado de umas couraças, à maneira das que nós usamos, com não serem pouco fortes, e debaixo de semelhante armadura agasalham o seu pequeno corpo. E destes tais se acham muitos, que se estimam pera a mesa.

ALVIANO

Estes dias atrás me mostraram um desses bichos, que me fez maravilha de ver o modo dele.

BRANDÔNIO

Eu quis levar um para Portugal, mas não pude sair com a minha pretensão, por me morrer no mar.

ALVIANO

Não fora lá pouco estimado.

BRANDÔNIO

*Jarataquaqua*\* é animal do tamanho de um gozo, de cor parda, da mais rara e estranha natureza, de quantos o mundo tem, a qual é que se acaso, andando pastando pelo campo, for acometido de alguma pessoa, que o pretenda tomar vai fugindo dela; mas, quando se vê apertado, larga,

---

\* Na primeira sílaba há escrito por cima a emenda *May*, proveniente provavelmente do nome *Maitacaca*, por que também é designado em alguma outra província.

pera sua defesa, uma ventosidade que é poderosa, com o seu ruim cheiro, de abater e lançar por terra, sem acordo toda cousa viva que o segue, quer seja homem, quer cavalo, quer cão, ou outra qualquer sorte de animal, sem nenhum reparo, e ali fica arvoado, sem dar acordo de si, por três ou quatro horas; e, o que faz maior maravilha, é que os vestidos, sela, estribos, ou a coleira do cachorro, a que alcança o ruim cheiro da ventosidade, nunca mais aproveita para nada, e se deve de entregar ao fogo para que o consuma. E não basta ao homem, a quem isto sucedeu, lavar-se uma, dez, nem vinte vezes dentro da água para efeito de perder aquele ruim cheiro, antes prevalece nele por espaço de oito ou dez dias, até que, com o tempo, se vai gastando. E a mim sucedeu, estando um dia vendo pesar açúcar, a entrar na casa um homem, ao qual havia mais de sete dias que havia tocado a ventosidade do animal, e com vir já lavado muitas vezes, cabelo e barba feita, e outro vestido, tanto foi o mau cheiro, que de si lançou que nos obrigou, aos que ali estávamos, a desamparar a casa e sair fugindo para fora, como ignorarmos o caso, até que ele próprio contou o que lhe havia sucedido.

ALVIANO

Cousa estupenda é essa, e certamente indigna de se poder crer pela sua estranheza e raridade; assim aconselhara eu aos reis e príncipes que buscassem modo de indústria para criarem semelhantes animais domesticamente em forma que não soltassem a ventosidade senão quando lhe fosse mandado; porque com isso venceriam grandes exércitos sem arriscarem espadas.

BRANDÔNIO

Pois não o tendes por graça; porque dessa maneira sucederia, quando fora cousa que se pudera pôr em efeito. Também se acham na terra muitos coelhos, dos nossos de Portugal, não por serem naturais de lá mas parece que deviam de transmuntar a alguns, que de lá vieram, e dos tais produziram os muitos que agora há. Também há outra casta dos naturais, a que chamam *sauja*, mas mais pequenos; e outros, por nome *punari*, de rabo grande semelhante a rato; e da mesma maneira *apariás*, que são excelentes para se comerem; e assim uma casta deles, muito pequenos, a

que chamam *mocó*, os quais se fazem domésticos se trazem pela casa, pera contra os ratos, por serem grandes perseguidores deles. Também na outra sorte, a quem chamam *reruba*, que todos são da espécie de coelhos, uns pequenos, e outros mais grandes.

ALVIANO

Não há tantos em Portugal, e nisso parece que lhe fez o Brasil muita vantagem.

BRANDÔNIO

*Aquostimeri* é animal pequeno, o qual tem rabo tamanho que lhe baste para se cobrir todo com ele; e assim, quando o topam, não se lhe enxerga mais que o rabo, porque o corpo lhe fica escondido debaixo. *Mocó quaquou*, por outro nome, são uns bichos do tamanho de um láparo, com os quais dispensou natureza que tivessem bolso debaixo da barriga, dentro no qual agasalham os filhos, depois que os parem; e quando caminham os levam ali dentro metidos, e estando parados, os soltam para que pastem e comam pelo campo, e, querendo outra vez caminhar, os tornam a receber.

ALVIANO

É esse bolso porventura aberto até as entranhas?

BRANDÔNIO

Não, porque tem uma pele sobre a outra, e, na de fora, se forma semelhante bolsinho.

ALVIANO

Maravilhosas cousas me ides contando, com as quais me tendes suspenso.

BRANDÔNIO

*Tamendoaçu* é um animal de cor parda e branca, do tamanho de um poldro de seis meses; o qual tem o rabo tão comprido e largo, que é bastante a cobri-lo todo dos pés até a cabeça; e a sua carne é muito boa de

comer. Também há na terra diversos modos de *raposas*, grandes caçadoras, principalmente de galinhas, que lhes não escapam, quando lhes podem chegar.

ALVIANO

Quando a essas, melhor fora que as não houvera, porque em toda parte são daninhas.

BRANDÔNIO

*Irara* é um animal do tamanho de um gato, de cor negra, focinho comprido, a boca de feição de coelho, cujo verdadeiro mantimento são formigas e delas se sustenta.

ALVIANO

Não sei de que modo possa ajuntar tantas formigas, que bastem para a sua sustentação, por ser a caça muito miúda.

BRANDÔNIO

Uma para o efeito de uma estranha invenção, a qual é que vai buscar os formigueiros e outros (\*) lugares por onde costumam a andar formigas, e ali, lançado em terra, bota fora da boca a língua, a qual, por ser muito comprida, e ter muita viscosidade, se cobre incontinenti de formigas que, uma atrás das outras, concorrem a buscar o cevo, e, como o bicho sente que se ajuntaram já muitas, recolhe a língua para dentro, com levar nela um arrazoado bocado, a ele comido, torna a largá-la outra vez, e muitas até se fartar do seu mantimento, que por outra maneira não lhe é dificultoso o buscá-lo.

ALVIANO

Também não carece de muita consideração o modo desse animal, a qualidade de sua sustentação, a qual, com parecer dificultoso, lhe fica sendo fácil pela indústria de que se aproveita.

---

\* “E outros” está riscado e emendado “pelos”.

BRANDÔNIO

Também há nesta terra muitos cameleões, que se chamam pela língua natural dela *senebu*, os quais são grandes e formosos, e de cor verde, que é a sua natural; e acontece estarem sobre uma árvore, por espaço de dois ou três dias, sem se mudarem dela, parece que sustentando-se do vento, como escrevem os naturais.

ALVIANO

Pois é de saber se esses cameleões mudam também de cor, como eles afirmam.

BRANDÔNIO

Sim, mudam; porque eu vi já muitos, que, postos sobre panos de diferentes cores, depois de estarem sobre (\*) eles por algum espaço, vão tomando quase a mesma cor, posto que não tão perfeita, nem distinta; e o gentio da terra os come e diz deles ser boa carne. *Teju* é um sardão grande perseguidor de galinhas, e contudo estimado para se haver de comer. *Jia* é animal de feição de rã, e tamanho como um cágado, bom para se haver de comer, e quem quer que o tiver carecerá de boa ceia. Também há nesta terra um estranho animal ao qual os nossos portugueses chamam *preguiça*, e o gentio natural *aum*, em cuja qualidade, por ser assaz notória, não me quero cansar em vô-la relatar.

ALVINO

Antes vos preço que o façais muito em particular porque desse animal não sei, nem tenho ouvido dizer nada até agora.

BRANDÔNIO

Esta *preguiça* é do tamanho de um cachorro, posto que não tão alevantada, de um estranho rosto e feições, tem a dor parda e preta, e as mãos e pés com dedos muitos distintos e acompanhados de grandíssimas

---

\* “Sobre” riscado, e posto em cima “n”.

e agudas unhas: é bicho dotado por natureza de grande freima e preguiça, em tanto que, para haver de subir ou baixar de uma árvore, posto que pequena, gasta pelo menos dois dias de tempo, e pela terra lhe sucede o mesmo para se haver de mover pequeno espaço; porque para levantar e estender um braço, e depois fazer o mesmo do outro para ir avante, faz intervalo de um bom quarto de hora, sem bastar, para que se mova com mais alguma pressa, açoites, feridas, nem ainda fogo; porque, da mesma maneira e pelo mesmo compasso vai mostrando as mãos e pés, como se lhe não fizeram nada e tem tanta força neles, que onde quer que aferra, não há poder lhos desferrar, senão com grande trabalho. Os filhos, enquanto são pequenos, trazem sempre consigo pegados pelo corpo; porque eles têm cuidado de se aferrarem no pai ou mãe, de maneira que nunca os largam até serem grandes.

ALVIANO

De cada vez me ides contando mais estranhezas, e tais que, pela qualidade delas, não capacita o entendimento podê-las haver no mundo.

BRANDÔNIO

Pois, no que vos vou dizendo, não me arredo em nada da verdade, nem haverá quem a ela possa pôr glosa. *Aguará-açu* são uns animais à feição de cão. *Maracaia* são de feição de gato, posto que do mato, muito fermosos, por terem todo o corpo listado. *Tiquaã* é outro gato, também do mato, mui agourento para os índios, em tanto que, se acaso os encontram, tendo começado qualquer jornada, desistem logo dela, por lhes parecer que lhes não pode suceder bem, havendo visto semelhante bicho. *Heirate* é um animal grande, o qual sobe sobre as árvores, onde vê que há mel, do modo que o fazem os gatos, e depois de estarem em cima delas, com os dentes e unhas furam o tronco para haverem de comer o mel, e assim se fartam dele, sem arreceiarem o aguilhão das abelhas.

ALVIANO

Deve de ter esse animal a natureza de urso, em ser inclinado ao mel.

BRANDÔNIO

Eu não sei que natureza é a sua, mas sei que o seu verdadeiro mantimento não é outro; *juparra* é outro animal grande caçador, e a ele caçam também os índios com cachorros, para o haverem de comer; *quandu* é uma casta de ouriço da feição dos de Portugal, de que também os índios se aproveitam para seu mantimento; *guasuni* é cachorro-do-mato, medianamente grande; *jagararuapém* é um animal, não muito grande, grandíssimo caçador e mateiro pera semelhante arte.

ALVIANO

Já que tão bem sabe caçar esse animal, não deve padecer de fome.

BRANDÔNIO

Nunca se ocupam senão da caça. Já tereis visto os formosos e lindos *sagüins*, que se criam nesta província, donde os levam pera Portugal, com serem lá estimados pelo seu bom cabelo, pequeno corpo, feições de rosto, e viveza dos espíritos.

ALVIANO

Dessa qualidade tenho visto muitos, e ainda tenho um em casa, de que fizeram presente os dias passados; e são bichos de muita consideração.

BRANDÔNIO

Confesso-vos que arreceio de vos dizer dos bugios, porque há tanto que contar deles, que pode ser que me tenhais por fabuloso; mas, como estou em parte aonde posso logo abonar minha verdade, direi o que souber da matéria. Nesta terra se produzem grande quantidade de bugios, de diferentes castas, uns muito grandes e outros mais pequenos; os grandes são chamados *guaribas*, dos quais direi por derradeiro. Destes, que não são tamanhos, se conhecem diferentes habilidades e costumes, dos quais o primeiro seja que têm de costume ir furtar o milho pelas milharadas, quando ele está de vez, e para o efeito se previnem deste modo: antes de descerem das árvores, elegem dentre si três ou quatro espias, que dividem

pelas partes por onde melhor se descubra o campo de cima de grandes árvores, os quais estão sempre vigiando com o olho aberto; e os demais bugios, havendo-se com esta prevenção por seguros, descem abaixo a fazer seu furto, levando cada um deles, por uma estranha invenção, a três e quatro espigas, e se não forem sentidos, se recolhem com elas: mas, se acaso vem gente, estando ainda ocupados no furto, lhes fazem sinal as espias, com darem certos brados, que como são ouvidos dos demais, se recolhem com presteza no estado em que se acham; e se acaso as espias se descuidaram, e sobreveio gente, sem lhes haverem dado sinal, estando eles ocupados no furto fazem o melhor que podem; e o primeiro que fazem é arremeterem às sentinelas, e aos bocados as espedaçam, com lhes darem por esta via o castigo do seu descuido.

ALVIANO

Não pode fazer mais, nem governar-se com melhor providência uma pessoa racional; e folgara de saber que modo há para se tomarem esses bugios, porque vejo levar muitos deles mansos a Portugal.

BRANDÔNIO

Tomam-nos com laços e armadilhas, dos quais um escravo meu lhes fazia uma assaz galante; a qual era que tomava uma botija de boca estreita e a meava de milho, e assim a punha lançada no chão com alguns grãos por fora ao redor da boca dela; e, tendo assim a botija preparada na parte onde os bugios costumavam a vir fazer seus furtos, tanto que algum chegava a ela, vendo os grãos de milho, depois de os comer, olhava pelo buraco a ver, se achava mais, e tanto que os divisava dentro, metia a mão pela boca da botija, e quando a queria tornar a tirar para fora já cheia de milho, o não podia fazer, porque, como a metera vazia, pôde bem caber pelo buraco, mas, trazendo-a cheia, não lhe era possível podê-la tornar a tirar pera fora, por este modo ficava preso; e como ignorava que lhe era necessário tornar a soltar o milho, para poder levar a mão, o que fazia era somente dar muitos gritos até que ao rebate deles acudia o caçador a lhe lançar um laço, com o qual depois de quebrar a botija, o trazia pera casa.

ALVIANO

Modo de caçar é esse, em que eu sempre me exercitara, pelo gosto que havia de ter de ver preso aquele animal por semelhante via.

BRANDÔNIO

Outra cousa estupenda vi contar dos mesmos bugios, posto que a não possa testificar de vista, mas afirmaram-me pessoas dignas de fé; a qual é que, quando o rebanho destes animais vai fazendo o seu caminho pelo inverno se acaso encontra algum rio crescido, que lhe impeça a passagem, porque a nado o não podem fazer, pelo intervalo dos filhos pequenos que consigo levam, usam de uma maravilhosa indústria para não deixarem de continuar o seu caminho, a qual é que buscam duas árvores crescidas, que fiquem fronteiras uma da banda do rio e a outra além, e subidos à árvore, da parte donde se acham logo em uma rama dela, que pende sobre o rio se aferra um dos tais bugios com as mãos, deixando o corpo dependurado pera baixo, e àquele se lhe ajunta outro, com lhe fazer da mesma maneira presa com as mãos na petrina, e logo outro, e muitos, até que se forma por este modo uma corda de bugios, e como está bastantemente comprida se embalança tanto com ela, de uma parte para outra, até que o último bugio, dos de baixo, possa aferrar com as mãos a rama da árvore que lhe fica vizinha da outra parte, na qual, fazendo força, vai atesando a corda pouco a pouco, e depois que o está, por riba dela passam os demais bugios com seus filhos às costas; e como tais estão já da outra parte, o primeiro, que se aferrou do tronco na árvore oposta, solta também as mãos dela, e fica da outra parte com os companheiros; porquanto o que está de além não se solta, tendo a corda em perfeição até que o outro passou por esta via, e se ajunta com os demais.

ALVIANO

Cousa é essa que, pela sua raridade, não sinto tanta confiança em mim, que me atreva a contá-la no Reino; porque arrecearei que me dêem apupadas.

BRANDÔNIO

Pois aqui achareis muitas pessoas que assim vo-lo afirmem. A outra sorte de bugios se chama *guaribas*, os quais são muito maiores e

têm barba, e no modo que vivem e providência com que se governam, caso que se querem parecer com a gente humana. Estes fazem sempre sua habitação por cima de grandes matos e crescidos arvoredos juntos em cabildas, donde estão em contínua grita, que se ouve de muito longe, e toda pessoa que ignorar a causa terá pera si serem vozes humanas, ou som de instrumentos, porque daquela maneira respondem. Estes guaribas costumam a fazer-se a barba uns aos outros, quando as têm crescidas, ajudando-se para isso de certas pedras agudas, unhas e dentes; e quando se lhes tiram com algumas flechas e delas são ligeiramente feridos, tornam com muita brevidade a tirá-la logo do corpo; e, com acendida cólera a arremessam contra o que lha atirou, intentando fazer o mesmo que lhes fizeram, e a ferida curam depois com facilidade, aplicando-lhe certas ervas só deles conhecidas. E quando sucede serem feridos de ferida penetrante e mortal, conhecendo seu mal antes de se entregarem a morrer, se dependuram na árvore em que estão, liando na rama dela o rabo, de sorte que morrem ali dependurados, sem caírem para baixo, tanto aborrecem o serem presos de seus matadores.

ALVIANO

E quando esses guaribas encontram acaso com algum homem por esses matos, folgara de saber se o deixam passar livremente, sem lhe fazerem mal.

BRANDÔNIO

Às vezes o deixam passar, porque não reparam nele, e outras o perseguem com carrancas e biocos e outros medos que lhe fazem; entanto que eu vi já um mamaluco, filho da terra, vir assaz afrontado, de perseguido deles, e me afirmou que tanto o apertaram que se via em termos de se perder. Também se acham nesta terra umas onças ou tigres muito listados, do tamanho de um bezerro, grandes perseguidores do gado doméstico, do qual costumam matar muito.

ALVIANO

E de que modo o matam?

BRANDÔNIO

Com nenhum outro senão com se arremessarem a ele, e lhe darem com a mão uma bofetada sobre a cabeça com tanta força que é bastante – oh cousa maravilhosa! – a lhe quebrar os cascos por muitas partes, com lhe espargir os miolos, morrendo logo a vaca ou novilho a que isto aconteceu, sem por a parte de fora lhe fazer ferida, nem mostrar sinal por onde recebera tanto dano.

ALVIANO

Folgara de saber se assim como acomete e mata o gado, o faz também à gente.

BRANDÔNIO

A homem branco não ouvi dizer nunca que matassem, mas aos índios e negros da Guiné sim, quando se acham muito famintos. Também há outra sorte desta mesma espécie, de menor corpo, a que chamam *suçuarana*, que costuma matar alguns bezerros e gado miúdo. Não são tão daninhos como os outros. Não quero calar as diferentes castas de cobras peçonhentas, que se acham por toda esta província, como são *jararacas*, *surucucus*, *cobra-de-coral*, e outra a que chamam *cascavel*, porque tem uns nós no rabo semelhantes a eles, e quando os meneia com força formam um som que se parece com eles. Estas todas são peçonhentíssimas, e matam as pessoas a que mordem em breve termo, e por isso são mui temidas. Outra sorte há também de cobra, muito maior, a que chamam *boaçu*, e nós cobra de veado, porque comem, engulindo um inteiro, quando o tomam. Caçam dependuradas sobre árvores. E de salto fazem a sua presa; e já sucedeu arremessarem-se a homens que mataram, com lhes meterem o rabo pelo sesso, por ser parte aonde logo acodem com ele. E destas semelhantes cobras vi eu uma tão grande que tenho temor de dizer a sua grandeza, temendo de não ser crido, e se afirma também delas uma cousa assaz estranha, a qual é que, depois de mortas e comidas dos bichos, tornam a renascer como a Fênix, formando novamente sobre o espinhaço carne e espírito.

ALVIANO

Isso tenho eu por cousa indigna de se poder pôr em prática, porque não mostra nenhuma aparência de poder ser verdade, por encontrar às leis da natureza.

BRANDÔNIO

Já vos disse que eu não o vi, mas ainda me atrevo a mostrar pessoas, que vos afirmem haver experimentado o caso, assim como vô-lo tenho relatado. E com isto vos confesso que não me acho para tais, nem me atrevo passar avante, posto que me ficam ainda muitos animais terrestres de que poderá fazer menção.

ALVIANO

Tendes dito de tantos, e mostrado tantas maravilhas de suas naturezas e qualidades, que não sei que vos possa ficar mais por dizer, senão dos costumes deste gentio da terra, e é a última cousa de que prometeste tratar.

BRANDÔNIO

Para isso é necessário que cobre novo alento e novo ânimo, por ser matéria tanto comprida como dificultosa; e para dar remate a esta nossa prática, o que sumamente desejo, amanhã vos virei buscar a este mesmo posto, às horas costumadas.

.....

## *Notas do Diálogo quinto*

### NOTA (1)

O Diálogo quinto ocupa-se das grandezas do Brasil subordinadas aos três elementos: ar, água e terra, “sem tratar do mais alevantado deles, que é o fogo, porque de todo o tenho por estéril, que a salamandra, que se diz criar-se nele, entendo por fabulosa” – disserta Brandônio.

Começando pelo ar, trata das aves, e depois de enumerar as domésticas – galinha, galíabos (como, segundo parece, ainda chamavam aos perus), pombos, patos e adens – passa a referir-se às silvestres, em boa ordem sistemática. Vêm primeiro os cracídeos: do *jacu*, uma das espécies do gênero Penélope, diz que é de muita estima, e não lhe fazem vantagem as mesmas galinhas; da *acuaã*, que deve estar por *aracuã*, espécie do gênero Ortális, afirma que não é de menos estima; dos *mutus* ou *mutuns*, do gênero Crax, de que há diversas espécies, assegura que são do tamanho dos galíabos, e não menos presados do que eles, no que exagera evidentemente. Dos Ciconídeos menciona o *jaburu* ou *jabiru*, do gênero Mictéria, *M. Mycteria*, Licht., que é bastante pela sua grandeza para abundar meia dúzia de companheiros posto que famintos, com ser carne assaz saborosa. Dos Odontoforídeos aparecem as *urais* ou *urus*, ao lado das *inhapupé*, *inhambuaçu* e *nambu*, que são Tenamídeos, semelhantes às perdizes e codornizes de Espanha; e fala a seguir das rolas sem conta, que são Teristerídeos, todas boas de comer, e que com pouco trabalho se tomam. Trata a seguir dos *anuns*, da família dos Cuculídeos; das *iendaiais* ou *jandaiais*, Psitacídeo, *Conurus aureus*, Gm., do sabiá Turdídeo, de que se contam quatorze espécies brasileiras; *cujujuba*, talvez *tuijuba*, que pela descrição deve ser o Psitacídeo *Psittacula passerina*, L., hoje mais conhecido pelos nomes de *tapa-cu* e *cu-tapado*, *macugagá* ou *macucaguá*, Falconídeo, *Herpetotheres cachinnans*, L.; *apeçu*, ave que tem quatro esporões a modo de galo, de difícil identificação; *gurainheté*, tal-

vez por *gurianhatã* ou *guritã*, da família dos Tanagrídeos; *garateuma*, em Marcgrav *guiratangueima*, Icterídeos, *Cacicus cela*, L.; *anacã*, Pisitacídeo, *Deropterus accipitronus*, L.; *guraengaetã* ou *guriatã*, Tanagrídeo, *Euphonia aurea*, Pall.; *pica-pau*, diversas aves da família dos Picídeos; *tamatian-guaçu*, talvez o *tamatiã*, da família dos Ardeídeos, *Cacroma cochlearia*, L.; *curiquaqua*, por outro nome *araçari*, nome comum dos Ranfastídeos do gênero *Pteroglossus*; *miguá* ou *biguá*, da família dos Carbonídeos, *Carbo vigua*, Vieill.; *girubas*, desconhecido; *parariguá* ou *piririguá*, da família dos Cuculídeos, *guira guira*, Gm.; *japu*, Icterídeo, *Ostinops decumanus*, Pall.; *guirejuúba* ou *guarajuba*, Pisitáceo, *Conurus guarouba*, Gm.; *tiquarem*, difícil de identificar; *guaxe*, Icterídeo, *Cacicus haemorrhous*, L.; *cuatanaipe*, difícil de identificar; *tucanoçu* ou *tucanuçu*, Ranfastídeo, *Rhamphastus toco*, Müll.; *taraba*, que deve ser *taperá*, da família dos Hirundinídeos, *Hirundo tapera*, L.; também chamado *andorinha* em algumas partes do Brasil; *peitica*, da família dos Tranídeos, *Empidonomus varius*, Vieill.; que ainda goza da mesma ruim fama nos estados do Norte; *ema*, da família dos Reídeos, *Rhea americana*, L.; *seriema* da família dos Microdactilídeos, *Microdactylos cristatus*, L.; papagaios reais, *coriqua* ou *curica*, *araras*, *toins* ou *tuins*, e *quaiquaiiais*, que são diversas espécies grandes e pequenas da família dos Psitacídeos; *garataurana*, hoje *urutaurana*, Falconídeo, *Spizaëtus ornatus*, Daud.; *piron*, *gambia-piruera* e *eixua*, também Falconídeos, de difícil especificação; *gatuató*, *toatô* em Gabriel Soares, outro Falconídeo; *guará-guará* ou *caracará*, ainda Falconídeo, *Milvago chimachima*, Vieill.; *quaquaque*, inidentificável; *jaqueretu* ou *jacurutu*, da família dos Bubonídeos, *Bubo magellanicus*, Gm.; *tuindã* ou *suindara*, da família dos Strigídeos, *Strix flammea perciata*, Licht.; *buruú* e *cacum*, irreconhecíveis e por fim, os representantes da ordem dos Natatores, *airires* ou *irerês* – *Dendrocygma virtuata*, L.; *patoris*, *Nomionix domicicus*, L.; *maçaricos*, *sericos* ou *sericola*, *colhereiras*, *caraã*, *gaquara* e *gararina* – Anatídeos, Ardeídeos e Caradriídeos.

## NOTA (2)

É essa a primeira referência que aparece na literatura às migrações de borboletas, fenômeno que já era conhecido dos Tupis da costa, em sua língua nomeado *paná-paná*, duplicação do tema verbal tupi, que

se pode traduzir por *bate-bate*, e representa admiravelmente a imagem de imenso bando de borboletas a voar na mesma direção, batendo as asas apressadas.

Essas migrações são mais comuns na região amazônica onde os naturalistas Bates, Spruce e Goeldi as observaram em suas excursões científicas pelo rio-mar. As descrições dos dois primeiros contrariavam a de Brandônio, quanto ao rumo que levavam as caravanas migratórias: norte, segundo este, e sul para aqueles; mas Goeldi conseguiu explicar a divergência de modo plausível.

– Conf. Henry W. Bates, *The Naturalist on the River Amazons*, I, pp., 249, Londres, 1862; Richard Spruce, *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*, II, pp. 366-368, Londres, 1908; Dr. Emilio A. Goeldi, “Grandiosas migrações de borboletas no vale amazônico”, in *Boletim do Museu Goeldi*, IV, pp. 309-316. – O artigo de Goeldi saiu primeiro em revistas científicas européias, sendo traduzido para o português por Capistrano de Abreu, sob o título – “O paná-paná amazônico”, e publicado no *Jornal do Comércio*, do Rio, de 19 de abril de 1902.

#### NOTA (3)

Passando a tratar do terceiro elemento, isto é, das águas, Brandônio enumera os seguintes habitantes delas: *vejupirá* ou *bijupirá*, peixe da família dos Raquicentrídeos, *Rachycentron canadus*, L.; *carapitanga*, da família dos Gerrídeos; *cavala* da família dos Scombrídeos, *Scomberomorus cavalla*, Cuv.; *serra*, da mesma família; *camurupim*, da família dos Clupeídeos, *Megalops thrissoides*, Bl. et Shcan; o *pirapema* do litoral paraense; *dourado*, da família dos Coricaenídeos; *Coryphaena hippurus*, Cuv.; *mero*, da família dos Serranídeos, *Promicrops guttatus*, L.; *moréia*, que é o próprio *caramuru*, da família dos Muraenídeos, gênero *Gymnotharax*, de que há várias espécies: *G. funebris*, *G. moringa*, *G. ocellatus*, *G. vicinus*, e outras; *pescada*, da família dos Sciaenídeos, *Cynoscyon aeoupa*, Lacép.; *tainha*, da família dos Mugilídeos, *Mugil* sp.; *cação*, da ordem dos Seláquios, menor que o tubarão; *albacora*, da família dos Seombrídeos, *Thunnus alalunga*, Gm.; *bonito*, da mesma família; *lavrador*, desconhecido; *peixe-espada*, da família dos Xifídeos, *Xiphias gladius*, L.; *peixe-agulha*, da família dos Belonídeos, *Tylosurus timucu*, Walb.; *xaréu*, da família dos Carangídeos, *Caranx hip-*

pos, L.: *salmonete*, da família dos Pleuronectídeos; *sardinha*, da família dos Clupeídes, gênero *Sardinella*, de que há várias espécies; *peixe-boi*, veja nota (12) do Diálogo primeiro; *ubarana*, da família Elopídeos, *Elops saurus*, L.; *gaibicuaraçu*, quiçá o *gaivicoara*, que Gabriel Soares menciona na mesma ordem que segue o texto, mas difícil de identificar; *camorim* ou *camarim*, da família dos Peréídeos, *Oxylabrax undecimalis*, Bl., o conhecido robalo do Rio de Janeiro; *corimã* ou *curimã*, da família Mugilídeos, *Mugil curema*, Cuv.; *carapeva* ou *carapeba*, da família dos Cucinostomídeos, *Diapterus rhombeus*, Cuv. et Val.; *curumatã*, *curimatá*, da família dos Caracídeos, gênero *Prochilodus*; *piranha*, da família dos Caracídeos, *Serrasalmo piranha*, Spix; *peixe-galo*, da família dos Carangídeos, *Selene vomer*, Cuv.; *salé*, desconhecido; *soaçu*, ou, de acordo com a definição do texto, *eçá-açu*, olho grande ou *olho-de-boi*, como hoje lhe chamam – peixe de mar da família dos Carangídeos, *Seriola lalandei*, Cuv. et Val.; *saúna*, desconhecido; *roncador*, da família dos Loricarídeos, *Rinelepis aspera*, Spix; *corcovado*, desconhecido; *baiacu*, da família dos Tetrodontídeos, de que há várias espécies: *tamoaté*, que deve ser *tamoatá*, ou *camboatá*, da família Calictídeos, *Callichthys calitchthys*, L.; *arare*, desconhecido; *jacundã* ou *jacundá*, da família dos Ciclídeos, de que há diversas espécies no gênero *Crenicicla*: *piaba*, pequeno peixe de rio da família dos Caracídeos; *sara*, desconhecido; *tararira* ou *traíra*, da família dos Caracídeos; *tartaruga*, nome comum dos quelônios marítimos; e *muçu* ou *muçum*, da família dos Simbranquídeos, *Symbranchus marmoratus*, Bl. Vêm a seguir, porque vivem na água e em terra, a *capivara*, o maior dos roedores, da família dos Cavídeos, *Hydrocoerus capybara*, Erxl., e o *jacaré*, réptil Emidossáurio da família dos Crocodilídeos, representada no Brasil pelos gêneros *Caiman* e *Jacaretin-ga*. Brandônio ia passar aos mariscos, “de que há muitos e diversos nesta província”, quando seu interlocutor lhe chamou a atenção para as baleias, “que de força deve haver muitas, pelo âmbar que lançam em terra”. Aí admite ele a opinião, já reconhecida errônea em seu tempo, da origem vegetal do âmbar – veja Diálogo primeiro nota (27); das baleias diz que “na Bahia matam muitas às farpoadas alguns biscainhos, de que fazem o mesmo azeite, por ser cousa que tomaram por ofício – Diálogo terceiro, nota (15). Voltando a tratar dos mariscos, que compreendem não só os moluscos comestíveis, como os crustáceos, enumera o polvo, molusco da

ordem Cefalópodes, *Loligo brasiliensis*, Bl.; o *lagostim*, crustáceo decápodo macruro da família dos Scilarídeos; e *lagartos*, que devem ser os chamados do mar, peixe da família dos Sinodontídeos, cuja cabeça tem golpeante semelhança com a de certos lacertílios. Seguem-se os *perseves*, crustáceos cirrípedes da família Lepadídeos, que se criam apinhoados sobre pedras, como as *lapas* e *caramujos*, também citados; as *ostras*, moluscos lamelibrânquios, da família dos Ostreídeos, de que no Brasil se conhecem três espécies, *ostra do mangue*, *ostra das pedras* e *ostra do fundo* conforme o lugar em que vivem; *amêijoa*, molusco lamelibrânquio marinho da família dos Lucinídeos, *Phacoides pectinatus*, Gm.; *sapimiaga*, talvez *sapinhaguá*, molusco comestível; e *sernambim*, molusco lamelibrânquio marinho da família dos Mesodesmatídeos, *Mesodesma mactroides*, Desch. Vêm por fim os decápodos branquiúros: *uçá*, da família dos gecarcinídeos, *Ucides (Oedipleura) cordatus*, L.; *siri* da família dos Portunídeos, *Callinectes danai*, Snr.; *goajá*, “*aliás guajá* – cancer marinus generis Guiae et Carcini”, Martius, *Glossaria*, p. 449; *guoazaranha*, talvez *aranha do mar*, da família dos Inaquídeos; *aratu*, família dos Grapsídeos, *Aratus pisoni*. M. Edw.; *garauçá*, em Gabriel Soares *goaiaucá*, caranguejo branco das praias, *maria-farinha*, *espia-maré*, da família dos Ocipodídeos, *Ocypoda arenaria*; e *ganhamu guaiamu*, da família dos Gecarcinídeos, *Cardisoma guanhumí*, Latr. O vocábulo *atá* ou *autá* é da língua tupi, e significa – andar, caminhar. Já no tempo de Brandônio se aplicava aos caranguejos, que, por lascivos, em certa estação do ano, saem das tocas e andam errantes estonteadamente, o que muito facilita sua apreensão. A conhecida canção popular – caranguejo anda *autá*, – consagrou a expressão há muito tempo.

## NOTA (4)

Os primeiros cavalos e éguas vieram de Cabo Verde para a Bahia e daí foram para Pernambuco como mercadoria, onde valiam de duzentos a trezentos cruzados, informa Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, p. 152, Rio, 1851, acorde com Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, p. 105, Rio, 1925. Orçavam pelos mesmos preços no tempo de Brandônio, mas quando o cavalo era sumamente bom podia vender-se até por quinhentos cruzados.

Os jumentos se davam da mesma maneira que as éguas; os cavalos repugnavam tomar as burras, mas as éguas esperavam bem os jumentos.

As primeiras vacas que foram à Bahia levaram-nas de Cabo Verde e depois de Pernambuco, diz ainda Gabriel Soares, e aí se davam maravilhosamente. Brandônio conhecia um homem, que deve ser Duarte Gomes da Silveira, na Paraíba, que tinha mais de mil cabeças de gado vacum, dividido por currais, dos quais tirava grande proveito.

Ovelhas e cabras também vieram de Cabo Verde e de Portugal; deram-se muito bem e reproduziram com abundância.

NOTA (5)

Nesta parte Brandônio passa a ocupar-se do quarto elemento e descreve a fauna terrestre, a começar pela *anta*, ungulado perissodáctilo da família dos Tapirídeos, *Tapirus americanus*, Briss, que é o seu maior representante no Brasil, o *tapira-etê* dos tupis, para diferenciar de *tapira*, nome dado à vaca, que só conheceram depois do contato europeu. Seguem-se corretamente outros ungulados artiodáctilos da família dos Suídeos, os chamados porcos-do-mato ou queixadas; *teaçu*, melhor *taiaçü*, o *Dicotyles torquatus*, também conhecidos por *caititu* ou cateto; *taitetê* ou *taiaçü-etê*, o *Dicotyles labiatus*, ambos de Cuvier.

Vêm depois a *paca* e a *cutia*, roedores da família dos Cavídeos, que a ciência conhece respectivamente pelos nomes de *Coelogenys paca* e *Dasyprocta aguti*, de Linneu; o *quati* ou *cuati*, carnívoro da família dos Procionídeos, da qual habita o Sul do Brasil o *Nasua narica*, L., e no Norte o *Nasua nasua*, Wied.; e o *tatu*, nome genérico dos desdentados da família dos Dasipolídeos, dos quais o Brasil hospeda cerca de vinte e quatro espécies.

Sobre a *jarataquaqua*, *jaritacaca* ou *maitacaca*, carnívoro da família dos mustelídeos, *Conepatus suffocans*, Azara, sua descrição é mais demorada, como merece esse curioso animal, pela peculiaridade que tem de defender-se por meio de ejaculações mefíticas, quando agredido ou perseguido. A réplica graciosa de Alviano, de que se devia aconselhar aos reis e príncipes que buscassem domesticar a *jaritacaca* de forma que não soltasse a ventosidade senão quando fosse mandado, porque assim venceriam grandes exércitos sem arriscarem espadas, importa em previsão profética dos gases asfixiantes, que tiveram funesta aplicação três séculos depois, na grande guerra passada e constituem terrível ameaça na grandíssima guerra presente.

Seguem-se mais roedores: *sauja* ou *sauidá*, da família dos Equimídeos, *Mesodys ecaudatus*, Wagner; *punari* ou *punaré* (*ponare* em Abbeville), rato silvestre, de grande cauda peluda e amarelada, que a ciência desconhece, quiçá uma espécie do gênero *Ctenomys*, família dos Octodontídeos; *apariá*, *apareá* ou *predá*, da família dos Cavídeos, *Cavia Spixil*. Wagl., e *mocó*, da mesma família, *Keredon rupestris*, Wied., um pouco maior que o antecedente. Vêm mais o *reruba*, espécie de coelho difícil de ser identificado; o *aquostimeri*, que será o *cotimeri* ou *cutia-mirim*, do Gabriel Soares; *guaqui*, marsúpio da família dos Didelfídeos, *Didelphis opussum*, Seha, mal identificado no texto com o *mocó*, já referido. A seguir aparecem o *tamandu-açu* ou *tamendoá-açu*, uma das três espécies de desdentados da família dos Myrmecofagídeos, e as raposas; a *irara*, *eirara* ou *papamel*, carnívoro da família dos Mustelídeos, *Tayra barbara*, L., que Brandônio confunde com o tamanduá, quando diz que as formigas são seu verdadeiro alimento, e descreve o modo por que as apanha. A *irara* como significa seu nome tupi e o equivalente português faz dos ninhos dos Meliponídeos, o mel de pau, seu manjar predileto.

Vêm ainda: os lacertílios *senebu* ou *senembi*, da família dos Iguanídeos, *Iguana tuberculata*. Laur., e o *teju* ou *teiú*, da família dos Teídeos, *Tupinambis teguixin*, L.; a *jia* ou *rã*, batráquios da família dos Hilídeos, dos quais são bons para comer os do gênero *Rana*; e a *preguiça* ou *aum*, melhor *ai*, como lhe chamavam os índios, nome comum aos desdentados da família dos Bradipodídeos. Seguem-se: o *aguará-açu* o *iaguaruçu* de Fernão Cardim, ou simplesmente *guará*, como hoje se diz, carnívoro da família dos Canídeos, *Canis jabatus*, Desm.: o *maracaia* ou *maracajá*, representante da família dos Felídeos, *Felis macrura*, Wied.; *tiquaã*, difícil de identificar; a *heirate*, que é, pelo modo por que vem descrita, a própria *irara* ou *eirara*, de que se disse; o *juparra* ou *jupará*, carnívoro da família dos Procionídeos, *Cercoleptes caundivolvulus*, Pallas; o *quoandu* ou *coandu* roedor da família dos Coendídeos, cuja espécie maior é o *Coendu villosus*, Licht.; o *guasuni* ou *guaxinim*, *jaguaracambé* ou *mão-pelada*, carnívoro da família dos Procionídeos, *Procyon cancrivorus*, Cuv.; o *jagararuapém*, de difícil identificação. Vêm logo os *sagüins* e os *guaribas* ou *barbados*, diversas espécies de símios, que mereceram demorada e curiosa descrição de seus costumes e de suas habilidades, com alguns traços exagerados. Das onças e tigres ocupa-se em seguida, em especial da *suçurana*, *suçuarana* ou *sua-*

*çurana*, *Felis concolor*, L. E para completar o quadro zoológico e o Diálogo quinto, vêm as cobras: a *jararaca*, da família dos Viperídeos, *Lachesis lanceolatus*, Lacép.; a *saracucu* ou *surucucu*, da mesma família, *Lachesis mutus*, L.; a *casavel*, a *boicininga* dos tupis, da mesma família, *Crotalus terrificus*, Laur.; a *cobra-de-coral*, da família dos Colubrídeos, *Elaps corallinus*, Wied; e a *boaçu* ou *cobra-de-veado*, da família dos Boídeos, *Constrictor constrictor*, L. A descrição que faz dessa serpente coincide com a que Gabriel Soares faz da jibóia, até no modo de apanhar as presas, homens ou animais, laçando-os e introduzindo-lhes a cauda pelo sesso.

.....

*Diálogo sexto*

BRANDÔNIO

**A**SSIM como o que tem caminhado grandes jornadas, na derradeira se apressa mais para haver de chegar à sua pousada, e nela descansar do trabalho que tem passado, assim havendo eu no dia de hoje de dar cumprimento à minha obrigação, nesta última prática me apressei mais do acostumado em vir ocupar este posto, no qual há já pedaço vos espero.

ALVIANO

Confesso meu descuido, de que foi a causa uma visita, contudo, se soubera que éreis já aqui vindo, atropelara pelas obrigações de cumprimento por vos vir buscar.

BRANDÔNIO

Ainda não haveis feito falta e para dar princípio ao que tenho entre mãos, digo que bem vos deve de alembiar haver-vos já mostrado o comprimento e largura de tudo quanto nós, os portugueses, temos povoado nesta costa brasiliense, e da mesma maneira as cidades, vilas e lugares, capitánias que pelo distrito de toda ela se acham, com as cousas de que abundam, e assim das que carecem; tratei também do bom céu, e melhor temperamento de que goza todo este terreno, sua riqueza, fertilidade e abundância de mantimentos, gados, aves e pescados, das quais cousas de-

veis de ter inferido, quando não queirais ser reputado por herege das cousas do Brasil, o quanto vos enganáveis em o julgardes por ruim terra.

ALVIANO

Estou já bem arrependido do meu engano, e não pouco corrido de haver perseverado nele; mas, com todas suas abundâncias que me tendes representado, vejo que, posto que tudo lhe sobeje pela fertilidade do seu terreno, vem a padecer muitas faltas, das quais me lembra haverdes atribuído a culpa à negligência comum e pouca indústria dos seus povoadores; mas faltou-vos por dizer o que se poderia fazer para semelhante falta ter emenda.

BRANDÔNIO

Condeno minha pouca memória, com vos dizer que isso se remendará, quando a gente que houver no Brasil for mais daquela que de presente se há mister para o granjeamento dos engenhos de fazer açúcares, lavoura e mercearia, porque então os que ficarem sem ocupação de força hão de buscar alguma de novo de que lancem mão, e por esta maneira se farão uns pescadores, outros pastores, outros hortelões e outros tecelões, e exercitarão os demais ofícios, dos que hoje não há nesta terra na quantidade que era necessária houvesse; e como isto assim suceder, logo não haveria falta de nada, e a terra abundaria de tudo o que lhe era necessário, enxergando-se ao vivo a sua grande fertilidade e abundância, com não ter necessidade de cousa nenhuma, das que se trazem de Portugal, e quando a houvesse, fora de poucas (1).

ALVIANO

Quando totalmente o Brasil se poderá sustentar sem o provimento que lhe vem todos os anos de Portugal, nunca o poderá fazer, se lhe não vier gente por ser o com que ele se povoa.

BRANDÔNIO

Enganai-vos, nisso, porque o Brasil tem já em si tanta gente que basta para o povoar, e, ainda antes de poucos anos, lhe ficará sendo sobeja; porque a capitania de Pernambuco, com as mais do Norte, pode hoje já pôr em campo mais de dez mil homens armados, nos quais entrem muitos

de cavalo. E porque nos imos desviando da matéria sobre a qual havemos hoje de tratar, que é sobre os costumes da terra, lhe quero começar a dar princípio com dizer primeiro brevemente do que guardam os nossos portugueses, dos quais, os que não são marcadores, se ocupam em suas lavou-  
 ras, como tenho dito, e pera o efeito fazem a sua habitação pelos campos; onde têm sua família, em casas que para isso fazem fabricar, umas de telha e outras de pindova ou sapé, que é uma rama com que se fazem semelhan-  
 tes coberturas; e posto que têm suas casas de morada nas vilas e cidades, não fazem residência nelas, porque no campo é a sua ordinária habitação, onde se ocupam em granjear suas fazendas e fazer suas lavouras, com a sua boiada e escravos de Guiné e da terra, que para o efeito têm deputados, porque a maior parte da riqueza dos lavradores desta terra consiste em terem poucos ou muitos escravos; sustentam-se de suas criações, tendo de ordinário um pescador que lhes vai a pescar ao mar alto e também aos rios, donde lhes traz pescado bastante para sua sustentação (2).

ALVIANO

E esse pescador é cativo ou forro?

BRANDÔNIO

Não é senão escravo cativo do gentio da terra ou de Guiné, e também dos forros, que para o efeito assoldadam a troco de pequeno prêmio; e muitos usam também de caçadores, que lhes trazem cópia grande de caça, e com isto e o mais de suas criações, leite de seus currais, muito açúcar, vivem abastadamente.

ALVIANO

Pois dissei-me se usam todos, geralmente, de comeram farinha da terra?

BRANDÔNIO

Alguns, e não poucos, usam também de pão, que mandam amassar e cozer em suas casas, feito de farinha, que compram do Reino, ou mandam buscar às casas das padeiras, porque há muitas que vivem desse

ofício. As mulheres se trajam muito bem e custosamente, e, quando vão fora, caminham em ombros de escravos, metidas dentro em uma rede.

ALVIANO

E não fora melhor em cadeira, ou em palanquim, como os da Índia?

BRANDÔNIO

Não, porque a rede é excelente para se andar nela por caminhos e da cadeira seria trabalhoso usar-se, com respeito que sucedem estarem as igrejas desviadas, e da mesma maneira as visitas que fazem às suas amigas e parentas; também costumam de levar consigo, para seu acompanhamento, além dos homens que levam de pé ou de cavalo, duas ou três escravas do gentio da Guiné ou da terra, que se não desviam de ir sempre ao redor da rede, a que acomodam uma alcatifa por baixo. Os homens têm seus cavalos em que costumam andar, com os trazerem bem ajaezados, principalmente quando entram com eles em algumas festas; em suma são quase todos liberais, belicosos e grandemente amigos da honra, pela qual se aventuram a muitas cousas.

ALVIANO

Tudo isso tenho bem enxergado nas pessoas com quem conversei; demais que os acho a todos mui bem falantes.

BRANDÔNIO

Assim é; porque já vos disse que o Brasil era a academia onde se aprendia o bom falar, e isto baste por agora acerca dos brancos; porque temos muito que dizer dos costumes do gentio da terra. Primeiramente este gentio não tem rei a que obedeça e somente elegem alguns principais, aos quais reconhecem alguma superioridade, principalmente nas cousas da guerra, porque nas outras fazem o que lhes parece melhor.

ALVIANO

E a quem pertence a eleição desses principais?

BRANDÔNIO

Posto que alguns sucedem por herança de seus pais e avós, todavia a maior parte deles se elegem de per si porque basta ser bom cavaleiro e reputado por tal, para todos lhe darem obediência; moram pelos campos em umas casas que fazem muito compridas, cobertas de palha, divididas por muitos ranchos; porque cada casal, com sua família, tem o seu, a que eles chamam lanços, sem se meter parede nem outra cobertura entre uns e outros.

ALVIANO

Não devem logo de ser ciosos das mulheres, nem das filhas.

BRANDÔNIO

Antes o são em grande maneira, e sobre isso fazem mil extremos. Antigamente, e ainda até hoje no sertão, andavam e andam todos despidos, assim homem, como mulheres, sem usarem de cousa alguma, para com ela haverem de cobrir suas partes vergonhosas.

ALVIANO

Deviam de ouvir contar de nosso padre Adão, enquanto esteve em estado de graça.

BRANDÔNIO

Mas já agora o gentio que habita entre nós anda coberto, os machos com uns calções e as fêmeas com uns camisões grandes de pano de linho muito alvo, e os cabelos enastrados com fitas de seda de diferentes cores, costumes que introduziram entre eles com assaz trabalho os padres da Companhia; porque não havia quem os fizesse apartar de sua natureza, que os incitava a andarem nus.

ALVIANO

E tem esse gentio, porventura, algum rito ou cerimônia de crença?

BRANDÔNIO

Não tem nenhum; e se algum modo de adoração fazem, posto que não se lhe conhece, é ao Diabo, ao qual dão o nome de *juruparim* (3).

ALVIANO

Se eles a tal santo se encomendam, não é muito que suas obras pareçam a ele.

BRANDÔNIO

E por isso se diz geralmente que este gentio do Brasil carece, na sua língua, de três letras principais, as quais são f, l, r – em sinal de que não tem fé, lei nem rei (4); são todos inclinadíssimos a guerras, e entre si as têm sempre travadas uma nação com a outra; comem carne humana, o que mais fazem por vingança, como adiante direi, que para sustentação; afirmam que têm por tradição de seus antigos passados, que São Tomé lhes mostrara o uso da mandioca, de que se sustentam (5), que dantes não usavam dela, nem conheciam a sua qualidade, mas isso sem nenhum fundamento.

ALVIANO

... \*de ser; pois não sabemos, nem lemos de São Tomé que passasse nestas partes.

BRANDÔNIO

Isso podia Deus fazer quando fosse servido, como fez que Abacave levasse o comer ao profeta Daniel ao lago dos leões, onde estava encerrado; mas, como disse, estes índios não dão, em prova do que querem dizer, alguma razão que concludente seja. Costumam dar liberalissimamente tudo quanto têm, e se lhes pede, com muita facilidade, posto que aven-

---

\* Faltam no princípio as primeiras palavras desta linha, que provavelmente seriam “isso não pode ser” ou “não devia de ser”.

turem a ficar despidos, como muitas vezes sucede, em forma que se não enxerga, entre eles, rosto nenhum de ambição.

ALVIANO

Disso se lhe pode ter grandes invejas, por ser cousa de que a nossa Espanha anda muito desviada.

BRANDÔNIO

Tudo o que até agora tenho dito dos costumes destes índios, foi falar em geral; e vindo ao mais particular, primeiramente digo que, quando a este gentio lhe parem as mulheres, a primeira cousa que elas fazem no instante que acabam de parir, e pode ser que ainda sem terem bem livrado, é ir-se meter no mais vizinho rio ou lagoa de água fria que acham, no qual se lavam muitas vezes, e, depois de bem lavadas se recolhem para casa, onde já acham o marido lançado sobre a rede em que costumam dormir, como se fôra ele o que parira, e ali o regalam, e é visitado dos parentes e amigos, e a parida se exercita nos ofícios manuais da casa, fazendo o comer, e indo buscar água ao rio, e lenha ao mato, como se nunca parira (6).

ALVIANO

E como é possível que a água não faça dano a essas paridas, fazendo-o às nossas qualquer pequeno ar em Portugal?

BRANDÔNIO

Antes lhes serve esta de medicina e preservativo para lhes não fazer o parto dano, pelo costume que têm de se lavarem sempre nos rios, e pescarem neles; e assim não quero deixar em silêncio um caso que me sucedeu a este propósito. Indo caminhando eu a cavalo por um oiteiro abaixo em um dia muito chuvoso, na ladeira achei uma índia assentada no meio da estrada, envolta quase toda em sangue, e ao redor dela também derramado muito; querendo eu saber a ocasião daquilo, me respondeu que havia parido naquele lugar, e que o sangue era do parto; perguntando-lhe mais pela criança que parira, me disse que um grande

golpe d'água, que por ali corria da chuva, pela rigeira de um carro, lhe havia levado para baixo; piquei então o cavalo depressa para acudir à criança que não pegera, e achei-a meio morta, atravessada na mes... \* ir mão dela a raiz de uma árvore, fi-la recolher logo por um meu escravo, e depois, tendo entregue à outra escrava de leite, para lhe haver de dar, viveu e chegou a ser grande.

ALVIANO

E as mulheres portuguesas, que habitam esta terra, usam porventura de semelhante costume?

BRANDÔNIO

Por nenhum modo, antes se guardam do ar, como as de Portugal, posto que não continuam tanta à cama.

ALVIANO

Não pode haver mais bárbaro costume desse que me tendes referido; e creio que por todo o mundo se não achara seu semelhante nem era lícito que o houvesse senão entre estes índios, que não faço diferença deles às brutas feras.

BRANDÔNIO

Enganai-vos grandemente nisso; que posto que usam deste e de outros semelhantes costumes que aprenderam, e lhes ficou em uso dos seus passados, todavia se acha neles bons discursos e agudas respostas, e não se deixam enganar de ninguém. Aos filhos ensinam de pequenos a que sejam guerreiros e inclinados a guerras, e pera o efeito os adestram no arco e flecha, de modo que, com terem pequeno corpo, são grandes flecheiros, para que os exercitam na caça, e as fêmeas, como lhes a idade dá para isso lugar, servem a seus pais, enquanto não casam.

---

\* Falta de umas poucas de palavras, que facilmente se concebem: achara a criança na mesma estrada, detida pela raiz de uma árvore.

ALVIANO

E que estilo é o que têm no seu recebimento?

BRANDÔNIO

As sobrinhas são as verdadeiras mulheres dos tios; e quando as querem tomar por tais, não se lhes pode negar; assim pela maior parte, se casa o tio com a sobrinha, filha de seu irmão ou irmã (7). E também casa o pai a filha com quem lhe parece bem; posto que para isso se usa um modo assaz galante, o qual é que o mancebo que se namora de qualquer donzela, o remédio mais certo de alcançá-la é ir-se ao mato com um machado e fazer lenha, sem o fazer a saber a ninguém; a qual, depois de feita, acarretam às costas em feixes, e a vai lançar ao rancho onde habitam o pai e mãe da sua afeiçoada: e em semelhante exercício continua por espaço de alguns dias, com o qual dão a entender sua intenção, e nunca por esta via se lhe nega a esposa.

ALVIANO

Devem de ter logo estas notícia do modo com que Jacó ganhou a sua amada Rachel, e parece que neste uso o querem imitar. E é de saber se tomam mais de uma mulher.

BRANDÔNIO

Podem tomar três e quatro, e ainda sete ou oito, segundo a valentia e esforço, de que cada um é dotado, que a isso se tem principalmente respeito, e a ser homem que possa bem sustentar as mulheres, que toma à sua conta para esse efeito.

ALVIANO

Pois como não têm essas mulheres brigas entre si, causadas dos ciúmes, que de força devem de ter umas das outras?

BRANDÔNIO

Por nenhum caso se lhes lembra isso; antes são muito conformes, cousa que é digna de fazer grandes invejas. As donzelas, enquanto

o são, se conhecem pelos cabelos, que trazem cortados, mas tanto que as fazem donas, o deixam crescer, sem nisso haver engano (8).

ALVIANO

Aprovo o costume, principalmente havendo nele a certeza que tendes dito; mas faltou-vos por dizer se esses índios que se fazem paridos, ocupando o lugar das mulheres, estão muitos dias lançados na rede.

BRANDÔNIO

Não, senão aqueles que bastem para serem visitados dos amigos e parentes. E nas visitas que se fazem uns aos outros, guardam também um estranho costume, o qual é que, quando se chegam a ver, a mulher que está na casa, ou a que de novo vem de fora, sendo já de perfeita idade, se põe assentada aos pés do hóspede, que chegou ou do que visita; e ali, com um choro muito sentido e magoado, lhe está recitando, por grande espaço, as cousas passadas, que sucederam a seus pais e avós, de infortúnios, acomodadas todas a provocarem as mágoas, sem aquele que é chorado responder palavra; de modo que semelha mudo enquanto dura o choro; e depois dele acabado, o recebem e agasalham o melhor que podem a seu uso (9).

ALVIANO

Tivera eu por grande agouro o ver-me chorar, e não consentia, por nenhum modo, que tal me fizesse.

BRANDÔNIO

Como todos andam despídos, tomam por abrigo contra o frio da noite fazer fogueira ao longo das redes, onde dormem, e como a casa é muito comprida e toda aberta por dentro, e as redes muitas, que se por elas armam, vêm por esta maneira a ter muitas fogueiras dentro em si, com as quais se aqueçam de sorte que não padecem frio, posto que estejam despídos.

ALVIANO

E de que móvel é que usa esse gentio para seu serviço?

BRANDÔNIO

De nenhum outro mais que da rede, em que dormem, e de uma cuia, que é um meio cabaço, em que vão buscar água, com haver na comunidade três ou quatro fornos de barro em que cozem a farinha, feitos ao modo de alguidares; e com isto somente se têm por mais ricos do que Creso com todo o seu ouro, vivendo tão contentes e livres de toda ambição \*, como se foram senhores do mundo.

ALIVIANO

Esse costume me faz grandes invejas, porque se me representa nele a idade dourada; mas contudo deve de ter, de força, cada um desse gentio mantimento de que se sustenta, porque, sem isso, não lhe era possível ter de comer para si e sua família.

BRANDÔNIO

Nem disso fazem cabedal, porque têm de costume, pelo tempo das sementeiras, fazer suas roças, aonde vão todos juntos a semear e a plantar seus mantimentos, e... \*\* por alguns dias até que lhes parece que os têm feitos para lhes poder durar por todo o decurso do ano, e pelo mesmo modo acodem depois a lhes dar suas limpas, e fazer o maior benefício necessário; e como dão cabo a este trabalho, se exercitam em suas caças e pescarias, de que tomam grande quantidade assim de feras como de pescados, por serem todos bons mestres de tal exercício. E quando têm necessidade de farinha mandam às roças, que são gerais, pera dela a fazerem; porque às mulheres toca semelhante ofício e o de aparelhar a comida, a qual sempre têm prestes, feita a seu modo, para quando o marido chega de fora.

ALVIANO

Não é mau costume esse de ser o mantimento geral, quando não houvera nele engano.

---

\* Por cima escrito “cobiça”.

\*\* Faltam palavras, talvez “nisso ocupam”.

BRANDÔNIO

Por nenhum caso o há; porque ninguém colhe mais daquilo de que tem necessidade para sua sustentação, e por esta via vem o mantimento a abranger a todos: e quando há também falta dele, ninguém carece dela. Têm mais de costume, quando querem ir às suas caças e pescarias, pera as quais se ajuntam muitos, o primeiro, que se levanta antes de amanhecer, anda pelo terreiro, e, a grandes brados, prega aos demais que se levantem e botem a preguiça de parte, saindo dos ranchos; por ser já tempo de se porem a caminho, e com esta pregação vai continuando por algum espaço, até que todos tomam suas armas, com as quais se põem a caminho.

ALVIANO

Serve-lhes logo o índio de espertador.

BRANDÔNIO

Sim, serve; porque nunca falta um que faça semelhante officio. Verdade seja que os seus principais lhe ordenam estas saídas mais por rogo que por império.

ALVIANO

E esses principais dominam porventura muitas gentes, ou que jurisdição têm nesse cargo, que lhes atribuis?

BRANDÔNIO

Em cada aldeia há um principal, que não reconhece superioridade a outro, senão quando sucede haver algum tão cavalheiro que, pelo medo que têm dele, lhe guardam o respeito; mas os ordinários são obedecidos dos da sua aldeia quase por zombaria; porque, nas cousas ordinárias, cada um faz o que quer, sem embargo do principal lhe ordenar o contrário, mas, nas cousas tocantes à guerra, lhe guardam mais respeito; porque ele é o que as trata e ordena, determinando o que se deve fazer com o receber as embaixadas e dar resposta a elas, posto que, para o assentar das pazes ou mover novamente guerra, se segue e guarda o parecer dos mais antigos. E certamente que, se este gentio tivera mais obediência aos seus capitães, que

foram mui valorosos soldados, segundo as forças e ânimo de que são dominados, e muita ousadia que sempre mostraram no acometer do inimigo; mas as superstições de que usam, com darem crédito a seus feiticeiros (10), os desbaratam e lançam a perder as mais das vezes.

ALVIANO

Pois que é o que tratam com esses feiticeiros?

BRANDÔNIO

Para haverem de determinar qualquer guerra, se ajuntam em uma casa redonda, que só para o efeito têm levantada no meio da praça de suas aldeias, a que chamam *carpe* (11), e ali decretam as causas que têm para fazerem guerra ao inimigo, e o modo com que devem de prosseguir nela, estando presente a tudo o seu feiticeiro, que é qualquer índio ou índia, que se finge sê-lo. E a este tal toca aprovar ou desaprovar a jornada, com prometer bom ou mau sucesso, para o que usam de uma cousa assaz ridícula, a qual é que, quando afirmam que vencerão os inimigos, mostram umas redes pequenas, dizendo que nelas os hão de meter a todos manietados, como se fossem peixes, e outras vezes, com uns abanos que têm lavrados de palma, prometem haverem-nos de enxotar de modo que logo se ponham em fuga; e tanto crédito dão a esta vaidade, que têm por sem dúvida que assim lhes há de suceder.

ALVIANO

Pois quando lhe isso sai pelo contrário, como se não desenganam ser tudo mentira?

BRANDÔNIO

Nada basta a lhes tirar do pensamento semelhante ironia, em que seus pais os puseram, com haverem já recebido grandíssimos danos por darem crédito a estes feiticeiros; e, para prova disto, vos quero contar uma história assaz galante, a qual foi que nos tempos passados houve um feiticeiro destes, que afirmou aos índios que a terra, para adiante, havia de produzir os frutos por si, sem nenhuma cultura nem benefício; portanto que bem podiam todos folgar e dar-se à boa vida com se lançarem a dor-

mir, porque a terra teria cuidado de lhes acudir com os mantimentos a seu tempo. Tanto crédito lhe deram os pobres índios, que o fizeram da maneira que lhes ele aconselhou, com virem a padecer, por esta via, a mais trabalhosa fome, que nunca se sabe haver neste Estado; em tanto que chegaram, obrigados da necessidade, a se venderem a si e as mulheres e filhos por uma espiga de milho, que não pode ser maior miséria.

ALVIANO

Comparo isso ao dos bugios, que me contastes, que metiam a mão pela boca da botija vazia, e depois a não podiam tirar, e por não saberem largar o que apanharam se deixavam cativar; de onde infiro que gentes que a semelhante cousa dão crédito, devem ser da maneira dos mesmos bugios.

BRANDÔNIO

Já vos disse que não careciam de bom entendimento, posto que estão tão cegos com estes feiticeiros (que o não são nem nada), que se não acabam de enganar de sua falsidade e mentira. A guerra determinada, a primeira cousa que ordenam é mandarem fazer os caminhos mui limpos, rasos e largos, para saírem por eles e tornarem, quando vierem vitoriosos; e do mesmo usam quando são visitados de algum honrado hospede. E, no dia determinado para a partida, tem cuidado o seu principal de antemanhã sair ao terreiro, e ao redor dele anda fazendo pregação, e a grandes brados anima a todos os seus soldados, que pelejam e acometam ao inimigo valerosamente, lembrando-lhes para isso algumas façanhas e vitórias dos seus passados e fraqueza do inimigo.

ALVIANO

Não fazem mais os nossos capitães e generais nas ocasiões, que lhes importa animarem as suas gentes.

BRANDÔNIO

Pois este costume é antiquíssimo entre este gentio; a pregação feita, não preparam grandes bagagens, porque cada um leva consigo o que lhe é necessário para alguns dias; e quando lhes falta, o buscam pelos cam-

pos, matos e rios, porque deles se sustentam. As armas que levam são arco e frecha, espadas curtas de um pau pesado e forte, que desbaratam e põem por terra qualquer parte do corpo aonde assenta o seu golpe, e os cabos das tais espadas levam emplumadas de penas de várias cores, e da mesma maneira as cabeças, para com isso se fazerem mais temidos; as rodelas, que também consigo levam, são grandes e pintadas, feitas de um pau leve, bastante a lhes cobrir todo o corpo, com que se reparam das frechas do inimigo.

ALVIANO

Não são más armas essas, e se o ânimo fosse igual, não deixaram de fazer boas empresas.

BRANDÔNIO

Esse têm eles muito grande, como já disse; mas de sorte que, se indo caminhando com toda esta bravosidade, ouvirem cantar um pássaro, de qual já fiz menção, agourento para eles, desamparam a jornada, e se tornam a recolher (12); e da mesma maneira, posto que vão para acometer alguma grande empresa, se, antes de chegarem a tal parte, encontrarem acaso alguns poucos inimigos e os matarem, se contentam com isso, tornando-se a recolher, com deixarem o demais por fazer.

ALVIANO

Pois não me gaveis semelhante gente de animosa, porque quem isso faz não pode ter semelhante virtude.

BRANDÔNIO

Pois ainda vos direi mais que, quando entendem que são sentidos, e que não podem por esse respeito sair com a sua pretensão, na mesma parte onde disto se certificam, largam as armas, e sem elas se tornam a recolher, e então o que mais corre fugindo e primeiro chega à aldeia, de onde partiram, esse tal é reputado por mais valente; porque dizem ser acompanhado de grande alento e forças, por haver corrido mais que os companheiros.

ALVIANO

Bem há que gente tão arrevesada nos costumes faça da covardia esforço.

BRANDÔNIO

Pois ainda não conluo por aqui, porque em semelhantes ocasiões, para poderem melhor correr, serram as pernas com facas até derramarem muito sangue, tendo para si que ficam por esta via mais ágeis para caminharem com mais presteza.

ALVIANO

Não lhes gavo essas prevenções de melhor fugirem.

BRANDÔNIO

Também o fazem para melhor chegarem. E sempre acometem a batalha ou escaramuça com muito ânimo, e todo guerreiro, que nela mata inimigo às suas mãos, ou ajuda a aferrar nele para o matarem, posto que sejam seis ou sete pessoas, tomam todas nome, e ficam dali em diante reputados por cavalheiros e se podem riscar (13).

ALVIANO

Tocai-me isso dos nomes e das riscas mais pelo miúdo, para que vos fique entendendo.

BRANDÔNIO

O nome tomam todos aqueles que mataram ou ajudaram a aferrar no inimigo morto, o que fazem desta maneira: na madrugada do dia seguinte, depois de haver precedido a batalha ou assalto muito de madrugada, estando ainda todos lançados em suas redes, se levantam os tais, e a grandes brados vão dizendo: *eu me hei de chamar daqui por diante fulano* (aplicando-se o nome que querem), porque tenho morto a meu inimigo em campo, o que vai repetindo por muitas vezes, e por este nome quero ser

*conhecido e nomeado daqui em diante; e todos lhe fazem ao passar muita festa, e lhe dão salvas, principalmente as mulheres.*

O riscar é que fazem umas riscas pelo corpo de preto, a qual lhes fica servindo para o diante de insígnia militar, e também se assinalam riscando com fogo, ou picando aquela parte que querem riscar com uma agulha, e estando em sangue fresco, lhe aplicam tinta preta, que é bastante para lhe ficar sinal para sempre.

ALVIANO

Não gavo muito essa cavalaria nem modo de insígnia militar.

BRANDÔNIO

Pois ainda vos direi mais que, posto que este gentio pelo campo mate o inimigo às estocadas, ou com tão poderosos golpes que o parta pelo meio, como o não matou com lhe quebrar a cabeça, logo hão que o morto não é morto, nem o matador se pode jactar de lhe haver dado a morte, nem poderá tomar nome nem riscar-se.

ALVIANO

Logo, dessa maneira, não morreu o que não tem a cabeça quebrada?

BRANDÔNIO

Assim o cuidam eles, e passa isto tanto avante que, depois de haverem ganhado alguma aldeia ou lugar do inimigo, a primeira cousa que fazem é acudirem aos cemitérios, donde desenterram os cadáveres que ali estão enterrados, e a todos vão quebrando a cabeça, com ficar tão reputado por valente o que quebra por esta via, podendo gozar de todas as honrarias militares, como aquele que a quebrou pelejando no campo, onde teve a vida em risco de a perder.

ALVIANO

Ora, não me digais mais que esta gente é dotada de entendimento, porque não vo-lo-ei de crer.

BRANDÔNIO

Ninguém vos pode obrigar a que creiais senão o que quiserdes, nem a mim que deixe de relatar a verdade do que tenho tomado à minha conta. Quando cativam alguns dos inimigos os levam para suas aldeias, onde os soltam das prisões.

ALVIANO

E se os têm soltos como lhes não fogem?

BRANDÔNIO

Não fogem porque as aldeias estão distantes umas das outras, e assim não lhes é possível poderem fugir sem serem logo achados pelo rasto, porque em o saberem fazer vantagem aos cães de caça; e além disso, atinam tanto que eu vi algumas vezes a certos índios, que para haverem de atinar para a parte por onde querem ir por entre brenhas altas, que não mostravam caminho, não fazem mais que com uma frecha apontarem diretamente para o lugar com lhe ficar aquele horizonte tanto na memória que fizeram o seu caminho sem o errarem em cousa alguma; de mais que também são os cativos bem guardados.

ALVIANO

E pera que querem esses cativos, senão for para resgate?

BRANDÔNIO

Sabei quanto isso passa pelo contrário que poderei afirmar, e não o tendes por fábula, que se a estes índios lhes derem pelo resgate de um cativo destes, principalmente se for branco, outro tanto ouro quanto se afirmava que tinha Creso, e juntamente todas as riquezas do mundo, o não deram.

ALVIANO

Muito me dizeis.

## BRANDÔNIO

Pois assim passa; quando antes o querem matar no terreiro, o que fazem por este modo (14): mandam primeiramente ao tal cativo se lhe faça, entre os seus, a vontade em tudo quanto queira ou peça, entanto que, se de-sejar a mulher do próprio principal, e a pedir, não se lhe nega, tudo isto para efeito de que se desmalenconize e vá engordando; e como lhes parece que já o está, o que logo fazem é ordenar um grande caminho muito limpo, desde o lugar da aldeia até onde passa o rio, e o caminho feito, fazem sabedor ao preso de como já é chegado o tempo para haver de ser morto em terreiro, atando-lhe uma corda por debaixo dos braços, com lhe ficarem livres eles e as mãos; e de modo fazem esta atadura, que deixam duas pontas compridas à corda, cada uma por sua parte, e com grandes gritas e festas o levam desta maneira, pelo caminho que tenho dito, ao rio, dentro no qual o lavam muito bem, desde os pés até a cabeça; e como está lavado, o tornam a trazer para a aldeia com os mesmos cantos, bailes e festas e ali, posto no terreiro, se chegam a ele seis ou sete valentes e robustos mancebos, que lançam mão das pontas da corda, e a têm em teso, de modo que o desventurado preso se não podia bulir, porque em o querendo fazer para algumas das partes, o tiram pela outra, e desta maneira o têm em talas, até que entra o matador pelo terreiro, muito arrogante, emplumado todo de penas de várias cores, e, com vagarosos passos, rodeado dos principais cavaleiros, se vai chegando contra o preso, e tanto que se lhe põe em frente, com soberbas palavras e arrogantes meneios, lhe diz que tem muita razão de se alegrar por vir a morrer às mãos de um tão grande e bravo cavaleiro, como ele o é, e muito mais de suas carnes haverem de ser sepultadas nos ventres de tantos valorosos e principais soldados, como os que estão por ronda, os quais só por isso esperam, por ser melhor assim, que serem comidos e sepultados nos ventres de imundos bichos; portanto que cobre ânimo, e se farte de ver o sol. E se a estas palavras desmaia o pobre preso, é julgado de todos por pusilânime e covarde; mas se também lhe ronca dizendo que parentes lhe ficam vivos que o saberão bem vingar, e que por isso morre contente, se reputa valoroso. Mas contudo, quer suceda de uma maneira quer de outra, o matador lhe ameaça com a espada a cabeça, mostrando querer descarregar o golpe, e tanto que o pobre, de assombrado dele, a quer desviar ou abaixar a cabeça, segunda logo com outra tão possante que lhe fende a cabeça pelo meio, e antes de cair em terra já lhe

leva feita em miúdas rachas, com outros muitos que lhe dá. E se suceder que o preso, ao tempo de lhe descarregarem o golpe, for tão manhoso e tiver tantas forças que, com os braços e mãos, que lhe ficam livres, arrebatou a espada ao matador, escapa da morte, porque para esse efeito lhes deixam livres.

ALVIANO

Grande façanha é a que faz por esse modo esse cavaleiro matador!

BRANDÔNIO

Não a têm eles por pequena; e depois do desventurado morto por esta via, o entregam às velhas, a quem pertence o dividirem-lhe os quartos, e porem-nos a coser e assar, espedaçados para servirem de iguarias aos circunstantes, repartindo-se por todos, que comem aquela humana carne com grande gosto, mais por vingança que por matarem com ela a fome.

ALVIANO

Bem mal se pode julgar se a comem por vingança se por gosto.

BRANDÔNIO

Por vingança se tem entendido que o fazem. E as tripas e intestinos botam as velhas em uns alguidares e com grandes cantos e bailes andam ao redor deles com umas canas nas mãos, nas quais trazem atados alguns anzóis que lançam sobre as tripas, fingindo com grandes risos que estão pescando dentro nelas.

ALVIANO

Por fim que, com esta bárbara crueldade, se hão somente por satisfeitos?

BRANDÔNIO

Ainda fazem mais, porque têm já muitos vinhos preparados, precedendo logo grandes borracheiras, que duram por espaço de alguns dias.

ALVIANO

Os dias passados, indo visitar um amigo meu em sua fazenda, me não deixaram dormir toda uma noite uns índios que andavam nas suas borracheiras, na qual formavam uns cantos, qual eu nunca outros semelhantes vi.

BRANDÔNIO

Esse é o seu costume mais ordinário, porque para efeito de se emborracharem, aparelham muitos vinhos que fazem do sumo de canas-de-açúcar, que vão buscar pelos engenhos, e também de mel e de uma fruta que chamam caju, e, juntos em roda muitos homens e mulheres, estão nesse canto todo um dia e noite inteira, sem dormirem, bebendo sempre de ordinário muito vinho até caírem todos por terra sem acordo, e às vezes saem também dali alguns não pouco escalavrados.

ALVIANO

E que metros ou cantigas são essas que cantam em tanto espaço de tempo?

BRANDÔNIO

Nenhuma outra mais que alevantar o primeiro a voz, e dizer o pássaro está sobre a folha, ou a folha está sobre água, ou outra cousa semelhante, e com isto vão continuando sempre, dizendo uns e respondendo outros, por todo o espaço que lhes dura a borracheira, servindo as mulheres de tiple, por alevantarem a voz mais delgada.

ALVIANO

Custoso entretenimento, pois passam todo um dia e noite sem dormirem, com despenderem tanto vinho; mas se acaso cativam algumas mulheres, folgara de saber se as matam nesse terreiro, como aos homens.

BRANDÔNIO

Às vezes as matam e outras não quando sucede tomá-la alguns dos vencedores por sua mulher ou manceba; e por este modo escapam da

morte, enquanto o que a tomou à sua conta assim o determina, sem lhe dar mais exercício de trabalho do que às demais mulheres, suas naturais; mas graça é que, se algumas destas cativas acerta de fugir, e vai prenhe, depois de estar entre os seus posta em salvo, e chega a parir, o próprio avô, e ainda a mesma mãe, matam a criatura nascida e a comem, dizendo que o fazem ao filho de seu inimigo; porque a mãe foi somente um bolso em que se criou e aperfeiçoou a tal semente, sem tomar nada dela; e por este modo usam de mil crueldades em outros casos semelhantes.

ALVIANO

Não me espanto de semelhante barbaridade, a respeito de outras muitas que já me tendes contado, e cuido que tudo isso deve de nascer de não haver, entre essas gentes, rasto algum de amor.

BRANDÔNIO

Antes se acham entre eles muitos que deram bastante prova de o terem assaz grande, e para isso vos quero contar uma galante história, que aconteceu há pouco tempo em uma capitania das deste Estado. Estava entre petiguaras, uma mulher cativa dos tabajaras, que são seus capitais inimigos, a qual, sem embargo de a ter por manceba um petiguara, andando o tempo, determinaram os demais juntamente com ele, que pode ser que fosse o principal autor, de matarem a pobre tabajara, para efeito de a comerem, a qual tinha já tomado estreita amizade com outra índia das dos petiguaras, irmã do namorado que fora; e esta, ouvindo tratar entre eles da morte que pretendiam dar à cunhada e amiga, estimulada pelo amor que lhe tinha, lhe manifestou o perigo em que estava, aconselhando-lhe que fugisse dele, com se oferecer a lhe fazer companhia. Aceitou a outra o conselho e oferta, e a amiga não desistiu de sua promessa, com fazerem ambas juntamente a fugida, a qual lhes sucedeu tão bem, sem serem achadas, vieram aportar à povoação dos brancos, onde a que era de nação tabajara, achando-se entre os seus, que por ali à roda habitavam, se foi para suas aldeias, aonde sendo reconhecida de seus pais e parentes, lhe deu conta do muito que devia à outra índia, sua amiga, por havê-la livrado da morte, o que lhe foi agradecido de todos, e ficou vivendo entre eles; mas não passaram muitos dias que os tabajaras, esquecidos do que havia passado, trataram de fazer na petiguara

o que os outros queriam fazer na sua natural, e o puseram por obra sem bastarem rogos da pobre índia, sua parenta, para se livrar a companheira do que dela se ordenava; por fim, chegado o prazo, a puseram em terreiro para efeito de a matarem, o que vendo a amiga, parece que não esquecida ainda da obrigação em que lhe estava, arremeteu contra o esquadrão dos parentes, como uma leoa, e por força lhe tirou das mãos, levando-a consigo à casa de alguns brancos, com a livrar por esta maneira de indigna morte que se lhe aparelhava, pagando-lhe na própria espécie o amor que lhe tinha mostrado, quando se resolvera a fugir dos seus, por lhe dar a vida.

ALVIANO

Poucos exemplos haveis de achar semelhantes entre tanta barbaridade.

BRANDÔNIO

Pois também vos posso afirmar que, com ser este gentio assaz lascivo por natureza, há muitas donzelas entre eles, que amam sumamente a castidade, como são umas, que totalmente fogem de ter ajuntamento viril, pretendendo de se conservarem virgens, e para que o possam melhor fazer, se exercitam no arco e na flecha, com andarem de ordinário pelos campos e bosques, à caça de brutas feras, nas quais fazem grandes presas, recreando-se neste exercício, pelo qual desprezam todo outro.

ALVIANO

Essas tais deviam de ouvir contar de Diana e de suas ninfas, e que para imitar tomam a caça por exercício; e com tudo não me persuado a crer delas que hajam de ser continentes, por ser dom da alma, que o não estima senão quem conhece o seu preço, e como a essas falta o tal conhecimento, não vejo cousa por que haja de cuidar que possam guardar essa continência.

BRANDÔNIO

Cuidai vós o que quiserdes, que eu não vô-lo posso tolher, nem deixar de louvar as tais, por se saberem desviar do fogo na parte aonde ele

mais arde; o que se deixa bem ver em outro costume, o qual é que, quando são visitados de algum nobre hóspede, principalmente se é branco, os agasalham primeiramente sobre uma rede aonde os fazem assentar, que é o que lhes serve de cadeiras, e o principal fica em outra, e antes de travarem prática se brindam um ao outro com um petimbabo de fumo de tabaco, que para o efeito lhe trazem; e isto feito, depois de o tal hóspede manifestar ao que viera, e o principal lhe dar resposta, lhe entrega logo uma donzela ou filha sua por mulher, para que a tenha por tal enquanto ali estiver, que não pode ser mais bárbaro costume.

ALVIANO

E os brancos aceitam o usar dessas índias, sendo gentias?

BRANDÔNIO

Muitos o não fazem, antes as rejeitam dissimulando com eles; mas não que o digam ao principal, que lhe deu, porque se haveria por muito afrontado. Dos inimigos que matam, depois de se fartarem de suas carnes, tomam um pedaço dela; que depois de seca envolvem dentro em um grande novelo de fio de algodão, e desta maneira guardam com muito cuidado; e quando sucede fazerem alguma grande borracheira, para mais se alegrarem nela desenvolvem a carne do novelo, e dela fazem muitas partes em pequenas féveras, que repartem entre todos, para que as comam: e isto costumam fazer em sinal de vingança que tomaram e vitória que tiveram.

ALVIANO

Não lhes gavo o modo de semelhante vingança.

BRANDÔNIO

Pois sabeis enquanto são vingativos, que, depois de matarem os inimigos, lhes tiram os dentes, os quais enfiam por cordéis, fazendo deles um colar, com porem os grandes queixais nos extremos e os mais pequenos no... \* destes que pesava catorze arráteis, e por aqui considerareis o grande número de dentes que nele haveria.

ALVIANO

Não lhes hão de dar os lapidários muito dinheiro por essas pedras, porque as tenho por ruins, para haver de ser engastadas.

BRANDÔNIO

Tudo isto fazem, imaginando que assim se vingam melhor, e reina neles entanto esta natureza de vingança que, se acaso, caminhando por um caminho, derem uma topada em algum pau ou pedra, não passam avante até por vingança arrancarem ou quebrarem aquilo que lhes fez dano; e com serem vingativos, são também alguns deles sumamente cruéis, porque um homem de crédito me contou que vira a um índio destes, vindo de um assalto, que fora dar a certa aldeia de inimigos com outros muitos, trazer seis crianças, que não chegava a maior a ter ano perfeito de idade, dependuradas em um pau, que levava às costas, como galinhas, a metade da parte de diante e a outra de traz; e que, depois de caminhar assim com elas por grande espaço, as pusera sobre uma pedra, donde com uma faca lhes foi quebrando a cada uma das crianças a cabeça a golpes pequenos, que nelas lhes dava, para que assim lhes ficasse sendo maior o tormento, sem demonstrar nenhum rasto de piedade aos gemidos e choros das pobres crianças.

ALVIANO

Nunca de nenhum Polifemo Lestrigon, ou Cita, se contou semelhante crueldade.

BRANDÔNIO

Costuma também este gentio, para efeito de mostrar maior fezeza e bizzarria, furar o rosto pelo beijo de baixo e também pelas queixadas por onde metem umas pedras verdes ou brancas de feição de botoques, com as quais têm para si que andam galantes e gentis-homens.

---

\* Palavras cortadas: provavelmente “no meio; e eu vi um.”...

ALVIANO

Esse costume devia de lhes ensinar algum demônio, e à sua imitação o usam com darem maior mostra nele de sua grande barbaridade.

BRANDÔNIO

Pois com toda ela sabem muito bem dividir os tempos do ano, em grande conformidade, regulando-se para isso com os frutos de certas árvores, quando amadurecem; porque então sabem que é o tempo chegado de suas sementeiras, e outros exercícios em que se ocupam, e também conhecem quase todas as estrelas dos céus, que nós conhecemos, posto que lhes aplicam nomes diferentes (15).

ALVIANO

É muito haver esse conhecimento entre semelhante gente.

BRANDÔNIO

Destes costumes, que até agora tenho tratado, são dos que usam no sertão o gentio que por ele habita, sem terem comércio nem conhecimento dos brancos, que os que andam entre nós e estão debaixo da doutrina dos religiosos vivem, já muito desviados de semelhantes costumes; porque sabem a doutrina e batizam os filhos, com se casarem na forma do sagrado concílio, e não têm mais de uma mulher, com andarem vestidos, e juntamente aprendem a ler, a escrever e a contar; e saem alguns deles destros no canto, e assim são bons chameleiros, posto que sempre tiram à sua natural inclinação, como se viu em um caso, que sucedeu os dias passados.

ALVIANO

E que caso foi esse?

BRANDÔNIO

Os padres da Companhia ensinaram a um destes índios, por sentirem nele habilidade, a ler e a escrever, canto e latinidade, e ainda algum pouco das artes; mostrando-se ele em tudo muito ágil e de bons costumes, chegaram a lhe fazer dar ordens menores, e cuidou que ouviu dizer

também as de epístola e evangelho, para o ordenarem em sacerdote de missa. Mas o bom do índio, obrigado de sua natural inclinação, amanheceu um dia despido, e se foi, com outros parentes seus para o sertão, aonde exercitou seus bárbaros costumes até a morte, não se alembando dos bons que lhe haviam dado.

ALVIANO

Isso só basta para corroborar a minha opinião; mas folgara que me dissésseis se acham nesta província mais castas de gentio, que uma, assim como entre nós há franceses, ingleses, italianos e outros.

BRANDÔNIO

Sim, acham-se, porque há muita diversidade de castas deles, assim como: aimorés, tupinambás, petiguaras, tapuias e outros.

ALVIANO

E vivem todos esses, porventura, com tanta brutalidade, como dos que tendes tratado até agora?

BRANDÔNIO

Quase todos se parecem na vivenda, exceto os tapuias que se diferenciam grandemente nela, mas não em barbaridade.

ALVIANO

Pois dissei-me de que modo vivem esses tapuias?

BRANDÔNIO

Di-lo-ei em suma brevemente; porque se vão já fazendo as horas de recolhermos e darmos remate à nossa prática. Estes tapuias vivem no sertão, e não têm aldeias nem casas ordenadas para viverem nelas, nem menos plantam mantimentos para sua sustentação (16); porque todos vivem pelos campos, e do mel que colhem das árvores e as abelhas lavram na terra, e assim da caça, que tomam em grande abundância pela frecha, se sustentam, e para isto guardam esta ordem: vão todos juntamente em cabilda assentar

seu rancho na parte que melhor lhes parece, alevantando para isso algumas choupanas de pouca importância, e dali vão buscar o mel e caça por roda, por distância de duas ou três léguas. E enquanto acham esta comedia, não desamparam o sítio, mas, tanto que ela lhe vai faltando, logo se mudam para outra parte, aonde fazem o mesmo; desta maneira vão continuando com sua vivenda sempre no campo, com mudar sítios, sem se cansarem em lavrar nem cultivar a terra; porque a sua frecha é o seu verdadeiro arado e enxada, a qual também não usam juntamente com o arco, como faz o demais gentio; porque com ela tomada sobre mão, com a encaixarem em uns canudos, que no dedo trazem, fazem tiros tão certos e com tanta força que causa espanto, de modo que quase nunca se lhe vai a caça, a que lançam a flecha por esta via (17). E eu vi os dias passados a um destes fazer um tiro sem arco, que além de dar no alvo a que atirara, passou por uma grossa porta de parte a parte. Também são na fala diferentes; porque o demais gentio os não entende, por terem a linguagem arrevesada; trazem os cabelos crescidos como de mulheres, com serem geralmente tão temidos de todo o mais gentio, que é bastante um só tapuia para fazer fugir muitos: e assim entram mui poucos por grandes aldeias muito confiados, e delas tomam tudo o que querem, sem ninguém lhes vir à mão; e ainda as próprias mulheres lhes deixam levar, tão grandíssimo medo lhes têm cobrado. E com isto me parece que tenho já chegado ao limite de minha obrigação, o menos mal que pude, deixando-vos agora o campo aberto para poderdes condenar o Brasil por ruim terra, como de princípio fizestes, se virdes que, com as verdades que dele tenho dito, se lhe pode de justiça atribuir semelhante nome dos avisados; porque dos néscios não trato, que os seus ruins discursos os desculpam.

ALVIANO

Tendes-me já tão convertido à vossa seita, que por toda parte por onde quer que me achar, apregoarei, do Brasil e de suas grandezas, os louvores que elas merecem.

.....

*Notas do Diálogo sexto*

NOTA (1)

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, pp. 49-50, ed. de 1918, afirmando que o Brasil podia sustentar-se com seus portos fechados sem socorro de outras terras, indaga e responde ao mesmo tempo: "... de Portugal vem farinha de trigo? a de terra basta. Vinho? De açúcar se faz muito suave e, para quem o quer rijo, com o deixar ferver dois dias embebeda com uvas. Azeite? faz-se de cocos de palmeiras. Panos? faz-se de algodão com menos trabalho do que já se faz o de linho e de lã, porque debaixo do algodoeiro o pode a fiandeira estar colhendo e fiando, nem faltam tintas com que se tinja. Sal? cá se faz artificial e natural, como agora dissemos. Ferro? muitas minas há dele, e em São Vicente está um engenho onde se lavra finíssimo. Especiarias? há muitas espécies de pimenta e gengibre. Amêndoas? também se escusam com a castanha de caju, *et sic de ceteris*.

"Se me disserem que não pode sustentar-se a terra que não tem pão de trigo e vinho de uvas para as missas, concedo, pois este divino sacramento é nosso verdadeiro sustento; mas para isto basta o que se dá no mesmo Brasil em São Vicente e campo de São Paulo... E com isto está que tem os portos abertos e grandes barras e baías, por onde cada dia entram navios carregados de trigo, vinho e outras mercadorias, que deixam a troco das da terra."

NOTA (2)

Era o que já informava Gandavo, *Tratado da Terra do Brasil*, p. 40, Rio, 1924: "As pessoas que no Brasil querem viver, tanto que se fazem moradores da terra, por pobres que sejam, se cada um alcançar dois pares ou meia dúzia de escravos (que pode um por outro custar pouco mais ou menos até dez cruzados) logo tem remédio para sua sustentação; porque uns lhe pescam

e caçam, outros lhe fazem mantimentos e fazenda e assim pouco a pouco enriquecem os homens e vivem honradamente na terra com mais descanso que neste Reino, porque os mesmos escravos índios da terra buscam de comer para si e para os senhores, e desta maneira não fazem os homens despesa com seus escravos em mantimentos nem com suas pessoas.”

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, pp. 16-17, ed. de 1918, narra a propósito o caso de um bispo de Tucumán, que esteve de passagem na Bahia, e que, se mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe para comer, nada lhe traziam, porque não se achava na praça nem no açougue; mas se mandava pedir essas cousas e outras às casas particulares, era logo servido. E a razão disso dá o frade historiador: “... E assim é que, estando as casas dos ricos (ainda que seja à custa alheia, pois muitos devem quanto têm) providas de todo o necessário, porque têm escravos pescadores e caçadores, que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e de azeite que compram por junto, nas vilas muitas vezes se não acha isto de venda.”

NOTA (3)

*Juruparim* ou *jurupari* é o demônio incubo, um gênio da mitologia tupi. O nome é suscetível de explicações várias, entre as quais parece mais racional a de Batista Caetano, *Vocabulário da Conquista Espiritual*, pp. 599, por *y-ur-upá ri*, o que em à, ou sobre a cama, porque encerra a idéia de pesadelo, que o vocábulo exprime nos dicionários tupis, e que o índio, por não poder explicar, atribuía a causas sobrenaturais, como à visita de um gênio malfazejo enquanto dormiam. Aliás, não é outra idéia originária do francês *Cauchemar*, do inglês *night-mare*, do holandês *nagtmerrie*, em que o mesmo radical *mar, mare, marrie*, tem o sentido geral de incubo, demônio, etc.

- Conf. Glossário anexo à *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan*, fls. 34, Paris, 1922.

NOTA (4)

Parece que a primeira referência à falta de F, L e R na língua dos Tupis fez Gandavo, *Tratado da Terra do Brasil*, 49, Rio, 1924: “A língua deste gentio toda pela costa é uma: carece de três letras *scilicet*, não se acha nela F,

nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei nem Rei; e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente”.

Na *História da Província Santa Cruz*, pp. 125, *ibidem*, repete a mesma observação quase pelas mesmas palavras.

Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, pp. 309, Rio, 1851, declara: “Têm muita graça quanto falam, mormente as mulheres; são muito compendiosos na forma da linguagem, e muito copiosos no seu orar; mas falta-lhes três letras do ABC, que são F, L, R grande ou dobrado, cousa muito de notar; porque se não têm F, é porque não tem fé em nenhuma cousa que adorem; nem os nascidos entre cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa, que lhes faça bem. E se não têm L na sua pronúnciação, é porque não têm lei nenhuma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um fez lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre eles com que se governem; nem têm lei uns com os outros. E se não há esta letra R na sua pronúnciação, é porque não tem rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem ninguém, nem ao pai o filho, nem ao filho o pai, e cada um vive ao som da sua vontade...”

NOTA (5)

*Tumé* ou *Sumé* é, segundo Batista Caetano, *Vocabulário da Conquista Espiritual*, pp. 543, o absoluto *tubé* de *ubé*, e pode interpretar-se “o pai estrangeiro”.

A *Nova Gazeta da Terra do Brasil*, de 1515, refere-se à recordação que os índios tinham de São Tomé, cujas pegadas quiseram mostrar aos portugueses.

A tradição do aparecimento de um estrangeiro, que veio ensinar às gentes costumes novos, o uso da mandioca e outras cousas, era antiga, como era geral e constante por toda a América do Sul. Sua origem ainda não foi cabalmente explicada. Pretender repô-la unicamente à semelhança sônica entre *Sumé* e *Tomé*, para atribuir aos catequistas a invenção, não parece acertado, em vista da antecipação com que se referiu ao caso a citada *Nova Gazeta*. Para a consolidação da lenda é possível que, posteriormente, tivessem os padres concorrido: as conveniências da catequese justificariam, aliás, seu procedimento.

– Conf. Manuel da Nóbrega, *Cartas do Brasil*, pp. 72-73, Rio, 1886; Anchieta, *Informações e fragmentos históricos*, pp. 28, Rio, 1886.

NOTA (6)

Esse fato, muito comum entre os povos naturais, é denominado *couvade* ou *choco*, e pertence ao mesmo círculo de idéias primitivas em que se encontram a isogamia, o totemismo e a antropofagia.

A América do Sul e em particular o Brasil oferecem os casos de *couvade* mais típicos e menos conhecidos. Recenseou-se há tempos, eruditamente, no *Boletim do Museu Goeldi*, vol. VI, pp. 236-245, o Dr. Rudolpho R. Schüller, citando extensa bibliografia a respeito.

NOTA (7)

Não é esta a lição de Anchieta, “Informação dos casamentos dos Índios do Brasil”, in *Revista do Instituto Histórico*, VIII, pp. 259-260, quando bem distingue entre as sobrinhas filhas de irmãos e as sobrinhas filhas de irmã. Àquelas respeitavam os índios, tratavam-nas de filhas, nessa conta as tinham e, assim, *neque fornicarie* as conheciam, porque consideravam que o parentesco verdadeiro vinha pela parte dos pais, que eram os agentes, enquanto que as mães não eram mais do que sacos em que se criavam as crianças; por isso das filhas das irmãs usavam sem nenhum pejo *ad copulam* e faziam delas suas mulheres.

NOTA (8)

Nas tribos tupis do Sul, as donzelas núbeis traziam a liga ou axorca simbólica da virgindade. Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, pp. 311-312, Rio, 1851, informa que “por nenhum caso se entrega a dama a seu marido enquanto lhe não vem seu costume; e como lhe vem é obrigada a moça a trazer atado pela cinta um fio de algodão, e em cada bucho dos braços outro, para que venha à notícia de todos. E como o marido lhe leva a flor, é obrigada a quebrar estes fios, para que seja notório que é feita dona; e ainda que uma moça destas seja deflorada por quem não seja seu marido, ainda que em segredo, há de romper os fios da sua

virgindade, que de outra maneira cuidará que a leva logo o Diabo, os quais desastres lhes acontecem muitas vezes...”

## NOTA (9)

Foi talvez Pero Lopes de Sousa o primeiro europeu que observou o modo de receber os estrangeiros ou visitantes entre os aborígenes do Novo Mundo, e dele deu notícia mais ou menos circunstanciada em seu *Diário de Navegação*. Ele e seus companheiros, durante quase dois meses de reconhecimento efetuados no estuário do rio da Prata, tiveram freqüentes contatos com os índios da região, os charruas ou seus consangüíneos, os minuanos ou yaros; ao desembarcarem nas imediações do cabo de Santa Maria, foram recebidos com grandes prantos pelos naturais, como se houvessem querido despedir-se deles.

Os do rio dos Begoais, informa o *Diário*, eram muito tristes e choravam durante a maior parte do tempo, ao passo que os do rio de São João não o eram tanto como seus parceiros do cabo de Santa Maria.

Thevet, Léry, Gandavo, Gabriel Soares, Fernão Cardim, Simão de Vasconcelos e outros, assinalam o mesmo costume entre os tupis do litoral brasileiro. As descrições dos dois primeiros são acompanhadas de curiosas gravuras, que reproduzem a cena da saudação lacrimosa. – Conf., entre os estudos modernos de Etnologia comparada:

– George Friederici, “Der Tränengruse der Indianer”, in *Globus*, t. XXXIX, n. 2, Braunschweig, 1906.

– Rudolph R. Schüller, “El origen de los Charrua”, nos *Anales de la Universidad de Chile*, t. CXIII, Santiago, 1906.

– Alfredo de Carvalho. “A saudação lacrimosa dos Índios”, na *Revista do Instituto Arqueológico Pernambuco*, vol. XI, Recife, 1906.

– A. Métraux, *La Religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-guarani*, pp. 180-188, Paris, 1928, com um mapa de distribuição da saudação lacrimosa na América do Sul.

## NOTA (10)

Os feiticeiros a que se refere o autor eram nas tribos tupis os *pajés*, vocábulo que se explica etimologicamente por *pa-yé*, aquele que diz

o fim, o profeta. Era o médico, o curandeiro, o *magister artium*, o *barbier* dos autores franceses.

Dos feiticeiros entre os tupinambás escreveu Gabriel Soares, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, pp. 322, Rio, 1851: “Entre este gentio tupinambá há grandes feiticeiros, que têm este nome entre eles, por lhe meterem em cabeça mil mentiras; os quais feiticeiros vivem em casa apartada cada um por si, a qual é muito escura e tem a porta muito pequena, pela qual não ousa ninguém de entrar em sua casa, nem de lhe tocar em cousa dela; os quais pela maior parte não sabem nada, e para se fazerem estimar e temer tomam este ofício, por entenderem com quanta facilidade se mete na cabeça a esta gente qualquer cousa; mas há alguns que falam com os diabos, que os espancam muitas vezes, os quais os fazem muitas vezes ficar em falta com o que dizem; pelo que não são tão cridos dos índios como temidos. A estes feiticeiros chamam os Tupinambás *pajés*...”

NOTA (11)

*Carpe*, no texto, vale o mesmo que *carbet* nos autores antigos estrangeiros, como Thevet, Hans Staden, Léry, Claude d’Abbeville e Yves d’Évreux, – o lugar das reuniões públicas, o parlamento dos índios. Nenhum autor português usou do termo *carbet*; apenas o dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* empregou *carpe*, que com ele evidentemente se relaciona.

– Conf. *Glossário anexo à Histoire de la Mission des Pères Capucins en l’Isle de Maragnan*, pp. 23-24, Paris, 1922.

NOTA (12)

Trata-se da *peitica*, ave da família dos Tiranídeos, *Empidonomus varius*, Vicill. – Veja Diálogo quinto, nota (1).

A *peitica* repete em seu canto, horas a fio, o mesmo som, semelhante à palavra que lhe deu o nome; daí chamar-se assim uma insistência incômoda, uma pessoa impertinente, importuna, ao duende que nos persegue noite e dia.

– Conf. Beaurepaire-Rohan, *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*, s. v.

Nos Estados do Norte ainda a têm por agourenta e não suportam sua presença nas vizinhanças das habitações.

## NOTA (13)

Do costume, entre os índios, de tomarem nome de inimigos que mataram em terreiro, tratam os autores antigos de maneira mais ou menos uniforme.

Claude d'Abbeville, *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle Maragnan*, fls. 347 v., Paris, 1614, apresenta a figura do guerreiro tabajara François Caripira, cujas tatuagens ou riscas indicam que ganhou vinte e quatro nomes matando outros tantos inimigos.

Caripira foi um dos índios levados a França pelos missionários, e lá morreu pouco depois de sua chegada. Seu necrológico traçou d'Abbeville nestas palavras: "... en toutes les batailles contre les ennemis de sa nation il auoit acquis des nouveaux nome, & renoms: si que plus glorieux que Scipion l'Africain, ny que César Germanicus, il pouvoit faire gloire de vingt-quatre noms comme d'autant de tiltres d'honneur & marques de vingt-quatre recontres où il s'estoit trouvé & avoit bien fait".

## NOTA (14)

A. Métraux, *La Religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres Tribus Tupi-guarani*, pp. 124-169, Paris, reuniu abundante documentação sobre a antropofagia ritual dos tupinambás, recenseando quantos autores antigos e modernos trataram da matéria.

Seu estudo exaustivo e magnífico é de ordem a dispensar quaisquer explicações por parte do anotador, que deve limitar-se a chamar a atenção do sábio etnólogo francês para esse documento dos *Diálogos das grandezas do Brasil*, ainda não arrolado.

## NOTA (15)

O pouco que se sabe da astronomia dos tupis consignou Claude d'Abbeville, *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan*, fls. 316-320, Paris, 1614: "Il y en a fort peu entr'eux qui ne connoisse la pluspart des Astres & Estoiles de leur hemisphere & qui ne les appele

par nom propre que leurs predesseeurs ont inuenté & imposé à chacun d'icelles.”

No citado Glossário anexo à *Histoire d'Abbeville*, ed. de Paris, quem escreve esta nota tentou explicar aqueles nomes, identificando-os mais ou menos.

NOTA (16)

Martius, *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*, ps. 350, Leipzig, 1867, atribui aos cariris agricultura adiantada; mas a informação dos *Diálogos* está de acordo com a de Elias Herckmans, “Descrição Geral da Capitania da Paraíba”, in *Revista do Instituto Arqueológico de Pernambucano*, V, n. 31, pp. 282, quando diz que eles levavam uma vida inteiramente bestial e descuidosa: não semeavam, não plantavam nem se esforçavam por fazer alguma provisão de víveres.

NOTA (17)

Das armas dos cariris, que são os tapuias referidos no texto, tratou quase pelas mesmas palavras Elias Herckmans, “Descrição” in *Revista* citada, 281-282: “Usam também de arco e setas, e geralmente de azagaias, com que podem fazer muito dano entre seus inimigos, porquanto as lançam com muito acerto. Para isso servem-se de umas madeiras leves, que em comprimento fazem iguais à metade das azagaias; abrem em dita madeira um rego onde colocam as azagaias, e as atiram com tal velocidade que, não encontrando nenhum osso, atravessarão o corpo de um homem nu. Usam ainda de pequenos machados de mão com uns cabos compridos, como arma contra os seus inimigos”.

Essa palheta de jogar denominava-se *bybyté* na língua dos quiriris, Mamiani, *Arte de Gramática da língua brasileira da nação quiriri*, p. 23, Lisboa, 1799.

O arco e a flecha indígena variavam muito de forma e matéria, segundo as tribos que os usavam. – Conf. Herrmann Meyer, *Bogen und Pfeil in Central-Brasilien*, Leipzig, s. d.



.....  
*Índice onomástico*

**A**

ALBUQUERQUE, Jerônimo de (capitão) – 62  
ALMENDA, Diogo de – 264  
AMÉRICO, Velpocio – 121, 123, 124  
ARISTÓTELES (filósofo) – 121, 122, 257  
AVEIRO (duque de) – 82  
AVERROES (filósofo) – 110  
AVICENA – 110, 111  
AZEREDO – 51  
AZEREDO, Marcos de – 82

**C**

CABRAL, Antônio Teixeira (administrador) – 74  
CABRAL, Pedro Álvares (navegador) – 57, 58, 123  
CARVALHO, Feliciano Coelho de (capitão) – 66, 70  
CASTELOBRANCO, Afonso de (bispo, governador de Portugal) – 77  
COELHO, Duarte de Albuquerque – 73  
COLOMBO, Cristóvão (navegador) – 125  
COUTINHO, Francisco de Aguiar (capitão) – 82

**F**

FARO, Francisco de – 84

**G**

GONÇALO (escravo) – 135

**H**

HOMEM, Manuel Mascaranhas (capitão) – 66

**J**

JOÃO (rei de Portugal) – 62  
JUNTINO – 111

**L**

LUCANO (filósofo) – 110

**M**

MAGNO, Alberto – 110  
MANUEL (rei de Portugal) – 57, 164, 165  
MEIRINHO-MOR (conde de) – 188  
MENESES, Diogo de (governador-geral do Brasil) – 83  
MONSANTO (conde de) – 72

**P**

PADUENSE, Pedro – 110  
PTOLOMEU (filósofo) – 110

**R**

RAVARDIÈRE (senhor de) – 62

**S**

SILVEIRA, Duarte Gomes da (capitão-mor) – 69  
SOUSA, Francisco de (governador-geral do Brasil) – 83

332 Ptolomeu de Assis Brasil

SOUSA, Gaspar de (governador-geral do  
Brasil) – 62

SOUSA, Lopo de – 84

V

VALDEZ, Diego Flores de – 125

*Diálogos das Grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão,  
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85g/m<sup>2</sup>,  
nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações),  
do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em agosto de 2010,  
de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do  
Conselho Editorial do Senado Federal.



Deve-se a Capistrano de Abreu creditar a autoria do livro *Diálogos das grandezas do Brasil* a Ambrósio Fernandes Brandão. Este volume, de vital importância para a História do Brasil, escrito em forma de diálogos, mostra a pujança de um país em seu início de colonização.

*Diálogos das grandezas do Brasil*, composto em 1618, é fruto de observações sobre a nossa geografia, os indígenas, os engenhos, o comércio com a Coroa, a escassa mas persistente presença de homens que se aventuravam pela terra ignota.

Cristão-novo, perseguido pela Inquisição, segundo Rodolfo Garcia, Ambrósio Fernandes foi senhor de engenho e também “um dos feitores ou escrivães de Bento Dias Santiago de Pernambuco e Itamaracá”. Estabeleceu-se na Paraíba, onde escreveu os *Diálogos*.

Capistrano deu relevo à sua cultura humanística e científica, chamou-o de “escritor colorido e enérgico”, enquanto João Ribeiro viu nele “pena hábil, ameníssima e sem a ferrugem do gongorismo, que já despontava naquele século”. Defendeu o Brasil como fonte de transformação e garantia de todo o império português, naquele momento sob o domínio espanhol.

Este volume traz as introduções de Jaime Cortesão, Afrânio Peixoto, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, este último enriquecendo o livro com várias e diversificadas notas.



ISBN 978-85-7018-274-6



9 788570 182746